KRISHNAMURTI

DA SOLIDÃO À PLENITUDE HUMANA

Titulo do original:
TALKS BY KRISHNAMURTI IN INDIA

Palestras realizadas na Índia, em Benares, Madrasta, Madanapale e Bombaim, em 1955-1956

ÍNDICE

ÍNDICE E RESUMO DAS PERGUNTAS

1- Não admitis a orientação dada por um guia? Assim como o nosso pensamento se inflama quando vos ouvimos, não é necessário despertá-lo pelo contacto com os grandes espíritos do passado?
2-Todas as religiões advogam a oração, como coisa necessária. Que dizeis acerca da oração?
3- A idéia da morte só me é suportável crendo numa vida futura. Dizeis que a crença é um obstáculo à compreensão. Peço-vos ajudar-me a perceber a verdade, nesta questão.

CONFERÊNCIAS EM BOMBAIM

1a. Conferência em Bombaim

Perguntas:

1- Depois de vos termos ouvido durante tantos anos, vemo-nos exatamente no mesmo lugar que estávamos antes. Nada mais há a esperar?
2-Em toda parte vê-se o incitamento à violência. Qual a vossa solução para esta crise?
3- A pessoa verdadeiramente religiosa não se sentirá interessada na situação desditosa de seu semelhante?

2a. Conferência em Bombaim

Perguntas:

1- Os dias se sucedem nesta fútil jornada da existência. Que significa tudo isso? Tem a vida alguma finalidade?
2-Existe alguma maneira de criar boa-vontade e viver juntos em paz com os outros, em vez desse hostil antagonismo?
3- Dizeis que o "estado de realidade" nunca se tornará existente por meio do esforço e que até o próprio desejo desse estado, constitui um obstáculo. Que podemos então fazer, de modo que não se crie obstáculo algum?

3a. Conferência em Bombaim

Perguntas:

1- O que dizeis parece produzir-me perplexidade. Não tinha problema algum e agora me vejo atolado na confusão. Por que razão acontece isso?
2- Como posso manter-me ativo, politicamente, sem ser contaminado por tal ação?
3- Não nos arriscamos a embotar-nos, por excesso de estímulo?
4- Deus é para vós uma realidade? Se o é, falai-nos de Deus.

4a. Conferência em Bombaim

Perguntas:

1- Uma das idéias predominantes do hinduísmo é que este mundo é uma ilusão. Pensais que esta idéia se tornou um dos poderosos fatores que contribuíram para nossas atuais aflições?
2- E possível unia síntese do Oriente e do Ocidente?
3- Como será possível reconhecer o desconhecido?

5a. Conferência em Bombaim

Perguntas:

1- Que dizeis a respeito de Tapas e de Sandhana, como necessários para se obter a cessação do pensamento?
2- Tudo tentei para libertar-me do meu passado. Tende a bondade de mostrar-me como viver livre dele?
3- O mandamento básico de todas as religiões é: Ama o teu próximo. Por que é tão difícil pôr em prática esta verdade tão simples?

6a. Conferência em Bombaim

Perguntas:

1- Achais que não amamos os nossos filhos. Não sabeis que o amor aos filhos é um dos maiores e mais profundos afetos humanos? Estou certo de que percebeis que somos impotentes para fazer qualquer coisa, relativamente à guerra e à paz.
2- Que é a beleza?
3- Numa sociedade industrializada é possível pôr em prática o que pregais?

7a. Conferência em Bombaim

Perguntas:

1- A coisa mais notável na índia é esse predominante senso de eternidade, de paz e intensidade religiosa. Achais possível manter esta atmosfera na moderna era industrial?

2- Há algo novo em vosso ensino?

3- Percebemos que lestes muito e, também, tendes um conhecimento direto da realidade. Se assim é, porque então condenais a aquisição de conhecimentos?

4- Já experimentei muitos sistemas de meditação, que não me tem levado muito longe. Qual o sistema que advogais?

8a. Conferência em Bombaim

Perguntas:

1- Apresentais o lado sombrio da vida, em vez de nos apresentardes o seu lado luminoso. Procedeis assim deliberadamente?

2- Que é doença psicossomática? Podeis sugerir meios de curá-la?

3- Dizeis que a transformação só é possível pela vigilância. Que entendeis por vigilância?

4- Por que existe tanto medo da morte?

CONFERÊNCIAS EM BENARES

1a. Conferência em Benares

11 de dezembro de 1955

SERIA interessante considerarmos o significado de "aprender" e "ensinar" - pois esta questão me parece importante. Porque, afinal de contas, vos reunistes aqui a fim de aprender alguma coisa, não é verdade? Quando ides assistir a uma conferencia, em geral o fazeis com o intuito de vos instruirdes, aprender alguma coisa de que porventura não tendes ainda conhecimento. Assim sendo, acho importante investigarmos o que estamos aprendendo e o que é que se está ensinando aqui, e espero que, no final deste breve preâmbulo, possamos entrar juntos neste assunto, de modo que se torne claro a cada um de nós o que pretendemos, quando vimos assistir a uma reunião desta natureza.

Estais aqui com o fim de aprender alguma coisa deste orador? Podeis ter vindo com a idéia de aprender algo que se vai ensinar; mas se, de modo nenhum, não é esta a intenção do orador, neste caso não se estabelecerá uma comunicação direta entre ele e os seus ouvintes e, por conseguinte, vos ireis daqui sentindo-vos um tanto desapontados e a perguntar-vos o que ganhastes com vossa vinda.

A fim de evitar completamente que isso aconteça, devemos apreciar esta questão de "aprender" e "ensinar", e espero estejais dispostos a fazê-lo junto comigo. É importante esclarecer bem esta idéia de que temos de aprender alguma coisa, porquanto este conceito, penso eu, traz no seu bojo muito malefício.

Pela aquisição de conhecimentos, pode alguém perceber diretamente algo verdadeiro, real, algo

diferente das formulações da mente? Estais entendendo o que quero dizer? Existe percebimento direto pela instrução, pelo saber, ou só percebemos diretamente, quando não existe a barreira do saber?

Que se entende por "aprender"? Desejais encontrar a felicidade, a realidade, a serenidade, a liberdade; é isto que em geral estais a buscar, tateando no escuro. Vendo-vos descontentes, insatisfeitos com as coisas, as relações, as idéias, estais em busca de algo transcendental, e procurais um swami, um guru, ou X, que julgais possuir a qualidade que estais a buscar. Desejais aprender como alcançar essa extraordinária integração da totalidade da consciência humana e, assim, vindes aqui com a mesma intenção com que vos aproximais de qualquer instrutor religioso, ou seja a intenção de aprender. Afinal de contas, é esta a intenção da maioria das pessoas aqui presentes, e se tiverdes a bondade de prestar atenção ao que se está dizendo, estou bem certo de que não perdereis Ao em vão o vosso tempo.

Ora, pode-se vos ensinar a ter percebimento direto? Pode realizar-se essa totalidade de integração, essa claridade de percebimento, mediante o saber, a instrução, ou por meio de algum método? O aprender uma técnica ou a observância de um dado sistema pode levar a esse resultado? Para a maioria de nós, aprender é adquirir uma nova técnica, substituir o velho pelo novo. Espero me esteja fazendo claro a este respeito.

Existem vários métodos, que bem conheceis, e um ou outro dos quais estais praticando, na esperança de perceberdes diretamente algo que se possa chamar a Realidade, o estado onde não existe "vir a ser", porém apenas Ser. Por essa mesma razão viestes ter aqui: com o propósito de aprender, não é verdade? Desejais saber qual é o método que este orador vos oferecerá para a revelação daquele estado extraordinário. Desejais saber como atingir esse estado, passo por passo, pela prática de certas formas de meditação, pelo cultivo da virtude, da autodisciplina, etc. Mas eu acho que nenhum método pode produzir o claro percebimento; pelo contrário.

Todo método implica tempo, não é exato? Quando praticais um método, precisais do tempo, como ponte sobre o intervalo entre o que é e o que deveria ser. O tempo é necessário, para se percorrer a distância criada pela mente entre o fato e a dissolução do fato, ou seja, o fim que se quer alcançar. Toda ideologia se baseia nessa idéia de consecução de um fim, através do tempo; e, assim, começamos a adquirir, a aprender e, por conseguinte, nos amparamos no Mestre, no guru, no instrutor, porque ele vai ajudar-nos a chegar lá.

Pois bem. O percebimento ou experiência direta daquela realidade depende do tempo? Existe um intervalo que é necessário transpor, pelo processo do conhecimento? Se existe, neste caso o conhecimento assume extraordinária importância. Então, quanto mais a pessoa souber, quanto mais se exercitar, quanto mais se disciplinar, etc., tanto maior será a sua capacidade de construir a ponte para a realidade. Admitimos que o tempo é necessário. Isto é, se sou violento, digo que é necessário tempo para eu chegar a um estado de não-violencia; preciso de tempo para praticar a "não-violencia", para controlar, disciplinar a mente. Aceitamos esta idéia; porém ela pode ser uma ilusão, pode ser totalmente falsa. O percebimento pode ser imediato, independente do tempo. Eu penso que, em absoluto, ele não depende do tempo - se posso empregar a expressão "penso", sem o intuito de transmitir uma opinião, mas de apresentar um fato real. Ou uma pessoa percebe, ou não percebe. Não há nenhum processo gradual de "aprender a perceber". É a ausência de experiência - baseada, esta, sempre no conhecimento - que dá o percebimento.

Isto está parecendo muito difícil ou abstrato demais? Deixai-me enunciar o problema de modo diferente.

Nossas atividades, nossas buscas, são todas egocêntricas. Para empregar uma palavra de uso corrente, nossa ação, nosso pensamento é egoísta, interessado unicamente no "eu"; e, como lemos ou ouvimos dizer que o "eu" é uma barreira, reconhecemos necessário que ele deixe de existir - não o "eu superior" ou o "eu inferior", mas o "eu", a mente que é ambiciosa, que tem medo, que é ardilosa, em suas atividades ditadas pela própria avidez, pela própria dependência, a mente resultado do tempo. Essa mente é egocêntrica; e pode esse egocentrismo ser removido imediatamente, ou tem de ser desbastado aos poucos, camada por camada, mediante um processo gradual de instrução, experiência, e continuidade do tempo? Compreendeis o problema, senhores?

Tende paciência, debateremos este assunto, mas preciso ainda dizer umas poucas palavras, se o permitis. Porque, afinal, nós estamos aqui para "experimentar", e não para aprender; e eu desejo diferençar entre "aprender" e "experimentar". Pode-se "experimentar" o que se aprende, mas nesse caso a experiência é condicionada pelo que se aprendeu. Uma pessoa pode aprender uma coisa e depois "experimentá-la" - isto é bem óbvio. Posso ler a vida do Cristo e emocionar-me muito, sentir-me vibrar a respeito dela e, posteriormente, "experimentar" aquilo que li. Posso ler o Gita, evocar toda sorte de idéias, e "experimentá-las". Tanto a leitura consciente como a instrução inconsciente, produzem certas formas de experiência. Podeis não ter lido um único livro, mas, sendo hinduísta, podeis estar condicionado por séculos de hinduísmo; consciente ou inconscientemente, a. mente se tornou o repositório de certas tradições e crenças produtivas de "experiências" a que atribuís extraordinária importância. Mas, na realidade, se examinardes essas experiências, vereis que são, unicamente, a reação de uma mente condicionada.

Agora, o que estamos tentando averiguar nesta palestra, e bem assim nas próximas palestras que se realizarão aqui, é se pode haver experiência direta, destituída de todo e qualquer conhecimento, toda instrução, de modo que essa experiência seja verdadeira e não mera reação de nosso condicionamento como hinduísta, como budista, como cristão, ou membro de qualquer seita disparatada. O percebimento não pode ser verdadeiro, quando baseado em algum método, porque, é bem de ver, o método produz a sua peculiar experiência. Se creio no cristianismo ou noutra religião qualquer, e observo um método que me conduzirá à verdade, de acordo com o cristianismo, por certo a experiência que esse método produz não tem validade alguma. É uma experiência baseada em minha própria convicção, minha própria limitação, minha mente condicionada. O que se experimenta é puramente um produto daquele método particular, ao passo que isso de que estou falando é coisa de todo diferente.

Se percebemos que todo método é falso, ilusório, produto do tempo, e que o tempo não pode levar à experiência direta, então, esse próprio percebimento nos liberta do tempo. Nossa relação é então toda diferente. Percebeis, senhores? Não estamos aqui para aprender nenhum método ou técnica nova, nenhum "novo acesso à vida", e outras coisas que tais. Aqui estamos para libertarmos a mente de todas as ilusões e percebermos diretamente - e isso exige extraordinária atenção ao que se está dizendo, e não uma acidental comunicação entre nós, como se estivésseis apenas assistindo a mais uma conferência. O importante é que se liberte a mente do conhecimento e do método, das práticas baseadas naquele conhecimento, que só nos podem levar à coisa que ansiosamente desejamos. Eis por que é de grande importância compreender o que estou dizendo, perceber a ilusão que a mente criou, ou seja, o tempo necessário para adquirir, aprender, chegar, alcançar.

Não digais logo que aquela realidade, Deus, o Atman se acha em nosso interior, e outras coisas de igual jaez. Isto não é verdadeiro; é idéia vossa, superstição, pensar condicionado. Dizeis que Deus se acha dentro de nós mesmos, e o comunista, criado diferentemente, de pequenino, diz que não existe Deus nenhum, e que é absurdo o que dizeis. Estais condicionado para crer de uma certa maneira, e ele para crer de outra maneira; portanto, todos dois sois iguais. Mas, tudo o que nos interessa aqui, nesta nossa palestra, é descobrir se a mente pode, de pronto, despojar-se desta crença, deste condicionamento, a fim de que surja o percebimento direto. Podemos viver mil vidas, praticando a autodisciplina, sacrificando, subjugando, meditando, mas por este meio nunca seremos levados ao direto percebimento, o qual só é realizável em plena liberdade, e não por meio de controle, de subjugação, de disciplinas; e só pode aparecer a liberdade, quando a mente se torna cônscia, de pronto, de seu condicionamento, pois então se verifica a cessação desse condicionamento.
Pois bem, vamos apreciar esta questão?

Debates

INTERPELANTE:*Em geral, achamo-nos tão estreitamente identificados com o nosso condicionamento, que não temos consciência dele.*

INTERPELANTE:*Existe um movimento incessante, com o qual nos achamos totalmente identificados e do qual estamos constantemente tentando fugir, e o esgotamento nervoso resultante desse conflito, produz o embotamento do corpo e do espírito. Seria correto dizer que um certo alertamento, tanto do corpo como da mente, é absolutamente necessário, para que possamos levar a efeito a investigação que nos propusestes.*

KRISHNAMURTI: Isto é óbvio, senhor. Se desejo tomar parte numa corrida, tenho de submeter-me ao regime alimentar necessário; se desejo executar qualquer coisa com toda a eficiência, tenho de tomar alimentação conveniente, não devo sobrecarregar o estômago, tenho de exercitar-me adequadamente, etc. Minha mente e meu corpo têm de estar alertados no mais alto grau possível.

INTERPELANTE:*Esse alertamento não nos vem, a menos que tenhamos vivido refletidamente o dia anterior. No momento em que nos sentamos para meditar seriamente, temos de assumir a postura adequada, porque, do contrário, a mente se tornará errática e não nos será possível pensar intensamente. Quando dizeis que o percebimento direto não pode vir por nenhuma espécie de disciplina, porém unicamente quando há liberdade completa, nossa mente tende logo a resvalar para uma dada forma de indolência. Vejo que isso se dá comigo. Conquanto seja óbvio que tais coisas - a disciplina, a postura correta, a respiração regulada - não podem dar-nos nenhuma experiência direta, entretanto elas produzem um certo alertamento do corpo, com o que a mente nem se torna indolente, nem se põe a buscar sem saber o que está buscando. A menos que possamos viver nesse estado de alertamento, que é uma condição normal da mente, o que quer que digais é "grego".*

KRISHNAMURTI: Compreendo, senhor, mas acho que o problema é um pouco diferente. Uma pessoa pode assumir a postura correta do corpo, respirar corretamente, e tudo o mais, mas isso tem relativamente pouca significação em relação àquilo de que estamos falando.

Deixai-me expressá-lo de outra maneira. Se percebo que odeio, é-me possível amar imediatamente, ou o ódio tem de ser removido a pouco e pouco, a fim de que, eventualmente, eu seja capaz de amar? Este é o problema. Estais entendendo? É possível a mente transformar-se imediatamente e ficar num "estado de amor"?

INTERPELANTE:*Se me é permitido referir-me às vossas palestras anteriores, a respeito da memória, admite-se que uma boa parte de nossas funções mentais é uma reação puramente mecânica da memória; e, pela identificação, quase todos nos deixamos constantemente absorver pelas nossas afeições e rancores, sem nos darmos conta disso. Mesmo quando estamos conscientes de tal coisa, não e essa certeza também mecânica como resultado do esforço? Isso tem alguma relação com o que estais dizendo, ou não?*

KRISHNAMURTI: Não estou nada certo disso. O problema é este: percebo que sou ambicioso e, se estou suficientemente alertado, se sou inteligente e me conservo vigilante, percebo também quanto é absurdo e destrutivo esse estado. A ambição, inclusive a ambição espiritual, implica um estado em que não existe amor. O desejo de ser alguém, espiritualmente, o desejo de ser não-violento, é sempre ambição. Percebendo-se bem isso, é possível apagar instantaneamente a ambição, abandonando essa luta perene, de inquirição, análise, disciplina, "idealização", e tudo o mais? Pode a mente apagar de pronto a ambição e ver-se no "outro estado"? É possível isso? Não concordeis, senhores, pois isso não é questão de concordar ou discordar. Já pensastes nisso?

INTERPELANTE:*Nossa mente está sempre tentando modificar o nosso condicionamento.*

KRISHNAMURTI: Atende-vos ao ponto de que estamos tratando, se ele representa um problema para vós. Ou sou eu que estou fazendo dele um problema e portanto não se trata de problema vosso? Qual é a vossa reação?

INTERPELANTE:*Gostaríamos de saber como se pode fazer isso.*

KRISHNAMURTI: Este cavalheiro pergunta como se pode fazer isso; é justamente nisso que consiste a questão. Considerai primeiramente a própria questão: o como. Sou ambicioso e desejo ver-me num estado de amor; cumpre-me, por conseguinte, afastar a ambição, e como fazer isso? Acompanhai o que estou dizendo. A questão, em si mesma, envolve tempo, não? No momento em que perguntais "como?", está criado o problema do tempo - tempo para lançar uma ponte sobre o intervalo, tempo para atingir o estado chamado "amor"; por essa razão, nunca podeis atingi-lo. Compreendeis, senhores?

INTERPELANTE:*Falastes sobre o estado de percebimento direto. Não é licito investigar esse estado? O percebimento implica três fatores: o sujeito que vê, o ato de ver, e o objeto que se vê. É assim que entendemos o percebimento. Quereis referir-vos a uma faculdade independente?*

KRISHNAMURTI: Eu também entendo bem desta matéria! Que é o sujeito que percebe, e o sujeito que percebe está separado do objeto da percepção? O pensador está separado do pensamento? É isto que estais dizendo, não é verdade? Mas não é este, por ora, o nosso problema. Não me interpreteis erroneamente, não estou tentando...

INTERPELANTE:*Empregastes as palavras "percebimento direto ".*

KRISHNAMURTI: Podemos modificaras palavras -elas não têm importância. Expressemo-nos diferentemente.

Estou cônscio de ser ambicioso, cruel, estúpido, ou o que seja, e em geral se admite, com apoio nos livros sagrados, nos rituais, na crença nos Mestres, na evolução e outras coisas que tais, que mediante um lento e gradual processo de esforço, poderei transcender o que sou e alcançar algo transcendental. Percebo o que isso implica: o sujeito que faz esforço, o esforço, e o objeto para o qual está fazendo esforço - sendo tudo isso um processo mental. Percebendo-o, digo de mim para mim: "É-me possível abandonar completamente a ambição e achar-me naquele estado que se pode chamar "amor"? Não vou descrever o que é aquele estado. O problema é que sou violento; e, tenho alguma possibilidade de abandonar completamente, imediatamente, a violência?

INTERPELANTE:*A possibilidade é unia questão de acaso ou de esforço?*

KRISHNAMURTI: Considerai bem isso, senhor. Se há esforço, estais de novo no velho terreno da "gradualidade". Se se trata de mero acaso, questão de "boa sorte" - isso não tem sentido algum. Se me permitis dizê-lo, não estais realmente fazendo esta pergunta a vós mesmo.

Eu sou agressivo, ambicioso, e vejo que toda a sociedade corrupta que me circunda é também ambiciosa e agressiva em diferentes graus. Tudo nela é aparatoso, estúpido, vão e, no entanto, me vejo preso nas suas malhas; é-me possível largar completamente a ambição, abandoná-la e nunca mais ter contacto com ela? Compreendeis minha pergunta, senhor? Mas não se trata de uma pergunta minha, e sim de uma pergunta que vos deveis fazer, se tendes vontade de resolver este problema. Ou preferis dizer: "Sou ambicioso e me libertarei da ambição aos poucos, amanhã ou na próxima vida, à força de disciplina, pela prática do mantrarn, adequado, da. adequada vigilância - enfim, toda a lista de absurdos? Este problema vos toca, senhor? Se não, nenhuma intenção tenho de vo-lo inculcar. Mas se é um problema vosso, que ides fazer?

Vede, senhor, os mais de nós não temos amor, o que quer que seja essa qualidade. Podemos ter um temporário sentimento que chamamos "amor", o qual, entretanto, é muito aparentado com o ódio, e não pode ser aquela coisa extraordinária. É possível que uns poucos possuam essa florescência, essa coisa alentadora, criadora, mas em geral nos achamos num estado de confusão e aflição. Ora, pode uma pessoa abandonar, simplesmente, tudo isso e tornar-se "a outra coisa", sem passar pelas tremendas complicações inerentes ao "tentar vir a ser alguma coisa", sem discussões sobre se o sujeito que percebe está separado do objeto percebido, etc.?

INTERPELANTE:*Mas isso também exigirá tempo.*

KRISHNAMURTI: Que fareis, senhor?

INTERPELANTE:*Nada.*

KRISHNAMURTI: Senhor, que se está passando realmente convosco, neste momento? Ou ficamos falando de maneira teórica, abstrata, para passarmos a tarde num interessante debate; ou, pelo contrário, estamos realmente desejosos de investigar, experimentar e não nos interessa manter-nos numa interminável "verbalização". Qual é a reação de cada um de nós, em face desse problema? Se pudermos discutir, "verbalizar" o que realmente está ocorrendo em nós, em reação ao problema, isso terá significação; mas, se ficamos meramente a produzir palavras e teorias, isso nenhum valor tem.

INTERPELANTE:*Toda esta discussão é puramente verbal.*

KRISHNAMURTI: Mas que significação tem para vós? Deixai de parte os outros. Vede, senhor, eu não vos estou atacando, não tenciono embaraçar-vos. Mas quando se vos apresenta este problema, qual é vossa reação?

INTERPELANTE:*Ser é ser. Não pode ser descrito por palavras.*

KRISHNAMURTI: Compreendo, senhor. Mas estamos em presença de um problema muito grave e que envolve uma completa revolução no pensar; dele decorre que temos de livrar-nos de todos os guias, todos os gurus, todos os métodos, não é verdade? E que acontece, quando se nos propõe um problema desta natureza?

Isto é, quando estamos cônscios de que odiamos, e desejamos ficar livres do ódio, que fazemos, em geral? Procuramos um método de nos livrarmos dele, e esperamos achar esse método num livro, num guru, etc. Ora, percebemos que a prática de qualquer método é uma ilusão ou dizemos que o método é necessário? Esta é a primeira questão, evidentemente. Que sentis vós, senhor? Não desejo forçar-vos a dizer que não há necessidade de método; isso seria uma nova ilusão, mera repetição de palavras, uma atitude artificial, inteiramente destituída de significação. Mas se percebeis realmente que a prática de qualquer método para nos libertarmos do ódio é uma ilusão e portanto sem validade alguma, neste caso vossa maneira de considerar o ódio terá sofrido uma transformação total, não?

Presentemente, ao considerarmos o ódio, dizemos: "Como livrar-me dele?" Mas, se sabemos considerar o ódio sem o "como", teremos então uma reação completamente diferente, diante daquilo que percebemos. E, assim sendo, precisamos saber qual é a nossa reação, em face desta questão. Compreendeis, senhor?

Por favor, tende primeiramente a bondade de escutar, a fim de descobrirdes, e não pergunteis como ficareis livres do ódio. Não me interessa saber como ficar livre dele. Esta é uma questão muito trivial. O problema é este: estando cônscios de que odiamos, dizemos, agora: "Como livrar-me do ódio? Que devo fazer para me livrar deste veneno?" - No momento em que nos surge esta reação - como ficar livre? - pusemos em ação vários fatores sem validade alguma. Um desses fatores é o processo de gradual desbastamento do ódio, através de um certo período de tempo; outro é o fazer esforço para conseguir um resultado; e outro, ainda, é o dependermos de alguém, para nos ensinar como proceder. Tudo isso são atividades egocêntricas, e também uma forma de ódio. Não sei se estais percebendo bem.

Ora, estamos ainda pensando em como nos livrarmos do ódio? Esta é a questão, e não "como ficarmos livres", ou o que acontece quando estamos livres, mas, sim: estamos ainda pensando em termos de "como"?

INTERPELANTE:*O "como" não é então muito importante.*

KRISHNAMURTI: Que se está passando convosco, realmente, senhor? Que se passa realmente, quando vos vedes em presença desta questão? Se sois verdadeiramente franco para com vós mesmo, vereis que estais ainda pensando em termos de "como", e isto revela que a mente deseja ainda alcançar um certo estado, não é verdade? E a realização de algo significa processo de tempo. Um cientista, por exemplo, que faz experimentos para descobrir uma coisa, necessita evidentemente de tempo; mas o ódio pode ser dissolvido por meio do tempo? Os iogues, os swamis, o Gita, os Mahatmas - todos dizem que o ódio tem de ser dissolvido com o tempo; mas talvez eles não tenham razão, e provavelmente não a têm. E porque haviam de tê-la? Mas eu desejo averiguar se há uma maneira diferente de considerar este problema, em vez de aceitar a maneira tradicional, a qual vejo que invariavelmente degenera em mediocridade. A simples aceitação da tradição é uma coisa estúpida. Ainda que dez mil pessoas afirmem que uma coisa é verdadeira, isso não significa que elas têm razão. Meu problema, pois, é este: é possível ficarmos livres do ódio agora, e não no futuro?

INTERPELANTE:*Se permitas fazer uma pergunta direta: Que finalidade têm vossas palestras?*

KRISHNAMURTI: Qual a finalidade do falar? Comunicar alguma coisa, não é verdade? Se assim não fosse, não precisaríamos falar. Pois bem. Que é que estou tentando comunicar-vos? Estou procurando comunicar-vos o fato de que uma certa maneira de pensar geralmente aceita é ilusória e inteiramente destituída de base. Mas, para comunicarmos uma coisa, precisamos de um ouvinte, uma pessoa que diga: "estou realmente a escutar-vos". Vós, senhor, estais-me escutando? E que entendeis por "escutar"? Não é minha intenção embaraçar-vos. Escutais de fato qualquer coisa, ou apenas escutais parcialmente? Se à vossa mente ainda interessa o "como", não estais escutando. Só se pode escutar, quando se dá atenção completa, e não estais dando atenção completa quando pensais que deve haver um método, porque vossa mente não está então livre para considerar o que se está dizendo. Só há atenção completa quando dizemos: "Ele pode não ter razão, pode estar dizendo tolices, mas, pelo menos, quero descobrir o que é que ele está tentando transmitir-me". Estais fazendo isso? Isso, em si, é muito difícil, não achais? Porque dar atenção completa significa conhecer o amor, é sentir totalmente a disposição de descobrir o que outro está dizendo, sem aceitação ou rejeição - o que não significa que me vou tornar uma autoridade para vós. Prestais atenção dessa maneira?

INTERPELANTE:*É possível isso, senhor?*

KRISHNAMURTI: Se não é possível, não pode haver comunicação. A dificuldade é esta: Vede, senhor, se me estais dizendo uma coisa e eu desejo descobrir o que estais procurando comunicar, tenho de dar-vos atenção, não é verdade? Não posso estar pensando, comigo mesmo, que estais falando sobre "as mesmas velharias", que sois isso ou aquilo, ou que são horas de ir para casa. Tenho de dar atenção completa ao que estais dizendo, sem opor nenhuma barreira, mental ou de outra espécie. Escutamos dessa maneira?

INTERPELANTE:*A atenção completa é um estado Mental diferente do estado comum de atenção?*

KRISHNAMURTI: Senhor, não estais dando nenhuma atenção ao que estou dizendo. Desejais saber o que é "atenção completa". Eu posso descrevê-lo, mas que importância tem isso? O que é de primacial importância é isto: estais escutando? Sabeis como é difícil, para a maioria de nós, o investigar, o descobrir, o escutar. Não estou dizendo que devais escutar a mim, em especial, por que a mim próprio não importa se escutais ou não; mas, visto que vos destes ao trabalho de vir aqui, peço-vos, pelo amor de Deus, que escuteis, não apenas a mim mesmo, mas ao funcionar do maquinismo de vossa própria mente, posta agora em presença de um problema. Este problema é: o ódio pode ser dissolvido imediatamente? O descobrirmos de que modo reagimos em face desta questão tem validade. Se dizeis: "Sim, estou escutando", mas vossa intenção é de descobrir um método de vos livrardes do ódio, não estais então olhando o problema, porque só vos interessa o "como". Mas, em questões psicológicas, pode existir "como"? Entendeis, senhores? Este é um problema muito complexo; portanto, não digais, simplesmente, "sim" ou "não". Nas atividades técnicas, no construir, no cozinhar, no montar um avião a jato, no lavar pratos eficientemente, etc., há um "como"; e quanto mais alertados estamos, mais eficiente se torna o "como"; mas, existe algum "como", em questões psicológicas? Existe algum processo gradual de evolução, transformação, ou só há a transformação imediata?

INTERPELANTE:*Que cumpre então fazer em relação ao problema psicológico?*

KRISHNAMURTI: Senhor, considerai o problema. Tenho de parar aqui. Não podeis absorver por mais de uma hora este gênero de palestra.

Temos o problema do morrer. Todos estamos a morrer; e pode a mente achar-se num estado em que não haja morte? Este é essencialmente o mesmo problema, e só estou empregando uma série diferente de palavras. A mente está cônscia de que vai morrer, de modo que apela para várias doutrinas, o saber, o experimentar, crê na reencarnação, lê o Upanishads etc., e tudo isso se baseia no desejo de continuidade. Mas posso descobrir diretamente, por mim mesmo, se existe um estado em que não há morte, em vez de ficar na dependência de um certo senhor barbudo, para me informar sobre o que existe após a morte? Este problema é o mesmo que ser ambicioso, violento, ávido, invejoso, e procurar saber se é possível abandonar tudo isso completamente - o que realmente significa que precisamos verificar se estamos em busca de algum método.

Estais em busca de um método para ajudar-vos a dissolver o ódio? Os mais de vós aceitastes como um fato a necessidade de método, e como estou agora pondo em dúvida a natureza "factual" disso que tendes aceito, estais resistindo ao que estou dizendo. Mas, se pelo indagar, pelo considerar o problema, vós mesmo estais cônscio de que a prática de um método é uma total ilusão, então, nesse caso, vossa maneira de considerar o ódio terá sofrido uma tremenda modificação; e esse percebimento da ilusão não resulta de esforço algum.

Senhores, ainda vamos reunir-nos não sei quantas vezes e, em lugar de ser eu só a falar, não podemos, para variar, entrar nesta questão como dois entes humanos, como amigos que estão realmente a escutar o problema e procurando descobrir o que é verdadeiro? Não nos estamos opondo um ao outro, nem vós estais aceitando o que digo, porque nesta nossa busca não há autoridade alguma, não há mestre nem sishya, não há guru, nenhuma dessas futilidades. Aqui todos somos iguais, porque no tentar descobrir o que é verdadeiro existe a verdadeira igualdade. Por favor, senhores, escutai o que vos estou dizendo. É só quando não estais em busca da realidade, que há essa falsa separação do mestre e do discípulo. Certo, onde existe o amor, não existe desigualdade. Tem de haver amor, quando buscamos; e não estamos buscando quando consideramos um outro como discípulo ou como guru. Para a investigação da verdade, é necessária a cessação de todo o conhecimento. Onde há amor, há igualdade; não existe o homem que está no alto e o homem que está em baixo.[sumário]

2a. Conferência em Benares

18 de dezembro de 1955

DESEJARIA, se me é permitido, discutir convosco o problema da busca e o que significa ser "sério". Que queremos significar, quando dizemos que estamos buscando? As pessoas ditas religiosas estão supostamente em busca da verdade, de Deus. Que significa esta palavra? Não queremos a definição do dicionário, mas qual a natureza interior do buscar, o processo psicológico respectivo? Acho que seria importante profundarmos bem esta questão; e deixai-me, mais uma vez, lembrar a todos os presentes que devem, através da descrição ou explicação verbal, "experimentar" realmente o que se está discutindo, porque do contrário a discussão muito pouco significará. Se apenas considerais estas palestras como uma coisa para ser registrada, como uma nova série de idéias, para ser acrescentada à vossa antiga série de idéias, elas nenhum valor terão.

Vejamos, pois, se nos é possível examinar juntos este problema real da busca, o que significa buscar. Pela busca, é possível achar algo novo? Porque buscamos, e que é que buscamos? Qual o motivo, o processo psicológico que nos impele a buscar? Desse processo ou motivo depende o que achamos. Porque procuramos a verdade, a felicidade, a paz, ou algo existente além de todas as criações mentais? Qual o impulso, o estímulo que nos impele a buscar? Sem a compreensão desse estímulo, a mera busca será muito pouco significativa, porque a coisa que estamos realmente buscando pode ser alguma espécie de satisfação sem nenhuma relação com a realidade. Mas, se pudermos descobrir todo o mecanismo desse processo de busca, então é bem possível cheguemos a um ponto onde não há mais busca - e

talvez seja esse o estado necessário para o aparecimento de algo novo.

Enquanto a mente está a buscar, é inevitável a luta, o esforço, baseados invariavelmente na ação da vontade; e a vontade, por mais requintada, é produto do desejo. A vontade pode ser o produto de muitos desejos integrados, ou de um único desejo, e essa vontade se expressa por meio da ação, não é certo? Quando dizeis que estais em busca da Verdade, atrás de todas as meditações e devoções e disciplinas impostas por essa busca está certamente a ação da vontade, do desejo; e quando buscamos o preenchimento do desejo, quando tentamos alcançar um estado mental tranqüilo, encontrar Deus, a Verdade, ou aquele extraordinário estado de criação, começa a "seriedade".

Pode uma pessoa buscar, mas se lhe falta "seriedade", sua busca será dispersa, esporádica, desconexa. A "seriedade" acompanha sempre a busca, e é bem evidente que vos achais aqui porque sois "sérios". Numa tarde de domingo é muito agradável dar um passeio de barco, entretanto preferistes o incômodo de vir aqui, para escutar - e isso, talvez, porque sois "sérios". Descontentes com as idéias tradicionais e o habitual ponto-de-vista, estais a buscar, e esperais, escutando, achar algo novo. Se vos achásseis completamente satisfeitos com o que tendes, não estaríeis aqui. Por conseguinte, vossa presença nestas conferências indica que estais insatisfeitos; estais buscando alguma coisa, e vossa busca se baseia evidentemente no desejo de vos satisfazerdes, num nível mais profundo. A satisfação que estais a buscar é mais nobre, mais requintada, mas a vossa busca é ainda uma busca de satisfação.

Isto é, desejamos achar a integração total do nosso ser, porque temos lido, ou ouvido, ou imaginado que esse é o único estado em que é possível a felicidade livre de perturbações, a paz eterna. Assim, tornamo-nos muito sérios, lemos, saímos à procura de filósofos, analistas, psicólogos, iogues, na esperança de encontrarmos esse estado integrado; mas o impulso, o motivo é ainda o desejo de realizar, de achar alguma espécie de satisfação, um estado mental que nunca seja perturbado.

Ora bem, se desejamos realmente investigar esta questão, a nossa investigação tem de basear-se, por certo, no pensamento negativo, que é a forma suprema do pensar. Não podemos investigar, quando nossa mente está presa a alguma diretiva ou fórmula positiva. Se aceitamos ou supomos alguma coisa, nesse caso nossa investigação é inútil. Só se pode investigar, buscar, quando há pensamento negativo, quando não seguimos nenhuma linha positiva de pensamento. Em geral, estamos convencidos de ser necessário o pensamento positivo, para que se possa descobrir o Verdadeiro. Por pensamento positivo entendo a aceitação da experiência de outros, ou nossas próprias experiências, sem compreendermos a mente condicionada que pensa. Propriamente falando, todo o nosso pensar está atualmente baseado no nosso "fundo" - a tradição, a experiência, o saber que temos acumulado. Acho que isso é bastante claro. O saber dá uma direção positiva ao nosso pensar e, seguindo essa direção positiva, esperamos encontrar a Verdade, Deus, ou o que quiserdes; mas o que realmente encontramos está baseado na experiência e no processo de reconhecimento. Por certo, aquilo que é novo não pode ser reconhecido. O reconhecimento só ocorre através da memória; da experiência acumulada a que denominamos saber. Se reconhecemos uma coisa, essa coisa não é nova, e enquanto a nossa busca se basear no reconhecimento, tudo o que achamos é coisa já experimentada, procedendo portanto do "fundo", da memória. Reconheço-vos, porque já me encontrei convosco antes. Uma coisa totalmente nova não pode ser reconhecida. Deus, a Verdade, ou o que quer que seja que resulte da integração total de toda a nossa consciência, não é reconhecível, deve ser algo totalmente novo; e a própria busca desse estado implica um processo de reconhecimento, não achais?

Acho que o que estou dizendo não é tão difícil como parece. De fato, é muito simples. Quase todos desejamos achar alguma coisa - chamemo-la, por ora, Deus ou a Verdade - o que quer que isso signifique. Como podemos saber o que é a Verdade ou Deus? Sabemo-lo, ou porque temos lido a seu respeito, ou porque o experimentamos; e, quando essa experiência se apresenta, somos capazes de reconhecê-la como a Verdade, ou Deus. Esse reconhecimento só pode provir de nosso "fundo" de reconhecimento prévio, e portanto a coisa que foi reconhecida não é nova; conseqüentemente, não pode ser a Verdade, Deus. A coisa é o que pensamos que ela seja.

Assim, pois, estou a perguntar a mim próprio e espero estejais perguntando a vós mesmos, que coisa é essa que chamamos "busca". Já expliquei o que implica esse problema do buscar. Quando andamos de guru para guru, quando praticamos variadas disciplinas, quando sacrificamos, meditamos ou exercitamos a mente de alguma maneira, o impulso existente atrás de todo esse esforço, é o estímulo a encontrarmos alguma coisa, e o que se encontra tem de ser reconhecível, senão não poderia ser encontrado. Nessas condições, o que a mente acha só pode ser produto de seu próprio fundo, seu próprio condicionamento; e uma vez compreendido esse fato pela mente, a busca pode não ter tal significação, pode ter então um significado totalmente diferente. A mente pode então cessar de buscar, de todo - o que não significa que está aceitando o seu condicionamento, suas tribulações e misérias. Afinal de contas, foi a própria mente que criou essas misérias e quando a mente começa a compreender o seu próprio processo, é então possível realizar-se o outro estado, o que quer que ele seja, sem aquele esforço perene para "encontrar".

Agora, senhores, vamos discutir a questão. Ela representa um problema para vós, ou eu vos estou impondo este problema? Deveis ter observado quantos milhões de pessoas andam buscando, cada um seguindo determinado guru ou praticando determinado sistema de meditação; ou, ainda, andando de instrutor para instrutor, ingressando numa Sociedade, saindo dela e passando para outra, buscando incessantemente, buscando, buscando, buscando, o que naturalmente pode, afinal, tornar-se um jogo. Assim, pois, talvez já perguntastes a vós mesmos o que significa tudo isso. Ledes o Upanishads, ou o Gita, ou escutais uma palestra em que se dão certas explicações, em que se descrevem certos estados, e todos vos dizem: "Fazei isso, abandonai aquilo, e descobrireis o Eterno". Todos, num certo grau, estamos a buscar, intensamente ou de maneira moderada, e julgo importante averiguar o que significa essa busca. Podemos perguntar a nós mesmos, com toda a simplicidade e diretamente, se estamos a buscar, e, se estamos buscando, qual o móvel dessa busca?

Debates

INTERPELANTE:*É a insatisfação.*

KRISHNAMURTI: Estais bem certo de que isso é uma experiência vossa, e não de outra pessoa? Se for vossa própria experiência, então vossa busca está baseada no impulso dado pela insatisfação e, assim, o que fazeis, senhor?

INTERPELANTE:*Andamos de guru em guru, até encontrarmos a satisfação. Mas, mesmo quando isso acontece, não sabemos o que irá acontecer no futuro. A insatisfação é nossa força*

propulsora, o estado em que passamos a nossa vida.

KRISHNAMURTI: E à medida que ides envelhecendo, vos ides tornando cada vez mais sério nessa busca; mas nunca investigastes se existe realmente uma coisa tal, como seja a satisfação.

INTERPELANTE:*O homem está sempre sedento e deseja desalterar-se.*

KRISHNAMURTI: Senhor, se continuásseis sedento depois de beber, não procuraríeis saber se é possível satisfazer a sede? E se a satisfação é apenas momentânea, porque então atribuir tanta importância aos gurus, aos sacrifícios, disciplinas, sandhanas, e tudo o mais? Porque vos fragmentais em seitas, criando conflito com vosso próximo e com a sociedade, só por causa de um efêmero conforto? Porque vos entregais ao hinduísmo, ao cristianismo, se isso só vos dá um alívio temporário? Podeis dizer: "Sei que tudo isso só dá alívio temporário, e não lhe atribuo muita importância". Mas, é verdade que, ao irdes ao vosso guru, lhe dizeis que só estais buscando um alívio temporário? Não deveis investigar a este respeito? E pode haver investigação quando o coração é obstinado? A obstinação do coração impede a investigação, não é verdade?

Comecemos daí. Se for obstinado em minha maneira de pensar - o que significa "ser positivo" - se minha mente está entregue a alguma forma de conclusão, opinião ou julgamento, estou realmente em condições de investigar? Dizeis que não. Todos concordamos, mas não está a nossa mente dominada por uma certa conclusão, uma certa experiência? A investigação, nessas condições, não só é tendenciosa mas também impossível.

Senhores, podemos conversar um pouquinho precisamente a respeito disso, devassando a nossa mente, rebuscando-lhe as profundezas, despertando, assim o autoconhecimento. Podemos averiguar se estamos dominados por alguma fórmula, conclusão ou experiência, a que nossa mente está apegada?

INTERPELANTE:*Ha sempre a esperança de acharmos a satisfação final.*

KRISHNAMURTI: Vejamos, antes de tudo o mais, se nossa mente está entregue a uma dada experiência, uma dada conclusão ou crença, que nos está tornando obstinados, inflexíveis, no sentido profundo. Só quero começar daí, porque, como pode haver investigação, quando a mente é incapaz de ceder? Lemos o Gaita, a Bíblia, o Upanishads, tal ou tal livro, o qual deu uma certa tendência à nossa mente, uma certa conclusão a que ela ficou amarrada. Uma mente em tais condições é capaz de investigar? Não é isso que acontece com a maioria de nós, e não deve nossa mente ficar livre de todos os compromissos decorrentes de sermos hinduístas, teosofistas, católicos, ou o que mais seja, antes de podermos investigar? E porque não estamos livres dessas coisas? Quando temos compromissos e queremos investigar, não pode haver verdadeira investigação, mas tão somente uma repetição de opiniões, juízos, conclusões. Assim, nesta nossa palestra desta tarde, podemos largar todas essas conclusões?

Certamente, até os maiores cientistas têm de abandonar todo o seu saber, antes de poderem descobrir qualquer coisa nova; e se vós sois sérios, esse abandono do conhecimento, da crença, da experiência

tem de efetuar-se realmente. Os mais de nós somos um tanto "sérios", quando se trata de nossas próprias conclusões, mas eu acho que isso de modo nenhum é seriedade. Não -tem valor nenhum. O homem sério, sem dúvida, é aquele que é capaz de abandonar as suas conclusões porque percebe que só assim está capacitado para investigar.

INTERPELANTE:*Podemos dizer que abandonamos as nossas conclusões; entretanto, elas tornam a surgir.*

KRISHNAMURTI: Sabemos que nossas mentes estão ancoradas numa conclusão? Está a mente cônscia de que se acha dominada por determinada crença? Deixai-me, senhor, expressá-lo de maneira muito simples. Morre meu filho e me sinto desolado - e eis que se me apresenta a crença na reencarnação. Esta crença encerra muitas esperanças e promessas e, portanto, a minha mente a ela se apega. Ora, essa mente é agora capaz de investigar o problema da morte, em vez de investigar, apenas, a questão da vida no além-túmulo? Pode minha mente abandonar essa conclusão? E não deve abandoná-la, se quer descobrir o que é verdadeiro - abandoná-la, mas não sob compulsão de qualquer espécie, nem esperança de recompensa, mas porque a própria investigação exige o seu abandono? Se não a abandono, não sou "sério".

Senhores e senhoras, não vos deixeis desalentar pelas minhas perguntas, que parecem tão óbvias. Se minha mente está atada à estaca da crença, da experiência ou do conhecimento, ela não pode ir muito longe; e a investigação implica que se esteja livre da estaca, não achais? Se realmente estou a buscar, então esse estado em que me acho, amarrado a uma estaca, esse estado tem de acabar-se - preciso romper as amarras, cortar a corda. Não existe, então, nenhuma questão de como cortar a corda. Quando há a percepção de que a investigação só é possível quando estamos livres de nossa obstinação, de nosso apego a uma crença, então esse próprio percebimento liberta-nos a mente.

Ora, porque não sucede isso a cada um de nós?

INTERPELANTE:*É porque nos sentimos mais seguros com a corda.*

KRISHNAMURTI: Exatamente, pois não? Sentis-vos mais seguros quando vossa mente está condicionada, e eis porque não há aventurar, ousar - e toda a nossa estrutura social está construída dessa maneira. Conheço todas essas respostas. Mas porque não abandonais a vossa crença? Se não o fazeis, não sois sério. Se estais realmente investigando, não dizeis: "Estou investigando, numa determinada direção e devo ser tolerante a respeito de qualquer direção diferente da que estou seguindo" - pois, quando estais realmente investigando, essa maneira de pensar desaparece completamente. Não existe então a divisão de "vosso caminho" e "meu caminho", acaba-se o místico e o oculto, são afastadas definitivamente todas as estúpidas explicações do homem que quer explorar outros homens.

INTERPELANTE:*E a própria busca é afastada definitivamente? Busca de quê?*

KRISHNAMURTI: Não é este o nosso problema, no momento. Estou dizendo que não pode haver

investigação quando a mente tem algum apego. Quase todos dizemos que estamos buscando, e buscar significa realmente investigar; e eu estou perguntando: "podeis investigar, enquanto a vossa mente está apegada a alguma conclusão?" Obviamente, quando se vos faz tal pergunta, respondeis: "Não, naturalmente".

INTERPELANTE:*Podeis imaginar o dia em que não haverá mais templos nem igrejas? E enquanto existirem igrejas e templos, podem as pessoas conservar a mente livre de peias?*

KRISHNAMURTI: "As pessoas" são sempre vós e eu. Estamos falando a respeito de nós mesmos, e não "das pessoas".

INTERPELANTE:*Mas podemos conservar nossa mente livre, enquanto houver igrejas?*

KRISHNAMURTI: Porque não, senhor? Permitis-me dizer uma coisa? Esquecei "as pessoas", as igrejas, e os templos. Eu estou perguntando: vossa mente está agrilhoada? Vossa mente é obstinada, está apegada a alguma experiência, a alguma forma de conhecimento ou crença? Se está, neste caso é incapaz de investigação. Direis, porventura: "Estou buscando" - mas é bem evidente que não estais buscando, senhor. Como pode a mente ter liberdade de movimentos, se está presa? Dizemos que estamos a buscar, mas, na realidade, não há busca. Buscar implica estar livre de apego a qualquer fórmula, qualquer experiência, qualquer espécie de conhecimento, porque só então a mente é capaz de mover-se amplamente. É isto um fato, não? Se desejo ir a Banaras, não posso estar amarrado, preso num quarto; preciso sair do quarto e dirigir-me para lá. De maneira semelhante, vossa mente está agora presa e dizeis que estais a buscar; mas eu digo que não podeis buscar nem investigar, com a mente presa - e isso é um fato que todos reconheceis. Porque então r não se liberta a mente? Se ela não o fizer, como poderemos, vós e eu, investigar juntos? E esta é a nossa dificuldade, não achais, senhores?

INTERPELANTE:*Enquanto existirem igrejas e templos, será difícil nos libertarmos.*

KRISHNAMURTI: Senhor, quem foi que criou as igrejas e os templos? Homens iguais a vós e a mim.

INTERPELANTE:*Eles eram diferentes de mim, diferentes de nós.*

KRISHNAMURTI: Vós e eu podemos não ter criado um templo externo, mas temos nossos templos interiores.

INTERPELANTE:*Esta é uma concepção alta demais. É possível a qualquer ente humano buscar o "eu" interior?*

KRISHNAMURTI: Parece que não nos estamos entendendo bem, infelizmente. Não se trata de buscar o "eu" interior. Estou dizendo que não há busca nenhuma, quando há apego a qualquer fórmula, qualquer experiência, qualquer espécie de conhecimento. Isto é tão óbvio! Se pensais de acordo com o

catolicismo, o protestantismo, o budismo ou o hinduísmo, vossa mente, é claro, é incapaz de investigação. Ao perceberdes tal fato, porque é tão difícil à mente abandonar o seu apego e começar a investigar? Estais aqui a escutar, tentando descobrir, tentando investigar, e eu vos digo que não podeis investigar se existe qualquer espécie de apego, isto é, se a mente se acha escravizada a qualquer conclusão, qualquer fórmula, qualquer espécie de conhecimento ou experiência. Concordais que isso é perfeitamente verdadeiro e no entanto não dizeis: "Vou abandonar todo apego" - e isso indica, realmente, que não sois sérios, não é verdade? Podeis dizer que sois sérios, mas eu vos digo que esta palavra não tem valor nem significação enquanto a mente se acha atada. Podeis erguer-vos às quatro horas da madrugada, para meditar; podeis controlar vossas palavras, vossos gestos, executar todos os preceitos disciplinares, pensando serdes muito sério - mas eu digo que tudo isso são meras práticas superficiais. A mente séria é aquela que, cônscia de sua escravidão, dela se liberta e começa a investigar.

INTERPELANTE:*Qual o meio de quebrar o apego a uma conclusão?*

KRISHNAMURTI: Senhor, existe algum meio? Se existe, ficais apegado ao meio (risos). Vejo-vos rir, e esta é uma maneira de nos livrarmos de uma questão; mas isso não foi um simples dito espirituoso. Senhores, a liberdade não está implícita na investigação? Eis porque a liberdade está no começo, e não no fim. Quando dizeis: "Preciso submeter-me a todas estas disciplinas, a fim de me tornar livre", isso é o mesmo que dizer: "Conhecerei o estado de sobriedade, depois de me embebedar". Certo, a investigação só é possível em liberdade. A liberdade, portanto, deve estar no começo, e enquanto ela não existir, embora o que fizerdes possa ser, social e convencionalmente, uma coisa satisfatória, essa coisa é destituída de significação. Terá um certo valor para as pessoas que desejam sentir-se em segurança, mas não tem o valor do descobrimento. Ainda que tais pessoas se levantem muito cedo para submeter-se a todos os rigores da disciplina, eu digo que essas pessoas não são sérias. A seriedade está no percebimento de que a mente está amarrada a uma experiência, uma crença, e no libertar-se dessa experiência ou crença coisa que não desejais fazer. Não importa, pois, investigar isso? Do contrário, vireis aqui diariamente, todos os anos, e ficareis apenas escutando palavras, que terão muito pouca significação.

INTERPELANTE:*Dizeis que a liberdade precede à investigação, mas desejamos investigar o que é liberdade.*

KRISHNAMURTI: Senhor, como se pode investigar com a mente presa? Isto é um simples enunciado de razão comum, senso comum. Se vosso guru diz: "este é o caminho", e ficais preso a isso, como podeis olhar mais longe? Procurais o guru com o fim de investigar - e vos deixais prender pelas suas palavras, hipnotizar pela sua personalidade, e acabais emaranhado nas coisas que ele preconiza. Vosso impulso primitivo é de investigar, mas esse impulso está baseado no desejo de achardes uma esperança ou satisfação, ou seja o que for. Por isso, digo que, para investigar há necessidade, em primeiro lugar, de liberdade. Estou mudando a direção do vosso processo de pensar, que é evidentemente falso, ainda que os livros sagrados digam o contrário.

INTERPELANTE:*Que virá após a investigação?*

KRISHNAMURTI: Aí está uma pergunta puramente intelectual, se me permitis dizê-lo. Não estais vendo? Desejais saber o que acontecerá "depois", e isso é de ordem teórica. A mente se apraz em

fabricar palavras, especular. Eu respondo: vós o descobrireis. - É o mesmo que um prisioneiro perguntar: "Como há de ser, depois que eu sair da prisão?" Para sabê-lo, ele terá de deixar a prisão.

INTERPELANTE:*Os que estamos sentados aqui, neste salão, somos aderentes de vários cultos, credos e crenças, e estamos escutando o que estais dizendo, muito embora não o estejamos compreendendo realmente. O que dizeis é novo para a maioria de nós, nunca o ouvimos antes, e conquanto sejam sons agradáveis aos nossos ouvidos, somos incapazes de compreendê-lo. Que é que faz as pessoas ficarem sentadas e quietas durante unia hora inteira, a escutar com toda a seriedade coisas que estão fora de seu alcance? Isso, em si, não é uma forma de investigação, significando que a mente não se acha de fato presa a uma conclusão? Se a mente estivesse presa a uma conclusão, não haveria esse desejo de encontrar um modo de vida diferente, e estas pessoas não viriam aqui ou, pura e simplesmente, tapariam os ouvidos. No entanto, elas vêm e ficam a escutar-vos com muito interesse. Não indica isso uma certa liberdade, para investigar?*

KRISHNAMURTI: Que é que vos está fazendo escutar, senhores? Que vos faz ouvir a alguém que diz coisas completamente contrárias a tudo o que credes e a tudo o que vos é caro? É sua personalidade, sua fama, a propaganda espalhafatosa, o barulho que se faz ao redor dele? É isso que vos faz escutar? Se é, então o vosso escutar tem muito pouca significação. Que é, pois, que vos está fazendo escutar? Talvez seja o fato de vos verdes em presença de algo que acontece ser verdadeiro, e apesar de vos achardes presos, não podeis deixar de escutá-lo; todavia, retornareis ao vosso estado condicionado. É isso que vos está fazendo escutar? Ou estais escutando realmente? Entendeis? Estais escutando realmente, ou acontece que já vos habituastes a ficar sentados e quietos, quando alguém fala, porque gostais de ser prelecionados?

Estas não são perguntas vãs. Eu estou realmente procurando averiguar por que razão, quando se diz uma coisa verdadeira, não há reação imediata. Esta é a verdadeira pergunta que estou fazendo. Dizeis, ou eu digo, que não pode haver investigação sem liberdade, o que, evidentemente, é verdadeiro; é um fato, não importa quem seja a pessoa que o enuncia. Ora, por que razão esse fato não produz uma reação imediata, incisiva? Ou tem esse fato uma certa ação misteriosa, peculiar, que não pode exteriorizar-se imediatamente? Alguém expressou o fato de que, para a investigação, é necessária a liberdade, não se pode estar amarrado - e vós escutastes esse fato. Ainda que o tenhais escutado parcialmente, apenas, o fato lançou raízes na vossa mente, porque tem uma certa vitalidade; a semente brotará, não dentro de um certo período, mas brotará, e talvez por isso seja importante prestar ouvidos aos fatos, não importa se voluntariamente, conscientemente, ou se apenas distraidamente. Mas tal é, justamente, o caráter da propaganda. Repete-se constantemente: "Compre tal sabonete"... e acabais comprando. É isto que está acontecendo aqui? Se ouvis repetir constantemente um certo fato e dentro de certo tempo começais a proceder de acordo com o fato, esse procedimento é completamente diferente da ação própria do fato.

Senhores, são horas de parar. Não vos pedirei refletir sobre estas coisas, porque apenas refletir sobre elas é sem significação; mas se desejais realmente investigar a fundo este problema do buscar e o que significa "ser sério", neste caso a mente terá de descobrir a maneira de investigar, e descobrir o que é investigação. Qualquer suposição, qualquer conclusão, qualquer apego ao conhecimento ou à experiência, é um empecilho à investigação. Enquanto a mente está presa a uma certa conclusão, toda investigação representa uma luta ingente, um processo de esforço, atrito, ruptura. Mas se a mente percebe que só pode haver investigação quando há liberdade, tem então a investigação um significado todo diferente. Se se percebe isso claramente, nunca mais se será escravo de nenhum guru, nenhuma

fórmula, nenhuma crença. Então vós e eu podemos combinar as nossas investigações e, como resultado disso, cooperar, agir, viver. Mas enquanto a nossa mente estiver presa, terá de haver "vosso caminho" e "meu caminho", "vossa opinião" e "minha opinião", "vossa senda" e "minha senda", e todas as demais divisões e subdivisões que se põem entre um homem e outro homem.[sumário]

3a. Conferência em Benares

25 de dezembro de 1955

SERIA interessante e proveitoso examinarmos nesta tarde a questão relativa ao fator de deterioração da mente. Quando jovens, somos muito zelosos, temos tantas idéias entusiásticas, revolucionárias, mas em geral acabamos enredados numa dada atividade e, lentamente, nos esgotamos. Vemos isso acontecer ao redor de nós e dentro de nós mesmos; e é possível deter esse processo de deterioração, que constitui sem dúvida um dos nossos problemas principais? Se é ao capitalismo ou ao socialismo, à esquerda ou à direita, que cabe organizar o bem-estar mundial - agora, que a produção é imensa - não me parece ser esse o problema. Penso que o problema é muito mais profundo, e o problema é este: pode-se libertar a mente, de maneira que ela permaneça livre para sempre e, por conseguinte, não mais sujeita à deterioração?

Não sei se já pensastes neste problema, ou se já tendes observado como a pouco e pouco se esgota a vitalidade, o vigor, a vivacidade da nossa mente e ela se torna, gradualmente, um instrumento de hábitos e crenças mecânicos, um complexo de rotina e repetição. Se realmente temos pensado a este respeito, devemos ver que isso é um problema, para a maioria de nós. Quando vamos envelhecendo, o peso do passado, a carga das coisas lembradas, das esperanças, das frustrações, dos temores, tudo parece cercar e fechar a mente e dela nunca nos vêm coisas novas, mas só repetições, um sentimento de ansiedade, uma perpétua fuga de si mesmo e, por fim, o desejo de encontrar alívio de alguma espécie, um pouco de paz, um Deus que nos satisfaça completamente. Ora, se pudéssemos examinar bem esta questão, acho que seria muito proveitoso. Pode a mente ser libertada de todo esse processo de deterioração e ultrapassar a si mesma, não de maneira misteriosa ou miraculosa, não amanhã ou noutra data futura, mas imediatamente, instantaneamente? Esse descobrimento pode ser função da meditação. Porque é, pois, que nossa mente se deteriora? Porque é que nada existe de original em nós, que tudo o que sabemos é mera repetição, que nunca há constância de criação? Estes são os fatos, não é verdade? Que é que causa essa deterioração, e pode a mente detê-la? Iremos debater a este respeito, dentro em pouco, e espero tomeis parte na discussão.

A mim é bem óbvio que existirá necessariamente deterioração, enquanto houver esforço. E pode-se observar que nossa vida está toda baseada no esforço - esforço para aprender, adquirir, reter, ser alguma coisa ou renunciar ao que somos e virmos a ser outra coisa. Haverá sempre esta luta de ser ou vir a ser, consciente ou inconscientemente, voluntariamente ou sob o impulso de desejos ocultos; e esta luta não é a causa principal da deterioração da mente?

Como disse, nós vamos debater esta questão, depois de eu dizer mais umas palavras, e peço-vos portanto não fiqueis apenas a ouvir palavras. Estamos tentando descobrir juntos por que razão a onda de deterioração está sempre a perseguir-nos. Sei que existe o problema imediato da alimentação, do vestir e morar, mas acho que temos de considerar este problema de um ângulo diferente, se queremos resolvê-lo; e mesmo àqueles de nós que têm o suficiente para comer e vestir e têm onde morar, apresenta-se outro problema que é muito mais profundo. Observa-se no mundo tanto a existência da extrema tirania como de uma liberdade relativa e se só nos interessasse a distribuição universal dos alimentos e outros produtos, então talvez a tirania absoluta pudesse ser útil. Mas nesse processo se destruiria a possibilidade de desenvolvimento criador do homem; e, se o que nos interessa é o homem total e não unicamente o problema social e econômico, neste caso acho que tem de surgir inevitavelmente uma questão muito mais fundamental. Porque existe este processo de deterioração, esta incapacidade de descobrir o novo, não no terreno científico, mas dentro de nós mesmos? Por que razão não somos criadores?

Se observardes o que está sucedendo, seja aqui, seja na Europa ou América, devereis perceber que quase todos estamos imitando, conformando-nos, obedecendo ao passado, à tradição, e como indivíduos jamais descobrimos, profundamente, fundamentalmente, coisa alguma por nós mesmos. Vivemos como máquinas, de onde nos advém um certo sentimento de desdita, não é verdade? Não sei se realmente investigastes isto, mas parece-me que uma das causas principais desse conformismo é o desejo de nos sentirmos interiormente seguros. Para se estar em segurança, psicologicamente, tem de haver separação, e para se estar separado necessita-se de esforço, esforço para ser algo; e esse pode ser um dos fatores que está impedindo o descobrimento de qualquer coisa nova, por parte de cada um de nós. Podemos discutir este ponto?

(Pausa)

MUITO BEM, senhores, vamos expressar o problema de maneira diferente. Vê-se que a meditação é necessária, uma vez que, por meio da meditação, se podem descobrir muitas coisas. A meditação abre-nos a porta a experiências extraordinárias, tanto fantasiosas como reais; e estamos sempre a indagar como se medita, não é verdade? Os mais de nós lemos livros que prescrevem um sistema de meditação, ou recorremos a um certo instrutor para que nos ensine a meditar. Mas nós, aqui, queremos saber, não como meditar mas o que é meditação; e a própria investigação para saber o que é meditação, é meditação. Entretanto, nossa mente deseja saber como meditar e, desse modo, facilita-se a deterioração.

Se o pensamento é capaz de investigar com muita profundeza e de desnudar-se diante de si mesmo, sem procurar corrigir, mas sempre vigilante a fim de descobrir sem condenar, mas sempre examinando as coisas muito atentamente, então, esse estado mental pode chamar-se meditação. E essa mente, sendo livre, é capaz de descobrimentos. Para ela não existe deterioração, porque nunca há acumulação. Mas a mente que diz: "Ensina-me como tornar-me tranqüila, como chegar lá, e me esforçarei para seguir o método que indicardes" - essa mente, é bem óbvio, é imitativa, sem audácia e, por conseguinte, está provocando a própria deterioração.

Aos mais de nós só interessa o coma, que é um meio de certeza, segurança. O como - por mais nobre, por mais exigente, por mais disciplinador que seja - só nos pode levar ao conformismo. A mente que quer ajustar-se pelos seus próprios esforços torna-se escrava de um método, perdendo, por

conseguinte, a extraordinária capacidade de descobrimento. E se não houver o descobrimento, em vós mesmo, de algo original, novo, não contaminado, ainda que tenhais a mais perfeita organização para produzir e distribuir os meios de satisfazer as necessidades físicas, continuareis a ser igual a uma máquina. Por conseguinte, este problema vos concerne, não? Pode a mente, tão mecanizada que está, tão dominada pelo hábito, pelo passado, libertar-se do passado e descobrir o novo, chamai-o Deus ou como quiserdes? Podemos discutir sobre isto?

(Pausa)

SENHORES, este problema é novo para vós, ou acaso nunca pensastes nestas coisas por esta maneira? Mais uma vez vou expressar o problema de modo diferente.

Sois bem versados no Upanishads, no Gita, na Bíblia, estais bem familiarizados com a filosofia do hinduísmo, do cristianismo, do comunismo, etc.. Estas filosofias, estas religiões, muito evidentemente não resolveram o problema humano. Se dizeis: "O problema humano não foi resolvido, porque não temos seguido estritamente os preceitos do Gita" - a resposta óbvia que se pode dar é que, seguir qualquer autoridade, por mais nobre ou tirânica que ela seja, torna a mente mecanizada, sem originalidade, tal qual um disco de gramofone, que só é capaz de repetir e repetir e repetir; e em tal estado não se pode ser feliz.

Agora, conhecedores deste fato, de que maneira vos lançaríeis ao descobrimento do Real, por vós mesmos? Compreendeis, senhores Deus, a Verdade, ou o que quer que seja, tem de ser uma coisa totalmente nova, uma coisa fora do tempo, fora da memória, não achais Não pode ser uma coisa lembrada, do passado, uma coisa que foi dita ou conjeturada, criada pela mente. E como ireis descobrir essa coisa? Certamente, ela só pode ser descoberta quando a mente está livre do passado, quando a mente deixa de criar imagens, símbolos. Quando a mente formula imagens, símbolos, não é isso um autêntico fator de deterioração? É provável seja isso o que está acontecendo na índia, bem como no resto do mundo.

Está claro o problema? Ou isso não é problema para vós?

Debates

INTERPELANTE:*A mente não pode transcender suas próprias e passadas experiências.*

INTERPELANTE:*Quando a mente está condicionada...*

KRISHNAMURTI: Perdão, aquele senhor fez uma pergunta.

INTERPELANTE:*Foi uma pergunta ou uma declaração?*

KRISHNAMURTI: Provavelmente a intenção era interrogativa. Infelizmente, em geral, tanto nos ocupamos com a formulação de uma pergunta ou com nossa própria maneira de considerar as coisas, que nunca escutamos realmente uns aos outros. Disse este cavalheiro que não é possível a mente libertar-se do passado. Este problema não nos concerne tanto que a ele?

INTERPELANTE:*Se ele deseja saber como separar-se do passado, isto é unia pergunta e não uma declaração.*

KRISHNAMURTI: Perdão, senhor, não estamos aqui para dar uma exibição um "show" de retórica, nem para provar quem tem razão e quem não tem razão. Estamos, verdadeiramente, tentando descobrir por que motivo a mente nunca descobre nada novo. Não nos estamos referindo, por ora, aos especialistas, tais como cientistas, físicos, etc., porém a nós mesmos, como entes humanos.

INTERPELANTE:*A propósito da questão suscitada por aquele senhor, sobre se a mente pode rejeitar o passado, desejo perguntar o que se entende por "passado".*

KRISHNAMURTI: O passado é experiência, memória, conhecimento, a influência da tradição, a impressão produzida pelo insulto e pela lisonja, pelos livros que temos lido, pelos risos, e pelo espetáculo da morte. Tudo isso é o passado - tempo.

INTERPELANTE:*Dizeis que a mente está condicionada pelo passado. Mas, acha-se ela tão rigidamente condicionada pelo passado, que é incapaz de investigar mais além?*

KRISHNAMURTI: Que é a mente, senhor? Não respondais teoricamente ou de acordo com o que lestes nos livros. Podemos vós e eu descobrir, aqui, nesta tarde, o que é a mente?

INTERPELANTE:*A mente é produto do passado?*

KRISHNAMURTI: Vossa mente é produto do passado? Que entendeis por "passado"?

INTERPELANTE:*Tudo o que existe na minha mente, no presente, vem do passado.*

KRISHNAMURTI: Pode a mente separar-se do passado? Examinemos a mente - não uma mente teórica, mas a mente de cada um de nós. Vossa mente é o resultado de numerosas influências, tanto coletivas como individuais, não é exato? Vossa mente é produto da educação, da alimentação, do clima, de muitos séculos de tradição; ela é constituída de vossas crenças, desejos, lembranças, das coisas que lestes, etc. Isso é a mente, pois não, senhor? A mente consciente que opera todos os dias, e a mente que

se acha num nível profundo, oculto - todas duas são resultados do passado. Até onde é possível enxergar, todo o território da mente é resultado do passado. Podeis crer que há Deus ou que não há Deus, podeis pensar que existe um "eu superior" e um "eu inferior", etc.; mas tudo isso é resultado de vossa educação, vosso condicionamento, a que significa que vossa mente é resultado do passado, não achais? E essa mesma mente quer encontrar algo que seja novo. Diz ela: "Tenho de saber o que é Deus, o que é a Verdade". Não é isto que estamos fazendo, senhoras e senhores? E eu digo que isso é impossível, uma contradição.

INTERPELANTE:*Parece-me que a maioria das pessoas, pouco se está importando com Deus. Todos estamos interessados nos problemas da vida.*

KRISHNAMURTI: E daí resulta que existe antagonismo, animosidade, frustração, ânsia de poder, posição, prestígio; porque outro possui o que cobiçais, vos sentis invejoso, etc. Estes são problemas da vida, não? Desejar ser amado, desejar mais dinheiro, desejar melhorar as condições de vida em nossa aldeia, por este ou aquele sistema, ter uma crença ou um ideal, em contradição com a existência de cada dia - sendo preciso lançar uma ponte entre o fato e o ideal - tudo isso é a vida.

INTERPELANTE:*Mas a vida é também algo mais. Se sou professor, desejo ensinar melhor.*

KRISHNAMURTI: E isso redunda na mesma coisa. Tudo isso são problemas da vida, e quando tentamos resolver qualquer um deles, esbarramos na questão principal. Dizeis que desejais ensinar melhor, pensar melhor, viver uma vida mais plena, etc. Que entendeis por "pensar melhor"? É um processo de aquisição de mais conhecimentos? Como podeis saber o que é "melhor"?

INTERPELANTE:*Pensando profundamente.*

KRISHNAMURTI: Que significa "pensar profundamente'? E que significa "pensar"? Se não sabeis o que é pensar, não podeis pensar profundamente. Que é pensar? Fazei-me o favor de dizer o que é pensar.

INTERPELANTE:*Pensar é o processo de suscitar associações sucessivas.*

KRISHNAMURTI: Pergunto-vos o que é "pensar", e se observardes a vossa mente, vereis como estais "reagindo" a esta pergunta; e isso é que é pensar, não é? Entendeis o que estou dizendo?

INTERPELANTE:*Está técnico demais.*

KRISHNAMURTI: Observai-vos, e vereis. Faço-vos uma pergunta: "O que é pensar?"

INTERPELANTE:*Perguntar o que e a mente e perguntar o que é pensar, é a mesma coisa.*

KRISHNAMURTI: Eu quero saber o que é pensar. Ora, qual é o processo que entra em funcionamento, dentro em vós, em virtude desta pergunta?

INTERPELANTE:*Quando queremos observar o pensar, a mente se imobiliza. Não se tem resposta alguma.*

INTERPELANTE:*O pensamento é uma coisa tão espontânea, que não sabemos o que é.*

KRISHNAMURTI: Estou perguntando uma coisa: "Que é pensar?" Ora, que faz a vossa mente, quando se vos apresenta esta pergunta? Não desejais saber como opera a vossa mente? Que acontece quando a mente se vê em presença de uma pergunta desta natureza? Por um instante, a mente hesita, porque provavelmente nunca pensou nisso, anteriormente; depois, dá uma busca pelo depósito da memória, e diz "Vejamos: o Upanishads diz isto, a Bíblia diz aquilo. Bertrand Russell diz aquiloutro, e eu - que penso?" Assim sendo, procurais uma resposta no passado, não é verdade?

INTERPELANTE:*Não estamos pensando em Bertrand Russell.*

KRISHNAMURTI: É provável que não; mas esta é que é a verdadeira operação da vossa mente, quanto se vos faz uma pergunta. Se se vos pergunta sobre uma questão com que vossa mente está bem familiarizada, a resposta é imediata. Se alguém vos pergunta onde morais, respondeis imediatamente, porque isso vos é familiar, é uma associação constante. Mas se se vos faz uma pergunta estranha, vossa mente hesita, e esta hesitação indica que estais a procurar a resposta, não? E onde procurais a resposta? Na memória, é óbvio. Vosso pensar, portanto, é reação da memória. Não é?

INTERPELANTE:*Significa isso que uma pessoa que perdeu a memória, é incapaz de pensar?*

KRISHNAMURTI: O esquecimento completo chama-se amnésia, e uma pessoa que se acha nesse estado tem de aprender tudo de novo.

INTERPELANTE:*A memória é coisa boa ou má!*

KRISHNAMURTI: Se não soubésseis onde é vossa residência, que faríeis? Se ignorásseis o nome da rua que conduz à vossa casa, isso seria bom ou mau?

Estamos averiguando, senhor, o que é pensar. Para nós, em geral, pensar é reação da memória, não? Porque sei onde moro, respondo prontamente quando mo perguntam; e quando se me faz uma pergunta mais sutil, procuro na minha memória uma resposta. Mas a memória é experiência de séculos e, por isso, a minha resposta, inevitavelmente, tem de ser condicionada. Isto, certamente, é bastante óbvio.

Senhor, se sois hinduísta e eu vos perguntar se há reencarnação, vossa reação instintiva é de dizer que há, e esta reação se baseia na influência de vossos pais, vossos livros sagrados e o meio que vos circunda. Respondeis de acordo com o que vos ensinaram; vosso pensar é resultado de influência e, portanto, está evidentemente condicionado. Agora, perguntamos a nós mesmos, pode a mente dissociar-se do passado e descobrir o que é verdadeiro?

INTERPELANTE:*Pareceis descrever a mente como uma coleção de experiências passadas, e acho que todos concordamos com isso; mas agora perguntais se a mente pode dissociar-se delas. Que significa isto?*

KRISHNAMURTI: Estais perguntando a mim ou a vós mesmo?

INTERPELANTE:*Pergunto-o a mim mesmo e a vós também.*

KRISHNAMURTI: Antes assim. Estais perguntando a vós mesmo e não a mim. A mente é resultado do tempo, e pode essa mente, em algum tempo, descobrir qualquer coisa nova, que deve ser necessariamente atemporal? Compreendeis minha pergunta, senhor? Percebo que minha mente é' constituída do passado; entretanto, ela é o único instrumento capaz de observar e descobrir. Que deve ela então fazer? Não há nenhum outro instrumento de descobrimento; mas o instrumento que temos - a mente - é resultado do passado; isto é um fato e não há negação nem discussão que possa influir nesse fato. E pode essa mente, em algum tempo, descobrir qualquer coisa nova? Ou o conhecido, que é o passado - embora eu possa estar inconsciente dele - continuará sempre, de modo que só pode haver uma continuidade do conhecido, sob formas diferentes? Se a mente em tempo algum pode experimentar o desconhecido, - o que quer que ele seja - tratemos então de modificar o conhecido, embelezá-lo, poli-lo, acumular mais conhecimentos, porém mantendo-nos sempre dentro do território da mente, do conhecido. Estais seguindo, senhor? Esta suposição de que a mente se acha numa situação irremediável, de que nunca pode sair de seu próprio território, porque ela é resultado do conhecido, essa suposição bem pode ser o verdadeiro fator de deterioração. Entendeis o que quero dizer? Se admitis isso, então é óbvio que precisais estar sempre polindo a mente, arrumando-a, disciplinando-a, enchendo-a de conhecimentos, etc. Não tendes então problema algum, porque estais vivendo na esfera do conhecido. Mas, no instante em que começais a investigar o desconhecido, surge-vos o problema, não é verdade, senhor?

INTERPELANTE:*Começastes perguntando o que é pensar. A mim me parece que o pensar está sempre em relação com alguma coisa, não havendo "pensar puro".*

KRISHNAMURTI: Pensar é reação a desafio, não é? Não há pensar isolado. É só quando há um desafio, é que reagis. Mesmo se estais a pensar, recolhido em vosso quarto de dormir, aonde não vos vem nenhum desafio do exterior, o pensar é ainda reação a um desafio procedente de dentro de vós mesmo. Existe esta constante relação de desafio e reação, e visto que reagis de acordo com vossas crenças, vossa educação ou criação, etc., vossa resposta ou reação é sempre limitada, pouco significativa. Estamos agora investigando onde é que o pensamento cessa e surge uma coisa nova, que não é pensar.

INTERPELANTE:*Estais perguntando onde o pensamento acaba e a meditação começa.*

KRISHNAMURTI: Exatamente, senhor. Onde acaba o pensamento? Um momento. Eu estou indagando o que é pensar, e digo que essa própria indagação é meditação. Isto não quer dizer que primeiro o pensar se acaba e depois começa a meditação. Acompanhai-me, senhoras e senhores, passo a passo. Se eu puder descobrir o que é pensar, nesse caso nunca terei de perguntar como se medita, porque no próprio processo de indagar, investigar o que é pensar, está a meditação. Mas isto significa que tenho de dispensar toda a atenção ao problema, e não meramente concentrar-me nele, o que é uma forma de distração. Não sei se me estou explicando bem.

Quando procuro descobrir o que é pensar, tenho de prestar toda a atenção, atenção em que não pode haver esforço nem atrito, porque no esforço, no atrito, há distração. Se estou realmente interessado em descobrir o que é pensar, este próprio investigar produz uma atenção, sem desvio, sem conflito, sem o sentimento de que devo prestar atenção.

Que é, pois, pensar? Pensar é - vejo-o - reação da memória, não importa em que nível - consciente ou inconsciente; ele é sempre reação procedente daquela esfera da mente constituída pelo conhecido; passado. A mente percebe isso como um fato. Depois, pergunta a si mesma se todo pensar é meramente verbal, simbólico, reação do passado; ou existe pensamento sem palavras, sem o passado?

Ora, é possível averiguar se há alguma atividade da mente, não contaminada pelo passado? Estais compreendendo, senhores? Estou investigando, não estou supondo nada. A mente percebe que ela própria é resultado do passado e pergunta a si mesma se lhe é possível libertar-se do passado. Se a mente responde desta ou daquela maneira, se diz que é possível ou que não é possível, tal suposição, nesse caso, é resultado do passado, não é? Por favor, acompanhai-me, passo a passo, e vereis. A mente está cônscia de ser resultado do passado; está perguntando se pode libertar-se do passado; e percebe que qualquer suposição de que pode ou de que não pode libertar-se, é produto do passado. Qual é pois o estado da mente dissociada do passado, da mente que nada supõe?

INTERPELANTE:*Já não é a mente - a mente limitada que conhecemos.*

KRISHNAMURTI: Não chegamos ainda aí. Precisamos ir de vagar.

INTERPELANTE:*A questão é: Quem é que pensa?*

KRISHNAMURTI: Nós sabemos quem pensa, senhor. A mente se dividiu em pensador e pensamento - mas continua a ser "a mente", é claro. Todo esse processo de separação de pensador e pensamento continua no território da mente que é resultado do tempo, do passado. E a mente pergunta agora a si mesma se se pode libertar do passado.

INTERPELANTE:*Se nós, que vos escutamos, duvidamos da verdade do que estais dizendo,*

nosso antigo condicionamento continuará a existir. Se, por outro lado, temos f é no que estais dizendo, nossa mente estará de novo condicionada por isso, pelo que dizeis.

KRISHNAMURTI: Não vos estou pedindo que tenhais fé. Estou apenas observando o funcionamento de minha mente e espero estejais fazendo a mesma coisa. Estamos a observar o funcionamento da mente e a descobrir os seus processos. É isso o que todos estamos fazendo, - o que não significa que devemos ou não devemos ter fé. Estamos procurando descobrir como nossa mente opera - e isto é meditação.

INTERPELANTE:*Como é que o cientista descobre algo novo?*

KRISHNAMURTI: Se vós e eu fôssemos cientistas, poderíamos conversar a este respeito; mas não somos cientistas, somos indivíduos comuns e estamos tentando investigar se a mente é capaz de descobrir alguma coisa nova. Qual o processo respectivo?

São horas de pararmos. Posso investigar a questão mais um bocadinho?

Estou observando o funcionamento da minha mente. Só isso. Há desafio e reação. A reação é invariavelmente de acordo com o meio cultural, os valores, a tradição em que a mente foi criada e que, por ora, chamaremos condicionamento. A mente, percebendo isso, pergunta a si mesma: "Toda reação é produto desse condicionamento, ou é possível reação fora dele? Eu não digo que é nem que não é possível. A mente só está perguntando, de si para si. Qualquer suposição, de sua parte, de que isso é possível ou impossível, é ainda reação do "fundo". Isto está claro, não? Portanto, a mente só pode dizer "Não sei". Esta é a única resposta adequada à pergunta sobre se a mente pode libertar-se do passado.

Agora, quando dizeis "não sei", em que nível, em que profundidade o dizeis? Trata-se, apenas, de uma declaração verbal ou é a totalidade do vosso ser que está dizendo "Não sei"? Se todo o vosso ser diz, genuinamente: "Não sei" - isso significa que já não estais recorrendo à memória para encontrar a resposta. Não está então a mente livre do passado? E tal processo de investigação não é meditação? A meditação não é um processo de aprender a meditar; ela é a própria investigação sobre "o que é meditação". Para investigar o que é meditação, a mente tem de libertar-se de tudo o gire aprendeu sobre a meditação; e a libertação da mente, das coisas que aprendeu, é o começo da meditação.[sumário]

CONFERÊNCIAS EM MADRASTA

1a. Conferência em Madrasta

11 de janeiro de 1956

QUANDO se observa o mundo e principalmente as condições reinantes neste país, deve tornar-se evidente a cada um de nós a necessidade de uma revolução fundamental. Empregando esta palavra, não me refiro à reforma superficial, à reforma de remendos, nem à revolução instigada por um certo padrão de pensamento, depois de devidamente calculados os riscos e possibilidades; refiro-me, sim, à revolução que só pode realizar-se no nível mais elevado, ao começarmos a compreender o significado de nossa mente. Se não se compreende essa questão fundamental, acho que qualquer reforma, em qualquer nível e por mais benéfica que seja, temporariamente, levará fatalmente a maiores sofrimentos, a um caos maior ainda.

Penso necessário compreender claramente este ponto, a fim de que se estabeleça um certo contato entre o orador e vós mesmos; pois à maioria de nós só interessa uma certa espécie de reforma social. Observa-se uma proporção colossal de pobreza, ignorância, medo, superstição, idolatria - a vã repetição de palavras, que se chama oração e, ao mesmo tempo, uma enorme acumulação de conhecimento científico, assim como o chamado conhecimento colhido nos livros sagrados. Não se precisa visitar muitos países, para se ver tudo isso; pode-se observá-lo, percorrendo as ruas, aqui, na Europa, ou na América. Os meios de satisfação das necessidades físicas podem ser abundantes na América, onde impera o materialismo e onde se pode comprar de tudo; mas, visitando-se este nosso país, encontra-se esta desumana miséria. E há também a luta de classes - não emprego a expressão "luta de classes" no sentido comunista, mas tão somente para constatar um fato, sem interpretá-lo de qualquer maneira que seja. Vê-se a divisão das religiões - cristãos, hinduístas, maometanos, budistas, e suas múltiplas subdivisões - todas a bradar, para converter, ou mostrar um "caminho" diferente, uma via diferente. A máquina tornou possíveis verdadeiros milagres na produção de utilidades, principalmente na América; finas, aqui na Índia tudo é limitado, escasso. Neste país, onde tanto se fala de Deus, onde tanto se reza e se celebram rituais, etc., somos tão materialistas como os ocidentais, com a só diferença de termos feito da pobreza virtude, um mal necessário e tolerável.

Em vista desse tão altamente complexo padrão de riqueza e pobreza, de governos soberanos, exércitos e os mais recentes instrumentos de destruição em massa, ficamos a perguntar-nos o que irá resultar deste caos, aonde ele nos levará. Qual a resposta? Acho que qualquer pessoa verdadeiramente séria, já terá feito a si mesma esta pergunta. Como iremos, como indivíduos e como grupos, ocupar-nos com este problema? Achando-nos confusos, voltamos, os mais de nós, a atenção para um dado padrão, religioso ou social, procuramos amparar-nos nalgum guia, para sairmos deste caos, ou encarecemos a necessidade de voltar às velhas tradições. Dizemos: "Retornemos ao que nos ensinaram os rishis e que se encontra no Upanishads, no Gita; necessitamos de mais orações, mais rituais, mais gurus, mais mestres". É isto que realmente está acontecendo, não?

Observa-se no mundo, simultaneamente, desenfreada tirania e relativa liberdade. Agora, considerando este caótico espetáculo - não filosoficamente, não como mero observador dos acontecimentos, mas como ente humano em que se acha desperto o sentimento de piedade, o germe da compaixão, como é o caso de todos vós, estou bem certo - considerando este espetáculo, como reagis? Qual a nossa responsabilidade perante a sociedade? Ou de tal maneira estamos presos na engrenagem da sociedade; no tradicional padrão implantado por determinada cultura, ocidental ou oriental, que estamos cegos? E se abris os olhos, interessam-vos apenas as reformas sociais, a ação política, o ajustamento econômico? A solução deste enorme e complexo problema só se encontra nesta direção, ou noutra direção completamente diferente? O problema é meramente econômico e social? Ou existe caos e a constante ameaça de guerra porque não estamos, em geral, verdadeiramente interessados rios problemas mais

profundos da vida, no desenvolvimento total do homem? A culpa é de nosso sistema educativo? Superficialmente, somos educados para aprender certas técnicas, o que produz sua peculiar cultura, e parece que isso nos satisfaz.

Ora, observando-se este estado de coisas, do qual estou bem certo estais perfeitamente cônscios, a menos que sejais insensíveis ou não queirais ver - qual é a vossa reação? Por favor, não respondais teoricamente, de acordo com o padrão comunista, capitalista, hinduísta, ou outro qualquer, pois tal padrão vos foi imposto e é portanto inverdadeiro, mas, ao invés, despojai a vossa mente de todas as suas reações imediatas, das chamadas reações "estudadas", e verificai qual é a vossa reação como indivíduo. De que maneira resolveríeis este problema?

Se fazeis esta pergunta a um comunista, ele dará uma resposta muito positiva, e do mesmo modo procederá o católico, ou o hinduísta ortodoxo, ou o muçulmano; mas essas respostas, obviamente, são condicionadas. Eles foram educados para pensar dentro de certas rotinas, amplas ou estreitas, por uma sociedade ou cultura a que não interessa absolutamente o desenvolvimento total do espírito; e uma vez que respondem de acordo com seu pensar condicionado, suas respostas são inevitavelmente contraditórias e, portanto, não deixarão de criar, sempre, inimizade, o que também me parece bastante óbvio. Se sois hinduísta, cristão, ou o que quer que seja, vossa resposta tem de corresponder necessariamente ao vosso fundo condicionado, o meio cultural em que fostes educado. O problema está fora do terreno de todas as culturas ou civilizações, fora de todo e qualquer padrão e, todavia, procuramos a resposta em conformidade com determinado padrão, resultando, daí, confusão sempre crescente e sofrimentos maiores ainda. Nessas condições, a menos que ocorra uma libertação fundamental de todo condicionamento, uma ruptura completa das muralhas, é bem evidente que criaremos mais caos, por mais bem intencionados e por mais religiosos que sejamos.

A mim me parece que o problema se encontra num nível completamente diferente, e, com a compreensão dele, penso que seremos capazes de promover uma ação toda diferente da do padrão socialista, capitalista ou comunista. A meu ver, o problema consiste em compreender as atividades da mente; porque, a menos que sejamos capazes de observar e compreender, em nós mesmos, o processo do pensamento, não há liberdade e, portanto, não se pode ir muito longe. Com a maioria de nós acontece que a mente não está livre, pois se acha, consciente ou inconscientemente, ligada a alguma forma de conhecimento, a inumeráveis crenças, experiências, dogmas e como pode ser capaz de descobrimento uma mente nessas condições, como pode ser capaz de achar algo novo?

Todo desafio requer, evidentemente, uma reação nova, porque o problema é hoje completamente diferente do que ontem foi. Qualquer problema é sempre novo, pois está a modificar-se continuamente. Todo desafio requer reação nova, e não pode haver reação nova, se a mente não é livre. A liberdade, pois, está no começo e não no fim. A revolução tem de começar, sem dúvida, não no nível cultural, social ou econômico, porém no mais elevado nível; e o descobrimento do mais elevado nível é que é o problema; descobrimento, e não aceitação do que dizem ser o mais elevado nível. Não sei se me estou explicando com clareza. Podemos ser informados sobre o que seja o nível mais alto, por um guru, por algum indivíduo arguto, e ficarmos a repetir o que lhe ouvimos dizer; mas esse processo não é descobrimento e, sim, meramente, aceitação da autoridade; e os mais de nós aceitamos autoridades porque somos indolentes. Tudo foi pensado para nós e nos limitamos a repeti-lo, tal qual um disco de gramofone.

Pois bem. Percebo a necessidade de descobrimento, porquanto se tornou bem óbvio que temos de criar uma cultura de espécie completamente diferente, uma cultura não baseada na autoridade, mas só no descobrimento individual daquilo que é verdadeiro; e esse descobrimento requer liberdade completa. Se a mente está presa, por mais longa que seja a corda, só poderá operar dentro de um determinado raio e, conseguinte, não está livre. O importante, pois, é descobrir o nível mais alto, onde deverá efetuar-se a revolução, e isso exige muita clareza de pensamento, exige uma mente em bom estado - não uma mente falsificada, repetitiva, porém uma mente capaz de pensar intensamente, de raciocinar as coisas até o fim, clara, lógica, sãmente. Precisamos de uma mente assim, porque só então é possível irmos mais longe.

Assim, pois, parece-me que a revolução só pode realizar-se no nível mais elevado, o qual cumpre descobrir; e esse nível só pode ser descoberto por meio do autoconhecimento e não de conhecimentos colhidos nos vossos velhos livros ou nos livros dos modernos analistas. Tendes de o descobrir nas relações - descobri-lo, e não meramente repetir o que lestes ou ouvistes dizer. Vereis então que vossa mente se tornará sobremaneira lúcida. Afinal, a mente é o único instrumento de que dispomos. Se ela se acha peada, se é vulgar, temerosa, como o é a mente de quase todos nós, nenhuma significação tem sua crença em Deus, suas devoções, sua busca da verdade. Só a mente que é capaz de percebimento claro e por essa razão está perfeitamente tranqüila, só ela pode descobrir se existe ou não a Verdade, só ela é capaz de realizar a revolução no mais alto nível. Só a mente religiosa é verdadeiramente revolucionária; e a mente religiosa não é aquela que repete, que freqüenta a igreja ou o templo, pratica puja todas as manhãs, que se deixa guiar por alguma espécie de guru ou adora um ídolo. Esta não é uma mente religiosa; é em verdade estúpida, limitada e, por conseguinte, nunca será capaz de corresponder livremente a um desafio.

Esse autoconhecimento não pode ser aprendido de outrem. Eu não posso dizer-vos o que ele é. Mas pode-se ver como a mente opera, não apenas a mente que está ativa todos os dias, porém a totalidade da mente - a mente consciente e a mente oculta. Todas as numerosas camadas da mente têm de ser percebidas, investigadas, mas não pela introspecção. A auto-análise não revela a totalidade da mente, porque há sempre a separação entre o analista e a coisa analisada. Mas se puderdes observar as operações de vossa mente, sem tendência para julgar, avaliar, sem condenação ou comparação - observar, simplesmente, como se observa uma estrela, desapaixonadamente, tranqüilamente, sem ansiedade - vereis então que o autoconhecimento não depende do tempo, não é processo de penetração do inconsciente com o fim de remover todos os "motivos" ou de compreender os vários impulsos e compulsões. O que cria o tempo é a comparação, não resta dúvida; e porque nossa mente é resultado do tempo, só pode pensar em termos de mais - sendo isso o que chamamos progresso.

Sendo, pois, resultado do tempo, a mente só pode pensar em termos de expansão, realização; e pode a mente libertar-se do mais? Isso, com efeito, significa dissociar-se completamente da sociedade. A sociedade encarece o mais. Em última análise, nossa civilização está baseada na inveja, no espírito de aquisição, não é verdade? Nossa ânsia de aquisição não se restringe às coisas materiais, mas se estende também aos domínios da chamada espiritualidade, onde desejamos possuir mais virtude, estar mais perto do mestre, do guru. Toda a estrutura, pois, do nosso pensar se baseia no mais; e, uma vez compreendidas perfeitamente as exigências de mais, e todas as suas conseqüências, realiza-se então, infalivelmente, a completa dissociação da sociedade; e só o indivíduo que se dissociou de todo da sociedade, pode influir na sociedade. O homem que veste uma tanga ou o manto de sanyasi, aquele que se torna monge, não está dissociado da sociedade; faz ainda parte da sociedade, com a única diferença de que sua exigência de mais se encontra noutro nível. Está ainda condicionado por determinada cultura e, portanto, ainda dentro de suas limitações.

Penso ser este o problema real, e não como produzir mais, e distribuir as utilidades produzidas. Temos agora as máquinas e as técnicas que permitem produzir tudo o de que necessita o homem e em breve, provavelmente, teremos uma distribuição eqüitativa dos recursos para a satisfação das necessidades físicas, e a cessação da luta de classes; mas o problema básico continuará existente. O problema básico é que o homem não é criador, não descobriu por si mesmo a extraordinária fonte de criação, não inventada pela mente; e só quando se descobre essa fonte criadora, atemporal, é que se encontra a suprema felicidade.

Debates

INTERPELANTE:*Vim aqui, para aprender e ser instruído. Podeis instruir-me?*

KRISHNAMURTI: Esta é uma questão verdadeiramente interessante e convém examiná-la profundamente. Que se entende por "aprender"? Aprendemos uma técnica, aprendemos a ser eficientes, no ganho de nosso sustento ou na execução de uma certa tarefa material ou mental. Aprendemos a calcular, a ler, a falar uma língua, construir uma ponte, etc. Aprender é descobrir como se fazem coisas, desenvolver a capacidade de fazê-las. Afora isso, existe outra espécie de "aprender"? Pensai bem nisso, junto comigo.

Quando falamos de "aprender", entendemos acumulação, não é exato? E quando há qualquer forma de acumulação, pode a mente aprender? Aprender só é uma necessidade no sentido de adquirir uma capacidade. Eu nada poderia comunicar-vos, se não falasse uma língua; e para falar uma língua, tenho de aprendê-la, armazenar em minha mente o vocabulário e a significação dos vocábulos - isso é cultivo da memória. De maneira semelhante aprendemos a construir uma estrada, a conduzir um automóvel, etc.

Mas não é isso que pretende o interrogante; ele não veio aqui para aprender a guiar um carro, ou coisa semelhante. O que quer é ser instruído, aprender a descobrir aquilo a que se pode chamar a Verdade, ou Deus, não é isso? Quando procurais um guru, um instrutor religioso, com o fim de aprender, que é que aprendeis? Ele só poderá ensinar-vos um sistema, um padrão de pensamento.E é isso o que desejais de mim. Desejais aprender um novo padrão de comportamento, de conduta, uma nova maneira de viver - e isso, mais uma vez, é cultivo da memória, sob outra forma; e se observardes esse processo com muita clareza, muito atentamente, vereis que ele, na realidade, vos impede de aprender. Isto é muito simples.

Todos sois hinduístas - ou o que quer que sejais - e quando se vos apresenta uma coisa nova, que acontece? Ou traduzis o novo nos termos do velho - e por conseguinte a coisa deixa de ser nova - ou o rejeitais, e é isso o que realmente acontece. Assim, pois, a mente que está acumulando, pensando em conformidade com padrões, a mente recheada de saber e interessada em aprender um novo modo de pensar ou de conduta, essa mente, por certo, nunca aprenderá nada.

E que há para aprender? Quereis aprender algo sobre a reencarnação, Deus, a Verdade? Ao dizerdes: "Instruí-me, ensinai-me, estou aqui para aprender" - que significa isso? É possível ensinar? Ensinar o que? Sabeis muito bem como estar vigilante. Quando há muito interesse, há vigilância completa. Se desejais ganhar dinheiro como advogado, ficais até muito atento, no momento preciso. Quando se deseja com interesse profundo, vital, executar uma coisa, a atenção é despertada plenamente.

A atenção não é uma coisa que se precisa ensinar. Pode-se-vos ensinar a concentrar-vos, mas atenção não é concentração. Como sabeis, a mente só pensa dentro de padrões: como meditar, como construir uma ponte, como jogar cartas, como ler mais rapidamente, como conduzir automóvel, como corrigir o andar, regular a alimentação. De maneira semelhante desejais aprender o caminho que leva a Deus, à Verdade, desejais que alguém vos mostre a via que conduz àquele estado extraordinário. É claro que não existe caminho algum para aquele estado, pois aquele estado não é estático, e se alguém vos diz que há um caminho para lá, vos está enganando. Só pode haver caminho para o que é estático, sem vida. Nem há muitos caminhos para a Verdade, nem há um só caminho; não há caminho nenhum, e aí é que está a beleza da coisa. Mas a mente repele esse fato, porque deseja sentir-se em segurança, e por isso só pensa na Verdade como a segurança definitiva, final; e, assim, busca um caminho por onde alcançar aquela segurança.

Ora, se percebeis esse processo, em sua Inteireza, que há para aprender? E pode-se ser livre pelo aprender? Por favor, refleti junto comigo, sem aceitar e sem rejeitar. Este problema vos concerne. Pode a mente que está aprendendo, acumulando, armazenando, ser livre em algum tempo? E se nunca está livre, como poderá ela investigar, descobrir? E o descobrir, por certo, é essencial; porque descobrir, averiguar, representa o potencial criador do homem. Assim, a mente tem de estar livre de toda e qualquer autoridade - a embriagadora autoridade da chamada religião e dos guias religiosos - porque só então ela é capaz de descobrir o que é a Verdade, o que é Deus, o que é bem-aventurança.

Senhores, se estais realmente prestando atenção ao que se está dizendo, sem o comparardes com o que tendes aprendido, sem vos preocupardes sobre como isso afetará os vossos compromissos, os vossos interesses, vossa posição na sociedade e demais insignificâncias e absurdos - vereis então, imediatamente, que há liberdade e descobrimento.

O aprender não aproximará de vós a Verdade. É só a mente que se acha numa jornada de descobrimento constante, a mente que não está acumulando, que está morta para tudo o que ontem acumulou e está, portanto, nova, purificada, livre - só essa mente é capaz de descobrir o verdadeiro e promover uma revolução neste mundo. Só ela é capaz de amor e compaixão - e não a mente que está praticando o amor e a compaixão, cultivando a virtude por um certo padrão - pois aí só há interesse egoísta.

Sinto ser muito tarde para responder a mais uma pergunta.

Se compreendermos o que significa "prestar atenção", é bem possível que então se realize essa revolução fundamental. Se cada um de nós for capaz de manter-se puramente atento, sem o desejo de produzir algum resultado ou de transformar a si mesmo, ver-se-á então que a mente já não é uma coisa temporal. O tempo só se torna existente pela comparação; e a mente que está comparando não está atenta. Já notastes quanto é difícil observar uma coisa, observar puramente uma qualidade, uma pessoa,

uma idéia, um sentimento, sem tendência para negar, condenar ou justificar a coisa? Quando a mente é capaz de observar por essa maneira, vê-se que a reação nada significa e que naquele estado de atenção completa todo o conteúdo da consciência pode ser apagado.

Afinal de contas, a totalidade de nossa consciência é o resultado de múltiplas influências: a influência do clima, do regime alimentar, da educação, da raça e religião, de nossas leituras, da sociedade, e a influência de nossas próprias intenções e desejos. Espero que estejais a escutar-me com atenção, e não unicamente com a memória, e experimentando, realmente, o fato de que vossa consciência é o resultado de muitas influências. Essas influências são produto humano, e pode a consciência por elas condicionada encontrar alguma coisa além de seus próprios limites, por mais que o tente? Não pode, evidentemente. Só pode "projetar" o seu próprio passado sob um aspecto diferente. A consciência, como vemos, é condicionada, e nada que dela emana pode ser livre; entretanto, só a mente livre pode descobrir.

Ora, quando percebeis que o processo do pensar, em qualquer nível - profundo ou superficial - é condicionado, reconheceis que o pensamento não é o fator libertador. Mas é preciso pensar com muita clareza, para se perceber a limitação do pensar. Todo pensamento emanado da mente condicionada é também condicionado. Quando a mente condicionada pensa em Deus, seu Deus é ela própria. Se a mente está, de todo, cônscia disso e lhe dá muita atenção, vereis então que há liberdade. A mente já não é então um brinquedo da sociedade, não é mais construída peça por peça pelo homem, e só então é ela capaz de experimentar algo transcendente.

2a. Conferência em Madrasta

15 de janeiro de 1958

OBSERVANDO-SE os fatos de cada dia, torna-se bem evidente que, com o próprio esforço para resolvermos os numerosos problemas que nos assediam, só produzimos mais problemas; e parece-me, também, que enquanto não compreendermos os processos do pensamento e, por conseguinte, estivermos impossibilitados de purificar a mente, nossos problemas irão inevitavelmente crescendo e se multiplicando. Embora cada um possa dizê-lo de modo diferente, toda pessoa inteligente está bem cônscia de que a mente tem, de ser purificada; e, para o expressarmos com toda a simplicidade, o que daí decorre é que, enquanto o instrumento com que o homem opera - a mente - não estiver esclarecido, desapaixonado, livre do "eu" com seus inumeráveis preconceitos e temores, tanto conscientes como inconscientes - enquanto a mente não for expurgada de tudo isso, nossos problemas aumentarão sempre. Todos sabemos disso, e toda religião de certa importância o afirma, de diferentes maneiras. Entretanto, por que razão nunca parecemos capazes de purificar a nossa mente? É porque não existem sistemas suficientes, ou porque o verdadeiro sistema ainda não foi inventado ou posto em prática? Ou é porque nem método nem sistema algum pode produzir essa purificação? Certo, todos os sistemas e métodos geram tradições, produtivas de mediocridade mental; e uma mente medíocre, em face de um problema importante, inevitavelmente o traduzirá em conformidade com seu condicionamento.

Isto é, para lidar com qualquer problema importante, humano, percebemos a necessidade de uma mente que esteja esclarecida, purificada de todos os seus preconceitos e dizemos que, para purificarmos a mente, necessitamos de um sistema, um método, uma prática; mas se estamos realmente atentos, percebemos que no próprio praticar de um sistema a mente se deixa por ele prender e, por conseguinte, não pode libertar-se, expurgar-se, purificar-se. Dependente do sistema, a mente traduz o desafio ou a ele corresponde em conformidade com esse condicionamento. Isto também é bastante óbvio, se o examinais.

Temos muitos problemas, em todos os níveis de nossa existência e, para corresponder a esses problemas, a mente tem de ser nova, ardorosa, vigilante. Para produzir essa mente esclarecida, nova, purificada, dizemos ser necessária a prática de um sistema; mas sabemos que no próprio praticar de um sistema, a mente se torna tortuosa, limitada, pervertida. É óbvio, portanto, que os sistemas não libertam a mente, e, penso que esse fato deve ser compreendido perfeitamente, antes de podermos entrar mais fundo na questão que desejo apreciar nesta tarde.

Em geral, pensamos que um método, um sistema, uma prática, libertará a mente ou a ajudará a pensar com clareza. Mas pode qualquer espécie de sistema ajudar a mente a pensar com toda a clareza, sem tendências, livre do centro do "eu", do "ego"? A prática de um sistema não robustece o "eu"? Embora se suponha que o sistema vos ajudará a libertar-vos do "eu", do "ego", ou qualquer termo que preferirdes, para designar essa atividade egocêntrica da mente, a própria prática de um sistema não acentua o egocentrismo, embora num plano diferente?

Está visto, pois, que a mente nunca pode ser libertada por um sistema. Entretanto a nossa mente em geral, está enredada em algum sistema, que é a rotina tradicional, e isso invariavelmente gera mediocridade. É o que aconteceu a quase todos nós, não? A mente que funciona pela rotina dos hábitos, da tradição, antiga ou moderna, - e a isso chamamos conhecimento - defronta-se com um problema imenso, um problema em constante mutação. Pessoal ou impessoal, coletivo ou individual, não há problema estático. Mas a mente é estática, porque presa numa rotina de tradição e de hábitos, apegada a uma certa maneira de pensar; assim sendo, observa-se sempre uma contradição entre a condição estática da mente e o problema em constante mutação, em movimento constante. Essa mente é incapaz de fazer frente ao problema e resolvê-lo.

Afinal de contas, estais atendendo aos problemas como hinduístas, isto é, com a tradição da cultura hindu,exatamente como o católico ou o comunista atende a qualquer problema em conformidade com seu especial condicionamento. Entretanto, os mais de nós concordamos que a mente tem de ser purgada, purificada, para que possa enfrentar a vida, achar Deus, a Verdade, ou como quiserdes chamá-lo.

Ora, desejando enfrentar esse desafio, descobrir aquela coisa nova, dizemos que a mente precisa ser purificada pela prática de um sistema. Mas, se prestamos muita atenção, verificamos que qualquer sistema mutila a mente, não a liberta. Que se deve então fazer? Este é um problema com que todos nos defrontamos, não é verdade? O desafio, que é o mundo, tal como o é hoje, é totalmente , novo, com novas exigências, e não podemos de modo nenhum atender ao novo com as tradições, as idéias, as lembranças e o conhecimento do velho - verdadeiros fatores de deterioração. Pode-se ver que, pela prática de um método, a mente se mutila, que no próprio processo de cultivar a virtude, o "eu" se torna

mais forte. Há necessidade de virtude, porque a virtude produz ordem: entretanto, a virtude que é cultivada, praticada, dia a dia, deixa de ser virtude. Percebendo isso, que deve a mente fazer?

Pode-se ver muito bem que a mente, a fim de poder enfrentar o desafio, enfrentar este mundo estranho, com suas aflições cada vez mais numerosas, suas enormes contradições e frustrações, tem de ser tornada nova, fresca, pura, "inocente". E como produzir esse estado mental? Pode o tempo produzi-lo? Isto é, a mente que está embotada, que é estúpida, medíocre, pode, pelo cultivo do ideal da pureza, da inocência, da claridade, alcançar aquele outro estado, através do tempo? O que é pode ser transformado em o que deveria ser, pelo cultivo do ideal? Quando a mente diz: "Estou aqui e preciso de tempo para alcançar o estado ideal, que se acha lá", que fez ela? Inventou o ideal, separado do fato, e então é necessário o tempo, para transpor essa distância, - pelo menos é isso que dizemos. Temos, pois, como se vê, cômodas teorias para justificar a inevitabilidade do tempo - evolução, progresso pelo desenvolvimento, etc.. Mas, se se examinar muito atentamente a noção do tempo como meio de se alcançar um ideal, ver-se-á que esta noção nasceu de uma atitude extremamente indolente e sutil tendente ao adiamento.

Desde a infância, somos educados na base deste conceito do ideal, do exemplo, da perfeição final, para cuja consecução dizemos ser necessário o tempo. Mas o tempo pode dissolver a atividade egocêntrica do "eu", do "ego", causadora de tantos malefícios? O tempo implica prática, progresso em direção a algo que deveria ser; mas esse algo é "projeção" de uma mente que se acha enredada em sua própria desdita, seu próprio condicionamento. O ideal, pois, o que deveria ser, é produto de uma mente condicionada, projeção de uma mente aflita, uma mente ignorante, cheia de atividades egocêntricas. Por conseguinte, o ideal contém o germe do presente; e se o examinardes muito atentamente, se o considerardes profundamente, vereis que o tempo não pode produzir o expurgo do "eu". Que cabe então à mente fazer?

Compreendeis, senhores? Sistema algum pode resolver este problema. Ainda que pudésseis praticar um sistema durante mil anos, o "eu" continuaria vivo, porque a própria prática de um sistema torna mais forte o "eu". Tampouco pode o ideal, em tempo algum, resolver este problema, porque o ideal requer tempo, para se progredir desde o que é - o fato - até o que deveria ser: e esta perseguição de, o que deveria ser impede a compreensão de o que é. O que é só pode ser compreendido quando a mente está, de todo, livre do ideal, da idéia de progresso através do tempo. Entretanto, são esses os dois únicos recursos com que contais. Servis-vos do ideal como uma alavanca para vos libertardes de o que é, ou praticais um sistema, o que, invariavelmente, gera mediocridade. E a mente medíocre não pode, em circunstância alguma, corresponder a um desafio sobremodo dinâmico e que exige atenção completa. Que deve então a mente fazer?

Não sei se já pensastes, pelo menos um pouquinho, neste assunto. Temos problemas em todos os níveis de nossa existência - problemas econômicos, sociais, emocionais, intelectuais - e sempre nos abeiramos deles com um ponto de vista tradicional ou idealístico. Vamos ao encontro dos fatos com teorias, e pode-se ver muito bem que uma mente dominada pelas fórmulas, pelas conclusões e que engendra uma certa teoria a respeito de um fato, não pode de modo nenhum compreender o fato. Há sempre conflito entre o fato e a teoria; e nossa meditação, nosso sacrifício, nossa prática, que é cultivo da virtude, nunca poderá resolver o problema, porque, cultivar a virtude é robustecer o "eu". O "eu" se torna respeitável, e nada mais. Percebendo isso, que deve a mente fazer?

Vejamos se é possível experimentarmos alguma coisa, nesta tarde. Até aqui, tendes acompanhado o que venho dizendo, que é suficientemente claro e não me parece possais discordar de minhas palavras. Não há nada com que concordar nem de que discordar, porque só estou apresentando fatos. Se discordais, estais apenas negando um fato; e por mais que negueis um fato, ele continua existente. A dificuldade é que a maioria de nós se acha enredada na tradição - tradição como conhecimento, experiência, herdados ou adquiridos - e com essa mentalidade queremos abeirar-nos de um fato, negando-o ou traduzindo-o em conformidade com nosso condicionamento. É isso que realmente está acontecendo dentro de cada um de nós, em diferentes níveis e diferentes graus de intensidade.

Como disse, podemos nesta tarde experimentar alguma coisa - o que significa escutar, não com a memória, a tradição, não com a intenção de ganhar alguma coisa com o escutar, mas com atenção completa? Se formos capazes de escutar dessa maneira, a transformação será imediata - não importa se duradoura ou efêmera. A duração é sem importância, mas o que tem importância é a capacidade de escutar com atenção completa. Se a mente puder afastar de si todas as tradições, opiniões, avaliações, comparações, e pôr-se simplesmente a escutar o que se diz, vereis como, em virtude desta atenção completa, vos tornareis capazes de enfrentar qualquer problema; porque nessa atenção não existe problema algum. O problema é criado pela falta de atenção. A atenção é "o bom", mas "o bom" não pode ser cultivado pela mente - a mente condicionada pela tradição, pelo ambiente, por influências de toda ordem. O importante é possuir a capacidade de atenção, sem nada interpretar ou avaliar; mas não há possibilidade de se praticar essa atenção. Se o fizerdes, reduzi-la-eis ao nível da mediocridade e ela se tornará mera tradição. Mas se a mente puder enfrentar o problema com atenção completa, o problema desaparecerá, porque ela será então uma entidade totalmente diferente, não mais um produto do tempo. E esta é a mente capaz de receber o Eterno.

A dificuldade da maioria de nós é que nunca damos atenção completa a coisa alguma, mesmo quando nos interessa. Quando uma coisa nos interessa, ela nos absorve, assim como um brinquedo absorve a criança; e absorção não é atenção. Mas se sois capazes de escutar completamente, sem interpretação, sem avaliação - e isso significa dar toda a atenção - nesse caso, é possível transcender tudo quanto é tradição e a mente tornar-se sobremodo clara, "inocente", pura. Essa mente é capaz de resolver os problemas da vida.

Debates

PERGUNTA:*Gandhiji recorria ao jejum, como meio de modificar o coração dos outros. Seu exemplo tem sido seguido por muitos líderes, na índia, que consideram o jejum como meio de purificar a si mesmos e à sociedade ambiente. Pode o sofrimento espontâneo ser purificador, e há purificação "vicária"?*

KRISHNAMURTI- Sem nada aceitar nem rejeitar, investiguemos esta questão. Dizem que o sofrimento é necessário como meio de purificar a mente. Filosofias inteiras e religiões estão baseadas nesta idéia de que alguém, sofrendo por vós, vos purifica. Isso é possível? E que entendemos por sofrimento? Há o sofrimento causado pela fome, pelo debilitamento, pela doença, pela deterioração física. Uma sociedade baseada na aquisição e na inveja, há de criar inevitavelmente sofrimentos físicos -

os que têm e os que nada têm. Isto é bem óbvio. E há o sofrimento psicológico: se eu vos amo e vós não me amais, sofro. Se sou ambicioso e desejo preencher-me numa posição preeminente, e algo acontece que me impede de alcançá-la, vejo-me frustrado e sofro. Dizemos que o sofrimento é um processo inevitável, e como tal o aceitamos; nunca pomos isso em dúvida, nunca perguntamos se é necessário sofrer psicologicamente.

E posso sofrer para o bem de outro? Posso transformar a sociedade pelo meu exemplo? Quando há exemplo, que acontece? Estabelece-se a autoridade; o seguir a autoridade gera temor; e o temor gera a mediocridade da mente superficial. Somos criados com base nessa idéia de que o exemplo, o herói, o santo, o guia, o guru, é necessário; e tornamo-nos, assim, seguidores, sem iniciativa própria, discos de gramofone, a repetir o mesmo velho padrão. Quando nos limitamos a seguir, perdemos todo o sentimento de individualidade, a plenitude da compreensão individual, e isso, muito evidentemente, não resolve os nossos problemas.

E também, se é preciso jejuar, porque jejuar publicamente? Porque tanto espalhafato, barulho, publicidade, tanto toque de caixa? Porque desejais produzir impressão no povo, e o povo é facilmente impressionável. E depois, que se segue? As pessoas se transformaram? Vossa intenção, quando jejuais é de impressionar outras pessoas ou de descobrir o vosso próprio estado mental? Se quereis impressionar outras pessoas, isto é de muito pouca significação, já que é um mero expediente político, visante à exploração.

Mas se é vossa intenção realizar a purificação própria, a compreensão, é necessário o jejum? O que é necessário é penetração, clareza mental, não em dados períodos do ano, mas a todos os momentos, o que significa: estar plenamente vigilante, nas relações. É esta vigilância que vos revela o que sois. Não há dúvida de que um estômago repleto torna a mente embotada; mas embotada se torna também a mente que pratica um sistema, para se esclarecer. A mente, de toda evidência, se embota pela prática de uma virtude. E, no entanto, pensamos que sofrer, jejuar, oferecer exemplos, são coisas necessárias para se promover a transformação da sociedade. Positivamente, o exemplo gera a autoridade - não importa saber se ela é nobre, ou estúpida, ou histórica. E quando submetidos à tirania do exemplo, nossa mente está apenas a ajustar-se a um padrão. O padrão pode ser amplo ou estreito, mas é sempre padrão, molde, e a mente que segue um padrão é, sem dúvida, muito superficial.

O ajustamento, evidentemente, é uma maldição. Mediante ajustamento, pode a mente ser livre? A mente precisa escravizar-se para se tornar livre ou a liberdade deve existir desde o começo? A liberdade não é uma coisa que se vai ganhar, como recompensa, no fim da vida; não é a finalidade da vida, porque a mente que é incapaz de ser livre agora, nunca descobrirá o que é verdadeiro.

A sociedade não pode ser transformada pelo exemplo. A sociedade poderá reformar-se, operar certas mudanças pela revolução política ou econômica, mas só o homem religioso pode operar uma transformação fundamental na sociedade; e o homem religioso não é aquele que se submete à fome como um exemplo para transformar a sociedade. O homem religioso não está interessado, em absoluto, na sociedade, porque a sociedade está baseada na aquisição, na inveja, na ganância, na ambição, no medo. Isto é, uma mera reforma do padrão da sociedade só pode alterar a superfície, produzir uma forma mais respeitável de ambição. Mas o homem verdadeiramente religioso está totalmente fora da sociedade, porque não é ambicioso, não tem inveja, não está seguindo nenhum ritual, dogma ou crença; só esse homem pode transformar fundamentalmente a sociedade, e não o reformador. O homem que

quer arvorar-se em exemplo cria conflitos, torna mais forte o medo e faz nascer várias formas de tirania.

É muito estranha esta nossa adoração dos exemplos, modelos, dos ídolos. Não queremos o que é puro, verdadeiro em si mesmo; queremos intérpretes, exemplos, mestres, gurus, para, por seu intermédio, alcançarmos alguma coisa - e tudo isso é puro absurdo, um meio de explorar a outros. Se cada um de nós fosse capaz de pensar claramente desde o começo, ou de reeducar-se para pensar claramente, todos esses exemplos, mestres, gurus, sistemas, se tornariam completamente desnecessários, como realmente são.

Vede, senhores, o mundo, infelizmente, é exigente demais para a maioria de nós; as circunstâncias são-nos pesadas demais, nossas famílias, nossa nação, nossos guias, nossos empregos prendem-nos firmemente, mantêm-nos escravizados - e vagamente esperamos, de alguma maneira, encontrar a felicidade. Mas esta felicidade não vem vagamente, não vem se estais escravizados pela sociedade, se sois escravo do ambiente. Ela só vem, quando a mente está em liberdade - e isso não significa liberdade de pensamento. O pensamento nunca é livre. Mas a mente pode ser livre, e essa liberdade vem, não quando penetramos as múltiplas camadas do inconsciente, analisando a memória dos incidentes e experiências, mas só quando há atenção completa. No processo da auto-análise tem de haver sempre o analista; mas o analista faz parte da coisa analisada, assim como o pensador faz parte do pensamento, e se não compreendeis o problema central, só havereis de aumentar os problemas e criar mais sofrimentos.

A mente não pode ser tornada esclarecida, pura, "inocente", por nenhum método, nenhuma disciplina, nem pela prática de qualquer virtude. A virtude é essencial, mas a virtude cultivada não é virtude. O sofrimento, naturalmente, tem de ser compreendido. Enquanto existir o "eu", o "ego", tem, de haver sofrimento. O homem evita esse sofrimento, mas nesse próprio evitar do sofrimento, ele fortalece o "ego", e todas as suas atividades sociais, suas reformas, só podem criar mais malefícios, mais aflições. Isto também se vos tornará óbvio, se refletirdes um pouco.

Assim, há necessidade de ação completamente dissociada da sociedade, uma maneira de pensar não contaminada pela sociedade, porque só então se tornará possível a verdadeira revolução - que não é revolução superficial, num nível único, econômico, social ou de outra ordem. A revolução total tem de realizar-se no próprio homem e só então a mente pode resolver os crescentes problemas da sociedade.

Agora, tendes escutado tudo isso, concordando ou discordando; mas, como já disse, não há nada com que concordar ou de que discordar. Tudo isso são fatos e, conhecedores desses fatos, que ides fazer? Por certo, é muito importante averiguar isso. Retornareis à sociedade de que sois prisioneiros, ou escutastes com atenção completa? Se escutastes com toda a atenção, esta atenção produzirá sua ação própria e nada tereis que fazer. Isso é como o amor. Amai, e agireis. Mas, sem amor, não importa o que façais - praticando, disciplinando, reformando - o coração nunca se esclarecerá. E é isto que está acontecendo no mundo. Temos exemplos, disciplinas, técnicas maravilhosas e, no entanto, os nossos corações estão vazios, porque repletos das coisas da mente. E quando vazios os nossos corações, as nossas soluções para tantos problemas são também vazias. Só a mente capaz de atenção completa sabe amar, porque esta atenção é ausência do "eu".[sumário]

3a. Conferência em Madrasta

18 de janeiro de 1956

UM dos nossos grandes problemas, quer-me parecer, é saber o que nos cumpre fazer, que espécie de ação empreender, nesta civilização tão confusa e contraditória e exigente. Quase todos somos educados para fazer uma coisa e desejamos fazer outra coisa. O governo quer soldados e burocratas eficientes, e os pais desejam que seus filhos se adaptem à sociedade e ganhem o seu sustento; tal é mais ou menos o padrão adotado no mundo inteiro. A ocupação do indivíduo é determinada principalmente pela sua educação e as exigências da sociedade que o cerca.

Se estais de acordo, vou nesta tarde falar sobre um problema um tanto complicado e se tiverdes a bondade de prestar um pouco de atenção, penso que daí resultará uma ação não cultivada nem moldada por determinado meio social; e essa ação bem pode ser a solução do complicado problema de nossa existência.

Naturalmente, a todos nós interessa a ação, o que é necessário fazer; e "o que é necessário fazer" é geralmente ditado pelo mundo que nos cerca. Isto é, sabemos que temos de ganhar o nosso sustento numa dada função, como engenheiro, cientista, advogado, funcionário de escritório, ou o que quer que seja; e a isso se restringe a nossa superficial cultura, nossa educação. Nossa mente está ocupada, na maior parte do dia, com o meio de ganharmos o nosso sustento, o modo de nos ajustarmos ao padrão de nossa sociedade. Nossa educação limita-se ao cultivo de capacidades e à "memorização" de uma série de fatos, que nos habilitará a passar num dado exame e obtermos um dado emprego; assim, a nossa ação se estabiliza nesse nível, moldando-se de acordo com as necessidades de uma certa sociedade, uma sociedade que se está preparando para a guerra. A industrialização exige mais cientistas, mais físicos, mais engenheiros, e por conseqüência torna-se necessário cultivar essa camada da mente, pois é isso que interessa em primeiro lugar à sociedade.

E, se examinardes bem, reconhecereis que é isto que interessa à maioria de nós: - adaptar-nos às exigências da sociedade. E surge, assim, em nossa vida, uma contradição entre esse nível mental, supostamente educado, e aquela atividade mental profunda, inconsciente, contradição de que bem poucos se dão conta. E se dela nos damos conta, passamos meramente a buscar alguma espécie de satisfação, uma certa solução fácil para as torturas impostas pela necessidade de ganharmos nosso sustento, numa dada profissão, enquanto interiormente desejamos ser ou fazer outra coisa. É isto que está realmente acontecendo, em nossa vida, ainda que não o notemos. Toda ação nascida do nível mental superficial, "educado", é evidentemente ação incompleta, e esta ação parcial se acha sempre em contradição com a ação total do homem. Isto me parece bastante claro.

Isto é, um indivíduo é educado para ser funcionário de escritório, para ser advogado, ou exercer

qualquer outra profissão, e é só isso que interessa à sociedade. Os governos e as indústrias querem cientistas, físicos, engenheiros, a fim de prepararem a guerra, incrementarem a produção, etc. etc. E, assim, cada um é educado para uma certa profissão, mas a totalidade do seu ser fica por descobrir, não revelada, e, por conseqüência, vê-se o homem num perene conflito interior. Acho que isso se torna bastante claro a quem observa as atividades sociais e políticas, e as práticas religiosas do homem. Quase todos fazemos, na vida diária, alguma coisa em franca contradição com o que sentimos ser a verdadeira coisa que desejamos fazer. Temos responsabilidade e deveres que nos escravizam e dos quais gostaríamos de livrar-nos, e a fuga que empreendemos assume o aspecto de especulação, de teorias a respeito de Deus, de ritos religiosos, etc. Há inumeráveis formas de fuga, inclusive o beber, mas nenhuma delas resolve o nosso conflito interior. Que cumpre então fazer?

Não sei se já fizestes, alguma vez, esta pergunta a vós mesmos. Toda ação nascida dessa contradição interior, tem de criar inevitavelmente, mais malefícios e sofrimentos. E é isto justamente o que estão fazendo os políticos, neste mundo. Por mais sensato que seja o político, criará inevitavelmente malefícios se não compreender o movimento total da mente e promover uma ação resultante dessa compreensão. E é sobre isto que quero falar: se se pode promover ação que não seja a ação da mera influência ou "motivo".

Tende a bondade de acompanhar-me um pouquinho mais longe. A ação que é produto da influência é ação limitada. Nossas mentes são o resultado de inumeráveis e contraditórias influências, e toda ação nascida desse estado contraditório tem de der também contraditória. E a cultura, a sociedade, baseada nessa contradição, há de criar, necessariamente, intermináveis conflitos e sofrimentos. Isto também é muito claro é um fato histórico, quer vos agrada, quer não. Pode-se ver que, enquanto a mente está ocupada, à superfície, com o viver de cada dia, existem, abaixo desse nível, uma infinidade de "motivos": Desejos de satisfação, avidez, inveja, os impulsos da paixão, do medo, etc. - com os quais a mente está também ocupada, embora possa o indivíduo não o perceber. E pode a mente descer além desse nível?

Expressando-o de outra maneira: com o que está ocupada a mente? Notai: não a minha mente, mas a vossa mente. Sabeis com o que está ocupada à vossa mente? É óbvio que, durante o dia, ela está sempre ocupada, com o trabalho do escritório, a rotina da profissão. Abaixo dessa ocupação superficial da mente, existe uma ocupação de outra ordem: desejo de proteção, de segurança, ambição, etc. - e esta ocupação, em geral, está em contradição com a outra ocupação.

Para que esta palestra seja frutuosa e significativa, permito-me sugerir-vos escuteis com o fim de observar e descobrir de que modo está ocupada a vossa mente. Desejo examinar este problema da ocupação, porque estou convencido de que, se pudermos compreender perfeitamente a questão da ocupação da mente, nascerá, dessa compreensão uma ação que será a ação verdadeira, ação não nascida da vontade, da disciplina, e portanto não contraditória. Está claro o que estou dizendo?

Isto é, a menos que compreendais a totalidade de vossa ocupação, não é possível a ação "integrada". Vossa mente está superficialmente ocupada, no correr do dia, com as atividades de vosso emprego e outras, mas se acha também ocupada noutros níveis, noutras direções. Existe pois uma contradição entre essas duas camadas da mente, contradição que procuramos vencer pela disciplina, pelo conformismo, por várias maneiras de ajustamento, baseadas todas elas no temor; e a ação, por conseguinte, permanece contraditória; e é isso que se está passando com a maioria de nós. "O que cumpre fazer" não é problema nenhum, porque, quando perguntamos o que cumpre fazer, a resposta que vem está

inevitavelmente em correspondência com os vossos níveis de ocupação e, conseqüentemente, só criará mais contradição.

Ora, com o que está ocupada a vossa mente? Prestai bem atenção a isto. Sabeis com o que a vossa mente está ocupada, todos os dias? Sabeis muito bem que ela se ocupa com os seus deveres e obrigações de cada dia. Abaixo desse nível, com o que mais está ocupada? Estais cônscio da ocupação mais profunda? Se estais, percebereis que ela está em contradição com as atividades diárias; e, ou a mente consegue, de alguma maneira, adaptar-se, ajustar-se às atividades diárias, ou a contradição se torna tão completa que alimenta um conflito perpétuo, conducente a enfermidades de toda ordem.

Agora, senhores, de onde deve partir a ação? Desejo fazer certas coisas no mundo, tenho de ganhar a vida, trabalhar como um mouro; ou desejo pintar, escrever, pensar, ser uma entidade religiosa. Desejo trabalhar de uma certa maneira e, assim, a ação se torna necessária. De que fonte, de que centro, deve emanar essa ação? Eis o problema. Percebo que a ação procedente de qualquer "nível de ocupação", não pode deixar de criar contradição e sofrimentos. Não há diferença entre a ação de uma dona de casa, a ação de um advogado, e a ação da mente que busca Deus. Essas ações podem ser diferentes do ponto de vista social, mas na realidade não há diferença alguma, uma vez que a dona de casa, o advogado, e o homem que busca a Deus, estão todos ocupados. Socialmente, uma ocupação pode ser melhor do que outra, mas fundamentalmente todas as ocupações são mais ou menos a mesma coisa - não há "ocupação melhor".

Assim sendo, de onde deve partir a ação? De que centro deve proceder a ação para não ser contraditória, não produzir malefícios, sofrimentos e corrupção? Pode haver ação procedente de uma fonte verdadeira, que não seja "ação da ocupação"? Estou esclarecendo bem o ponto? Provavelmente, não. Como disse, este é um problema muito complexo, e espero não o estar tornando complicado demais.

Deixai-me expor a questão de maneira diferente. Vossas mentes estão ocupadas, não é verdade? E que aconteceria, se a mente não estivesse ocupada? Que aconteceria a uma dona de casa, se não estivesse ocupada com as coisas da cozinha, ou ao homem que não estivesse ocupado com os seus negócios? Que vos aconteceria, se vossa mente não estivesse ocupada? A reação imediata é de responder que estaríamos ocupados com isto ou aquilo, se não estivéssemos ocupados com o que ora estamos fazendo - o que indica a necessidade que temos, de ocupação. A mente que se vê desocupada, sente-se perdida e, por isso, está sempre em busca de ocupação. Sua ocupação é invariavelmente contraditória, gerando, portanto, malefícios. E depois de criarmos o malefício, nos preocupamos sobre como afastá-lo, e nunca damos atenção à ocupação da mente. Mas se pudermos compreender a ocupação da mente, em diferentes níveis, descobriremos a ação que surge quando a mente já não está ocupada, a ação que não gera malefícios.

Já procurastes averiguar porque a mente está ocupada? Tentai-o agora, senhores, pelo menos para vos distrairdes. Mas, antes de tudo, precisais estar cônscios de que vossa mente está ocupada, como é bem óbvio. Estais ocupado com vossos negócios, vosso progresso ou fracasso, as brigas de vossa mulher convosco, ou vossas brigas com ela, etc. E há a ocupação do sanyasi, do homem dito religioso, que está sempre lendo, murmurando palavras, cantando litanias, celebrando intermináveis rituais, disciplinando-se, adaptando-se ao padrão de um ideal. Tudo isso é ocupação.

Todos vivemos ocupados, não é verdade? É o natural da mente, estar sempre ocupada? Se é esse o seu estado natural - estar ocupada, com coisas elevadas ou com coisas vulgares (o que é muito relativo) - a mente então nunca descobrirá a verdadeira ação. Não pode a mente observar, prestar atenção, descobrir, quando está constantemente ocupada e, sim, apenas, quando é capaz de não estar ocupada. Enquanto a mente estiver ocupada, toda ação nascida dessa ocupação há de ser restritiva, limitada, causadora de confusão. Experimentai para ver como é sutil e difícil ter uma mente que não esteja sempre cheia; entretanto, se há um impulso ardoroso, para descobrir a ação correta, neste mundo louco, confuso e sofredor, tendes de chegar a esse ponto.

Nosso problema, por conseguinte, é: De que fonte, de que centro deve emanar a ação, para que não seja contraditória e causadora de confusão? O reformador social nunca faz esta pergunta, porque ele quer agir, reformar; e no próprio processo de reformação está criando malefícios. Todos os políticos e guias religiosos estão procedendo desse modo. Nem as mais extensas leituras de Escrituras, nem os maiores esforços de adaptação, ajustamento à sociedade, jamais deram solução aos nossos problemas. Pelo contrário, eles se estão multiplicando. Percebendo bem isso, cabe-nos compreender por que razão surgiu este estado de confusão e aflições. Ele surgiu, porque todos queremos ação imediata; e a ação imediata só se pode achar nas camadas superficiais de nossa consciência, procede da ocupação, da chamada mente educada.

Ora, existe ação que não seja resultado de esforço, que não seja da vontade? A ação da vontade é a ação do desejo; e o desejo, educado ou não, refreado ou livre, está circunscrito às camadas superficiais da consciência. Já não notastes, senhores, que quando desejais fazer determinada coisa, surge imediatamente uma contradição, sob a forma de temores coibitivos, exigências, exemplos, um senso de disciplina, que vos diz: "Não façais isto"? E vos vedes, assim, envolvidos em conflito. Em toda a duração de nossa vida, estamos presos nestas redes, da infância à morte, existe este perene estado de contradição e ajustamento. Em vista disso, pode a mente descobrir uma ação que não seja contraditória, que não seja mero ajustamento, que não seja produto de influências? Penso ser esta a questão fundamental, a questão certa. E aquela ação só pode ser achada quando estamos cônscios da total ocupação da mente, e a compreendemos.

Sabeis com que está ocupada a vossa mente? Percorrei-a, camada por camada, e nela não encontrareis espaço algum não ocupado. E quando investigais o inconsciente, para descobrir a sua ocupação, mesmo assim a mente superficial, que está examinando o inconsciente, tem a sua ocupação própria. Que se deve então fazer? Queremos descobrir a total ocupação da mente, porque percebemos que, se dela não nos tornamos conhecedores, toda ação criará necessariamente contradição e, portanto, maiores sofrimentos.

Com que está ocupada a mente, a vossa mente? E, se não estivesse ocupada, que aconteceria? Não vos assustaríeis se descobrísseis que vossa mente não estava ocupada com coisa nenhuma? Surgiria imediatamente o impulso para vos ocupardes com alguma coisa. "Experimentai", e vereis que não há um só momento de desocupação da mente. E se experimentardes um raro momento em que ela não esteja ocupada - e esse é um estado indescritível - então, o "como retornar a esse estado" ou como retê-lo, se tornará vossa nova ocupação.

Estou, pois, alvitrando que só se tornará possível a verdadeira ação quando a mente compreender a totalidade de sua ocupação, tanto consciente como inconsciente, e conhecer o momento em que cessou

a ocupação. Vereis, então, que a ação resultante desses momentos de desocupação, é a única ação "integrada". Quando não está ocupada, a mente não está contaminada pela sociedade, não é produto de inumeráveis influências, não é hinduísta nem cristã, nem comunista, nem capitalista. Por conseguinte, ela própria é uma totalidade de ação, com que não tereis de ocupar-vos e em que não precisais pensar.

Agora, se tivestes a bondade de escutar até aqui com atenção, se não estivestes dormindo, porém escutando com atenção completa, tereis experimentado, diretamente, o estado de não ocupação. Quando falamos ou escutamos, estamos cônscios dos vários níveis de ocupação e de como eles são contraditórios. E cônscia da natureza totalmente contraditória da consciência, descobre a mente um estado em que não há ocupação. Isso traz um senso de ação completamente diferente. Não tendes então de fazer nada, porque a própria mente atuará.

Debates

INTERPELANTE:*Existe em mim um descontentamento profundo, e estou em busca de alívio. Instrutores, como Sankara e Ramanuja, recomendaram a submissão a Deus. Recomendaram também o cultivo da virtude e o seguimento do exemplo dos nossos Mestres. Pareceis considerar tudo isso inútil. Tereis a bondade de explicar porquê?*

KRISHNAMURTI: Porque estamos descontentes, e que há de mau no descontentamento? Evidentemente, estamos descontentes porque - para dizê-lo com muita simplicidade - queremos ser alguma coisa. Se sou bom pintor, pinto para tornar-me mais famoso; se escrevo um poema, sinto-me insatisfeito por não o achar bom e luto para melhorar a minha capacidade. Se sou dessas pessoas ditas religiosas, também neste terreno quero ser alguma coisa. Sigo o exemplo dos vários santos e desejo alcançar nomeada igual à deles. Desde meninos, nos dizem sempre que devemos ser tão bons ou melhores do que outro. Fui criado na base da comparação, da competição, da ambição e, por isso, levo em toda a vida a carga do descontentamento. Propriamente falando, descontentamento é inveja; e nossa cultura religiosa e social está baseada na inveja. Estimulam-nos a ser alguma coisa, para maior glória de Deus. Por um lado, estimula-se o descontentamento, e, por outro lado, queremos achar meios e modos de dominar o descontentamento. Estando descontentes, economicamente, socialmente, recorremos aos exemplos religiosos, a fim de encontrarmos satisfação; meditamos, praticamos disciplinas, a fim de nos livrarmos do descontentamento, ficarmos em paz. Isto está acontecendo com todos vós e eu vos digo que é uma coisa completamente fútil, sem significação nenhuma. Seguir, imitar, obedecer a uma autoridade em assuntos religiosos é coisa má, assim como é uma coisa má a tirania do governo, porque então está completamente perdida a individualidade.

Atualmente, não sois indivíduos, e sim meras máquinas de imitar, produto de um certo meio cultural, um certo sistema educativo. Sois o corpo coletivo, não sois indivíduo, sendo isto muito óbvio. Todos sois hinduístas ou cristãos, isto ou aquilo, com certos dogmas, crenças, o que significa que sois produto da massa. Por conseguinte, não sois indivíduos. Precisais estar totalmente descontentes, para poderdes descobrir. Mas a sociedade não deseja ver vos descontentes, porque teríeis então vitalidade, começaríeis a inquirir, a investigar, a descobrir e, conseqüentemente, vos tornaríeis perigosos para ela.

Infelizmente, o descontentamento de quase todos vós está baseado no desejo de satisfação, e no momento em que vos vedes satisfeitos, desaparece o descontentamento. E então definhais e declinais. Já não observastes como pessoas descontentes quando jovens, perdem esse descontentamento logo que obtêm um bom emprego? Dai ao comunista um emprego rendoso, e lá se foi o seu descontentamento. O mesmo acontece com as pessoas religiosas. Não riais - isto também acontece convosco. Desejais encontrar o mestre certo, o guru certo, a disciplina certa: e o que se encontra é uma gaiola que vos asfixiará e destruirá; e esta destruição se chama "busca da verdade"... Isto é, quereis achar-vos satisfeitos permanentemente, para não sofrerdes perturbação, descontentamento, não terdes o desejo de investigar. Foi isso que realmente sucedeu; e quanto mais antiga a civilização, tanto mais destrutiva, porque a tradição gera sempre mediocridade.

Vemos, pois, que o descontentamento, tal como ora o conhecemos, é meramente desejo de encontrar satisfação permanente. E existe de fato satisfação permanente, um permanente estado de paz? Ou só existe um estado em que nada é permanente? Só a mente que, na sua totalidade, é impermanente, incerta, pode descobrir o que é verdadeiro; porque a Verdade não é estática. A Verdade é sempre nova e só pode ser compreendida pela mente que está morrendo para todas as acumulações, todas as experiências e é, por conseguinte, fresca, jovem, "inocente". Agora, existe descontentamento sem objetivo, sem "motivo"? Compreendeis? A mente cujo descontentamento tem um "motivo" procurará uma conclusão que a satisfaça, destruindo o descontentamento; e, então, a mente definha, declina. Todo nosso descontentamento está baseado em algum "motivo", não? Mas agora estamos fazendo uma pergunta completamente diferente: existe descontentamento sem "motivo", que não seja produto de uma causa? Não deveis investigar e averiguar isso? Ora, tal descontentamento é necessário. Ou empreguemos uma palavra diferente - o que aliás é sem importância - digamos que é um movimento sem causa, sem "motivo". Penso que tal movimento existe, e isto não é mera especulação nem promessa. Quando a mente compreende o descontentamento que tem "motivo", o descontentamento nascido do desejo de satisfação, permanência; quando percebe, realmente, a verdade relativa a esse descontentamento, vem então à existência "a outra coisa". Mas "a outra coisa" não pode ser compreendida nem experimentada, se há descontentamento com "motivo", e atualmente todo descontentamento nosso tem "motivo": não posso alcançar o que desejo, minha mulher não me ama, nada valho assim como sou e, portanto, tenho de tornar-me diferente, e assim por diante. Há esta interminável multiplicidade de causas e efeitos, causadora dessa coisa que chamamos "descontentamento".

Ora, se a mente está cônscia de todo esse processo e o compreende integralmente, percebe a sua verdade, vereis então manifestar-se um movimento sem "motivo" algum - um movimento, uma ação, uma coisa não estática, que se pode chamar Deus, a Verdade, ou como quiserdes. Nesse movimento há beleza infinita, e ele se pode chamar "amor"; porque, afinal, o amor é sem "motivo". Se eu vos amo e desejo algo de vós, isto não é amor -- embora eu lhe dê esse nome - porque, aí, há "motivo". A atividade social ou religiosa baseada em "motivo", ainda que a denominemos "serviço", não é serviço porém, sim, autopreenchimento.

Pode-se descobrir o que é amar sem "motivo"? Isso é uma coisa que se precisa descobrir e que não pode ser praticada. Se disserdes: "Como alcançarei esse amor?" - estareis fazendo uma pergunta sem significação, porque o desejo de alcançá-lo já é um "motivo". Se empregais um método, para alcançar esse amor, esse método só tornará mais forte o "motivo", que é "vós". Vós sois então importante, e não o amor.

Se penetrardes profundamente esta questão - o que é muito difícil e é, em si, meditação - penso que descobrireis um movimento sem "motivo", um movimento sem causa alguma e é esse movimento que traz a paz ao mundo, e não o movimento de vosso descontentamento, determinado por uma causa. O homem em quem se verifica esse movimento sem causa é um homem religioso. é um homem que ama e, portanto, pode fazer o que deseja. Mas o político, o reformador social, o homem que cultiva a virtude, a fim de ser feliz ou de conhecer Deus, o homem, cujos esforços são o resultado de um "motivo", num nível qualquer, - as atividades desse homem só podem gerar ódios, antagonismos e sofrimentos.

Eis porque muito importa que cada um de nós descubra por si mesmo, deixando de seguir Sankara, Ramanuja, Buda ou Cristo. Para por nós mesmos descobrirmos, acharmos uma coisa, temos de ser livres; e não somos livres, se meramente citamos Sankara ou outra autoridade qualquer. Se seguimos, nunca achamos. Assim, pois, a liberdade está no começo, e não no fim. A liberdade precisa ser buscada agora, não no futuro. Liberdade significa estar livre de autoridade, da ambição, da avidez. da inveja, do descontentamento que tem "motivo" e exige resultados, e que asfixia o verdadeiro descontentamento.

Torna-se necessária uma revolução, não dentro do padrão da sociedade, porém dentro de cada um de nós, a fim de que nos tornemos indivíduos totais e não pequenos Sankaras, pequenos Budas, pequenos Cristos. Temos de empreender a jornada sozinhos, completamente desacompanhados, sem ajuda de ninguém, de nenhuma influência, de nenhum estímulo ou desestímulo; porque, então, já não existe "motivo" algum. A própria jornada representa o "motivo", e só os que a empreendem produzirão algo novo, algo não corrompido, neste mundo - e não os reformadores sociais, os "beneméritos", os mestres e seus discípulos, os pregadores de fraternidade. Estes nunca trarão paz ao mundo. São eles os verdadeiros malfeitores. O "homem da paz" é aquele que repele toda autoridade, que compreende, em todos os seus aspectos, a ambição, a inveja, que se desprende totalmente da estrutura desta sociedade aquisitiva e de todas as coisas envolvidas de tradição. Só então a mente é nova. E é necessária uma mente nova, para encontrar Deus, a Verdade - ou como quiserdes chamá-lo - não uma mente fabricada pela sociedade, pela influência.[sumário]

4a. Conferência em Madrasta

29 de janeiro de 1956

PARECE-ME que uma das coisas mais difíceis é descobrirmos por nós mesmos o que estamos buscando, coletiva ou individualmente. Alguns dentre nós, porventura, desejam melhorar a sociedade, produzir igualdade econômica e igualdade de oportunidade para todos, de acordo com o padrão socialista, comunista ou outro qualquer, esperando dessa maneira promover o bem-estar do homem. Ou talvez estejamos tentando descobrir, como indivíduos, o que significa esta vida, por que sofremos, por que razão só nos são dados raros momentos de alegria. Há o fim inevitável, que chamamos a morte, e o medo do aniquilamento completo. E, assim, vive a nossa mente na esperança de encontrar um

remédio, um sistema econômico ou religioso que, pelo menos temporariamente, resolva os nossos múltiplos e difíceis problemas. Outros estão à procura de um melhor sistema de criar ou educar os filhos, a fim de que o ente humano não se veja forçado a sustentar esta luta tremenda de competição, comparação, avidez, inveja e apetites lascivos.

Assim, parece-me de grande importância averiguarmos o que é que estamos buscando, individualmente e bem assim coletivamente. Quando aqui estais sentados, a escutar, que é que estais escutando? E qual o "motivo", a intenção, o impulso que não só vos faz escutar agora, mas também vos impele constantemente à busca, à luta? A busca é individual ou é coletiva?

Isto é, todos queremos alguma coisa, estamos sempre a tatear, em busca de algum objetivo. Alguns pensam ter encontrado um sistema econômico que resolveria os problemas do mundo, se fosse possível que todos escutassem e se deixassem organizar. Outros não estão interessados nas massas, porém tentando individualmente fazer nascer um mundo melhor, pela compreensão de si mesmos ou pela "realização" de Deus, da Verdade - ou como quiserdes chamá-lo.

Importa, pois - não achais? - estejamos cônscios do que estamos a buscar e por que razão buscamos. Enquanto, deliberadamente, não nos pusermos cônscios daquilo que a mente está lutando por alcançar, da razão por que ingressamos em organizações várias, seguimos um certo guru, ou vivemos em conformidade com certo padrão que promete uma sociedade bem organizada - enquanto não estivermos cônscios do significado de todo esse processo, penso que a coisa que estamos lutando por alcançar e aquilo que alcançamos terá muito pouca significação.

Os mais de nós desejamos uma sociedade bem organizada, não baseada nos valores da ambição, da aquisição, da avidez, da inveja. Qualquer homem inteligente deseja o advento de uma sociedade desta natureza; e deseja também saber se há algo mais importante do que a manutenção da vida física, algo que se encontre além da ação e reação da mente - chamai-o Amor, Deus, a Verdade, ou como quiserdes. Creio que a maioria das pessoas deseja um mundo são, bem organizado e bem equilibrado, onde não exista pobreza nem degradação, e onde não existam uns poucos opulentos ou aqueles poucos que se tornam extremamente poderosos e tirânicos, em nome do proletariado, etc. etc. Desejamos criar um mundo diferente. É isso, por certo, o que desejam as pessoas inteligentes, as pessoas sensíveis e compassivas, e é isso que estão lutando para criar. E percebemos também que a vida não é meramente um movimento de produção e consumo, não é verdade? A existência deve ser algo mais vital, mais significativo, mais interessante.

Pois bem. É isso o que quase todos desejamos, e por onde começaremos Se percebo que isso é importantíssimo para os entes humanos, em todas as partes, de que lado devo colocar-me, para trabalhar? Devo dedicar minha vida, minhas energias, minha atividade à criação de um mundo são, ordeiro, bem equilibrado, um mundo sem tiranias nem pobreza, um mundo em que uns poucos não disponham da vida de milhões, pelo emprego da violência, dos campos de concentração, etc.? Devo começar, interessando-me pelo melhoramento do mundo e pelo bem-estar econômico do homem? Ou devo começar no terreno psicológico, que no fim sempre domina o outro? Ainda que criássemos um mundo bem organizado e eqüitativo, não iria o homem que ambiciona o poder, o homem cujo impulso psicológico é alcançar posição, prestígio, implantar novamente o caos e a aflição? Onde começar, pois? Devemos dar a primazia ao plano psicológico ou ao plano físico, econômico?

Este é um problema que desafia a todos nós; não vo-lo estou inculcando. É portanto evidente a necessidade de uma revolução de certa espécie. Deve a revolução ser econômica ou religiosa. Eis a verdadeira questão. Considerando-se as condições sem precedentes do mundo - onde se vê tanta violência, miséria, confusão, a propaganda espalhafatosa dos vários especialistas - não merece atenção este problema, se estais verdadeiramente interessado em investigar, descobrir por vós mesmo se, como indivíduo, podeis contribuir para a revolução fundamental? Se a revolução for simplesmente econômica, não creio que terá muita significação. No meu sentir; a revolução deve ser religiosa, isto é, psicológica. Para mim, o mais importante é ter a capacidade de despertar uma diferente maneira de pensar, de promover uma total revolução da mente. Porque, em verdade, é a mente que nos interessa, já que é capaz de fazer uso de qualquer sistema, em seu próprio proveito. Quaisquer que sejam as leis ou sanções postas em vigor, a mente continuará a trabalhar para seu próprio benefício. Temos visto isso acontecer através da história, nas sucessivas revoluções.

Nessas condições, como parece, - aos que estão cônscios da imperiosa necessidade de revolucionar a mente - que deve realizar-se a revolução? Quando digo "religioso" não quero dizer dogmático, tradicional, não quero significar a aceitação desta ou daquela doutrina ou crença; para mim, essas coisas não são religiosas. As pessoas que observam certos cerimoniais, que vestem trajes sagrados, cobrem a cabeça com uma certa coisa ou meditam um certo número de horas por dia, tais pessoas não são, absolutamente, religiosas. Estão unicamente aceitando a autoridade e seguindo-a sem reflexão. Religião, sem dúvida nenhuma, é coisa completamente diversa.

Agora, como realizar essa revolução da mente? Penso que só se realizará ela quando compreendermos a totalidade da consciência, coisa muito complicada, como quase tudo na vida. Se a mente for capaz de compreender inteiramente o seu próprio mecanismo, terá então a possibilidade de libertar-se do coletivo e produzir a revolução interior.

Atualmente não sois um verdadeiro indivíduo, sois? Podeis ter casa própria, um nome próprio, conta bancária própria e certas qualidades, idiossincrasias, capacidades; mas é isso que constitui a individualidade? Ou só há individualidade quando compreendemos o processo coletivo da mente? A mente, afinal de contas, é resultado do coletivo; é moldada pela sociedade, produto de inumeráveis condicionamentos. Quer sejais hinduísta, ou maometano, ou cristão, ou comunista, sois resultado de condicionamento da educação, de influências sociais, econômicas e religiosas, que vos fazem pensar de uma certa maneira. Sois, portanto, produto do coletivo; e pode a mente libertar se do coletivo? Por certo, é só então que existe a possibilidade de pensar de maneira totalmente nova, e não de acordo com alguma religião ou ismo, ocidental ou oriental. Nossos problemas requerem uma solução que não seja tradicional, que não esteja de acordo com nenhum padrão ou sistema de pensamento. A questão pois é de saber se a mente pode libertar-se do passado, de todas as influências herdadas e descobrir algo totalmente novo, algo nunca dantes experimentado e que se pode chamar Realidade, Deus, ou como quiserdes. Está claro isto?

Temos uma série assustadora de desafios para enfrentar, não é exato? O desafio é sempre novo; e enquanto a mente estiver condicionada pela crença, cativa da tradição, moldada de acordo com dado padrão, poderá corresponder adequadamente ao novo? Naturalmente, não poderá. No entanto, os mais de nós nos achamos nesta situação. Os políticos, os especialistas, as pessoas ditas religiosas, todos só reagem de acordo com um "fundo" condicionado, o que significa que sua reação é sempre inadequada e, portanto, criadora de mais e mais problemas. Aceitamos como inevitáveis esses problemas, como parte

do processo do viver, e com eles nos conformamos; mas deve haver uma maneira diferente de atender a esta questão.

Isto é, pode a mente "descondicionar-se"? Prestai atenção, por favor. Não digais nem "sim" nem "não"; averigüemos juntos se a totalidade da mente - não só a mente consciente, ocupada com os fatos diários, mas também as camadas mais profundas, a mente que está condicionada para pensar de acordo com a tradição em que foi educada. Averigüemos juntos se essa mente pode libertar-se de todos os condicionamentos. E essa libertação depende do tempo ou é imediata? A mente condicionada poderá afirmar que o seu "descondicionamento" tem de processar-se gradativamente, durante um certo período de tempo; mas essa própria asserção bem pode ser mais uma reação do seu condicionamento.

Tende a bondade de acompanhar o processo de vossa própria mente, e não apenas o que estou dizendo. Rir-se disso, ou aceitá-lo, ou negá-lo, seria evidentemente absurdo, porque a questão, necessariamente, continuará a surgir. Muitos de nós recebemos, como parte de nosso condicionamento, a idéia de que o "descondicionamento" da mente é um processo gradual, que se estende através de várias vidas, exigindo a prática de disciplinas, etc. Ora, tal pode ser o mais errôneo modo de pensar e o "descondicionamento" da mente pode ser, muito ao contrário, uma coisa imediata. Eu acho que ele é imediato, e isto não é mera opinião. Se examinardes o processo total de vossa mente, vereis que ela é resultado do tempo, de experiências e conhecimentos acumulados e que sua reação provém sempre desse fundo; e, assim sendo, ao afirmardes que o descondicionamento da mente só pode processar-se gradualmente, estais apenas reagindo de acordo com vosso condicionamento. Mas, se não reagis de maneira nenhuma, porém ficais apenas a escutar, porque não sabeis - pois de fato não sabeis se a mente pode ser "descondicionada" imediatamente ou não - haverá então possibilidade de se descobrir a verdade relativa a esta questão.

Há os que dizem que a mente nunca pode ser descondicionada e que é necessário condicioná-la melhor. "Antigamente ela era condicionada para adorar a Deus - uma fantasia, um mito, uma irrealidade - condicionemo-la agora de maneira melhor" - ou seja, para a adoração do Estado, representado pelos poucos, os especialistas desta ou daquela ideologia. Para essas pessoas, o problema é muito simples. Afirmam elas que a mente não pode ser descondicionada e, portanto, o que as preocupa é apenas a melhoria do seu condicionamento. Mas o que elas afirmam é também mero dogmatismo e nenhuma investigação se faz para descobrir o que é verdadeiro. Certo, para descobrir o que é verdadeiro, a mente nada pode afirmar, nada aceitar nem rejeitar.

Agora, qual o estado da mente - e espero que vos acheis nesse estado - que não aceita nem rejeita? Por certo, ela está então livre para investigar. E quando a mente está livre para investigar, já não está descondicionada? Quando está investigando, não superficialmente, curiosamente, porém com persistência, com sua total capacidade de descobrir, a mente está, de certo, livre de todos os dogmas religiosos e políticos, já não pertence a religião alguma, não está presa nas redes de nenhuma crença ou ideologia, não depende de nenhuma autoridade. Só a mente que é livre para investigar, descobrir, pode promover a revolução religiosa, que se torna tão necessária. Uma mente livre é verdadeiramente religiosa, porque é fresca, "inocente" nova. E, então, talvez essa própria mente seja o Real.

Debates

PERGUNTA:*Dizeis que o seguir a tradição gera invariavelmente mediocridade. Mas não nos sentiremos desorientados, sem nenhuma tradição?*

KRISHNAMURTI: Que entendeis por "tradição"? A transmissão, de pais a filhos, por escrito ou oralmente, de uma crença, um costume, de experiência, conhecimento científico, musical, artístico, religioso, ou moral. Por certo, é isso o que entendemos por "tradição". E quando, vãmente, estou repetindo as tradições que me foram transmitidas, essa repetição torna-me a mente embotada, medíocre. O conhecimento é necessário para o exercício de certas profissões. Para construir uma ponte, dividir o átomo, operar um motor, produzir as muitas coisas que nos são necessárias na vida moderna, é imprescindível o conhecimento; mas se o conhecimento se torna tradicional, a mente deixa de criar e fica funcionando, apenas, de maneira mecânica. Há máquinas que calculam muito mais rapidamente do que o homem; e se, religiosamente ou por outras maneiras, nos limitamos a aceitar a tradição, não há dúvida que ficamos funcionando exatamente como máquinas. A tradição nos oferece uma certa segurança, na sociedade, e temos medo de sair dessa trilha. Temos medo do que digam de nós os vizinhos; temos uma filha para casar e, portanto, precisamos ter cuidado. Nossa mente, como é fácil observar, funciona de maneira tradicional e por essa razão nos tornamos medíocres e perpetuamos os nossos sofrimentos.

Verbalmente, reconhecemos esse fato mas interiormente e em nossa ação, não o reconhecemos, porque todos desejamos a segurança. E a segurança é uma coisa muito estranha. No momento em que a buscamos, criamos invariavelmente circunstâncias e valores produtivos de insegurança - como se vê acontecer no mundo, hoje em dia. Todos estamos em busca de segurança, em todos os sentidos - segurança econômica, social, nacional - e no entanto esse próprio desejo de segurança está produzindo mais caos e aumentando a insegurança.

A mente, pois, funciona dentro da rotina da tradição, porque aí espera encontrar segurança; e uma mente em segurança não é livre para descobrir. Não se pode repudiar a tradição, mas se se compreender o seu processo total, as suas conseqüências psicológicas, veremos que a segurança já não terá significação nenhuma e não será mais necessário "repudiá-la", porque ela cai por si mesma, qual uma folha seca.[sumário]

PERGUNTA:*Há vários sistemas de meditação para a "realização" da divindade individual, mas parece que não credes em nenhuns deles. Que pensais ser a meditação?*

KRISHNAMURTI: Não importa muito saber o que uma pessoa pensa ser a meditação, porque o pensamento é sempre condicionado. Mas, por certo, é de suma importância descobrir que o pensamento é condicionado. Não há livre pensamento, porque pensamento é reação da memória, e se não tivésseis memória, seríeis incapaz de pensar. A reação da memória, que é condicionada, é o que chamamos pensar. Portanto, não interessa o que pensamos acerca da meditação, mas, sim, descobrir o que é meditação.

A mente incapaz de atenção completa - não concentração, porém atenção completa - nunca será capaz

de descobrir nada novo. A meditação, pois, é necessária. Mas o que em geral nos interessa é o sistema, o método, a prática, a postura, a maneira de respirar, etc. etc. Não estamos interessados em descobrir o que é meditação, porém em "como" meditar, e acho que há uma vasta diferença entre as duas coisas. Para mim, meditação é o próprio processo de descobrir o que é meditação; não é a observância de um sistema, por mais antigo que seja e não importa quem o tenha ensinado. Quando a mente segue um dado sistema ou disciplina, por mais benéfico e por mais produtivo que seja de um desejado resultado, fica por ele condicionada, é óbvio; por conseguinte, nunca estará livre para descobrir o que é real. Estamos, pois, procurando averiguar o que é meditação, e não "como meditar"; e se estiverdes dispostos a escutar, não apenas no nível verbal porém de maneira real, descobrireis por vós mesmo o que ela é.

Sabeis o que é meditação? Só o podeis saber de acordo com um sistema, porque dela desejais um certo resultado. Desejais ser feliz, alcançar este ou aquele estado e, assim, vossa meditação é premeditada. Por favor, não riais, mas prestai atenção. Vossa meditação é mera repetição, porque desejais um resultado já estabelecido na vossa mente: ser feliz, ser bom, descobrir Deus, a Verdade, a Paz, o que quiserdes. "Projetastes" o que desejais e achastes um método para o alcançardes: a meditação, como a entendeis. Essa "projeção", afinal de contas, é o resultado, o oposto, do que tendes, do que sois. Porque sois violento, quereis paz e procurais um sistema, um método para alcançardes esse estado; mas no próprio processo de alcançar essa paz, condicionais a vossa mente, tornando-se ela incapaz de descobrir o que é a paz. A mente apenas projetou, da própria violência, a idéia da paz.

Em geral, pensamos que aprender a concentrar-se é meditação. Mas é? Qualquer criança se concentra, quando se lhe dá um brinquedo novo. Quando executais um trabalho, se ele vos interessa, ficais todo concentrado nele, ou vos concentrais porque dele depende o vosso sustento. Mas nada verdadeiramente vital depende da vossa chamada meditação, e por isso tendes de forçar-vos a concentrar-vos; vossa mente divaga e ficais lutando e lutando para fazê-la voltar. E isso, por certo, não é meditação; significa simplesmente aprender uma habilidade: a habilidade de concentrar-vos numa coisa em que não estais vitalmente interessado. E pode-se ver que uma virtude que se pratica, já não é virtude. A virtude é algo que não tem motivo. A bondade não tem incentivo. Se tens incentivo, já não é bondade. Se sou bom, porque daí me advém uma certa recompensa, isso já não é ser bom. E para não depender de recompensas e incentivos, minha mente tem de passar por uma revolução total, mediante educação correta. Tudo isso é meditação.

Por certo, não pode existir meditação sem autoconhecimento; e autoconhecimento é perceber como a mente busca incentivos, como se serve de sistemas e disciplina a si mesma, a fim de alcançar o que ambiciona, o que espera ganhar. Estar cônscio de tudo isso é meditação, pois meditação não significa apenas esforçar-se para tranqüilizar a mente. A tranqüilização da mente é muito fácil, bastando tomar uma droga ou repetir certas frases; mas, em tal estado, a mente não está tranqüila. Só está tranqüila, quando compreende o que é meditação. A mente tranqüila não está dormindo mas, sim, sobremodo vigilante; mas a mente que foi posta tranqüila, está estagnada, e a mente estagnada nunca compreenderá o que existe além dos seus próprios limites. Só pode a mente descobrir o que existe além, quando compreende o seu processo total; e essa compreensão requer atenção completa, vigilância plena, por parte da mente, para descobrir o significado de suas próprias atividades. Não é necessário praticar nenhum sistema de disciplina. Porque a observação da mente por si própria, sem nada desfigurar, já é em si uma extraordinária disciplina. Para não desfigurar o que vê, a mente deve estar livre de toda tendência para a comparação, o julgamento, a condenação - livre, não ao fim de certo tempo, porém justamente no começo. E isso requer imensa atenção. Vereis então que a mente se tornará tranqüila de todo - não apenas no nível superficial, porém muito profundamente - sem ser impelida a tornar-se tranqüila. Em certos momentos raros, pode ocorrer-nos uma experiência de tranqüilidade; mas essa

mesma experiência se torna um empecilho, porque se torna memória, coisa morta.

Assim, para termos a mente tranqüila, havemos de morrer para todas as experiências; e quando a mente se acha verdadeiramente tranqüila, então, nesta mesma tranqüilidade, algo se manifesta, que não se pode exprimir por palavras, porquanto não há possibilidade de reconhecimento. Tudo o que é reconhecível, já é coisa sabida; e quando a mente se acha tranqüila, está completamente libertada do conhecimento.
[sumário]

5a. Conferência em Madrasta

1 de fevereiro de 1956

PARECE-ME que uma das coisas mais difíceis da vida, é saber olhar qualquer coisa como um todo, ter o senso da totalidade das coisas; e acho de grande importância compreender por que razão a mente tão invariavelmente fragmenta a ação imediata em padrões, em parcelas, por que razão parece incapaz de apreender, num relance, o total significado da existência. Não sei se já considerastes, por pouco que seja, esta questão, deste ponto de vista. Em geral, nos acercamos das complexidades, dos problemas, das misérias e lutas da vida, com uma visão parcelada, uma mente diminuída, condicionada, moldada pelo meio social ou cultural, pela sociedade em que vivemos. Nunca parecemos capazes de apreender imediatamente o significado de coisa alguma. Em vez de abraçarmos, num só olhar, a árvore inteira, parece que primeiro só lhe vemos uma folha e, depois, gradualmente, começamos a ver a árvore inteira. Assim sendo, acho importante averiguar porque a mente, pelas aparências, não é capaz de perceber de pronto a verdade contida numa coisa, e de deixar essa verdade operar, em vez de querer ela própria atuar sobre a verdade. Afinal de contas, a Realidade, Deus, ou como quiserdes chamá-lo, não pode ser conhecido pouco a pouco, não pode ser juntado peça por peça, como uma roda; tem de ser percebido imediatamente, porque do contrário não o podemos ver.

Fomos em geral preparados, penso eu, para considerar este problema com uma acumulação de conhecimentos, por meio de análise ou da prática da virtude. Se observamos as atividades diárias de nossa mente, todas as suas maneiras de operar, percebermos que ela está sempre colecionando, aprendendo, adquirindo, compondo as coisas pouco a pouco e esperando, desse modo, apanhar algo existente além desse processo de acumulação; e isso pode ser o mais grave dos erros.

Que é que estamos buscando os mais de nós? Se somos hinduístas, ou cristãos, ou outra coisa qualquer, todos estamos tentando descobrir algo existente além do mero processo da mente, não é verdade? É esta busca que chamamos religião. Praticamos disciplinas várias, meditamos de acordo com certos sistemas, sempre na esperança de encontrarmos aquilo que não é meramente o resultado de uma mente cultivada. Mas, sem dúvida, para se compreender e experimentar o que existe além da mente, é necessário, não a observância meticulosa de um processo de abandono do "eu", do "ego", do "meu", mas o completo abandono dele, sem nenhum processo de "cultivo". Não sei se estou esclarecendo bem este ponto. Embora reconhecendo a importância de nos livrarmos do "eu", do "ego", todas as nossas

atividades, todos os nossos pensamentos, e práticas, e disciplinas religiosas, estão, com efeito, nutrindo o "eu". E, percebendo a futilidade do analista e da coisa analisada, percebendo que as várias modalidades de substituição, as várias disciplinas só estão sutilmente reforçando o "eu" e constituindo, por conseguinte, um empecilho - percebendo tudo isso, pode a mente abandonar de todo esse processo?

Expressando-o de maneira diferente: nossas mentes estão condicionadas, não? A civilização, a sociedade em cujo meio somos educados, e várias outras influências, moldam-nos a mente, desde crianças, para sermos hinduístas, comunistas, etc. E pode a totalidade da mente - tanto a consciente como a inconsciente - ser "descondicionada", não gradualmente, pouco a pouco, porém instantaneamente? Esse é, sem dúvida, um dos nossos problemas. Nossas mentes são moldadas, condicionadas, conservadas num molde; e por mais que a mente se esforce para quebrar o molde em que se acha presa, o próprio esforço que faz, resulta de seu condicionamento, porque o pensador não está separado do pensamento; o produtor do esforço para fugir da prisão do "eu", faz parte também do "eu". Não é exato isto? E quando o percebemos, e compreendemos a sua verdade, pode a nossa mente abandonar de todo essa maneira condicionada de pensar?

Seria conveniente considerarmos aqui o problema do escutar, o que significa escutar uma coisa. Quando escutamos o que outro diz, de que maneira o escutamos? Se escutamos com a intenção, o desejo. de acharmos alguma coisa, o desejo de descobrir, de aprender, não há então a verdadeira escuta, porque estamos interessados numa aquisição. O escutar se torna então mero ouvir, sem muita significação. Mas se somos capazes de escutar com aquela atenção que não visa a objetivo algum, acho que então acontece algo revolucionário, inesperado, não premeditado.

Sabeis, senhores, que, como dizia há dias, todos estamos em busca de alguma coisa; e os mais de nós não sabemos o que é que realmente estamos buscando. Para buscar, investigar, requer-se, em primeiro lugar, liberdade; mas nós, evidentemente, não somos livres e nossa busca, por conseguinte, nada significa. Ela é apenas um desejo de mais conforto, mais segurança, e, assim sendo, somos prisioneiros de nosso desejo. O que buscamos é o preenchimento de nossos próprios anseios e aspirações, e por isso nossa busca não é a verdadeira busca. Se observarmos a nós mesmos, notaremos a existência desse desejo constante de encontrar um pouco de paz, alcançar um permanente estado de conforto, de perfeita segurança; e esse desejo nos faz seus prisioneiros desde o começo.

Por conseguinte, o que me parece importante não é descobrir se há uma Realidade, Deus, isto ou aquilo, porém compreender o processo de nossa própria mente. Sem autoconhecimento, sem conhecermos a nós mesmos, toda busca que empreendermos, será de todo vã. Mas é muito difícil conhecermos a nós mesmos? O "eu" é constituído de nossos desejos, nossa avidez, nossas ambições, "motivos", invejas, e das crenças que a mente abriga. E conhecer esse processo, em sua totalidade - tanto no nível consciente como no inconsciente - é verdadeiramente essencial, para que possamos descobrir qualquer coisa nova. E isso, no entanto, não nos preocupa. Não nos interessa o autoconhecimento, o conhecimento das operações de nossa própria mente. Pelo contrário, procuramos sempre evitá-lo, impondo à mente certos padrões, de acordo com os quais procuramos viver.

Decididamente, o começo da sabedoria está no autoconhecimento. Desconhecendo a nós mesmos, que somos uma entidade muito complexa, todo o nosso pensar tem muito pouca significação. Se a mente desconhece os seus próprios preconceitos, suas vaidades, temores, ambições, avidez, como será capaz

de descobrir o que é verdadeiro? Ela só pode é especular a respeito do verdadeiro, ter crenças, dogmas, impor restrições a si mesma, pensar mecanicamente, seguir a tradição, e desse modo criar mais e mais problemas. O importante, por conseguinte, é compreender as operações do "eu"; e compreender o "eu" não significa alterá-lo, não significa negá-lo ou controlá-lo, porém, observá-lo. Se desejo compreender uma coisa, não posso condená-la, não é verdade? Se desejo compreender uma criança, não devo condená-la nem compará-la com outra criança; devo estudá-la, observá-la, notar todas as suas maneiras. De modo semelhante, se desejo compreender o processo total de minha mente, tenho de observar, pôr-me vigilante, passivamente cônscio do meu modo de falar, dos meus gestos, dos "motivos" ocultos; e isso não é possível, se condeno ou comparo. Penso que compreender a totalidade da mente é, com efeito, a coisa mais importante da vida. E só se podem observar as operações da mente, nas relações, uma vez que nada pode existir em isolamento. Só existimos em relação; e as relações são o espelho em que se observam as atividades mentais.

A mente, pois, é condicionada, resultado do passado; todo o nosso pensar é "processo" do passado. E o problema consiste em saber se a mente, em tais condições, pode compreender o Atemporal, o que existe além dela própria. Como acentuei outro dia, o que se faz necessário é uma revolução religiosa. E a revolução religiosa só se pode verificar, quando cada um de nós se liberta de todos os dogmas, crenças e rituais. Por certo, só então é a mente capaz de compreender a si mesma e alcançar aquele estado em que não há pensar - pois pensar é movimento do passado.

Atualmente, procuramos resolver os nossos problemas pela ação do pensamento; e foi o próprio pensamento que criou os problemas, pois o pensamento é resultado, "processo" do passado. Todo pensar é condicionado. Se observardes, vereis que não há livre pensamento, porque pensar é um movimento do passado, reação da memória. Entretanto, estamos fazendo uso do pensamento, como meio de descobrir o Verdadeiro! Mas o que é verdadeiro só pode ser descoberto quando a mente se acha tranqüila de todo, sem ter sido posta tranqüila, sem ter sido disciplinada, coagida. Só se torna existente a tranqüilidade, quando, por meio do autoconhecimento, se compreende a totalidade da mente. O autoconhecimento vem-nos pela vigilância, pela atenta observação do pensamento, observação em que não existe uma entidade observando o pensamento. Só se torna existente o observador do pensamento, quando há condenação, quando há um desejo a dirigir o pensamento. Afinal de contas, o pensador faz parte do pensamento, não é exato? Mas separamos o pensador do pensamento, por razões de segurança própria. Criamos esta divisão, em virtude de nosso desejo de termos uma entidade permanente, a que chamamos espiritual. Mas se observardes com muita atenção, vereis que não há permanência de espécie alguma. Só há pensar, e o pensar é movimento do passado, da experiência, do conhecimento.

Ora, enquanto existir pensador separado do pensamento, tem de haver conflito, "processo" da dualidade, intervalo entre a ação e a idéia. Mas não pode a mente "experimentar" aquele estado extraordinário em que só há pensar e não existe pensador, se se põe vigilante, sem condenar ou comparar? O processo condenatório e comparativo constitui a característica do pensador separado do pensamento. Só existe pensamento, e o pensamento é impermanente. Percebendo a impermanencia do pensamento, a mente cria o permanente - Atman, "eu superior", etc. Mas esse permanente é ainda processo de pensamento. O pensamento é condicionado, resultado do passado, de experiência e conhecimento acumulados, e portanto nunca conduzirá ao desconhecido - o atemporal. Afinal, o "eu", o "ego" nada é senão um feixe de lembranças; e ainda que lhe atribuamos uma qualidade espiritual, um valor permanente, ele continua a existir na esfera do pensamento, sendo, portanto, impermanente.

O mais difícil, para a maioria das pessoas, é abandonar essa qualidade "permanente" da mente, que é invenção dela própria. A maioria deseja a permanência sob esta ou aquela forma e, assim, a mente atribuiu uma qualidade de permanência àquilo que ela chama Realidade,Deus. Certo, nada existe permanente. A Realidade não é contínua, não é permanente, porém uma coisa que se precisa descobrir momento por momento. Quando a mente tem uma "experiência" momentânea de algo real, logo deseja tornar permanente essa realidade, e o permanente se torna assim passado, fica aprisionado na esfera do tempo. Mas só pode existir o novo quando o passado é morto. Eis por que precisamos morrer para todas as experiências. Só quando a mente é simples, fresca, inocente, completamente livre do conhecimento, é capaz de percepção imediata.

Toda forma de experiência se torna mais um meio de reconhecimento, não é verdade? Tendo-me encontrado ontem convosco, reconheço-vos hoje. A mente é processo de reconhecimento e com esse processo de reconhecimento queremos experimentar o Real. Mas o Real não pode ser assim experimentado, porque irreconhecível. Se o reconhecerdes, neste caso ele vem do passado, está contido na memória, é coisa conhecida; portanto não é o Real. A mente, por conseguinte, deve pôr-se no estado em que não existe experimentador, e isso significa que o processo de reconhecimento tem de cessar. Descobrireis que isto não é tão fantástico como parece. Ao assistirdes a um belo pôr-do-sol, que acontece? Há uma imediata reação a esta beleza, e logo começais a comparar; o pôr-do-sol que vistes na semana passada foi muito mais belo. Estabeleceu-se, assim, uma relação - a experiência nova relacionada com o passado. Esse processo de comparação é ato de reconhecimento e este impede a mente de experimentar sempre coisas novas. A mente, afinal de contas, é o resultado do conhecido, e está sempre procurando apreender o desconhecido em termos do conhecido. A vinda do desconhecido só é possível, quando estamos livres do conhecido. O conhecido é o "eu", e quer o coloquemos no mais alto, quer no mais ínfimo nível, ele é sempre "eu" - experiência acumulada, processo de reconhecimento. O "eu" é incapaz de perceber a totalidade dessa coisa extraordinária que chamamos "a vida", e por essa razão é que fragmentamos o mundo, tornando-nos cristãos, hinduístas, budistas e muçulmanos; por essa razão é que despedaçamos a Índia em pequenas seções de fala diferente. Tudo isso representa o processo de uma mente muito limitada, presa na esfera do conhecido.

Torna-se necessária a libertação do conhecido, para que possa existir o desconhecido. Isto é um fato que salta aos olhos. Porque a Realidade, Deus, ou como quiserdes chamá-lo, não pode ser reconhecido. O conhecimento, o reconhecimento, resulta do passado, e a mente que busca o desconhecido armada do conhecido, nunca o encontrará. Só quando a mente está livre do conhecido pode existir a "outra coisa".

Agora, escutando o que estou dizendo, que representa um fato muito óbvio, que acontece? Se lhe concedeis toda a atenção, não precisais de perguntar como é possível ficar livre do conhecido. A mente não pode, em tempo algum, libertar-se do conhecido; se o tenta, só cria mais um "conhecido". Mas se prestais toda a atenção a esse fato, vereis que o próprio fato começará a operar, exatamente como a vida presente no grão abre caminho para brotar do solo. A mente, portanto, nada mais tem que fazer. Se a mente atuar sobre o fato, só poderá operar parceladamente - juntar muitas parcelas, para achar o todo. Mas o ajuntamento de muitas partes não constitui o todo. O todo tem de ser percebido instantaneamente. Eis porque importa compreender as operações da mente, mas não por meio de livros, da leitura do Gita ou Upanishads, mas pela observação de vós mesmo em relação com vossa esposa, vossos filhos, vosso vizinho, vosso patrão, pelo observar a maneira como falais ao vosso criado ou ao trocador de ônibus. Começareis assim a descobrir até que profundidade a mente se acha condicionada. E nesse próprio descobrimento do funcionamento da mente, encontra-se a liberdade. O importante é descobrir e não meramente repetir. Graças a esse descobrimento constante das operações do "eu", a

mente se torna muito tranqüila, sem o emprego de repressão, restrição, sem se lhe impor um molde. E para essa mente, já que está livre do conhecido, existe a possibilidade de manifestar-se o desconhecido.

Debates

PERGUNTA:*Na índia é--nos ensinado, há séculos, a sermos espirituais, e nossa vida diária é urna rotina interminável de rituais e cerimônias. Isto é espiritualidade? Se não, que significa, então, "ser espiritual"?*

KRISHNAMURTI: Vejamos, senhor, o que significa "ser espiritual". Não queremos a definição da palavra, que se pode achar num dicionário, mas procuremos, aqui sentados, como estamos, experimentar realmente esse estado, se ele existe.

A mente, mutilada pela autoridade - de um livro, um guru, uma crença ou uma experiência - é incapaz, evidentemente, de descobrir o verdadeiro. E pode a mente ficar livre de toda e qualquer autoridade? Isto é, pode a mente deixar de procurar a segurança, na autoridade? Por certo, só a mente que não teme a insegurança, a incerteza, é capaz de descobrir o que significa ser espiritual. O homem que se limita a aceitar uma crença, um dogma, que observa ritos e cerimônias, não é capaz de descobrir o que é verdadeiro ou o que é "ser espiritual", porque sua mente está presa no padrão da tradição, do medo, da avidez.

Ora, pode a mente que se tornou escrava das cerimônias abandoná-las imediatamente? Por certo, este é o único critério adotável, já que, abandonando-se as cerimônias, será possível descobrir quanto elas implicam: temores, antagonismos, disputas. Destarte, tudo o que a mente se exime de enfrentar sairá à luz. Mas tal coisa não queremos fazer. Só sabemos falar em "ser espiritual". Lemos o Upanishads, o Gita, recitamos mantrams, entretemo-nos com cerimônias - e a isso chamamos religião.

Por certo, o que é espiritual tem de ser atemporal. Mas a mente é resultado do tempo, de incontáveis influências, idéias, imposições; ela é produto do passado, que é tempo. E pode alguma vez essa mente perceber o que é atemporal? Nunca, naturalmente. Poderá especular; poderá - debalde - buscar ou repetir certas experiências que outros porventura tiveram; mas, sendo resultado do passado, a mente nunca achará o que existe além do tempo. Portanto, o que ela pode fazer é, apenas, ficar quieta, completamente, sem nenhum movimento de pensamento, porque só assim há possibilidade de se revelar aquele estado que é atemporal. A própria mente é, então, atemporal, eterna.

As cerimônias, pois não são espirituais, tampouco o são os dogmas, as crenças, a prática de determinado sistema de meditação. Porque todas essas coisas são produto de uma mente em busca de segurança. O estado de espiritualidade só se pode experimentar pela mente que nenhum "motivo" tem, pela mente que já não está a buscar, pois toda busca se baseia em algum "motivo". A mente capaz de nada perguntar, nada procurar, de ser completamente nada, só essa mente pode compreender o atemporal.[sumário]

PERGUNTA:*Tenho assistido às recentes discussões matutinas. Quereis que deixemos completamente de pensar? E, se temos de pensar, como devemos pensar?*

KRISHNAMURTI: Senhor, deixar completamente de pensar seria passar a um estado de amnésia, idiotia. Se não soubésseis onde morais, se não pudésseis lembrar-vos do caminho de vossa casa, isso seria indício de algum desarranjo, não? Nós temos de pensar Temos de pensar claramente, sãmente, com propósitos definidos, de maneira direta. A mente é-d único instrumento que possuímos, e temos de pensar para aprendermos uma técnica que nos dará a possibilidade de obter um emprego e ganhar a vida. Mas, além desses limites, o nosso pensar se torna ambição, ganância, inveja, e sobre essas coisas está edificada a nossa sociedade. Na função educacional, estamos continuamente interessados em ajudar aqueles que estão recebendo instrução a adaptarem-se à sociedade. Nosso pensar, portanto, e o pensar da geração vindoura, só está interessado no ajustamento à sociedade, nesta sociedade baseada na avidez, na inveja, na aquisição. Mas a função da educação, sem dúvida, não é a de ajudar os jovens a adaptarem-se a esta sociedade corrupta, porém, antes, a libertarem-se de suas influências, para que possam criar uma sociedade nova, um mundo diferente.

O pensar é essencial, mas quando a mente está toda ocupada pela avidez, pela inveja, pelo processo do "eu", então, o pensar é necessariamente corrupto, e qualquer sociedade baseada em tal pensar, degenerará, inevitavelmente. O pensar com que se cultiva o "eu" e que tem a forma de virtude, ajustamento, respeitabilidade, se torna um obstáculo ao descobrimento do que é real. Por essa razão se torna importante realizar-se uma revolução na mente, uma revolução religiosa; e esta só é possível quando vós e eu não mais pertencemos à sociedade. Mas isto não significa cingir uma tanga e quase não ter ou nem ter onde morar; significa, libertar-se, interior e totalmente, de toda ânsia de aquisição. Significa não ser ávido, não ser ambicioso, não aspirar ao poder - de modo que não exista mais um "eu" a querer ser alguma coisa, mundana ou espiritualmente. A única revolução é a revolução religiosa, que nada tem que ver com igreja alguma, nenhuma organização, nem dogma, nem crença. E ela tem de realizar-se em cada um de nós, porque só então existirá a possibilidade de criarmos um mundo novo.
[sumário]

CONFERÊNCIAS EM MADANAPALE

1a. Conferência em Madanapale

12 de fevereiro de 1956

HAVENDO tantos problemas a desafiar-nos, vendo-se o mundo em guerra ou preparando-se para a guerra, tanta produção e ao mesmo tempo tanta miséria - penso que a coisa mais importante, em toda esta luta humana, é a compreensão da mente. Por certo, a mente é o único instrumento capaz de

descobrir a solução correta dos inúmeros problemas existentes e, no entanto, só em raras ocasiões nos dispomos a refletir sobre o "processo" da mente ou examiná-lo. Pensamos que soluções "já prontas" ou certos padrões de pensamento resolverão os nossos problemas. Como hinduístas, temos uma certa maneira de pensar, a qual esperamos resolverá os nossos complexos problemas. E se somos comunistas, cristãos ou budistas, temos também nossas soluções "já prontas". Bem poucos concedem realmente atenção ao processo do pensar, às operações da própria mente, e parece-me que aí é que se encontrará a solução, e não em querermos resolver o problema com uma mente já moldada ou condicionada.

Assim sendo, nesta tarde, eu desejo, se me for permitido, considerar a questão da mente - o que é a mente. Porque, é bem óbvio, se não penetramos profundamente este problema, se não compreendemos a estrutura e o estado da mente, o mero pensar especulativo ou a identificação com uma certa crença, é de todo em todo fútil. E quando se procura compreender o processo da mente é importante saber escutar corretamente. Em geral escutamos com nossa mente prevenida, ou cheia de preconcepções, ou com o fim de procurarmos argumentos contrários - e muito poucas pessoas escutam com verdadeiro interesse e em plena liberdade. Mas é só quando investigamos em liberdade, não tolhidos por nenhuma crença, que a mente é capaz de achar a verdade relativa a qualquer problema. Esta palestra, pois, só será significativa se soubermos escutar corretamente - o que é muito difícil - em vez de a considerarmos simplesmente como uma conferência a que acidentalmente viemos assistir, para passarmos a tarde, e depois a esquecermos.

Como dizia, a menos que compreendamos as operações da mente, não há possibilidade de compreendermos o complexo problema do viver. Pois bem. Que é a mente? Queremos descobrir isso e, portanto, não devemos simplesmente afirmar ou aceitar. E, para descobri-lo, tendes de observar o funcionamento de vossa própria mente enquanto estais ouvindo descrever o que é a mente. Isto é, embora eu esteja falando, descrevendo a mente, deveis estar cônscios do processo de vosso próprio pensar para, assim, descobrirdes por vós mesmos o que é a mente.

Esclareçamo-nos bem a esse respeito, porque é importante compreender a mente. A mente é o único instrumento que possuímos, o instrumento da percepção, da compreensão, do pensamento. E sem essa clarificação da mente, o nosso esforço para descobrirmos o que é a Verdade, a Realidade, Deus, etc., terá muito pouca significação. Tentemos, pois, investigar o verdadeiro processo da mente, e não apenas aceitar ou rejeitar o que se vai dizer.

Sabemos que a mente é tanto consciente como inconsciente, que ela é uma totalidade, abrangendo tanto os "processos" manifestos como os "processos" ocultos do pensamento. Em geral, ocupamo-nos exclusivamente com o consciente, as ocorrências de cada dia, nossas ambições, lutas, nossa avidez, e deixamos completamente de perceber o conteúdo do inconsciente, isto é, da mente subjacente às atividades diárias da mente consciente. E enquanto não compreendermos a totalidade, inclusive o que se acha no inconsciente, a mera ocupação com o consciente muito pouca significação terá.

Sabemos que a mente consciente se ocupa com os acontecimentos de cada dia, com o emprego, o sustento, e suas reações e constantes ajustamentos aos problemas imediatos. É a mente consciente que é educada para aprender uma certa técnica, acumular conhecimentos, adquirir a chamada cultura. Abaixo dessa mente superficial, existem as muitas camadas do inconsciente, onde estão arraigados os impulsos raciais, culturais e sociais, as crenças e tradições religiosas, as reações instintivas baseadas nos

valores da sociedade em cujo meio fomos criados. Sem pormenorizarmos muito, é isso que constitui a totalidade da mente, não é verdade? Assim, pois, a totalidade da mente é condicionada, moldada, limitada por numerosas influências - nosso regime alimentar, o clima, a sociedade em que vivemos, valores sociais e econômicos.

Ora bem, com esta mente condicionada, com a qual nos achamos insatisfeitos, queremos achar algo existente além da mente. Vê-se que a mente é muito pequena, confusa, contraditória, e, no entanto, é com ela que estamos tentando compreender o incognoscível. Afinal de contas, a nossa mente é resultado do tempo, sendo "tempo" o conhecido, o passado, as acumulações de conhecimento. E com esse instrumento que está sempre dentro da esfera do tempo, as pessoas ditas religiosas estão tentando encontrar algo que não se acha no tempo. E surge, assim, inevitavelmente, a questão de saber se a mente condicionada é capaz de. compreender ou experimentar uma coisa não fabricada por ela própria. Este é um dos nossos magnos problemas, não?

E também, naturalmente, nunca seremos capazes de resolver os nossos problemas, enquanto estivermos pensando como hinduístas, cristãos ou comunistas, porque foi justamente porque pensamos em tais termos que se criaram os problemas. É só quando a mente está livre de todas as tradições, valores, crenças, superstições, aceitações, que existe a possibilidade de resolvermos os numerosos problemas humanos.

A questão, por conseguinte, é esta: - pode a mente, que foi criada, educada, segundo um certo padrão, libertar-se desse padrão? Isto é, pode a mente abandonar as crenças, as tradições e valores baseados unicamente na autoridade, na simples aceitação? Pode-se pôr de parte tudo isso, a fim de que a mente fique livre para investigar, descobrir? É este o nosso problema, não? E ele, realmente, significa: é possível a mente libertar-se da segurança em que se aprisionou? Porque, em verdade, o que quase todos estamos buscando, exterior ou interiormente, é alguma forma de segurança. Se tenho a segurança exterior, dada pela posição, pelo prestígio, pelo dinheiro, posso ficar temporariamente satisfeito. Mas chega o dia em que começo a aspirar a uma segurança interior e, assim, busco um refúgio psicológico na crença, no dogma, na tradição, num certo padrão de pensamento. E pode a mente que anda em busca da segurança, que deseja ver-se segura, não perturbada, pode essa mente encontrar a Realidade, Deus, ou que nome lhe deis? Não pode, naturalmente. A mente que deseja ver-se em segurança, encontrará o que está buscando, mas não o que é verdadeiro.

Assim sendo, pode a mente libertar-se desse desejo de segurança? E não há dúvida de que uma mente que busca a segurança, interiormente, criará invariavelmente a insegurança exterior, na estrutura social. O nacionalismo, por exemplo, é uma idéia a que a mente se apega, como meio de segurança psicológica. E esta devoção ao nacionalismo cria inevitavelmente a insegurança exterior, como está, exatamente, acontecendo no mundo.

Ora, se prestardes muita atenção, vereis que a mente está sempre a esforçar-se por achar algo permanente, aquela chamada paz, realidade, ou como quiserdes chamá-la. E existe coisa permanente? Entretanto, a mente cria valores que supõe permanentes, e neles crê; estabelece certos hábitos de pensamento que se tornam permanentes e, assim, em tais condições, a mente nunca está livre para inquirir, investigar. Acho importante compreender a significação disso, porque, afinal de contas, a liberdade está no começo e não no fim. Só a mente livre é capaz de investigar, e não aquela que está amarrada, que está senhoreada pela crença, pelo dogma, pela tradição. Entretanto, nossa educação está

toda baseada nessas coisas, não só na escola, mas através de nossa carreira na vida, que também faz parte de nossa educação. Nunca investigamos se há possibilidade de termos, em primeiro lugar, liberdade, porquanto uma investigação desta natureza requer um processo de pensamento que não comece com uma suposição, ou com a experiência acumulada, própria ou de outros.

Parece-me, por conseguinte, que para se encontrar a Realidade, o desconhecido - que não deve ser premeditado nem objeto de especulação - a mente tem de estar livre de tudo o que conhece, tem de morrer para todos os dias de seu passado. Só então a mente é "inocente" e capaz de descobrir o Real.

Tenho aqui algumas perguntas e desejaria saber porque se fazem perguntas. É com a intenção de receber respostas? Existe alguma resposta, ou apenas uma exploração, uma penetração do problema, sem se lhe buscar a solução? Se busco-a solução, minha mente fica então toda concentrada no descobrimento da solução, e não na compreensão do problema. Quase todos só nos interessamos pela solução, pela resposta, e por isso não damos inteira atenção ao problema. Por isso, o problema nunca é compreendido e fica, portanto, sem solução. O investigar do problema exige uma mente que não busca solução, uma mente capaz de investigar sem julgar ou condenar. Poderemos considerar alguma coisa sem estabelecermos comparação, julgamento, condenação? Procurai fazê-lo, e vereis quão extraordinariamente difícil o é; e isso se deve a que o processo de nosso pensar é baseado na comparação, no julgamento, na condenação. Mas se somos capazes de investigar o problema, sem esperarmos nenhuma solução, então o problema se resolve por si mesmo, sem precisarmos procurar-lhe a solução.

Debates

PERGUNTA:*Pode vir a paz mundial, sem um governo mundial para implantá-la ou mantê-la? E como realizar isso?*

KRISHNAMURTI: A paz é exterior ou interior? Pode qualquer governo trazer-nos a paz, ainda que seja um governo mundial? Poderá estabelecer uma ordem exterior, sem constante ameaça de guerra, mas, mesmo isso, só é possível quando não há nacionalismo, quando não há fronteiras políticas ou religiosas. Deve-nos, pois, ficar bem esclarecido o que entendemos por paz.

É a paz uma coisa que deve ser criada pela autoridade de um governo, comunista, imperialista, capitalista, ou como quer que seja? A paz tem de ser implantada pela legislação? Pode-se ver que um governo mundial poderia estabelecer uma certa modalidade de paz. Poderia, talvez, abolir os governos soberanos, com suas forças armadas, e que constituem uma das causas da guerra. Mas não é este, por certo, o inteiro significado da paz. A paz vem da mente. E pode haver uma mente em paz, enquanto ela for ambiciosa, ávida, invejosa? Foi a mente ávida, invejosa, ambiciosa que criou esta sociedade belicosa em que vivemos, não é verdade? Nossa sociedade está baseada na aquisição, na inveja, na avidez, na impetuosa ambição de sermos alguma coisa. E, assim, dentro de nossa sociedade trava-se uma batalha, um conflito incessante.

A paz, pois, vem da mente e não pode ser criada pela mera legislação. A tirania poderá implantar uma ordem de certa espécie, numa sociedade confusa e contraditória, e a ordem pode também ser produzida pela ação do parlamento de um governo democrático. Mas enquanto houver o espírito de nacionalismo a criar governos soberanos, com suas forças armadas, enquanto houver fronteiras e divisões raciais, tem de haver guerras, inevitavelmente. Por conseguinte, o homem que deseja ser pacífico não pode pertencer a nação alguma, não pode pertencer a nenhuma religião porque, presentemente, religião é mero dogmatismo organizado.

Essa coisa que chamamos paz precisa ser compreendida interiormente, e não apenas instituída pela legislação ou pelo encontro de muitas opiniões. Se observardes, vereis com que devoção cultuamos o nacionalismo e erguemos bem alto a bandeira de uma dada nação. Identificamo-nos com o todo que chamamos a Índia porque, sendo pequenos, interiormente vazios e vivendo num lugarejo como Madanapale, o denominarmo-nos indianos confere-nos um certo orgulho, lisonjeia-nos a vaidade. E em defesa desse orgulho e dessa vaidade, estamos prontos a matar ou ser mortos. Este mui complexo problema psicológico, que se mantém vivo em todos os países, precisa ser bem compreendido por cada um de nós, e não apenas coibido pela legislação. E eis porque o homem verdadeiramente religioso é aquele que não pertence a nenhuma religião e a nenhum país.[sumário]

PERGUNTA:*Sois indiano, e Andhra, nascido aqui em Madanapale. Orgulhamo-nos de vós e de vossa benfazeja obra no mundo. Porque não passais mais - tempo em nossa terra natal, em vez de viverdes na América. Sois necessário aqui.*

KRISHNAMURTI: É um processo peculiar, esse que se observa no mundo, esta identificação da pessoa com um certo pedaço de terra ou uma suposta religião. Tem tanta importância o lugar em que nascemos, ou a língua que falamos, ou a especial cultura em que fomos criados? Vede o que está acontecendo neste nosso país. Estamos-nos esfacelando, denominando-nos Tamils, Telugus, Maharashtrianos, etc. Este processo de fragmentação, se observa também na Europa - alemães, ingleses, franceses, italianos, etc. Quando um homem rende culto ao particular ou com ele se identifica, suas lutas se tornam muito maiores, seus sofrimentos aumentam. Enquanto eu continuar a ser Andhra, pertencer a uma dada classe ou religião, minha mente continuará limitada, estreita. A mente, por certo, deve quebrar todas estas limitações, para poder encontrar o todo; mas o todo não se constitui de partes. Pelo juntar muitas partes umas às outras, não se encontra o todo. E só quando não nos deixamos senhorear pela parte, que temos a possibilidade de perceber imediatamente o todo.[sumário]

PERGUNTA:*Tenho um filho que me é muito caro e vejo que ele está sujeito a muitas influências perniciosas, tanto em casa como na escola. Que devo fazer?*

KRISHNAMURTI: Todos somos o produto, não de uma dada influência, porém de muitas influências contraditórias, não é verdade? E o interrogante deseja saber como impedir que o filho fique sujeito a influências perniciosas, tanto em casa como na escola. Ora, sem dúvida, o problema é muito mais complexo do que apenas encontrar uma maneira de resistir às más influências. O que nos cabe considerar é o "processo" total da influência, não achais? Afinal de contas, todo estudante está inevitavelmente exposto a numerosas influências, tanto boas como más. Existe não apenas a influência doméstica e a influência da escola, mas, ainda, a influência das coisas que lê, das coisas que ouve, do clima, da espécie de alimento que toma, da religião e da cultura em que está sendo educado. Ele

constitui a soma, o total dessas influências, tal como vós e eu, e não podemos rejeitar algumas delas e conservar outras. O que podemos fazer é apenas observar todas estas influências e averiguar se a mente pode viver livre delas. Entretanto, infelizmente, no presente estado de coisas, nossa educação é um processo de impor ao estudante as supostas influências boas. Esta é uma parte da questão. A outra parte é o "processo" de encher a mente do estudante de conhecimentos, para que passe nos exames, acrescente algumas letras ao nome e obtenha um emprego. É só isso que nos interessa, atualmente, na chamada educação.

Mas a educação correta é coisa muito diferente, não achais? Não é apenas questão de proporcionar ao estudante conhecimentos técnicos que o habilitarão a obter emprego, mas é também preciso ajudá-lo a estar cônscio de todas as influências e não se deixar prender por nenhuma delas. Para assim fazer, precisamos de uma mente em bom estado, e uma mente "em bom estado" é aquela que está aprendendo, e não aquela que aprendeu; porque, quando a mente está acumulando, deixou de aprender. A instrução é, então, uma coisa do passado e, assim sendo, está detida a investigação.

Que é pois educação correta? É uma simples definição, colhida num livro, ou um constante processo de compreensão das numerosas influências que assaltam a mente, para que ela seja livre desde o começo e, portanto, capaz de investigação? Certo, a mente que é capaz da verdadeira investigação, está sempre aprendendo; não é um mero depósito de conhecimentos. Qualquer pessoa que saiba ler, pode colher conhecimentos numa enciclopédia. Conquanto seja evidentemente necessário, na educação, transmitir conhecimentos técnicos para que o estudante possa, mais tarde, obter emprego, na atualidade é unicamente isto que interessa à maioria dos pais. Querem que os filhos se preparem para alcançar uma boa posição na atual estrutura social, que o ensinem a ajustar-se a esta sociedade baseada na avidez, na inveja, na ambição. Desejais que vosso filho se adapte a esta estrutura, não desejais que ele seja um revolucionário. E assim sendo, temos esta pretensa educação, que só o ensina a ajustar-se, imitar, seguir. Mas não será possível aos que amam realmente os seus filhos, ajudá-los a compreender as múltiplas influências da sociedade, da civilização em que nasceram, para que, quando cresçam, não se deixem ajustar ao padrão de uma certa cultura mas, sim, criem sua sociedade própria, uma sociedade livre da inveja, da ambição, da avidez? Por certo, só tais pessoas são verdadeiramente religiosas. A revolução tem de ser religiosa, e não puramente econômica. Religião não é aceitação de um certo dogma ou tradição ou de um suposto livro sagrado. Religião é investigação, para descobrir o Desconhecido.
[sumário]

2a. Conferência em Madanapale

19 de fevereiro de 1956

ESTOU bem certo de que a maioria de nós sente a necessidade de uma revolução fundamental, num mundo em que se vê tanto caos, tanta miséria e fome, e perene ameaça de guerra. Sentimos necessária uma certa mudança das coisas, e cada grupo tem sua especial panacéia ou método, para pôr fim às misérias do mundo. Os comunistas têm o seu padrão, os capitalistas o seu, e os indivíduos chamados

religiosos têm também o seu. Tão interessados, que estamos, em produzir esta transformação, obviamente necessária, ingressamos num ou noutro desses diferentes grupos e, por isso, acho importante descobrirmos o que se entende por transformação - não a mudança resultante da mera ação exterior, legislativa, porém uma transformação muito mais profunda, mais radical. É fácil ver que toda mudança promovida de acordo com um plano preconcebido, torna necessária uma entidade administrativa, para levar a efeito, o plano, e que a autoridade de que deve revestir-se uma tal entidade se torna invariavelmente tirânica; isto é o que, de fato, está acontecendo no mundo. Existe a tirania da autoridade bem organizada, nas mãos de uns poucos, ou a tirania de determinada religião, ou tirania da autoridade conferida a uma certa seção da sociedade. Em vista de tudo isso, vós e eu, as pessoas comuns, desejamos produzir uma mudança para melhor, de modo que a humanidade possa ter, em todas as partes, alimentação adequada, roupas, moradia, educação mais completa, etc.

Ora, como disse, é importante averiguar o que entendemos por "transformação". Para a maioria de nós, transformação significa "continuidade modificada" do que já existia, não é verdade? Embora os chamados revolucionários desejem promover uma transformação radical na sociedade, a sua atitude, os seus valores, os seus conceitos e fórmulas, tudo está baseado no passado, na reação do "conhecido". E toda mudança nascida dessa fonte, é mera continuidade do que já existia, um tanto ou quanto modificada. Eles poderão não começar dessa maneira, mas no fim o que resulta é isso, e isso, para mim, não é transformação, absolutamente. A transformação significa algo completamente diferente e eu gostaria, se me permitis, de examinar bem esta questão.

Reconhecemos necessária uma transformação fundamental em nossa maneira de pensar, uma radical transformação da mente e do coração do homem. Mas esta extraordinária transformação não está realizada se fazemos continuar o que já existia, sob forma modificada. Tampouco pode essa radical revolução da mente operar-se por meio da educação, como hoje a conhecemos. Porque, isto que atualmente chamamos "educação", consiste apenas em aprender uma determinada técnica, para cada um poder ganhar o próprio sustento e ajustar-se ao padrão imposto pela sociedade.

Em vista disto, por onde devemos começar? Onde começar, para realizar esta transformação fundamental da ordem social, que se torna tão obviamente necessária? Por certo, o problema individual é o problema mundial. A sociedade é tal como nós mesmos a fizemos. Há os que têm e os que não têm; os que sabem e os ignorantes; os que preenchem suas ambições e os que se vêm frustrados. Existem as várias religiões com suas cerimônias e crenças dogmáticas, e a batalha interminável no seio da sociedade, a perene competição entre todos, para ganhar, "vir a ser" alguma coisa. Tudo isso fomos vós e eu que criamos. Reformas sociais podem ser introduzidas por meio da legislação ou por meio da tirania; mas se não houver uma radical transformação do indivíduo, este superará sempre o novo padrão, adaptando-o às próprias exigências psicológicas.

Assim sendo, parece-me de grande importância compreender o "processo" total da individualidade. Porque, só quando o indivíduo se transforma radicalmente, pode haver uma revolução fundamental na sociedade. É sempre o indivíduo e nunca a coletividade, que pode produzir uma mudança radical no mundo - e isto é um fato histórico.

Ora bem, pode o indivíduo - vós e eu - transformar-se radicalmente? Esta transformação do indivíduo - mas não operada de acordo com um padrão - é o que nos interessa e é, para mim, a mais elevada forma de educação. É a transformação do indivíduo que constitui a verdadeira religião, e não a mera aceitação

de um dogma, uma crença, pois isto não é religião nenhuma. A mente que está condicionada segundo um certo padrão a que chama religião - hinduísta, cristã, budista, ou outra - não é uma mente religiosa, por mais que pratique todos os chamados ideais religiosos.

Assim sendo, podemos nós - vós e eu - promover uma radical transformação em nós mesmos, sem compulsão, e sem "motivo" algum? Toda forma de compulsão é atividade egocêntrica, que perverte a mente, e o "motivo" está sempre baseado no processo do "eu", do "ego". E é possível realizar uma transformação radical em cada um de nós, sem "motivo" e sem compulsão? Penso que esta é uma questão que exige muita reflexão, investigação, e não podemos "despachá-la" tão facilmente, dizendo que tal transformação é possível ou impossível. Todo homem verdadeiramente sério deve investigar profundamente este problema de sua própria transformação interior. Esta transformação interior, por certo, não pode ser feita de acordo com nenhum padrão, nenhum conceito religioso, sendo possível unicamente por meio do autoconhecimento. Isto é, se não conheço a totalidade de minha consciência, a totalidade de meu ser, qualquer ideal, fórmula, conceito ou crença que eu tenha, não passa de mero desejo, mera idéia, sem base alguma e portanto sem realidade. Se não há autoconhecimento, isto é, se não começo por conhecer a mim mesmo, completamente, toda e qualquer atividade que eu empreenda, há de ser destrutiva e causadora de maiores danos. Assim, pois, o homem que é verdadeiramente sério, que se preocupa realmente a respeito do caos e das misérias do mundo, não deve reconhecer de vital importância a compreensão do processo total de si mesmo?

Ora, que é autoconhecimento? O autoconhecimento não se realiza de acordo com um livro, não se adquire seguindo-se a autoridade de quem quer que seja. As operações de meu pensamento têm de ser descobertas e só posso descobri-las nas relações; porque as relações são um espelho em que posso ver a mim mesmo, não teoricamente, porém exatamente como sou. Não há dúvida que é nas relações com minha mulher, meus filhos, meu vizinho, meus criados, meu patrão, com a sociedade em geral, que descubro a mim mesmo, tal como sou. Porque, nesse espelho das relações, posso enxergar as minhas superstições, meus juízos, meus hábitos de pensamento, as tradições que estou seguindo, os valores comparativos que atribuo às experiências e às coisas.

O que em geral acontece é que aquilo que vemos no espelho das relações, nos agrada ou desagrada e, por isso, ou o aceitamos ou o condenamos. Mas só é possível descobrir as operações do pensamento, os "motivos" e desejos ocultos, as reações de uma mente condicionada por determinada sociedade, quando nos contemplamos nesse espelho sem espírito de condenação ou comparação, sem julgamento. Só então a mente - tanto consciente como inconsciente - está libertada de sua escravidão e, assim, talvez, capacitada para ultrapassar as suas próprias limitações. Isto, em verdade, é meditação.

A verdadeira religião é a da mente que compreende os seus próprios processos - ambição, inveja, avidez, ódio - porque a própria compreensão dessas coisas põe-lhes fim, sem necessidade de compulsão e a mente, portanto, fica livre para explorar. Tem-se então a possibilidade de encontrar a Realidade, Deus ou o nome que preferirdes. Mas, sem autoconhecimento, o mero afirmar ou negar que Deus ou a Realidade existe, nenhuma significação tem.

Vê-se que uma parte da humanidade está condicionada para aceitar a idéia de Deus, ao passo que outra parte está sendo condicionada para não crer em Deus, porém crer no Estado e por ele se sacrificar. E é possível a mente libertar-se de todos os condicionamentos? Não há dúvida de que só a mente que procura descondicionar-se e se torna, portanto, capaz de agir, só essa mente pode realizar a revolução

radical. Essa a razão por que muito importa que tanto vós como eu nos libertemos, individualmente, do "coletivo"; porque se o indivíduo não é livre não tem possibilidade de investigar e descobrir o que é verdadeiro.

Assim, cabe evidentemente aos que são sérios investigar profundamente esta questão, em vez de ajustarem-se, meramente, a um padrão de pensamento. Só o indivíduo religioso, no verdadeiro sentido da palavra, pode dar nascimento a um novo estado, uma nova maneira de considerar a vida. E o indivíduo verdadeiramente religioso é aquele que se está libertando do condicionamento de uma dada sociedade, sendo, assim, um verdadeiro revolucionário.

Debates

PERGUNTA:*Se não cremos num Arquiteto do Universo, parece-me que a vida se torna completamente sem significação. Que há de mau nesta crença?*

KRISHNAMURTI: Sem dúvida, por "Arquiteto do Universo" estais entendendo "Deus", só que lhe estais dando um nome diferente. Ora, que é crença? Que significa esta palavra - não a significação que se encontra no dicionário, mas qual é o seu conteúdo psicológico?

E qual é o processo mental que torna necessária a crença? Que vos faz dizer "Creio em Deus" ou "Não creio em Deus". Qual o impulso psicológico que impele a mente a aceitar ou a rejeitar a crença em Deus, num "Arquiteto do Universo"? Enquanto não descobrirmos isso, o mero crer ou descrer muito pouco significará.

É óbvio que, se desde a meninice vos ensinam a crer em Deus, cresceis crendo, exatamente como outra criança que é ensinada a não crer, cresce não crendo. Um é chamado crente e o outro ateu, mas os dois estão condicionados. Quando credes num "Arquiteto do Universo", o fazeis porque vos ensinaram a crê-lo desde a infância e vossa mente se impregnou desta idéia; ou, ainda, sentis ser esta vida tão instável, tão fluida, que vossa mente se apega a uma idéia de permanência e a esta permanência chamais Deus, ou por outro nome qualquer, conferindo-lhe certos atributos. Isto não está nem certo nem errado, pois representa o processo real da mente. Vendo-se ao redor de nós tanta miséria é tanto caos, tanta transitoriedade, tanta falta de paz interior e exterior, a mente cria e se apega a uma coisa atemporal, eterna, uma coisa perenemente bela, repleta de paz. Assim, pois, por causa da incerteza em que se vê, a mente cria sua própria certeza. Mas a mente que crê ou descrê, que aceita ou rejeita, nunca descobrirá o que é Deus. Deus é para ser encontrado, descoberto, não se deve crer nele. Para descobri-lo, a mente tem de estar livre tanto da crença como da descrença. Positivamente, esse estado que chamamos "Deus", essa realidade atemporal, tem de ser algo totalmente novo, nunca imaginado; nunca dantes experimentado. E só uma mente livre pode descobri-lo, e não aquela que está amarrada a um dogma, uma crença.

Afinal, se observardes, se pensardes um pouco a este respeito, vereis que a mente é resultado do tempo

- sendo "tempo" memória, experiência, conhecimento. Isto é, a mente é resultado do conhecido, do passado, de muitos milhares de anos. Ora, com esta mente estamos procurando o Desconhecido, esta certa coisa que se pode chamar Deus, a Verdade, ou como preferirdes. Mas essa mente não pode encontrar o desconhecido, pois só pode "projetar" o conhecido, no futuro. Qualquer crença nutrida pela mente é resultado de seu próprio condicionamento. Toda fórmula ou conceito especulativo é resultado do conhecido. Todo movimento da mente para investigar o desconhecido, é totalmente inútil e vão, porque a mente só pode pensar em termos do conhecido. Quando compreende esse processo total e fica, portanto, livre da conhecido, a mente se torna muito serena, completamente tranqüila; e só então pode existir o "desconhecido". Com efeito, isto é meditação; não é "projeção" do conhecido no futuro e a adoração desta projeção.[sumário]

PERGUNTA:*Neste mundo, a bondade não compensa. Como criar uma sociedade que estimule à bondade?*

KRISHNAMURTI: Para os intelectuais, "a bondade" é uma palavra terrível, que eles evitam o mais que podem. Entretanto, atualmente, está-se tornando moda, até entre intelectuais, o emprego desta palavra. Existe bondade, quando há algum "motivo" por detrás dela? Se tenho um "motivo" para ser bom, isso produzirá bondade? Ou bondade é uma coisa completamente destituída desse impulso para ser bom, que se baseia sempre em "motivo"? O bom é oposto do "mau", oposto do "mal"? Todo oposto contém o germe do seu próprio oposto. Há avidez e há o ideal de "não avidez". Quando a mente aspira à "não avidez" e procura tornar-se "não ávida", ela continua ávida, porque está desejando ser alguma coisa. A avidez implica desejo, aquisição, expansão; e, ao perceber que não compensa ser ávido, a mente quer tornar-se "não ávida"; o motivo continua o mesmo - ser ou adquirir alguma coisa. Quando a mente deseja não desejar, a raiz do desejo continua existente. O bem, portanto, não é o oposto do mal, é um estado completamente diferente. E que estado é esse?

Evidentemente, a bondade não tem motivo, porque todo motivo se baseia no "eu", é um movimento egocêntrico da mente. Nestas condições, que se entende por "bondade"? Por certo, só existe bondade, quando existe atenção total. A atenção carece de "motivo". Quando há "motivo" para a atenção, existe atenção? Se presto atenção com o fim de adquirir alguma coisa, este processo de aquisição, em bom ou mau sentido, não é atenção: é distração, divisão. Só pode haver bondade, quando há totalidade de atenção, sem esforço para ser ou não ser. Provavelmente não estais acostumados a ouvir dessas coisas.

Para mim, o esforço que se faz para ser bom é "processo" que traz no seu bojo coisas más. O homem que deseja ser humilde e pratica a humildade, produz males; porque no momento em que alguém se compenetra de que é humilde, já não é humilde é arrogante. Senhores, não riais. A humildade não é coisa para praticar; e quem pratica a humildade está promovendo a arrogância. A virtude não é coisa que se cultive; porque quem cultiva a virtude, cultiva o "ego" - só que o veste com roupagens mais respeitáveis. Assim como a humildade não pode ser praticada, assim também a bondade não pode ser praticada: só se torna existente, quando existe atenção completa, a qual acompanha a total compreensão de vós mesmo.

Pensai nisso, e vereis que a própria prática da "não violência", produz violência. Para se estar livre da violência, precisa-se compreender todas as implicações da violência; e para tanto se torna necessária toda a atenção, que não podeis dar se estais no encalço do chamado "ideal". Quando a mente é capaz de dar toda a sua atenção ao que é - a avidez - ver-se-á que ela ficará totalmente livre da avidez. Não

se torna "não ávida"; torna-se livre da avidez, que é um estado completamente diferente. Utilizamos o ideal da "não avidez" como meio de nos libertarmos da avidez; mas nunca nos livraremos da avidez por meio de um ideal. Vimos praticando este ideal há séculos, e continuamos ávidos. Mas o homem que percebe verdadeiramente a necessidade de ser livre da avidez, esse homem não tem ideal nenhum; só lhe interessa a avidez, à qual dispensa sua inteira atenção. E quando prestamos toda a atenção a uma coisa, nessa atenção não há comparação, nem condenação, nem julgamento. A mente que está comparando, condenando a avidez é incapaz de dar-lhe plena atenção, uma vez que está interessada na comparação e na condenação.

A bondade, pois, não é um oposto, não é uma virtude; é um "estado de ser", sem "motivo", resultante do autoconhecimento.[sumário]

PERGUNTA:*Aceitais a opinião de que o comunismo é a maior das ameaças ao progresso humano? Se não, que pensais a seu respeito?*

KRISHNAMURTI: Não há dúvida de que qualquer forma de tirania é um mal. Qualquer forma de poder sobre outros é coisa má - seja o modesto poder exercido por um burocrata, em pequena cidade, seja a tirania em vasta escala exercida por um grupo de pessoas que estão traçando planos para o futuro do homem, em conformidade com uma ideologia, em suposto benefício do todo. Tal poder é uma coisa má. Mas consideremos esta questão com toda a simplicidade, para vermos as dificuldades que encerra.

Uma sociedade, de toda evidência, precisa ser planejada. Mas que acontece quando se traça o plano de uma sociedade e que acontece quando se põe em execução esse plano? Torna-se necessária uma entidade administrativa investida de autoridade, para levá-lo a efeito, o que significa que uns poucos se tornam detentores do poder. E esse poder se torna um mal, quando exercido em nome de Deus, em nome da sociedade, ou em nome de uma futura Utopia. Entretanto, necessita-se de planos, porque, do contrário, a sociedade se torna caótica. Vem, assim, a existência o problema do poder conferido a uns poucos que se tornam tirânicos, cruéis, que dizem: "Prevemos o futuro e vós não o prevedes. Estamos pondo em execução um plano que irá beneficiar o homem; portanto, tendes de submeter-vos, senão vos liquidaremos". Nestas condições, é possível planear uma sociedade em que não se exerça tirania sobre o homem? A questão é só esta. "Comunismo" é apenas um nome novo para um jogo que se vem fazendo há séculos. A Igreja Católica Romana já fez este mesmo jogo, com sua Inquisição, suas excomunhões e torturas, para salvação das almas. E várias formas de tirania se encontram na história de todas as outras religiões. Isto, portanto, não é novidade; só que agora tem um nome novo, com um novo grupo de pessoas, que pretendem prever o futuro. A tirania organizada, a tortura, a destruição, foram perpetradas no passado por sacerdotes, em nome de Deus; e são hoje perpetradas pelos ditadores e comissários, em nome do Estado ou do Partido. Nosso problema, por conseguinte, não é a palavra "comunismo" mas, sim, de saber se o homem vive para o bem da sociedade ou se a sociedade existe para o bem-estar do homem. A religião e o governo existem para educar o homem, tornando-o livre para descobrir por si mesmo o que é, verdadeiro, ensinando-o a ser bom, a ter a visão do grandioso? Ou existem para tiranizar o homem, brutalizá-lo, liquidá-lo, só porque uns poucos têm o poder de destruir?

Temos, pois, aí, uma questão muito complexa. O que tem importância não é o que vós pensais ou o que eu penso a respeito do "comunismo", porém, sim, averiguar por que razão a sociedade, comunista ou democrática, compele o homem ao conformismo, e porque o indivíduo se submete a isso. Sem dúvida, só a mente livre é capaz de investigar, e não aquela que está amarrada a um livro, uma religião

organizada, uma ideologia. Uma sociedade que condiciona a mente para adorar o Estado, e uma sociedade que condiciona a mente para adorar a idéia chamada "Deus", são igualmente tirânicas.

Mas, pode existir uma sociedade que ajude efetivamente o homem, o indivíduo, a ser bom, a não ser ávido, a ser livre da inveja, da ambição? É este naturalmente o nosso maior interesse. O homem só pode ser bom quando é livre - livre, não para fazer o que entende, mas para compreender o movimento total da vida. Para isso se requer uma escola completamente diferente, uma educação completamente diferente; requerem-se pais e mestres que compreendam tudo o que a liberdade implica. De outro modo, só teremos mais tirania, e não menos, porque o Estado só quer eficiência. Precisa-se de homens eficientes, para se ter uma nação industrializada, precisa-se de homens eficientes para matar, lutar, destruir - e nisto se concentra toda a atenção dos governos atualmente existentes. E os governos se separam mais ainda dos indivíduos, pela ação das chamadas religiões. Nenhuma religião organizada ousa sacudir o jugo e dizer para o governo "Estais errado". Pelo contrário, abençoam canhões e cruzadores de batalha . Durante a última guerra apareceu um livro intitulado "God was my co-Pilot" (Deus foi meu co-piloto) de autoria de um homem que bombardeara cidades, assassinando milhares de pessoas. Naturalmente aqui em Madanapale esta questão da guerra não vos toca de perto. Mas não há dúvida de que a guerra é apenas uma expressão, uma manifestação ampliada de nossa vida de cada dia. Vivemos numa batalha sem tréguas com nós mesmos e com o nosso próximo, somos ambiciosos, queremos poder, mais prestígio, posição mais alta; e este mesmo espírito aquisitivo se manifesta no grupo e na nação. Queremos ser poderosos, para defender a nós mesmos ou para agredir a outros, e assim por diante...

Não importa, pois, o que vós pensais ou o que eu penso a respeito do comunismo ou da democracia; o que importa é descobrir como se pode libertar a mente. Porque, só a mente livre é capaz de compreender a Verdade, conhecer Deus, e sem esta compreensão a vida muito pouco significa. É a compreensão da Verdade ou Deus - a real experiência dele, não a crença nele - que tem a máxima importância, principalmente nesta hora em que o mundo se encontra em tamanha caos e miséria.[sumário]

3a. Conferência em Madanapale

26 de fevereiro de 1956

PENSO que a maioria de nós acha a vida muito insípida. Para ganharmos o sustento, precisamos exercer uma certa profissão, e esta se torna muito monótona; começa-se uma rotina, que temos de seguir, ano por ano, até morrer. Ricos ou pobres, e ainda que sejamos muito eruditos ou dotados de espírito filosófico, nossas vidas são em geral superficiais, vazias. Há evidentemente uma insuficiência em nós mesmos, e ao nos tornarmos cônscios desse vazio procuramos preenchê-lo com conhecimentos, com alguma espécie de atividade social, ou nos refugiamos em divertimentos de toda ordem, ou apegamo-nos a alguma crença religiosa. Ainda que tenhamos uma certa capacidade e sejamos muito eficientes, nossas vidas são, ainda assim, insípidas e, para nos livrarmos dessa insipidez, dessa cansativa monotonia da vida, buscamos uma certa forma de enriquecimento religioso, tentamos conquistar aquele

"estado de ser" extramundano que não é uma rotina e que, por enquanto, pode ser chamado "o outro estado". Em nossa busca desse outro estado, encontramos muitos sistemas diferentes, diferentes caminhos que se supõe conduzirem a ele; e, assim, pelo disciplinamento de nós mesmos; pela prática de determinado sistema de meditação, pela observância de um certo ritual ou a repetição de certas frases, esperamos alcançar aquele estado. Sendo a nossa vida um ciclo interminável de dores e de prazeres, de variadas experiências sem muita significação ou mera repetição, sem sentido algum, de uma mesma experiência - o viver constitui para a maioria de nós uma monótona rotina. Por esta razão, o problema de nosso enriquecimento interior, da conquista do "outro estado" - chamai-o Deus, a Verdade, bem-aventurança ou como quiserdes - se torna muito urgente, não é verdade? Podeis estar bem de vida, bem casado, ter filhos podeis pensar inteligente e equilibradamente, entretanto, sem aquele estado, a vida se torna horrivelmente vazia.

Que se deve, pois, fazer? Como conquistar aquele estado? Ou é completamente impossível conquistá-lo? A nossa mente, como hoje está constituída, é sem dúvida muito insignificante, limitada, condicionada; e embora uma mente limitada possa especular a respeito do "outro estado", suas conjecturas serão sempre limitadas. Ela poderá formular um estado ideal, conceber e descrever aquele outro estado, mas suas concepções permanecem dentro de suas estreitas limitações, e penso que aí é que se encontra o fio da meada: no perceber que a mente não pode, em circunstância alguma, experimentar, viver aquele outro estado, se se limita a formulá-lo ou a especular a seu respeito. Não há dúvida de que esta é uma descoberta extraordinária: o perceber que, sendo a mente limitada, pequena, estreita, superficial, todo movimento que faça para alcançar aquele estado extraordinário, constitui um empecilho. O descobrimento deste fato, não especulativamente porém realmente, é o começo de uma maneira nova de considerar o problema.

Nossas mentes, em verdade, são produto do tempo, de muitos milhares de dias passados, resultado da experiência baseada no "conhecido"; e, em tais condições, a mente é uma continuação do "conhecido". A mente de cada um de nós é resultado de cultura, educação, e por mais extenso que seja o seu saber ou preparo técnico, ela é sempre produto do tempo; por conseguinte, é limitada, condicionada. Com esta mente, queremos descobrir o incognoscível; e compreender que essa mente nunca poderá descobrir o incognoscível, constitui uma experiência verdadeiramente extraordinária. Descobrir que a mente de um indivíduo, por mais sagaz, por mais sutil, por mais ilustrada que seja, não pode de modo nenhum compreender aquele outro estado - esse descobrimento traz consigo uma certa compreensão "factual" e acho que este é o começo de uma perspectiva da vida que poderá abrir a porta que conduz àquele outro estado.

Expressando o problema de maneira diferente: a mente está sempre e sempre ativa, "tagarelando", planeando, e é capaz de extraordinárias sutilezas e invenções. E de que maneira pode esta mente tornar-se quieta? Vê-se que toda atividade da mente, todo movimento que faça, em qualquer direção, é reação do passado. Como quietar esta mente? Se a quietamos por meio de disciplina, sua quietude é um estado em que não há investigação, busca, não é exato? Em tais condições, ela não está aberta para o "desconhecido", "o outro estado".

Não sei se já alguma vez pensastes neste problema, ou se nele tendes pensado unicamente pela maneira tradicional, ou seja, tendo um ideal e dirigindo-se para ele segundo uma certa fórmula ou a prática de determinada disciplina. Disciplina implica, invariavelmente, repressão e o conflito da dualidade - e isso está na esfera da mente e por esse caminho prosseguimos, esperando captar o outro estado. Mas nunca indagamos inteligentes e sãmente se nossa mente é capaz de captá-lo. Sugeriu-se-nos que a mente deve

estar tranqüila, mas a tranqüilidade foi sempre cultivada por meio de disciplina. Isto é, temos o ideal de uma mente tranqüila, e buscamos realizar este ideal por meio de controle, luta, esforço.

Ora bem, se considerais atentamente esse processo, em sua inteireza, vereis que está todo no terreno do conhecido. Cônscia da monotonia de sua existência, cansada de suas repetidas experiências, empenha-se a mente em conquistar aquele "outro estado". Mas, quando se percebe que a mente é o "conhecido" e que todo movimento que faz não a leva ao outro estado, que é "o desconhecido", o nosso problema se resume então, não em como conquistar o desconhecido, mas em descobrir se a mente pode libertar-se do "conhecido". Penso que este problema deve ser considerado por todo aquele que deseje descobrir se existe alguma possibilidade de "realizar o outro estado", o desconhecido. Assim sendo, como pode a mente, que é resultado do passado, do conhecido, libertar-se do conhecido? Espero me esteja fazendo claro.

Como disse, a mente atual - tanto consciente como inconsciente - é produto do passado, resultado acumulado de influências raciais, climáticas, dietéticas, e outras. A mente, portanto, está condicionada, condicionada como cristã, hinduísta, budista ou comunista, e é bem óbvio que ela projeta aquilo que considera ser o real. Mas, quer a sua "projeção" seja a do comunista, que julga prever o futuro e quer forçar toda a humanidade a adaptar-se ao padrão de sua Utopia, quer seja a "projeção" do chamado homem religioso, que também julga conhecer o futuro e educa a criança, a pessoa de acordo com o seu ponto de vista particular - nem uma nem outra dessas projeções é o Real. Sem o Real, a vida se torna muito insípida, como é atualmente para a maioria das pessoas. E sendo insípidas as nossas vidas, começamos a tornar-nos românticos e sentimentais, a respeito do outro estado, do Real.

Ora, vendo-se que é este o padrão de nossa existência, e sem entrarmos em muitos pormenores, pergunto se é possível a mente libertar-se do conhecido, constituído das acumulações psicológicas do passado. Há também o conhecido representado pelas nossas atividades diárias, mas deste, como é bem óbvio, a mente não pode livrar-se; porque se qualquer de nós esquecesse o caminho de sua casa ou esquecesse os conhecimentos que o habilitam a ganhar o sustento, estaria à beira da demência. Mas pode a mente libertar-se dos fatores psicológicos do conhecido, que lhe oferecem a segurança pela associação e a identificação?

Para investigar esta matéria, teremos de descobrir se há realmente diferença entre o pensador e o pensamento, entre o observador e o objeto observado. Atualmente, há uma divisão entre os dois, não é verdade? Pensamos que o "eu", a entidade que experimenta, é diferente da experiência, do pensamento. Há um intervalo, uma divisão entre o pensador e o pensamento e por esta razão dizemos: "Tenho de controlar o pensamento". Mas o "eu", o pensador, é diferente do pensamento? O pensador está sempre procurando controlar o pensamento, moldá-lo de acordo com o que considera ser um padrão bom; mas existe pensador, se não existe pensamento? Só há pensar, e este cria o pensador. Podemos colocar o pensador em qualquer nível, chamá-lo o Supremo, o Atman; ou o que quer que seja; mas ele continua a ser resultado do pensar. O pensador não criou o pensamento; foi o pensamento que criou o pensador. Reconhecendo sua própria impermanência, o pensamento cria o pensador como entidade separada, a fim de dar permanência a si mesmo, pois é isso, afinal de contas, o que todos desejamos. Podeis dizer que a entidade a que chamais Atman, alma, pensador, está separada do pensamento, da experiência; mas só podeis estar cônscio da existência de uma entidade separada, por meio do pensamento e, também, por causa de vosso condicionamento como hinduísta, cristão, ou o que quer que sejais. Enquanto existir esta dualidade de pensador e pensamento, existirá necessariamente conflito, esforço, ou seja, a ação da vontade. E uma mente que quer libertar-se, que diz: "Tenho de libertar-me do passado" -

o que essa mente faz é só criar outro padrão.

Assim, a mente só pode libertar-se - e só então se torna possível a existência do "outro estado" - depois de cessar o esforço do "eu" para alcançar um resultado, neste mundo ou no outro mundo. Tudo o que fazemos se baseia em luta, ambição, sucesso, consecução de objetivos; e por esta razão, pensamos que a "realização" de Deus, ou da Verdade, só se torna possível mediante esforço. Mas esforço denota atividade egocêntrica para alcançar um fim. Não significa abandono do "eu".

Agora, se estais cônscios de todo esse processo da mente - tanto consciente como inconsciente - se o percebeis e compreendeis realmente, vereis a mente tornar-se sobremaneira tranqüila, sem esforço algum. A tranqüilidade conseguida a força de disciplina, controle, repressão, é a tranqüilidade da morte. A tranqüilidade a que me refiro se manifesta sem esforço algum assim que compreendemos todo esse processo da mente. Só então existe possibilidade de manifestar-se aquele outro estado, que se pode chamar a Verdade, ou Deus.

Debates

PERGUNTA:*Não admitis a necessidade da orientação dada por um guia? Se, como dizeis, não deve mais haver nem tradição nem autoridade, nesse caso todos terão de lançar novas bases para a sua existência. Assim como o corpo físico teve um começo, não deve haver também um começo para o nosso corpo espiritual e mental e não deve este ascender de cada degrau para o degrau superior, imediato? Assim como nosso pensamento se inflama, quando vos ouvimos, não é necessário despertá-lo, pelo contacto com os grandes espíritos do passado?*

KRISHNAMURTI: Senhor, este é um problema velho como o mundo. Pensamos que necessitamos de um guru, um instrutor, para nos despertar a mente. Pois bem. Que implica isso? Implica, de um lado, o homem que sabe, de outro lado, o homem que não sabe. Continuemos devagar, sem nos deixarmos influir por preconceitos. "O homem que sabe" se torna a autoridade, e "o homem que não sabe" se torna seu discípulo. E o discípulo vai sempre seguindo o mestre, na esperança de alcançá-lo, de se colocar no mesmo nível que ele. Agora, prestai atenção! Quando o guru diz que sabe, já não, é guru. Porque o homem que diz que sabe, não sabe. E vede porque não sabe: porque a Verdade, a Realidade, ou "o outro estado", não se acha num ponto fixo, não se pode alcançar por um certo caminho, e temos de descobri-la momento por momento. Se está num ponto fixo, nesse caso esse ponto se acha dentro dos limites do tempo. Para um ponto fixo pode haver caminho, como há um caminho para vossa casa; mas para uma coisa viva que não tem pouso fixo, que não tem começo nem fim, não pode haver caminho algum.

Ora, um guru que se oferece para ajudar-vos a conhecer a Realidade só poderá ajudar-vos a reconhecer o que já conheceis; porque o que se pode reconhecer, experimentar, tem de ser reconhecível, não achais? Quando o reconheceis, dizeis: "Experimentei" - mas o que é reconhecível, não pode ser aquele outro estado. O outro estado não é reconhecível, pois nunca foi conhecido; não é uma coisa que já experimentastes e que sois capazes de reconhecer. O "outro estado" é uma coisa que tem de ser descoberta momento por momento; e para descobri-la, a mente tem de ser livre. Senhor, a mente

tem de estar livre para descobrir qualquer coisa; e a mente agrilhoada pela tradição, antiga ou moderna, a mente que leva a carga da crença, dos dogmas, dos ritos, não é livre, evidentemente. Para mim, a idéia de que um outro pode despertar-vos, não tem validade alguma. Isto não é uma opinião; é um fato. Se um outro vos desperta, ficais sob sua influência, dependente dele; por conseguinte não sois livre; e só a mente livre pode descobrir.

É este, portanto, o problema, não achais?

Aspiramos àquele outro estado, e uma vez que não sabemos como alcançá-lo, passamos invariavelmente a depender de alguém, a quem chamamos instrutor, guru, ou a depender de um livro, ou de nossa própria experiência. E está criada, assim, a dependência, e onde há dependência há também autoridade. A mente se torna, por conseguinte, escrava da autoridade, escrava da tradição, e essa mente, de toda evidência, não é livre. Só a mente que é livre, pode descobrir; e contar com a ajuda de outro para o despertar da mente, é o mesmo que recorrer a uma droga que vos fará ver as coisas com muita nitidez, muita clareza. Há drogas que podem fazer a vida parecer, momentaneamente, muito mais "vital", de modo que todas as coisas assumem um relevo, um brilho extraordinário - as cores que vedes todos os dias, sem lhes dar atenção, se tornam extraordinariamente belas, etc. Tal poderá ser o vosso "despertar" da mente, mas estareis então na dependência da droga, como dependeis agora de vosso guru ou de um certo livro sagrado. E quando se torna dependente, a mente se embota. Da dependência provém o temor - o temor de não realizar o que se quer, o temor de não ganhar. Quando dependemos de outro, seja o Salvador, seja outro qualquer, isso significa que a mente está em busca de um resultado feliz, um fim satisfatório. Podeis chamá-lo Deus, a Verdade, ou como quiserdes - mas é sempre uma coisa que se quer ganhar. E, assim, a mente fica aprisionada, se torna escrava e, não importa o que faça - sacrificar-se, disciplinar-se, torturar-se - essa mente nunca descobrirá o outro estado.

O problema, pois, não é quem seja o instrutor correto, mas sim descobrir se a mente pode manter-se desperta. E isso só se pode descobrir quando todas as relações se tornam um espelho, em que ela se vê exatamente como é. Mas a mente não pode ver-se como é, quando há condenação ou justificação daquilo que vê, ou se há qualquer forma de identificação. Todas essas coisas tornam a mente embotada e, embotados que estamos, desejamos ser despertados. Por essa razão amparamo-nos em outro, para que nos desperte. Mas, em virtude do próprio desejo de ser despertada, a mente embotada se torna mais embotada ainda, porquanto não percebe a causa do seu embotamento. É só quando a mente percebe e compreende todo esse processo, e não depende de explicações de ninguém, é só então que ela é capaz de libertar-se.

Mas, como é fácil nos satisfazermos com palavras, com explicações! São muitos poucos os que rompem a barreira das explicações, ultrapassando as palavras e descobrindo por si mesmos o que é verdadeiro. A capacidade é produto da aplicação, não é? Mas nós não, nos aplicamos, porque nos satisfazemos com palavras, com especulações, com as tradicionais respostas e explicações com que fomos criados.
[sumário]

PERGUNTA:*Em todas as religiões, advoga-se a oração, como coisa necessária. Que dizeis acerca da oração?*

KRISHNAMURTI: Não importa o que eu possa dizer a respeito de oração, porque então o que digo

se torna meramente uma opinião oposta a outra opinião, e opinião nenhuma tem validade. Mas o que se pode fazer é investigar os fatos.

Que se entende por oração? Em parte, a oração é súplica, petição, desejo. Quando vos vedes em tribulação, aflição, e desejais ser confortado, rezais. Estais confusos, e desejais claridade. Os livros não vos satisfazem, o guru não vos dá o que desejais, e portanto recorreis à oração - a súplica silenciosa ou recitação de frases.

Ora bem, se ficais repetindo certas palavras e frases, vereis que a mente se tornará muito quieta. É um evidente fato psicológico que a quietude da mente superficial é produzida pela repetição. E, aí, que acontece? O inconsciente pode ter uma solução para o problema que está agitando a mente superficial. Estando esta tranqüila, pode o inconsciente transmitir-lhe a sua solução e dizemos, então: "Deus me atendeu". É com efeito, fantástico - se nos pomos a pensar no assunto - é fantástico ver-se essa mente pequenina, banal, que se acha num estado de tribulação por ela própria provocada, esperar uma resposta daquele "outro estado" - o imensurável, o desconhecido. Mas nossa petição é deferida, achamos uma solução, e ficamos satisfeitos. Este é um dos aspectos da oração.

Agora, rezais quando sois felizes? Quando estais cônscios dos sorrisos e das lágrimas dos que vos cercam; quando vedes o céu límpido e risonho, as montanhas, os campos cheios de riquezas, os movimentos ligeiros das aves; quando há alegria e deleite no vosso coração - rezais então? Não o fazeis, naturalmente. Entretanto, ser sensível às belezas da terra e também às suas misérias e sofrimentos, estar cônscio de tudo o que se passa em derredor - isso também, por certo, é uma forma de oração. Talvez tenha mesmo muito mais significação, um valor muito mais alto, porquanto poderá varrer-nos do espírito as teias-de-aranha da memória, os impulsos vingativos, enfim todas as estúpidas acumulações do "eu". Mas uma mente que se acha ocupada consigo mesma e seus próprios desígnios, que está cativa de crenças, dogmas, temores, ciúmes, ambições, avidez, inveja - essa mente de modo nenhum pode estar cônscia desta coisa maravilhosa que se chama a vida. Ela está presa nas correntes de sua própria atividade egocêntrica; e quando essa mente ora, seja pedindo uma geladeira (1), seja pedindo solução para os seus problemas, ela continua pequenina, ainda que suas orações sejam atendidas.

Tudo isso suscita a questão da meditação, não é verdade? A meditação é evidentemente necessária. A meditação é uma coisa extraordinária, mas em geral não sabemos o que é meditar. Só nos interessa saber como meditar, praticar um método ou sistema que nos faça ganhar alguma coisa, "realizar" o que chamamos Paz, Deus. Nunca nos interessou descobrir o que é meditação e quem é o meditador. Mas se começarmos a investigar o que é meditação, talvez venhamos a saber o que é meditar. O investigar da meditação é meditação. Mas para poderdes investigar o que é meditação, não deveis estar seguindo sistema algum porque, em tal caso, a vossa meditação fica condicionada pelo sistema. Para se poder explorar a fundo este problema da meditação, todos os sistemas têm de desaparecer. Só uma mente livre pode explorar; e o próprio processo de libertar a mente, para explorar, é meditação.[sumário]

PERGUNTA:*A idéia da morte só me é suportável, se posso crer numa vida futura. Mas dizeis que a crença é um obstáculo à compreensão. Peço-vos ajudar-me a perceber a verdade, nesta questão.*

KRISHNAMURTI: A crença numa vida futura, é o resultado de nosso desejo de conforto,

consolação. Se há ou não há uma vida futura, isto só se pode descobrir quando a mente não busca conforto numa crença. Se me vejo aflito pela morte de meu filho e desejo vencer esta aflição, creio na reencarnação, na vida eterna, etc.; e então a crença se me torna uma necessidade. É óbvio que a mente, nesse caso, nunca descobrirá o que é a morte, visto que só lhe interessa adquirir uma esperança, uma consolação, uma garantia.

Agora, se há ou não há continuidade, após a morte, este é um problema completamente diverso. Vê-se que o corpo se acaba; pelo uso constante, o organismo físico se consome. Que subsiste então? - A experiência acumulada, o conhecimento, o nome, as memórias, a identificação do pensamento como "eu". Mas isto não vos satisfaz; dizeis que deve haver outra maneira de continuação - a alma permanente, o Atman. Se há esse Atman que continua a existir, ele é criação do pensamento, e o pensamento que criou o Atman faz parte do tempo; esse Atman, portanto, não é espiritual. Se profundardes bem esta matéria, vereis que só existe pensamento, identificado como "eu" - minha casa, minha mulher, meus filhos, minha virtude, meu insucesso, meu sucesso, etc. - e quereis que isso continue. Dizeis: "Quero terminar meu livro antes de morrer", ou "Desejo aperfeiçoar as qualidades que me tenho esforçado para desenvolver, e para que terá servido esforçar-me tanto, em todos estes anos, para realizar uma coisa, se, no final de tudo, o que se me oferece é o aniquilamento?". A mente, pois, que é produto do conhecido, deseja continuar no futuro; e porque existe esta incerteza que chamamos a morte, sentimos medo e desejamos garantias.

Ora, a meu ver, o problema tem de ser considerado de outra maneira, ou seja descobrindo cada um por si mesmo, se é possível, enquanto vivo, "experimentar" o estado que chamamos "a morte". Isto não significa suicidar-se, porém, sim, experimentar realmente aquele estado extraordinário, aquele momento sagrado de estar morto para todas as coisas de ontem. Em verdade, a morte é o desconhecido, e não há racionalização, nem crença ou descrença, que possa produzir essa extraordinária experiência. Para alcançar essa interior plenitude de vida, que também inclui a morte, a mente deve livrar-se do conhecido. O conhecido tem de deixar de existir, para que o desconhecido possa existir.[sumário]

---

(1)Alusão a certa senhora que disse a Krishnamurti ter rezado, pedindo uma geladeira, e que Deus atendeu ao seu pedido. (N. do T.).

CONFERÊNCIAS EM BOMBAIM

1a. Conferência em Bombaim

4 de maio de 1956

ACHO importante compreender que a liberdade está no começo e não no fim. Pensamos que a liberdade é uma coisa que se precisa alcançar, que a libertação é um estado ideal da mente, alcançável pouco a pouco, através do tempo, por meio de várias práticas; mas tal maneira de ver, para mim, é completamente errônea. A liberdade não é uma coisa que se precisa alcançar; a libertação não é uma coisa que se deve ganhar. Liberdade ou libertação é o estado mental indispensável para o descobrimento de qualquer verdade, qualquer realidade e, portanto, não pode ser um ideal; ela tem de existir exatamente no começo. Não havendo liberdade no começo, não pode haver momentos de compreensão direta, porque, em tal caso, todo o pensar está limitado, condicionado. Se vossa mente está presa a qualquer conclusão, qualquer experiência, qualquer forma de conhecimento ou crença, ela não é livre e não pode, em tais condições, perceber o que é a verdade.

Isto é uma coisa que tem de ser sentida e percebida imediatamente e que não se presta a discussões intermináveis, - porque é um fato. Como pode uma mente mutilada, senhoreada por uma crença, um dogma, ou por seus próprios conhecimentos e experiências, ter capacidade para explorar e descobrir? A liberdade, pois, é essencial para se descobrir o que é a Verdade; e só aquele indivíduo que não é mero resultado do "coletivo", pode ser livre. Para que a mente possa habilitar-se à liberdade, há, evidentemente, necessidade de aplicação - a aplicação que acompanha a atenção; e é sobre isso que desejo falar nesta tarde. É essencial, acho eu, descobrir a maneira correta de escutar, porque, no próprio ato de escutar há esclarecimento. O esclarecimento é imediato, e não resulta de argumentação ou conhecimento comparativo, quando se escuta de maneira completa. É muito difícil escutar de maneira completa, quando não aplicamos toda a nossa atenção; mas é só quando escutamos completamente uma coisa, que há compreensão imediata.

Agora, se observardes a vossa própria mente, enquanto estais aqui sentados, notareis que estais ouvindo através de várias cortinas - a cortina do que sabeis, do que ouvistes dizer ou lestes, a cortina das vossas próprias experiências; e estas cortinas, com efeito, impedem o escutar. Nunca escutais realmente, estais sempre interpretando o que ouvis, de acordo com vosso "fundo" próprio (background), vossos preconceitos, de acordo com as conclusões a que chegastes. Por isso, não há escuta. E só é possível a transformação imediata quando se escuta completamente, o que significa não permitir interferência das coisas anteriormente aprendidas. Escutar completamente significa: não julgar, não avaliar - de modo que todo o nosso ser esteja atento. E quando se escuta por essa maneira, verifica-se imediato esclarecimento. Esse esclarecimento é liberdade, libertação imediata, fora do tempo.

Parece-me necessário diferençar entre "aprender" e "ser instruído'. Quase todos viestes aqui com o fim de escutar uma pessoa que pensais irá ensinar-vos alguma coisa; e, assim, vossa atitude perante este orador é a de quem espera ser instruído por um instrutor. Mas eu acho que não há possibilidade de ensinar; o que se pode é só aprender, e é muito importante compreender isto. Quando um indivíduo que escuta um orador, o considera como uma pessoa que lhe está ensinando alguma coisa, esta atitude cria e mantém a separação entre discípulo e mestre, entre o que sabe e o que não sabe. Mas só há possibilidade de aprender; e acho importante compreender isso desde o começo, para que se estabeleça a correta relação entre nós. O homem que diz que sabe não sabe. O homem que diz ter alcançado a libertação, não a "realizou". Se pensais que ides aprender de mim uma coisa que eu sei e vós não sabeis, tornar-vos-eis meu seguidor; e aquele que segue, nunca descobrirá a Verdade. Eis porque tanto importa compreender isso.

Um homem só pode ter conhecimento de coisas já experimentadas, não pode ter conhecimento do

desconhecido. O desconhecido se torna existente de momento a momento; não se pode juntar nem acumular; sendo atemporal, não pode ser guardado, para uso. O guru, o chamado instrutor que afirma que sabe, só pode saber as coisas que já experimentou; e o que ele experimentou é coisa condicionada, do tempo e, portanto, não é verdadeira. É essencial, pois, para que possamos compreender-nos mutuamente, estabelecer-se a relação correta entre nós, desde o começo. Não me estais escutando, para serdes instruído por mim; estais escutando para aprender. A vida é um "processo" de aprender; mas não se pode aprender, acumulando. Como se pode aprender, se nossa mente só se interessa em acumular e em servir-se de cada aquisição nova para -aumentar sua acumulação?

Prestai atenção, senhores: Quando dizemos "Preciso aprender", isto significa que, no processo de aprender, queremos armazenar as coisas aprendidas, com o fim de sabermos mais, não é exato? Este modo de aprender é essencial na aquisição de conhecimentos técnicos. Se quereis aprender a construir uma ponte, precisais acumular os conhecimentos necessários, se sois cientista, precisais conhecer os experimentos e descobertas dos outros cientistas. Esta espécie de conhecimento é essencial ao bem-estar físico do homem. Mas não falo de conhecimento neste sentido. Mesmo na ciência, não adorais nem seguis uma certa pessoa; seguis os fatos, e não os indivíduos. O próprio processo de experimentação, nas ciências, produz os descobrimentos correspondentes. Se sois um grande cientista não tendes ninguém para guiar-vos ao descobrimento, na experimentação; estais constantemente examinando, eliminando, explorando, investigando, com o fim de descobrir. Mas nunca procedemos assim, em relação à nossa vida interior, nossa vida religiosa. E isso é muito mais importante do que o mero descobrimento de fatos científicos; porque os fatos psicológicos podem ser alterados, para seus próprios fins, pela mente egocêntrica, a mente que só se,interessa por si mesma e seu próprio progresso.

O que aqui nos interessa é compreender o que é a verdade, o que é a vida religiosa, a vida rica. Se apenas sois instruído por uma pessoa que diz que sabe ou que considerais ter alcançado alguma excelência, estais criando uma separação entre vós e essa pessoa; e fica havendo, sempre, o mestre e o discípulo - o mestre a subir cada vez mais alto, e o discípulo a segui-lo. Prevalece, então, um estado de desigualdade. E a desigualdade, no terreno espiritual, é antiespiritual, imoral, porque com vos tornardes seguidor destruís a vós mesmo.

Compreendei esta verdade muito simples: enquanto estais seguindo outra pessoa, não importa quem seja ela, nunca descobrireis o que é eterno, "o outro estado" existente além dos limites da mente. Necessita-se, pois, de liberdade, exatamente no começo - não liberdade para escolherdes os vossos vários gurus, pois isto não é liberdade, - porém, liberdade para investigar, o que significa que não se deve seguir ninguém. Por conseguinte, não deve haver guru, nem mestre, nem livro sagrado. Para ser capaz de descobrir o que é verdade, a mente deve ser livre; e a mente não está livre quando pejada de conhecimentos acumulados e de experiências dela própria. "Aprender" é um constante processo de eliminação do que se está acumulando, eliminação, a fim de se continuar descobrindo.

A mente que se deixou prender ao Gita, ao Alcorão, à Bíblia, ou a certa crença, nunca será capaz de aprender; só é capaz de seguir; e ela segue, porque deseja segurança. Enquanto a mente está desejando um permanente estado de segurança, de não perturbação, enquanto está buscando sua própria perpetuação, por meio de uma crença, ela é, obviamente, incapaz de descobrir o que é Deus, o que é a Verdade.

A mente só pode aprender quando é capaz de renunciar, isto é, de despojar-se constantemente do que

está aprendendo. Se aprender é apenas uma operação de adição, então não há aprender. Percebei este fato. Enquanto a mente está acumulando, amontoando, como pode aprender, visto que tudo o que aprender será sempre traduzido de acordo com o que já acumulou? Quando há acumulação, não pode haver o movimento do aprender. Porque só quando está livre para explorar, a mente é capaz de aprender. Se a mente percebe, realmente, este fato, não de maneira argumentativa, de maneira verbal ou, como se diz, intelectualmente, porém profunda e verdadeiramente, nesse caso ela é capaz de encontrar aquilo que se pode chamar bem-aventurança, verdade, Deus, ou como quiserdes.

Assim sendo, parece-me muito importante compreender, exatamente no começo destas palestras, que não vos estou ensinando coisa alguma, porque, se assim não for, estaremos andando em direções diferentes. A bem dizer - afora umas certas coisas - guiar um carro, escrever cartas, etc. - eu nada sei. Por conseguinte, achando-se num estado de não conhecimento, a mente está capacitada para a perfeita investigação. A mente que sabe, não pode investigar; só a mente que está livre do "conhecido", pode encontrar-se com o "desconhecido".

Estas palestras não têm o fim de guiar-vos, dizer-vos o que deveis fazer, porém, antes, a sua intenção é de libertar a mente, para que possa descobrir por si mesma o que lhe cumpre fazer, sem seguir pessoa alguma. Isto significa a quebra da tradição, o completo abandono da idéia de venerar uma certa pessoa, com o fim de achar Deus. Somos criados com a idéia de que o guru é essencial, porque é um homem que sabe e irá dizer-nos o que devemos fazer; estamos completamente imbuídos desta tradição e cumpre cortar-lhe imediatamente a raiz, para que sejamos capazes de compreender as questões que vamos examinar. Vede, senhores, temos medo de ficar privados dos nossos guias, porque nos achamos sumamente confusos; e quando agimos, em meio à nossa confusão, aumenta-se a confusão. Mas a confusão só pode ser dissipada por cada um de nós, sendo esta a razão por que tanto importa o indivíduo compreender a si mesmo. Com a compreensão vem uma ação que não é confusa nem causadora de confusão. O autoconhecimento, portanto, é essencial, mas não o autoconhecimento que se ensina nos livros, porque isso não e autoconhecimento, de modo nenhum, e sim, meramente, vã repetição. O que tem valor é não se supor coisa alguma - que sois Atman, Paramatman, etc. - porém descobrir, nas vossas relações, dia a dia, o que sois realmente, - e isto é aprender a conhecer a si mesmo. Mas não podeis aprender a conhecer a vós mesmo, se guardastes o que ontem aprendestes, porque então comparais ontem com hoje, e esta comparação destrói os novos descobrimentos. O autoconhecimento é uma coisa viva, e não um monte de trastes inúteis, trazidos de ontem.

Quando se percebe isso realmente, como é simples o que se nos mostra! E a mente tem de ser simples, "inocente" - o que significa não trazer as acumulações feitas ontem. 5ó essa mente pode descobrir o significado de todo este processo do viver, que atualmente é tão caótico, infeliz, violento. Eis porque é necessário compreender, desde o começo, que a vida não é uma escola onde há professor e aluno. A significação da vida deve ser encontrada no processo de viver; pois, desde que começais a acumular, estais morto, como um poço de água estagnada. Torna-se, pois, essencial que a mente seja como as águas correntes do rio, sempre a fluir, o que significa que se necessita de liberdade desde o começo.

Antes de considerarmos juntos algumas das perguntas que aqui tenho, convém esclarecer-nos quanto à nossa intenção. Eu não vou responder a estas perguntas, porque não há resposta para nada. Compreendei isto, por favor, pois do contrário estareis perdendo tempo, ouvindo-me falar. Não há resposta, porém, sim, só o desdobramento do problema e, conseqüentemente, a beleza do descobrimento da Verdade dentro do próprio problema, A mente que busca solução, nunca investigará o problema, porque está ocupada em obter a solução e seu maior desejo é satisfazer-se. Os mais de nós

queremos uma solução agradável e fácil para os nossos problemas. Mas, aqui, não estamos dando solução, estamos desdobrando o problema, descobrindo todas as suas facetas e sutilezas, discernindo o fato extraordinário que se esconde atrás do problema. Afinal, a mente é nosso único instrumento de percepção, e, se se ocupa com uma resposta, ela barra a si própria o caminho da percepção. A mente que só se preocupa com o resultado, a conclusão, obsta a sua própria ação, seu próprio viver; fica fechada entre as paredes de seus próprios argumentos, seus esforços determinados. Assim, tende presente no espírito, que não vou responder a estas perguntas. Estamos tentando, juntos, descobrir a verdade contida no problema, e não estamos procurando solução. Porque a mente, no seu desejo de satisfazer-se, quer uma solução conveniente e agradável e tal solução, tal resposta, não é a verdade.

Debates

PERGUNTA:*Depois de vos termos ouvido com o maior interesse durante tantos anos, vento-nos exatamente no mesmo lugar em que estávamos antes. Não há anais nada que esperar?*

KRISHNAMURTI: A dificuldade deste problema é o querermos um resultado que nos convença de termos progredido, de termos sido transformados. Queremos saber que chegamos aonde queríamos chegar. Mas o homem que chegou, o homem que escutou e logrou um resultado disso, esse homem evidentemente não escutou. (risos) Senhores, esta não é uma reação inteligente. O interrogante diz que me está escutando há muitos anos. Ora, tem escutado com atenção completa, ou só com o fim de chegar a uma parte e convencer-se de ter chegado? 1ste é o mesmo caso do homem que pratica a humildade. A humildade pode ser praticada? Por certo, se estamos convencidos de que somos humildes, não somos humildes. Vós quereis convencer-vos de que chegastes. Isto indica, - não é verdade? - que tendes escutado com o fim de alcançar um certo estado, um certo lugar onde nunca sejais perturbados, onde possais encontrar a eterna felicidade, a bem-aventurança permanente. Mas, como antes disse, não há chegar; há 'só o movimento do aprender - e esta é a beleza da vida. Se chegarmos, não há mais nada para buscar, para aprender. Todos vós chegastes ou desejais chegar, não só em vossos negócios, mas em todas as coisas que fazeis. Por essa razão, vos vedes insatisfeitos, frustrados, dignos de lástima. Senhores, não há um lugar a que é preciso chegar; o que há é só o movimento do aprender, que só se torna penoso quando há acumulação. A mente que escuta com atenção completa, nunca está procurando um resultado, porque está constantemente a desdobrar-se; qual um rio, está sempre em movimento. Essa mente está de todo inconsciente de sua própria atividade, isto é, não há a perpetuação de um "eu", ávido de resultados.[sumário]

PERGUNTA:*Em toda parte, tanto interior como exteriormente, vê-se o incitamento à violência. O ódio, a má-vontade, a mesquinhez, a agressão, imperam não só na índia, mas também nos quatro cantos do mundo e na própria psique do homem. Qual a vossa solução para esta crise?*

KRISHNAMURTI: Este problema, como todo problema humano, é muito complexo. Para ele não há resposta "sim" ou "não". Porque somos violentos como indivíduos e, conseqüentemente, como grupo, como nação? Considerai o que aconteceu recentemente nesta cidade. Porque somos violentos, e até mais do que violentos? Que importa vos denominardes Gujarathi ou Maharashtrian? Que importância tem um nome? Mas, atrás do nome jazem, represados, todos os preconceitos, o estreito, estúpido,

insulante provincialismo; e da noite para o dia vos vedes cheios de ódio acutilando o vosso próximo, com palavras e com o ferro. Porque procedemos assim? Porque estamos, como um grupo de hinduístas, opostos aos cristãos? E porque estão os alemães ou americanos, como grupos, opostos a outro grupo? Porque somos assim? Vós e eu podemos inventar desculpas e explicações às centenas, e quanto mais talentosos somos, tanto mais sutis se tornam as nossas explicações. Mas, deixando de parte as explicações, sabeis que sois assim? Estais cônscios de que, subitamente, podeis voltar-vos contra o vosso vizinho, por causa de uma fronteira traçada no mapa, porque certos políticos ambicionam mais poder e estais mais do que prontos a apoiá-los, porque também ambicionais o poder? Porque. sois assim? Os muçulmanos e os hinduístas estão uns contra os outros. Porque? E estais côncios desse fato, em vós mesmos? Não achais importante saberdes que assim sois, em vez de, idealísticamente, quererdes parecer não violentos, e outros absurdos que tais? O fato real é que sois violentos; e o problema me parece ser que não percebeis que sois violentos, porque estais sempre simulando não ser violentos. Fostes criados, educados, nutridos com o ideal da não violência; mas o ideal é uma falsificação, uma coisa inexistente. O que existe é o que sois - violentos - e a distância existente entre o ideal e o fato, gera esta hipócrita existência dupla, que é um dos infortúnios de nosso país. Sois todos pessoas muito idealistas, sempre a falar de não-violência e a massacrar os vossos vizinhos. (risos) Não riais, senhores, isto não é engraçado. Estou mostrando fatos. Achais que poderíeis tolerar a pobreza, a degradação, os horrores que se vêem em cada cidade e aldeia da índia, se fôsseis realmente misericordiosos? Não sois realmente misericordiosos e compassivos e é por isso que levais vidas duplas.

O fato é muito mais importante do que o que deveria ser. O fato é que sois violentos; e vos recusais a olhar de frente este fato, porque, dizeis, não deveis ser assim. Clamais contra a violência, procurais repeli-la, porém ela continua a existir. Reconhecei o fato de que sois violentos, em vez de cultivardes o ideal de não violência, coisa inexistente, pois só assim se pode acabar a violência. Vossa atenção não está então distraída, está toda entregue à compreensão da violência e podeis, por conseguinte, fazer alguma coisa com relação à violência; podeis ocupar-vos atentamente, diligentemente com o fato da violência, da má-vontade, da degradação, da crueldade. E eis porque é tão importante acabar com o ideal, aboli-lo completamente.

Sabeis que a crueldade campeia por toda a parte, neste país, crueldade não apenas para com o próximo, mas também para com os animais. Se percebêsseis a falsidade do ideal, não achais que seria possível olhar de frente o fato e acabar com ele definitivamente? Seríeis então um povo de todo em todo diferente, faríeis nascer uma civilização diferente, uma sociedade diferente, não seríeis imitadores do Ocidente; seríeis uma realidade - e a realidade é original, não é imitadora. Mas não se pode ver o original, o real, quando a nossa atenção está distraída pelo ideal.

O ideal nenhuma significação tem; o que tem significação é o fato. Por meio do ideal, esperais livrar-vos do fato, mas isso não é possível; e, mais uma vez, acho muito importante compreender isto: a mente que segue um ideal é uma mente irreal, uma mente que está fugindo, evitando o fato. Mas olhar de frente o fato é muito difícil para a mente que há séculos está sendo educada para aceitar o ideal como coisa digna de nossos esforços. Praticais a não-violência, Ahimsa e tudo o mais -e isto para mim é puro absurdo, já que não se trata de um fato. O fato é que sois violentos, como o tendes comprovado vezes e mais vezes, e ele significa que sois sem compaixão; e não se pode ter compaixão na forma de ideal. Ou somos compassivos ou não somos. Existe violência no mundo, porque existe em vosso coração; e a expulsão da violência deve ser vosso único cuidado, e não o cultivo do ideal da não violência. Para expulsardes a violência, tendes de aplicar-lhe a vossa atenção, na vida de cada dia, tornando-vos cônscios das vossas palavras, dos vossos gestos, do modo como falais com vossos criados, vossos vizinhos, vossa mulher e filhos. Vossa violência indica que não há amor em vós - e isso é um fato. i Se puderdes considerar o

fato, então, com essa própria ação, transformareis o fato, atuareis de alguma maneira sobre ele.[sumário]

PERGUNTA:*Admitindo-se que a religião é da mais alta importância na vida, a pessoa verdadeiramente religiosa não se sentirá interessada na situação desditosa de seu semelhante?*

KRISHNAMURTI: Tudo depende de quem é que chamais "pessoa religiosa" e do que entendeis por "sentir-se interessado". Tende a bondade de prestar atenção, senhores. O homem religioso deveria ocupar-se com reformas sociais? Que está acontecendo, realmente, no mundo? A pessoa dita religiosa se preocupa com os sofrimentos, as tribulações e a pobreza de seu semelhante, que exigem uma reforma da sociedade. Isto sucede aqui na índia e noutras partes.

Ora, como sabemos, a produção de utilidades está aumentando muito e é bem provável que daqui a cinqüenta ou cem anos haja alimentação e roupa e morada para todos; porque os comunistas têm esse alvo em mira, pelos métodos brutais e tirânicos que lhe são próprios, e os capitalistas têm igual objetivo, para servir aos seus próprios fins. Estamos todos trabalhando para minorar a pobreza e fomentar a produção, pelo uso de métodos cada vez mais eficientes, de novas invenções mecânicas, etc. Tudo isso está sucedendo e continuará a suceder em escala maior ainda - como deve ser. Mas, não há dúvida, o que é de primacial importância é ver a pobreza, ver a degradação, ver como o homem está tratando o homem - o que é algo aterrador - e também senti-lo, em vez de perguntar o que se deve fazer. O que se deve fazer, virá a seu tempo. Mas quase todos nós perdemos o amor pelo homem, em nossa atividade para reformar o homem. Essa reforma vai ser realizada pelo comunismo, de acordo com seus princípios violentos, pelo socialismo, pelo capitalismo e pela constante pressão das nações pobres sobre as nações opulentas. Essa própria pressão provocará uma mudança, uma revolução.

Ora, o problema é este: - Quem é o homem religioso? E deve um homem religioso interessar-se por essa reforma social, em que se trata de acabar com a pobreza e possibilitar uma distribuição eqüitativa dos bens materiais? É evidentemente necessário extirpar a pobreza, ter boa saúde, alimentação suficiente, casas adequadas para morar, etc.; e isso haverá de realizar-se, por meio da legislação, da pressão, da produção em massa, etc.

Mas que entendemos nós por um homem religioso? Por certo, o homem religioso é o que trabalha para libertar o indivíduo e a si próprio de todas as crueldades e sofrimentos da vida - o que significa que ele é livre de crenças. Esse homem não obedece a nenhuma autoridade, não segue a ninguém, porque ele é a luz de si mesmo; e essa luz irradia do autoconhecimento, é a libertação que vem à existência quando o indivíduo compreende completamente a si mesmo. O homem religioso é aquele que é criador, não no sentido de pintar quadros ou escrever poesias, mas porque nele atua uma força de criação imorredoura, eterna.

Ora, esse homem religioso que descobre sempre coisas novas, de momento a momento, esse homem ir-se-á ocupar com reformas sociais? Ou permanecerá fora da sociedade, socorrendo o indivíduo que se debate nesta luta interminável? Certo, o homem religioso permanece fora da sociedade, porque para ele não existe autoridade. Ele não busca resultados e, por conseguinte, os resultados surgem sem que ele nada faça para consegui-los. Esse homem não se interessa por nenhuma reforma social.

Notai bem: A reforma social é necessária, mas há muita gente trabalhando pela reforma social. E qual a razão dessa atividade? É por amor que a ela se entregam? Ou essa atividade, a que chamam reforma social, é um meio de essas pessoas se preencherem a si mesmas? Notar o mendigo na rua, ver a aterradora pobreza e a degradação existente nas aldeias, e sentir isso, ter amor, compaixão, pelo mendigo, pelo aldeão, isso não é o mesmo quê nos preenchermos numa atividade de reforma social - mesmo quando exerçamos atividades desta natureza. Mas quando a vossa pessoa se torna importante, numa atividade social, isto não acontece porque vos estais preenchendo com tal atividade? E quando isso acontece, já não amais; e o amar, o ter compaixão, o ser sensível ao belo e ao feio, isso é muito mais importante do que nos preenchermos num certo trabalho ostensivo, a que chamamos reforma social.

Assim, o homem religioso é que é o verdadeiro revolucionário, e não o que quer realizar uma revolução no sentido econômico. O homem religioso não reconhece nenhuma autoridade, não é ávido nem ambicioso, não está visando a resultados, não é político; por conseguinte só ele é capaz de realizar a reforma correta. Eis porque é importante que todos nós, não como grupos, mas como indivíduos, nos libertemos imediatamente das crenças e dogmas, da avidez e da ambição. Se assim procederdes, vereis como a mente se tornará cheia de vitalidade. E o homem é então um reformador num sentido completamente diferente, porque irá ajudar-nos a libertar a mente, para descobrir e ser criadora. A mente que está ocupada, não pode ser criadora. A mente que se ocupa em preencher a si mesma, nunca descobrirá o desconhecido. Só a mente que se acha completamente desocupada, pode descobrir e compreender o eterno, e essa mente produzirá sua ação peculiar, na sociedade.[sumário]

2a. Conferência em Bombaim

7 de março de 1956

ESTIVEMOS falando no último domingo sobre a questão de o indivíduo libertar-se de todas as limitações que lhe são impostas pela sociedade, e sobre o condicionamento religioso; porque, só quando está livre de seu condicionamento pode o indivíduo ser criador.

Entendo por "criação" o "estado de ser" libertado do tempo, porque é só neste estado que se pode produzir a correta transformação social e o bem-estar total do homem.

Não parecemos compreender o pleno significado da libertação individual do "coletivo", nem perceber a sua importância. É possível o indivíduo emergir do coletivo? Afinal, embora tenhamos nomes diferentes, depósitos particulares no banco, residências particulares, características pessoais, etc., não somos realmente indivíduos e. sim, meramente, um resultado do "coletivo". Séculos e séculos de valores tradicionais, de crenças e dogmas, conscientes ou depositados no inconsciente, indicam-nos o caminho

que devemos seguir e impelem-nos a mente, que temos por individual. Mas a mente é um resultado da totalidade dessas compulsões, impulsos e desejos, e embora lhe seja atribuído um nome especial, como Sr. X, ela não tem real individualidade. E não me parece que compreendemos quanto é necessário, essencial, o emergir do indivíduo desse total condicionamento do homem. É no instante em que nos libertamos do "coletivo" que surge o indivíduo criador, e a libertação desse estado criador é a questão fundamental, já que sã então se pode descobrir se existe uma realidade atemporal, um estado a que se pode chamar "Deus". A mera asserção de que há ou não um tal estado, nenhum valor tem; o que tem valor é a experiência direta, não contaminada pelo passado.

Como estive explicando em nossa última reunião, a libertação deve estar no começo e não no fim. A liberdade deve vir em primeiro lugar, e não por último; e só pode haver liberdade quando a mente começa, no ponto de partida exato, a libertar-se de seu próprio condicionamento.

Importa pois a cada um de nós "realizar" essa liberdade em nós mesmos e exigi-la para nossos filhos, pela educação correta, etc. É sobre isto que desejo falar nesta
tarde.

Ora, evidentemente, não estamos livres quando estamos seguindo a outro. É preciso estar-se livre do instrutor religioso, e isso significa que cada um tem de ser a luz de si mesmo e não depender da luz de nenhum outro. E pode-se realmente "experimentar" esse aliviar, esse libertar da mente do líder, do instrutor, do guru? Podemos experimentar realmente esse estado agora, que estamos falando sobre ele, de modo que a mente não dependa de nenhuma autoridade, não dependa de ninguém, para orientá-la e guiá-la?

Todas as vossas chamadas doutrinas religiosas criam um ideal, que seguis; e este ideal se torna uma nova espécie de instrutor. E, por certo, esta total libertação da idéia do guia, do instrutor, do seguir, sob qualquer forma que seja, esta libertação é essencial. Porque o seguir um instrutor implica acumulação de conhecimentos, e a libertação só é possível pela completa renúncia ao conhecimento. Afinal, são só conhecimentos o que estamos verdadeiramente buscando, na nossa vida de cada dia, não é verdade? Precisamos de conhecimentos para executar trabalhos, conhecimentos para agir, conhecimentos para 'nos guiarem ao alvo, ao sucesso, à realização de algo. E esse próprio conhecimento se torna o fator de nosso cativeiro. Mas pode a mente liberta-se do conhecimento? Acho muito importante considerar esta questão e, portanto, tratemos de investigá-la e não a ponhamos de parte, dizendo que a mente não pode libertar-se do conhecimento ou afirmando, meramente, que isso é possível.

O seguir implica sempre acumulação de conhecimentos, não é verdade? E onde há acumulação de conhecimentos tem de haver imitação. Afinal, quando se vos faz uma pergunta sobre questão que conheceis bem, vossa resposta é imediata. Se vos perguntam onde morais, qual a vossa profissão, vosso nome, etc., a memória responde instantaneamente, porque são coisas com que estais bem familiarizado. Mas se se faz uma pergunta mais complexa, há então hesitação - isso implica que a mente está dando uma busca nos arquivos da memória, para achar a resposta correta. E se se pergunta uma coisa sobre a qual praticamente nada sabeis, recorreis a um livro ou buscais mais profundamente naquela parte da consciência que é a memória. Assim sendo, sois sempre guiados pela memória. Memória deve haver, porque do contrário não poderíeis voltar à vossa casa, executar o vosso trabalho, construir uma ponte, etc. Aprendemos uma multidão de coisas necessárias e esses conhecimentos naturalmente não devem ser esquecidos. Mas eu me refiro a conhecimentos de ordem completamente diferente: os conhecimentos

que a psique acumula, com o fim de proteger-se no futuro e realizar qualquer coisa que deseje realizar, psicologicamente, espiritualmente. É esse conhecimento que nos faz,egocêntricos, porque a mente dele se serve como meio de dar continuidade a si mesma, como meio de expansão do "eu". É a esse conhecimento que cumpre renunciar totalmente. Esta é que é a verdadeira renúncia - e não o abandonar uns poucos bens, uma casa, um pedaço de terra, e cingir uma tanga.

Temos, pois, esse conhecimento acumulado, sobre o qual a psique se forma e se mantém. E pode a mente, que é resultado do passado, renunciar a esse conhecimento? Decerto, enquanto a mente não se descartar desse conhecimento, nunca encontrará o que é novo, jamais conhecerá o instante atemporal, que é o "estado criador". Vede, o de que necessitamos neste momento não é mais físicos, mais cientistas, engenheiros, burocratas, políticos, porém indivíduos que conheceram esse "estado criador"; porque esses indivíduos é que são as pessoas verdadeiramente religiosas - o que significa que não pertencem a nenhuma sociedade, nenhum grupo, nenhuma classificação. Eis porque muito importa compreender todo esse processo da acumulação de conhecimentos, que subentende identificação e senso de avaliação. Pode a mente estar livre, para observar sem avaliação nem julgamento? Não resta dúvida de que suas avaliações, suas comparações, suas condenações, baseiam-se todas no conhecimento, e essa mente é incapaz de compreender o que é verdadeiro.

Se observardes o processo de vosso próprio pensar, vereis que a mente só tem interesse em acumular mais e mais conhecimentos, e por essa razão nunca há um momento de liberdade, para explorar. E acho muito importante compreender, isto é, "experimentar", real e instantaneamente, esse estado de liberdade do passado, sem continuidade, - e não apenas asseverar que a mente pode ou que a mente não pode ser livre. Isso se tornará bastante simples, se soubermos escutar realmente o que se está dizendo; porque isso é uma coisa que se tem de experimentar, que se tem de sentir, e não discutir a seu respeito.

A mente, em verdade, é resultado do passado, de muitos dias pretéritos, o que é um fato bem óbvio.- Ela é o resíduo do conhecido - sendo o conhecido a coisa experimentada, a palavra, o símbolo, o nome, o inteiro processo de reconhecimento. Essa mente, de certo, é incapaz de descobrir ou "experimentar" o desconhecido. Ela poderá especular, mas sua especulação estará baseada no conhecido, nas coisas que leu, Só poderá a mente experimentar aquele estado, quando o conhecimento - e por este termo entendo a memória de muitas experiências, - o inteiro processo de reconhecimento, que é "eu", "meu" - houver terminado.

Pois bem. Se puderdes, não apenas escutar o que se está dizendo, mas também afastar de vós tudo o que conheceis - as conclusões, as avaliações, as determinações, os ideais - vereis então surgir um estado sem continuidade, como memória, mas que é, instantaneamente, a totalidade do Ser. Esse momento é que é o Sublime, o Supremo, e ele precisa ser experimentado. Mas só se pode experimentá-lo, quando a mente está completamente tranqüila, compreendendo a totalidade de sua própria estrutura. E pelo autoconhecimento que vem a quietude da mente, e não por meio de disciplina, por meio de compulsão. E nessa tranqüilidade total encontrareis um momento que não está relacionado com o passado, um instante em que se verifica a criação. E esse estado é essencial, porque liberta a mente do "coletivo" e dá existência à individualidade.

O "coletivo" é a mente condicionada pela sociedade, por influências inúmeras, pelos valores e crenças a que se apega a multidão e de que uns poucos se livram, mas só para lhe acrescentarem mais uma crença. Em vista de tudo isso, é possível à mente, sem esforço algum, renunciar ao passado? Enquanto o não

fizer, continuará a haver a observância,da tradição, de ontem ou de há milhares de anos. E a mente que segue a tradição é imitativa, dependente de um instrutor, com o que mantém a desigualdade, não apenas no nível físico, mas também no nível psicológico. Para essa mente, "criação" é apenas uma palavra sem sentido. Para se produzir um estado diferente, uma cultura diferente, uma diferente maneira de vida, é de todo necessária a libertação do indivíduo, a libertação dessa força criadora interior que produzirá sua sociedade própria, seus valores próprios.

Debates

PERGUNTA:*Os dias se sucedem nesta fútil jornada da existência. Que significa tudo isso? Tens a vida alguma finalidade?*

KRISHNAMURTI: Quase todo o mundo faz esta pergunta, não é verdade? Quase todos nos achamos confusos; e quando perguntamos se a vida tem alguma finalidade, significação, queremos que nos garantam que tem, ou que nos digam qual é o alvo, a finalidade da vida.

Ora, a vida tem algum alvo, alguma finalidade? Qual é o estado da mente que faz esta pergunta? Certamente é muito mais importante averiguar isto do que descobrir se a vida tem alguma finalidade. Afinal, que é a vida? Ela pode ser compreendida pela mente? A vida são tristezas e alegrias, sorrisos e lágrimas, e lutas infindas; é a insondável profundeza e a beleza de todas as coisas e de nenhuma coisa. A vida é imensa e não pode ser compreendida por uma mente pequena. E a mente pequena é que faz tal pergunta. Porque a mente pequena se acha confusa - e este é o caso da maioria de nós - ela deseja saber qual é a finalidade da vida. Confusos, que estamos, politicamente, economicamente e, também, espiritualmente, interiormente, queremos uma diretiva, queremos que nos digam o que devemos fazer. E quando o perguntamos, a resposta que recebemos é invariavelmente confusa, porque a mente confusa "projeta" e traduz a resposta.

A questão, por conseguinte, não é de saber qual é a finalidade, o significado da vida - porque não podemos prender o vento em nossa mão nem fechar dentro de uma moldura a vastidão da vida, para adorá-la. Mas o que se pode fazer, é ver o estado de confusão em que vos achais e descobrir como a ele atender. Uma vez tenhamos compreendido a nossa confusão, nunca mais perguntaremos qual é a finalidade da vida, porque então estaremos vivendo, não mais estaremos agrilhoados ao tirânico padrão de uma dada sociedade, comunista ou capitalista. E esse próprio viver encontrará a resposta apropriada.

A mente confusa que busca claridade, só encontrará mais confusão. Não é exato isto? Se estou confuso e busco um caminho, uma diretriz, tanto o caminho como a diretriz hão de ser também confusos. Só a mente esclarecida pode achar o caminho, se caminho existe - e não a mente confusa. Ora, isto é muito simples e óbvio.

Pois bem. Se compreendo que é inútil buscar uma diretriz enquanto estou confuso, continuarei a procurá-la? Ou desistirei de recorrer a qualquer pessoa, pedindo-lhe uma diretriz, percebendo que

minha escolha de um guru, um político, um livro, ou de determinados valores, há de ser também confusa? Penso, pois, essencial compreendermos a totalidade de nossa confusão, não teoricamente, mas como experiência real.

O fato é que estais confusos, mas tendes medo de reconhecê-lo. Andais nervosos, apreensivos, porque se admitirdes que estais confusos, não sabereis o que deveis fazer. E, assim, vos lançais no torvelinho da ação imediata. Mas se vos tornais cônscios da totalidade de vossa confusão, que acontece? Ao saberdes que qualquer movimento da mente confusa só pode acarretar mais confusão, não vos detendes imediatamente? Cessa então toda busca; e quando a mente confusa detém a sua busca, desaparece também a confusão e há um novo começo. Isto é muito simples; o difícil é reconhecermos para nós mesmos que estamos confusos.

Assim, pois, estais experimentando, realmente e não apenas verbalmente, este estado de confusão em que vos achais? Se estais, então não perguntareis a mais ninguém qual é o significado da vida. Se percebeis realmente a vossa confusão, se realmente a experimentais, como um fato, urna realidade, deixareis com toda a certeza de fazer perguntas, exigências, buscas, e esse próprio ato, essa própria cessação, é o começo de uma investigação de qualidade inteiramente nova. Descobrirá então a mente o extraordinário significado da vida, sem que ninguém lho diga.

Atualmente, queremos ser tirados de nossa confusão por outra pessoa; mas ninguém nos pode guiar para fora de nossa confusão. Enquanto existir escolha, tem de haver confusão. Escolha indica confusão. No entanto, temos um orgulho imenso dessa faculdade de escolher, a que chamamos "livre arbítrio". É só a mente que não escolhe, mas percebe diretamente, sem interpretação, sem ser influenciada, é só esta mente que não está confusa e, portanto, se acha capacitada para descobrir o incognoscível.[sumário]

PERGUNTA:*Existe alguma maneira de criar boa-vontade? Podeis informar-nos como viver juntos, em paz com outros, em vez desse hostil antagonismo entre todos?*

KRISHNAMURTI: A paz e a boa-vontade, sem dúvida, são muito difíceis de estabelecer. Podeis construir uma ponte juntos, ou trabalhar juntos num escritório, porque tendes um patrão que vos manda e vos diz o que deveis fazer. Mas a verdadeira cooperação não pode ser exercida sob compulsão, nem nasce do seguirmos juntos as plantas traçadas por um arquiteto. A paz e a boa-vontade só poderão ser estabelecidas, quando sentirmos que esta Terra é nossa - que não pertence aos comunistas, aos socialistas ou capitalistas, mas a vós e a mim. Ela é nossa Terra, e temos de enriquecê-la e participar juntos dessas riquezas, em vez de nos dividirmos nacionalisticamente, racialmente, ou de acordo com as crenças, os credos e os dogmas de várias religiões organizadas.

Tende a bondade de escutar bem isso, senhores, pois não se trata de simples palavreado. Se desejais realmente estabelecer a boa-vontade e viver juntos em paz, precisais eliminar todas as diferenças de classes e todas as barreiras religiosas - barreiras de dogma, tradição e crença. Não deveis esperar que os governos promovam a paz e a boa-vontade, pela legislação, porque a paz do político não é a paz do homem religioso; são duas coisas totalmente diferentes. O que é necessário é sentirmos, realmente, a paz e a .boa-vontade, todos os dias, sermos verdadeiramente bons, sem nos envergonharmos desta palavra, e sem nos deixarmos pegar pelas organizações, que se supõe trarão a paz mas que, de fato, a estão destruindo, em defesa de seus próprios interesses. Quando existir, dentro em nós, esse sentimento de

paz e boa-vontade, ele criará o seu mundo próprio. Mas, infelizmente, â maioria de nós não interessa criarmos juntos esse sentimento. O que em geral nos une, não é o amor, não é a simpatia, não é a compaixão, porém o ódio, em virtude de nossa identificação com um grupo que está oposto a outro grupo, Quando nosso grupo se vê ameaçado de destruição por outro grupo, nisso que se chama a guerra, esta ameaça nos faz unir-nos; mas tão logo desaparece a ameaça tornamos a separar-nos - e isso nos é provado todos os dias, pelos fatos.

O que se torna necessário, por conseguinte, não é o ideal da paz ou da boa-vontade, mas, sim, que nos ponhamos frente a frente com o fato de que somos violentos. Quando vos denominais Maharashtrianos, Gujarathis, ou sei lá o que mais, sois violentos, porque vos separastes por meio de uma palavra; e esta palavra estimula o antagonismo, ergue uma barreira entre vós e vosso semelhante. Mas todos somos entes humanos, tendo essencialmente as mesmas tribulações, as mesmas preocupações, misérias e sofrimentos; e o que importa, de certo, é que se perceba este fato óbvio, que se lance fora, sem esforço algum, alegremente, o 'nosso nacionalismo, as nossas insignificantes organizações e comunidades 'e sejamos, simplesmente, humanos. Mas, em geral, preferimos passar os dias a especular a respeito de Deus, a discutir o Gita e sobre as demais insignificâncias que vêm nos livros, o que não tem significação alguma. Por isso continua a existir, cada vez mais forte, o nosso antagonismo. O que tem significação são as relações; e se, juntos, queremos implantar a paz e a boa-vontade, temos de deixar de ser meros idealistas e, literalmente, jogar fora todos os absurdos e estultícias do nacionalismo, do provincialismo, despojar-nos de todas as crenças e vaidades, para começarmos de novo, livres e felizes.

Isto não é uma fala ou resposta destinada a estimular-vos a fazer essas coisas. O homem inteligente atua: pela força de sua própria compreensão. Só o estúpido busca estímulos; e se for estimulado, continuará a ser estúpido. Mas, se esse homem souber que é estúpido, nesse caso poderá fazer alguma coisa a tal respeito. Se está cônscio de sua própria vulgaridade, pequenez, seus ciúmes, sua violência, e percebe que cultivar ideais é outra forma de estupidez, então ele será capaz de produzir uma transformação em si mesmo. Se sei que sou arrogante, sei o que devo fazer ou o que não devo fazer, conforme o caso. Mas o homem que é arrogante e quer mostrar-se humilde, ou aquele que segue o ideal da humildade, é estúpido, porque está fugindo do fato para a irrealidade. A não-arrogância é um estado irreal, para o homem que é arrogante. Mas somos criados com esta divisão, dentro em nós mesmos, do fato e do ideal e, por isso, somos hipócritas. Mas se sabemos que somos arrogantes e sabemos enfrentar este fato, nisto está o começo do fim da arrogância.

Do mesmo modo, se desejamos realmente implantar, juntos, a paz e a boa-vontade, precisamos de amor - não o amor ideal, mas o simples amor, a bondade, a compaixão - e isso torna necessário,nos libertarmos de uma certa comunidade e lançarmos fora todos os nossos preconceitos nacionais, raciais e religiosos. Nós somos entes humanos, vivendo juntos sobre esta Terra, esta Terra que nos pertence. E para se sentir esta verdade, precisamos ser verdadeiramente humildes. Para se poder sentir uma coisa profundamente, é necessária a humildade. Mas a humildade deixa de existir, se perseguimos o ideal.
[sumário]

PERGUNTA:*Dizeis que, não importa o que façamos, o "estado de realidade" nunca se tornará existente por meio de nossos esforços e que até o próprio desejo desse estado, constitui um obstáculo. Que podemos então fazer, de modo que se não crie obstáculo algum?*

KRISHNAMURTI: Bem, vós não me estais escutando, e eu não vos estou respondendo; mas

investiguemos juntos este problema. O problema é: como se pode experimentar o Real, o desconhecido, se a mente é incapaz de captá-lo pelo seu próprio esforço, sua própria luta? Assim, temos de compreender a mente, e compreender porque fazemos esforço.

Se, no nível físico, nenhum esforço fizéssemos, não poderíamos subsistir. Se não houvesse o esforço despendido num certo trabalho, o esforço para obter a alimentação adequada, praticar exercícios, etc., nosso corpo se desintegraria. Isto é um fato bem óbvio. Portanto, fazemos esforço, a fim de subsistirmos, fisicamente.

Ora, de maneira semelhante, fazemos esforço para subsistirmos psicologicamente, isto é, com o fim de alcançarmos o que chamamos a Realidade. Pensamos que a Realidade é um estado- alcançável por meio de disciplina, de controle, de repressão, de compulsão sob várias formas, e, assim, forçamos a mente a ajustar-se a um certo padrão, na esperança de alcançarmos aquele estado. Tudo isso implica - não é verdade? - que a mente está, de contínuo, buscando a segurança. Temendo a incerteza, deseja achar a certeza, uma certeza que seja permanente e a que ela chama "Realidade", "Deus", "Verdade", etc. É isto que interessa à maioria de nós. Desejamos um estado em que não haja perturbação de espécie alguma, que nunca tenha fim, um estado permanente a que chamamos "Paz". E acha-se a mente empenhada num esforço constante para conquistar esse estado, nele ingressar. Precisamos, pois, compreender o processo que está em funcionamento, nesse esforço.

Como disse, assim como fazemos esforço para subsistirmos fisicamente, assim também fazemos esforço para continuarmos, como "eu". Compreendeis, senhores? Enquanto estou desejando subsistir espiritualmente, tenho de fazer um esforço constante, para alcançar aquilo que chamamos Realidade. Mas, que é o "eu", que está fazendo esse esforço? Que sois vós? Ora, sem dúvida, vós sois um nome, ligado a um feixe de memórias, experiências. Sois uma acumulação de "motivos" ocultos e interesses manifestos, uma acumulação de qualidades, paixões, temores, virtudes diversas. Tudo isso constitui vós, não é assim? E este vós, desejais que se conserve numa direção conducente à Realidade. Por conseguinte fazeis esforço, meditais, praticais uma certa forma de disciplina. Ora, é só quando a mente deixa de fazer este esforço e se torna perfeitamente tranqüila; só quando não deseja coisa alguma e, portanto, não está em busca de nenhuma experiência - é só então que se torna possível a existência do Desconhecido.

A mente, em verdade, é resultado do conhecido e todo esforço que faça, só pode estar no terreno do conhecido. Por conseguinte, ela não pode fazer esforço para alcançar o desconhecido. Nenhum movimento no terreno do conhecido poderá conduzir ao desconhecido. Isto, também, é muito simples e claro. A mente só está tranqüila depois de ter renunciado, de todo, ao conhecido. Nesta tranqüilidade, não há esforço e só então é possível tornar-se existente o desconhecido.[sumário]

3a. Conferência em Bombaim

11 de março de 1956

UMA das grandes dificuldades, quando queremos comunicar-nos uns com os outros, é compreender o conteúdo, a intenção das palavras que empregamos, não achais? A profundeza de nossas palavras depende, sem dúvida, de nossa maneira de pensar, sentir e agir. Se pronunciamos as palavras superficialmente, ou se a palavra é meramente uma abstração, pouca significação terá o que dizemos. Mas se, ao contrário, a palavra não é mera abstração e tem um "ponto de referência" que compreendemos, de parte a parte, o qual estabelecemos juntos, com a, equilíbrio, com lucidez, com clareza, haverá então possibilidade de nos pormos em comunicação e uma reunião desta natureza será frutuosa. Mas, em geral, a dificuldade é que vós tendes um "ponto de referência" e eu tenho outro, muito diverso; ou, posso falar muito abstratamente, sem nenhum "ponto de referência" tornando-se, assim, impossível a comunicação, um profundo entendimento entre nós. Nessas condições, parece-me de grande importância possamos comunicar-nos uns com os outros, no mesmo nível e ao mesmo tempo. E esta comunicação só é realizável quando. compreendemos, vós e eu, o inteiro conteúdo das palavras que empregamos. A compreensão, por certo, é instantânea; não é para amanhã nem para depois de terdes ouvido esta conferência.

Para podermos compreender-nos reciprocamente, acho necessário não nos deixarmos enredar pelas palavras. Porque uma palavra como "Deus", por exemplo, pode ter um significado especial para vós, enquanto para mim pode representar uma idéia completamente diversa ou idéia nenhuma. Assim sendo, é quase impossível estarmos em comunicação uns com os outros, a menos que, tenhamos todos a intenção de compreender as palavras, e ultrapassá-las. A palavra "liberdade" em geral implica estar livre de alguma coisa, não é verdade? Significa, comumente, estar livre da avidez, da inveja, do nacionalismo, do rancor, disto ou daquilo. Entretanto, "liberdade" pode significar coisa muito diferente, ou seja o sentimento de ser livre, não de uma coisa, porém a "realização" do fato de "ser livre". E acho muito importante compreender este significado.

Em geral, não estamos bem familiarizados com o sentimento de "ser livre", mas precisamos familiarizar-nos com ele, acostumar-nos com esse sentimento, conhecê-lo. Porque a tirania se está a espalhar pelo mundo inteiro. Sob o disfarce de fascismo, comunismo, socialismo, etc., a sociedade está sendo cada vez mais organizada para ajustar-se a um plano - um plano qüinqüenal, um plano decenal, etc. - que torna necessária a existência de um corpo administrativo investido de autoridade, para levá-lo a efeito. E começa, assim, a tirania. Entretanto, a sociedade tem de ser organizada. Nestas condições, é verdadeiramente muito complexo o problema da liberdade - o conhecimento da liberdade - e acho muito importante examiná-lo.

Sem liberdade, não há evidentemente possibilidade alguma de explorar e descobrir o que é a verdade. Mas como é difícil a mente ser livre e experimentar, de fato, esse estado - e não apenas pensar que é livre! Para poder explorar e descobrir, deve a mente possuir essa qualidade, essa liberdade que não é o estado negativo de estar livre de alguma coisa. Acho que há uma diferença entre os dois estados. Quando, apenas, estou livre- de alguma coisa, esse estado de liberdade é uma negação, um vácuo. Mas a "realização" do fato da liberdade que não é "estar livre de uma coisa", este é um estado positivo. Assim sendo, precisamos compreender o conteúdo desta palavra - "liberdade".

Desde a infância, educam-nos para sermos livres, mas somos condicionados, moldados pelo padrão

social. Temendo que a liberdade possa desencaminhar a criança, fazê-la ultrapassar os limites permitidos, estabelecemos, por nossa vez, várias regras e preceitos, permissões e proibições, pensando que guiarão a criança pelo bom caminho, conduzindo-a à bem-aventurança, a Deus, à Verdade - ou como quer que se chame. Desde o início afirmamos ser necessário condicionar a mente, moldá-la. Por isso, nunca investigamos este problema da liberdade. Se o tivéssemos feito, os nossos valores, a nossa ação, toda a nossa perspectiva da vida, seriam completamente diferentes.

A questão, pois, é de saber se a mente, que é resultado de inumeráveis influências, dos livros que leu, do ambiente social, cultural e religioso em que foi educada, da memória que a moldou e a tornou assim como é - a questão é de saber se essa mente pode libertar-se, não abstratamente ou identificando-se com um ideal, porém libertar-se se verdadeiramente do passado. E, que é a continuidade do passado? Compreendeis o problema?

A mente, no momento, é de toda evidência um depósito de memórias - memória, que é acumulação, associação, reconhecimento, e reação. É muito interessante observar que existem atualmente máquinas que podem executar todas estas operações com muito mais rapidez do que a mente humana, provando-se assim que esta é um puro processo mecânico. E a mente que está presa a esse processo, não importa quais sejam as suas atividades, tem de ser também mecânica. Pode, pois, a mente, reconhecendo este fato, manter-se num "estado de liberdade", embora possa fazer uso da máquina?

Não sei se estou esclarecendo bem a questão, mas acho-a muito importante. Porque, parece-me, nossa existência como indivíduos - se somos verdadeiros indivíduos, pois é provável que não o sejamos - é mecânica, rotineira, e, como indivíduos, não somos criadores. Não falo de criação no sentido restrito de "produção"; falo de criação, num sentido completamente diferente, que examinaremos mais adiante.

Ora bem Que é que dá à mente este senso de continuidade, em que não existe um só momento de liberdade, porém, unicamente, uma modificação constante, um processo mecânico de adição e subtração? Sem dúvida, só é possível a criação quando a mente não está sujeita ao mecanismo da memória. Acho que isso se vos tornará bem claro, se lhe prestardes atenção, embora verbalmente possa parecer difícil. Se observardes vossa própria mente, a operar, vereis que está continuamente a reagir, de acordo com aquele "fundo" constituído pela memória. Essa mente não pode conhecer o "estado de liberdade", o único em que é possível a criação., Para mim, é este o problema supremo; porque, é só no instante de "ser livre", que a mente pode descobrir algo completamente novo, não premeditado, não contaminado pelo passado.

Ora, que é que dá à mente essa continuidade mecânica, e porque teme a mente abandoná-la? E que é que cria o tempo - não o tempo cronológico, porém o tempo como sentimento de um movimento vindo de ontem e passando por hoje, para amanhã? Não há dúvida de que, enquanto a mente está em busca de mais, tem de existir este senso de continuidade. Estando insatisfeito comigo mesmo, assim como sou, desejo modificar-me; e para modificar-me digo que preciso de tempo. A modificação é sempre no sentido de mais; e quando peço mais, preciso da continuidade. A exigência de mais, é inveja, e nossa estrutura social está alicerçada na inveja. Há inveja, não só em nossas relações mundanas, mas também em nosso desejo de sermos mais espirituais. Enquanto a mente pensar em termos de mais - interior ou exteriormente -haverá inveja. E a libertação da inveja não é uma negação ou abstração da inveja, mas, sim, a total ausência de inveja, sem luta para ser não-invejoso.

Podemos examinar um pouco "este ponto? Sabeis o ~. que é inveja, não? Penso que quase todos estamos perfeitamente familiarizados com este sentimento e talvez já tenhamos notado que toda a nossa sociedade se assenta na inveja. Há uma luta constante para se ser mais, não só na estrutura hierárquica da sociedade mas também interiormente. Vejo um automóvel, e desejo possuí-lo; vejo um santo, e desejo tornar-me santo. Esta luta incessante para ter ou vir a ser alguma coisa denota uma extraordinária insatisfação com o que somos; mas se desejamos compreender o que somos, não podemos compará-lo com o que gostaríamos de ser. A compreensão de o que é não resulta da comparação de o que é com o que deveria ser.

Não sei se já destes atenção, alguma vez, a este problema da inveja. Em nossos empregos, em nossa vida e trabalho de cada dia, a inveja campeia; transparece no respeito que tributamos ao homem que sabe mais, ao homem que tem poder, posição, prestígio, e na luta constante pelo mais, que se trava em nós mesmos. Todos conhecemos este sentimento de inveja, e enquanto ele existir, existirá frustração e sofrimento.

Ora, pode a mente libertar-se da inveja, totalmente? Considero muito importante esta questão; porque, se nunca for possível a mente libertar-se, de todo, da inveja, perpetuaremos uma sociedade baseada na aquisição, na ambição e todos os horrores que acarreta, e haverá um conflito infindável entre todos nós, a luta inútil para nos tornarmos algo, que se trava em todos os níveis de nossa existência. Pode a mente libertar-se da inveja? Se luto para libertar-me da inveja, pela disciplina, pela prática de um método, não há dúvida que dou continuidade à inveja, sob forma diferente. Aí está ainda presente o desejo de ser alguma coisa, tendo eu apenas mudado o objeto desse desejo: Quero ser agora o que chamo "não invejoso". Mas o desejo continua a ser o mesmo, a exigência de mais continua existente. Assim sendo, cônscia desse fato, pode a mente libertar-se da inveja? Se me acompanhardes lentamente, passo a passo, acho que percebereis isso.

Quando é que estou cônscio da inveja? A inveja não se torna existente pela comparação? Por certo, sou invejoso, porque vós tendes e eu não tenho. O próprio "processo" de comparação é inveja. Eu sou um ente pequenino e insignificante, e vós sois um grande santo, e eu quero tornar-me igual a vós. Assim, onde há comparação, há inveja e, se observardes bem, vereis que somos educados nesta base. Nossa educação, nossa cultura, nossa maneira de pensar, tudo se baseia na comparação e na devoção à capacidade. Pode-se compreender o que quer que seja, pela comparação? Pela comparação, podemos ampliar o nosso saber; mas possuir conhecimentos não significa ter compreensão.

Assim, pois, a palavra inveja implica ambição, avidez, desejo de ser algo, não só socialmente mas também psicologicamente. E pode a mente libertar-se de todo dessa exigência de mais? Porque queremos mais? Esta exigência faz-nos progredir? Quando desejamos uma geladeira, um carro melhor, etc., isso, evidentemente, acarreta progresso, num certo nível. Mas, quando exigimos mais poder, mais preenchimento, mais virtude, quando psicologicamente desejamos alcançar um resultado, esta exigência interior destrói os benefícios do progresso técnico e traz sofrimentos ao homem. Enquanto, psicologicamente, estivermos exigindo mais, nossa sociedade será aquisitiva e continuará a haver conflito e violência. Não significa isto que devamos renunciar aos confortos físicos, aos benefícios produzidos pela tecnologia; mas é o impulso psicológico a nos servirmos dessas coisas como meios de autoexpansão - que é exigência de mais - que nos está destruindo.

Pode a mente libertar-se da inveja? Só poderá libertar-se, quando cessar a comparação, isto é, quando a mente se puser em confronto direto com o fato de que é invejosa. Estais compreendendo, senhores? Estar diretamente em confronto com o fato de que sou invejoso, não é a mesma coisa que o reconhecimento do fato mediante comparação. Espero estejais escutando, não apenas as minhas palavras, a descrição do que estou tentando transmitir-vos, porém escutando, no sentido de estardes verdadeiramente "experimentando" o que estou dizendo. Isto significa: observar a atividade de vossa mente, até vos tornardes cônscios, diretamente cônscios, do fato de que sois invejosos.

Ora, quando sabeis que sois invejosos? Sabeis que sois invejoso apenas quando existe comparação e empregais a palavra "inveja"? Não sabeis que sois invejoso, ao verdes uma coisa que desejais, e quando existe o desejo de mais mais prazer, mais prestígio, mais dinheiro, mais virtude, etc.? Ou sabeis que sois invejosos, independentemente do processo de desejar mais? Isto é, pode a mente perceber o fato de que é invejosa, independentemente desse desejar? Pode a mente libertar-se da palavra "inveja"?

A mente, afinal, é constituída de palavras, além de outros fatores. Pois bem; pode a mente libertar-se da palavra "inveja"? Fazei experiência a esse respeito, e vereis que palavras, como "Deus", "Verdade", "ódio", "inveja", produzem um efeito profundo na mente. E pode a mente libertar-se, neurológica e psicologicamente dessas palavras? Se não ficar livre delas, será incapaz de encarar o fato que se chama "inveja". Quando a mente pode olhar diretamente o fato a que chama "inveja", o próprio fato atua então muito mais rapidamente do que o esforço mental para fazer alguma coisa em relação ao fato. Enquanto a mente pensa em libertar-se da inveja, pelo ideal da "não-inveja", etc., está distraída, não está encarando o fato. A própria palavra "inveja" é uma distração, do fato. O processo de reconhecimento se verifica pela palavra. No momento em que reconheço o sentimento por meio da palavra, dou continuidade ao sentimento.

Positivamente, senhores, o homem que está interessado em libertar-se completamente da inveja, tem de considerar bem o assunto; tem de ver que todo o nosso fundo cultural está baseado na inveja, na aquisição, espiritualmente e bem assim mundanamente. Isto é, os mais de nós desejamos ser algo, nesta vida ou na outra. Queremos mais saber, mais poder, posição mais alta, mais virtude; e, assim, a continuidade da mente, como "eu", se deve a essa exigência de mais, que é inveja. A inveja é também um "processo" de dependência.

Agora, em vista desses aspectos extraordinariamente complexos, da inveja, pode a mente libertar-se dela inteiramente? Porque, se não o fizer, a mente não poderá ser livre, para explorar, descobrir, compreender. Ela só pode libertar-se da inveja, quando está diretamente cônscia do fato de que é invejosa; e não estará diretamente cônscia desse fato, enquanto estiver condenando ou comparando. Isto, com efeito, é muito simples. Sc desejais compreender o vosso filho, tendes de estudá-lo, não é verdade? Estudar o vosso filho significa observá-lo e não compará-lo com o irmão mais velho ou qualquer outro menino; significa olhá-lo diretamente, sem pensar, a seu respeito, de maneira comparativa. Se pensais comparativamente, o destruís, porque a imagem do outro se torna então mais importante do que o vosso filho.

Nessas condições, pode a mente observar em si mesma esse desdobrar-se da inveja, porém sem condenação nem comparação? Pode tornar-se conhecedora do fato de que é invejosa, sem atuar sobre o fato?. A atuação da mente sobre o fato é também inveja, porque a mente quer então transformar o fato noutra coisa. A menos que nossa mente se liberte, de todo, da inveja, continuaremos na escravidão,

haverá sempre sofrimento e toda e qualquer atividade da mente só produzirá mais malefícios. A mente que se interessa pela sua total libertação da inveja, tem de se tornar cônscia do fato, sem atuar sobre ele. Ver-se-á então com que rapidez o próprio fato produz um resultado, uma ação, que não é a ação da mente distraída do fato. Só então pode a mente estar tranqüila. Não há controle nem auto-hipnose que possa tornar a mente verdadeiramente tranqüila; e é essencial se torne a mente tranqüila, despreocupada de si mesma, porque então se oferece a possibilidade de descobrir ou experimentar algo novo. Qualquer experiência que tem continuidade, tem por base a inveja, o desejo de mais; assim sendo, a mente tem de morrer para tudo o que aprendeu, adquiriu, experimentou. Vereis então a mente tornar-se silenciosa. E este silêncio tem seu movimento próprio, não contaminado pelo passado, tornando-se, assim, possível manifestar-se algo totalmente novo.

Ao considerarmos juntos as perguntas que aqui tenho, devo repetir que considero importante compreender que não há resposta para nada; e esta compreensão, em si mesma, é uma "experiência" extraordinária. Mas é muito difícil para a maioria de nós compreender que não há resposta para nada, porque nossa mente está buscando algum resultado. Quando a mente busca um resultado, encontrará o que busca; mas este próprio resultado cria problemas.

Debates

PERGUNTA:*Quando vos ouço falar, o que dizeis parece,, produzir-me perplexidade e intensificar esse estado de perplexidade. Há oito dias eu não tinha problema algum, e agora me vejo atolado na confusão. Por que razão acontece isto?*

KRISHNAMURTI: Pode ser por uma razão muito simples. Talvez, porque estivestes dormindo e agora estais começando a pensar. Entrando e assentando-vos aqui, acidentalmente, vos vistes, porventura, sacudido, impelido, estimulado. Entretanto, se estais sendo apenas estimulado, quando sairdes daqui, recaireis na mesma condição de antes. O estimulo embota a mente: não a desperta. O estímulo torna a mente embotada, e não desperta; poderá despertá-la por instantes, mas a mente logo recai no seu habitual estado de embotamento. Depender destas nossas reuniões como meio de estímulo, é o mesmo que beber: no fim a mente se tornará embotada. Se dependeis de uma pessoa, para estimular-vos a pensar, vós vos tornais seu discípulo, seu seguidor, seu escravo, com todas as frivolidades inerentes a essa condição; e desse modo, fatalmente, acabareis embotado. Mas se, por outro lado, reconhecerdes que tendes problemas (eles poderão estar adormecidos, no momento, mas existem) e começardes imediatamente a enfrentá-los, já não necessitareis de ser estimulado por mim nem por ninguém mais. Não necessitareis de sair em busca dos problemas, porque os enxergareis em vós mesmo e em todas as coisas que vos cercam, em vosso caminho pela vida - lágrimas, doenças, pobreza, morte.

A questão, por conseguinte, é de como devemos aplicar-nos ao problema, abeirar-nos dele. Se nos abeiramos de qualquer problema com a intenção de achar-lhe a solução, esta solução irá criar mais problemas; isso é bem óbvio. O importante é penetrar o problema, para começar a compreendê-lo, e tal só é possível quando não o condenamos, nem lhe resistimos, nem o afastamos de nós. A mente não pode resolver problema algum, enquanto condena, justifica ou compara. A dificuldade não está no

problema, mas na mente que dele se abeira com uma atitude de condenação, justificação ou comparação. Assim sendo, primeiramente deveis compreender como a vossa mente está condicionada pela sociedade, pelas inumeráveis influências existentes ao redor de vós. Vós vos denominais hinduísta, cristão; muçulmano, ou o que quer que seja, e isso significa que vossa mente está condicionada; e é a mente condicionada que cria o problema. Quando uma mente condicionada busca solução para um problema, está a mover-se em círculos, e sua busca nada significa; e vossa mente está condicionada, porque sois invejoso, porque comparais, julgais, avaliais, porque estais acorrentado por crenças e dogmas. É esse condicionamento que cria o problema.[sumário]

PERGUNTA:*Conto posso manter-me ativo, politicamente, sena ser contaminado por tal ação?*

KRISHNAMURTI: Senhor, que se entende por ação política? Que é política? Ela é, sem dúvida, um segmento - parte de um todo muito vasto e complexo, não é verdade? A vida é constituída de muitas partes - política, social, religiosa; mas se vos interessais por uma parte unicamente, a que chamais "ação política", sem dardes atenção ao todo - isto é, sem considerardes a totalidade da vida - então, não importa o que façais, vossa ação será sempre contaminante, infecciosa. Isso me parece bastante óbvio. Só a mente que não anda a buscar, a tatear, aquela que não pensa "secionalmente" - atendendo só ao aspecto social, político, ou religioso da vida - é capaz de compreender o todo da vida. Um homem que pensa como maharastriano ou gujarathi, não pode perceber o significado daquela totalidade, perceber que esta Terra é de todos nós. Esse homem só é capaz de pensar em termos concernentes a Poona ou Bombaim, e isso é muito pueril; e esse pensar separativo pode, eventualmente, produzir malefícios e morticínios, como já tem acontecido. A mente está sempre a separar-se como indiana, hinduísta, muçulmana, comunista, cristã, isto ou aquilo, e a aferrar-se a essa separação, ao seu provincialismo, provocando, assim, aflições cada vez maiores. Mas o homem que, ao contrário, não sente como indiano, cristão ou hinduísta, mas apenas como ente humano, e que pensa em termos relativos à totalidade da vida - esse é o homem cuja ação nunca será contaminadora. Entretanto, isso é dificílimo para a maioria de nós, porque pensamos sempre segmentáriamente, supondo que poderemos juntar esses segmentos, para formar o todo. Isso nunca acontecerá. É preciso que o indivíduo tenha o sentimento da totalidade da vida, e então ele agirá diferentemente.

Infelizmente, os que se interessam pela política dese1 iam permanecer apegados à sua política e nela introduzir a religião; mas isso é uma impossibilidade, visto que religião é coisa toda diferente. Religião não é dogma nem ritual; não é conhecimento do Gita, nem da Bíblia, nem de outro livro qualquer. Religião é uma experiência instantânea daquele estado mental que está fora da continuidade do tempo.

É um único segundo de um estado livre do tempo, e a ação gerada por esse estado não pode restringir-se à política ou à reforma social. Quando um homem tem esse sentimento que está fora da continuidade do tempo, sua ação, qualquer que ela seja, terá um significado muito diferente. Pela parte não é possível atingir o todo; mas não reconheceis esse fato. Para a verdade não há caminho - nem hinduísta, nem cristão, budista, muçulmano. A Verdade não tem via de acesso; tem de ser descoberta momento por momento, e só se descobrirá, .quando a mente estiver livre - aliviada da continuidade. das experiências.[sumário]

PERGUNTA:*Ouvimos o que dizeis, até à saciedade. Pode dar-se o caso de vos ouvirmos em excesso? Não nos arriscamos a embotar-nos, por excesso de estímulo?*

KRISHNAMURTI: Pode acontecer uma coisa dessas - ouvir em excesso? Que entendemos por ouvir, escutar? Se ouvimos com o fim de armazenar e de agir de acordo com o que armazenamos, nesse caso o escutar pode tornar-se excessivo, já que é um mero estímulo a mais ação. É isso o que fazemos, em geral. Escutamos com o fim de aprender, adquirir; retemos na mente o que aprendemos e, daí, passamos à ação. Enquanto o escutar for um processo de acumulação, naturalmente ele poderá tornar-se excessivo, enfartante; mas se escuto sem nenhum propósito de aquisição, de acumulação, nesse caso o meu escutar tem significado completamente diverso. Escutar é aprender; mas se estou armazenando o que aprendo, o aprender se torna impossível. O que aprendo é então contaminado pelo que já armazenei e, portanto, isso já não é aprender. É no "processo" da acumulação que o escutar se torna cansativo, excessivo e, por conseguinte, como qualquer outro estimulante, muito depressa faz a mente embotar- - se. Sabeis que o que vou dizer, já foi dito noutra ocasião e sabeis o fim da sentença antes de eu a terminar. Isso não é escutar. Escutar é uma parte; é prestar ouvidos à totalidade de uma coisa, e não apenas a palavras; e esse escutar nunca pode tornar-se excessivo.[sumário]

PERGUNTA:*Deus é para vós uma realidade? Se o é, falai-nos de Deus.*

KRISHNAMURTI: É a mente preguiçosa que faz uma pergunta dessas, não achais? Isso é como um homem deixar-se ficar sentado, muito confortavelmente, no meio do vale, e desejar que lhe dêem uma descrição do que se encontra além das montanhas. É isso o que todos estamos fazendo. As palavras que lemos nos chamados livros sagrados satisfazem-nos a mente. As descrições das experiências de outros são-nos gratas e pensamos haver compreendido tudo; mas nunca nos mexemos nunca deixamos o vale, para galgarmos as íngremes encostas e descobrirmos por nós mesmos. Eis porque tanto importa começarmos de novo, rejeitando todos os livros, todos os guias, todos os instrutores, para fazermos a jornada sozinhos. Deus, o desconhecido, é coisa que precisa ser descoberta; não podemos descrevê-lo nem a seu respeito especular. O que se especula é produto do conhecido; e a mente que está entravada, onerada, ocupada pelo conhecido, nunca descobrirá o desconhecido. Podeis praticar a virtude, ficar sentados horas e horas a meditar, mas nunca conhecereis o desconhecido, porque o desconhecido só pode vir à existência pelo autoconhecimento. Deve a mente libertar-se do sentimento de sua própria continuidade - que é o conhecido; e quando isso acontecer, nunca perguntaremos se Deus é uma realidade. O homem que diz saber o que é Deus, não o sabe. Só a mente que se liberta da experiência de há um segundo, pode conhecer o desconhecido. Deus, ou a Verdade não tem morada permanente, e nisso é que consiste a sua beleza; essa Realidade não pode ser convertida em abrigo de uma mente rasteira, insignificante. Ela 'é uma coisa viva, dinâmica, como as águas de um rio caudaloso. Só a mente que não está acorrentada por nenhuma religião organizada, nenhum dogma ou crença, que não leva a carga do conhecido - só essa mente pode descobrir se há ou se não há Deus. O declarar que o há ou não o há, impede qualquer descobrimento. Mas a mente, porque ela própria é impermanente, deseja a segurança de que existe algo permanente, e por isso diz que deve haver algo que é eterno, perene. Em virtude de sua própria qualidade - o tempo - ela projeta uma coisa a que chama "o atemporal" e se põe a especular a seu respeito; mas- só a mente que se liberta do tempo, pode conhecer o desconhecido.
[sumário]

4a. Conferência em Bombaim

14 de março de 1956

TEÓRICA ou verbalmente, pode-se convir em que é muito importante que o indivíduo se desprenda do coletivo, mas parece-me que não se dispensa atenção suficiente a este problema; porque, só quando ocorre a criadora libertação do indivíduo existe a possibilidade de descobrir e viver uma vida totalmente diferente da que r atualmente vivemos. Na atualidade, nossa vida, nosso pensar é coletivo; fazemos parte do coletivo; e se se deseja criar uma sociedade de ordem diferente, com valores diferentes, acho que é necessário o indivíduo começar a compreender todas as impressões coletivas que a mente acumulou através dos séculos. E, como disse, só quando existe liberdade exatamente no começo, pode o indivíduo libertar-se. Não se pode negar que quase todos nós somos resultado do ambiente; nossos pensamentos, atividades, crenças, nossos vários interesses, tudo está condicionado pelas numerosas influências existentes ao redor de nós; e para descobrir o que é a verdade, o indivíduo tem de libertar a mente desse conglomerado de influências, empresa essa extremamente árdua e difícil. Não me parece que estamos dando, atenção suficiente a este assunto. Mas é só quando a mente se liberta dessas muitas influências, que se torna incorrupta, e só então existe a possibilidade de descobrir algo inteiramente novo - algo que não foi premeditado, que não é uma autoprojeção, nem resultado de qualquer meio cultural, sociedade ou religião.

Propaganda é cultivo de preconceitos; e todos nós somos dominados por preconceitos, porque fomos educados para aceitar ou rejeitar, porém nunca para investigar o problema da influência. Dizemos estar em busca da verdade; mas que é que está a buscar a maioria de nós? Se ficardes um pouco vigilante, a auto-observação revelará que estais a buscar um certo resultado; desejais uma certa satisfação, uma estabilidade ou permanência interior, que chamais por diferentes nomes, conforme o ambiente em que fostes criado. E não estais também buscando sucesso? Desejais sucesso, não apenas neste mundo mas também no outro. Quer-me parecer que esse desejo de sucesso, de chegar a alguma parte, de tornar-se algo, é resultado de uma educação errônea. E pode a mente libertar-se totalmente desse desejo?

Não me parece que costumamos fazer esta pergunta a nós mesmos, porquanto o que nos interessa é, tão-só, seguir um método, um sistema ou um ideal, que esperamos produzirá um resultado, nos conduzirá à certeza, ao sucesso, à final e permanente felicidade, bem-aventurança, ou seja o que for. Nossa mente, por conseguinte, está sempre empenhada no esforço para alcançar algo; e enquanto a mente estiver a visar um alvo, um fim, um resultado que lhe dê satisfação completa, será inevitável a criação da autoridade e a obediência a ela. Não é exato isso? Enquanto penso que a bem-aventurança, a felicidade, Deus, a Verdade, ou o que quiserdes, é um fim que se deve alcançar, haverá o desejo de alcançá-lo; portanto, preciso de um guru, uma autoridade que me ajude a conseguir o que ambiciono. Por conseguinte, me torno um seguidor, dependente de outra pessoa; e enquanto houver dependência, não se pode pensar na possibilidade de o indivíduo desligar-se do coletivo e encontrar por si mesmo a Verdade, ou descobrir qual é a coisa correta que cumpre fazer.

Assim, se observardes, vereis' que estamos sempre procurando alguém que nos indique o que devemos fazer. Vendo-nos confusos, dirigimo-nos a outro, em busca de conselho. O resultado é que estamos sempre a seguir e, portanto, psicologicamente, instaurando a autoridade, a qual, invariavelmente, cega-nos o pensar, impedindo-nos a tão essencial ação criadora.

Exteriormente, nesta nossa sociedade de competição, aquisição, temos de ser ambiciosos, cruéis, para não sermos expulsos ou exterminados. Interiormente, isto é, psicologicamente, somos também ambiciosos; aí também está o desejo de atingirmos uma certa culminância e, assim, vivemos a perseguir um objetivo, de nós mesmos "projetado" ou criado por outro. Percebido esse fato, que se deve fazer? Como descobrir a ação correta?

Positivamente, este problema concerne a todos nós. Vemos que há confusão dentro em nós e ao redor de nós; os velhos valores e crença e dogmas, os guias que temo seguido, não mais nos satisfazem, perderam toda a sua força; e se percebemos esse caos em que nos encontramos, que devemos fazer? Como descobrir qual é a ação correta? Para penetrarmos este problema, temos de perguntar a nós mesmos o que entendemos por "busca", não achais? Todos dizemos que estamos a buscar - pelo menos o dizem os que sentem verdadeiro interesse e empenho; mas antes de prosseguirmos em nossa busca, por certo devemos descobrir o que entendemos por essa palavra e o que é que cada um de nós está a buscar.

Senhores, pode-se encontrar alguma coisa nova, me diante busca? Ou só se pode achar, nessa busca, o que já se conheceu antes e, que foi "projetado" no futuro? Acho muito importante esta questão. Que é que estamos buscando? E pode a mente que está a buscar, encontrar uma coisa que transcende o tempo, que transcende suas próprias projeções? Isto é, digo que estou a buscar a verdade, Deus, a felicidade; mas para achar isso, preciso ser capaz de reconhece-lo, não é verdade? E para ser capaz de reconhecê-lo, preciso tê-lo experimentado antes. A experiência anterior é indispensável ao reconhecimento e, portanto, se sou capaz de reconhecer uma coisa, ela já existia em minha mente e, por conseguinte, não pode ser a Verdade; é apenas uma "projeção", uma coisa saída de mim mesmo. Todavia, é isso o que está fazendo a maioria de nós. Quando buscamos, estamos a demandar uma coisa já experimentada pela mente e que ela quer de novo agarrar; por conseguinte, o que verdadeiramente nos interessa é a permanência de uma experiência que nos deu prazer, que nos deleitou. Enquanto a mente estiver buscando, é bem evidente que não poderá descobrir o que é a Verdade. Só quando já não está a buscar - e isso não significa tornar-se embotada, distraída - e compreende o total "processo" da busca, é só então que se encontra a possibilidade de descobrir algo que não foi "projetado", avaliado pela mente.

Por exemplo, ledes no Gita ou no Upanishads a descrição de uma certa coisa que é permanente, de uma perene bem-aventurança, ou o que quer que seja; e porque esta nossa vida é transitória, porque o vosso pensar, as vossas atividades, as vossas relações se acham num estado de confusão, transtornando-vos, tornando-vos infelizes, começais a aspirar àquele outro estado, a cujo respeito lestes. É isso o que estais buscando. Na busca desse estado, estais cultivando a aceitação da autoridade, pondo-vos na dependência de alguém que promete levar-vos àquilo que ambicionais. Por conseguinte, vos tornastes um seguidor; e enquanto um homem está seguindo, é parte integrante do coletivo, da massa. Já reconhecestes, já fixastes na mente uma imagem daquele outro estado e agora o estais buscando, apoiado num guru, na meditação, na prática de várias disciplinas, etc. O que estais realmente .buscando é uma coisa que já conheceis, ou que vos ensinaram, um estado a cujo respeito lestes alguma coisa ou que vagamente experimentastes; a vossa busca, pois, visa à continuação de uma experiência aprazível ou ao descobrimento de um estado deleitável que, esperançosamente, supondes existir. Não é exato isso? Eu vos digo que esta busca nunca vos revelará o desconhecido; ela, portanto, tem de cessar.

Por favor, escutai com um pouco de atenção o que estou dizendo. Nossa vida, como a vivemos atualmente, é contraditória, superficial, vazia, e nos vemos muito confusos. Andamos de um guru para outro, de um livro para outro; ao redor de nós se movimentam os especialistas disso que chamamos espiritualidade, cada um deles a oferecer um método especial de meditação, de disciplina; e vemo-nos obrigados a escolher o que é "correto" fazer. Mas, onde há escolha, há sempre confusão; e eu acho que, antes de começarmos a escolher, a buscar, é absolutamente necessário descubramos por nós mesmos o que é liberdade. Porque só a mente livre é capaz de investigar, e não a mente que está aprisionada na tradição, que está condicionada, influenciada; nem aquela que busca um resultado; nem aquela que está toda entregue à atividade, no presente, em relação com um futuro "projetado".

Ora, por certo, precisamos descobrir por nós mesmos o significado pleno da liberdade, não como alvo, não como fim - descobri-lo imediatamente. Que significa, para todos nós, liberdade? Enquanto a mente estiver condicionada pela sociedade, pelo meio cultural, enquanto levar a carga de sua solidão, de seu vazio, não será livre. Pode, pois, a mente conservar-se plenamente cônscia das influências existentes fora e dentro dela própria, que a estão obrigando a pensar numa certa direção e tornando-a, assim, incapaz de pensar corretamente? Enquanto existir qualquer pressão a influenciar o pensamento, este nunca será correto. E pode a mente eliminar inteiramente tal pressão? Isto é, pode a mente ficar livre de qualquer "motivo", qualquer impulso a ser isto ou aquilo? Podemos não estar cônscios da pressão que está influenciando o nosso pensar, da coerção do medo, do motivo, do dogma, da crença; mas tudo isso lá está. Ora, podemos tornar-nos plenamente cônscios dessas influências, para permitirmos à nossa mente pensar harmoniosamente, corretamente, por si mesma? Este é sem dúvida um dos nossos maiores problemas, não achais? Temos a possibilidade de descobrir quais são as pressões exteriores e as existentes na própria mente, que nos estão levando a pensar e a agir num certo sentido? Consideremos o problema de maneira diferente.

Vós viveis aqui, em Bombaim. Deveis tomar o partido da Maharashtra ou do Gularat? A que Estado Bombaim deve pertencer? Vejo-vos a endireitar-vos em vossas cadeiras, mostrando muito interesse por este assunto. não é verdade? (risos) Isso é muito surpreendente. Ora, que vos cumpre fazer? Se disserdes: "Como cidadão tenho o dever de escolher" e passardes a agir como Maharastriano ou Gujarathiano, tal ação necessariamente irá produzir mais desgraças. Mas se, ao contrário, não agirdes como Maharastriano nem como Gujarathiano, porém como ente humano que não se deixa envolver em tais movimentos - com sua inerente estupidez, seus estreitos preconceitos, seu apego à casta, e demais contra-sensos - então, de toda evidência, vossa ação será totalmente diferente.

Cumpre-nos, pois, investigar quais são as pressões, os "motivos" que nos estão impelindo a agir desta ou daquela maneira; porque, a menos que compreendamos tais influências e delas nos libertemos, a nossa ação levará, invariavelmente, à confusão e a sofrimentos piores ainda. Eis a razão por que é tão importante possuir autoconhecimento, que consiste em compreender o fundo, o condicionamento da mente, e dele libertar-se a todos os momentos. Deveis saber que, quando estamos interessados apenas na ação imediata, somos por ela arrastados, sem termos investigado o problema do condicionamento, de como a mente foi moldada para ser hinduísta, cristã, etc. E, a menos que a mente se liberte a cada momento de seu condicionamento, toda ação que empreender há de ser desintegradora e produtiva de mais caos. O que interessa, portanto, não é escolhermos tal ou qual norma de ação, mas, sim, compreendermos como a mente está condicionada. Porque, do libertar da mente de seu condicionamento resulta uma ação sã, racional, inteligente.

O importante, por conseguinte, é descobrirmos, por nós mesmos, o que cada um de nós está a buscar e

se o que buscamos tem valia ou se representa apenas uma fuga. É de toda necessidade possuir o autoconhecimento - conhecer a si mesmo, não como Atman, etc., porém saber, cada um, o que ele próprio é, de dia em dia; e isso significa observar o seu próprio modo de pensar, as influências que lhe servem de base ao pensar, e estar cônscio dos movimentos conscientes e inconscientes da mente. Então, a mente é capaz de tornar-se muito tranqüila; e só nessa tranqüilidade é possível acontecer algo real.

Debates

PERGUNTA:*Uma das idéias predominantes do hinduísmo é que este mundo é uma ilusão. Pensais que esta idéia, atuando através dos séculos, se tornou um dos poderosos fatores que contribuíram para nossas atuais aflições?*

KRISHNAMURTI: Não conheço as doutrinas do hinduísmo, porque não sou hinduísta; tampouco sou cristão ou budista. Mas sei, como todos sabemos, que a mente tem o poder de criar ilusões. Pode hipnotizar-se e fazer crer a si mesma que as árvores e as casas não existem, ou que não existe o sofrimento; tem a extraordinária faculdade de crer em qualquer coisa que lhe agrade, sem se importar com os fatos - e isso é o poder de criar ilusões. A ilusão é de diferentes qualidades. Já criamos a ilusão do ideal. Dizemos que este mundo é sem importância, que só o "próximo" mundo tem importância, e que o mundo atual é apenas uma passagem para o outro. Ou, dizemos: - "Sou rico agora porque vivi uma vida virtuosa, na vez passada". Como vemos, é possível explicar qualquer coisa - mas permanece o fato de que a mente tem o poder de criar ilusões.

Ora bem. Pode a mente libertar-se desse poder, para conhecer os fatos tais como são e não apenas sua opinião a respeito dos fatos? Pode uma pessoa perceber que é cruel, sem querer explicar a razão de sua crueldade ou especular sobre a causa da mesma? Pode uma pessoa veia miséria, a degradação, o sofrimento, o conflito, a brutalidade existentes no mundo e não procurar explicá-la? Podemos ficar tão somente cônscios do fato de que somos brutais, violentos, cruéis, não apenas exteriormente, mas interiormente? Se percebemos esse fato, tão somente, sem o explicarmos, que acontece? O fato começa então a atuar sobre a mente; a mente não atua sobre o fato. A mente só atua sobre o fato, quando o avaliamos, quando temos opiniões a seu respeito. Sendo cruel, tenho o ideal da bondade, da compaixão, que está do lado oposto, distanciado do fato. O que está do lado oposto é apenas uma ilusão que a mente criou; o fato é este: sou cruel. Ora, pode a mente permanecer com o fato - mas não morbidamente - permanecer com esse fato de que sou cruel, e só isso? O ideal foi criado pela mente, e é uma absoluta ilusão; só existe, porque desejo fugir ao fato. Mas se a mente está livre dessa ilusão a que chama ideal, então o fato pode atuar sobre ela. Expressemo-nos de modo mais claro e mais simples.

A maioria de vós, sem dúvida, tem ideais; e os ideais só existem porque a mente tem o poder de criá-los. Nenhuma validade têm eles; não são fatos: São uma concepção mental daquilo que deveria ser, coisa completamente diferente de o que é. O que é - isso é o fato, e não o que deveria ser. Mas, infelizmente, todos somos idealistas e por essa razão nossa personalidade está dividida. Estamos sempre a falar de não-violencia, de Ahimsa -- como esta palavra nos sai facilmente dos lábios! - e no entanto continuamos a ser maharastrianos, gujarathis, telugus e sabe Deus o que mais. (risos) Senhores, porque nutrimos ideais sem valia alguma? Se não temos ideais, então o fato - isto é, os sofrimentos, a miséria, a

medonha crueldade que nos permitimos - nos levará a fazer alguma coisa.

Enquanto pertencermos a, alguma religião, alguma casta, um certo grupo; enquanto considerarmos a família ou a nação como a coisa mais importante de todas, haverá inevitavelmente crueldade. Mas não queremos encarar esse fato, não queremos olhá-lo, preferindo lutar para alcançar o ideal, sem nunca o conseguirmos. Ao libertar-se da idéia de o que deveria ser, pode a mente encarar o fato - o que é; e então, evidentemente, o fato operará na mente. Se me ponho a especular sobre a provável presença de uma serpente venenosa em meu quarto, posso ficar especulando indefinidamente, e nenhuma ação resultará daí; mas se lá tenho uma serpente real, a ação é então imediata e não tenho de pensar em ação.

Assim sendo, pode ser, em parte, que, por pensarmos que este mundo é ilusório ou que ele seja um degrau para ascendermos a um plano muito superior - pode ser que por essa razão fechemos os olhos às suas misérias sociais; mas isso não significa necessariamente que devamos passar, incontinenti, para o campo da reforma social, pois com isso só se poderia aumentar o presente caos. O importante é descobrir, cada um, como a sua mente funciona, e isso significa perceber as pressões, as forças inelutáveis que o levam a praticar um certo ato, para, então, libertar a mente desse condicionamento. Enquanto a mente continuar a pensar como hinduísta, bramanista, católica, ou seja o que for, esse condicionamento a impedirá de encarar o fato; mas no momento em que ela se libertar e encarar o fato, haverá ação que não estará influenciada pelo passado.

Senhores, é muito complexo este problema. Como deveis saber, quaisquer idéias criadas pela mente são produtos de seu próprio fundo, seus preconceitos e tendências; e uma mente que deseje descobrir o que será correto fazer, em meio a este deplorável caos, deverá compreender esse fundo e dele libertar-se - sendo isso muito mais importante do que querer descobrir o que se deverá fazer. "O que se deverá fazer" virá junto com a compreensão do fundo. Enquanto uma pessoa continuar pensando como bramanista ou não-bramanista, enquanto estiver seguindo este ou aquele caminho, qualquer ação nascida desse pensar criará, inevitavelmente, mais confusão, mais guerras, mais ódios. Mas se se começar a compreender o fundo, haverá infalivelmente ação correta. E a compreensão do fundo só existirá mediante a vigilância, nas relações.[sumário]

PERGUNTA:*É possível uma síntese do Oriente e do Ocidente, e não é esta a única maneira de preencher o vão existente entre os dois?*

KRISHNAMURTI: Senhor, que é Oriente e Ocidente? Vede, fazendo uma pergunta errada, queremos uma resposta certa. Existe Oriente e Ocidente, a não ser geograficamente? Existe civilização oriental e civilização ocidental? Existe pensamento oriental e pensamento ocidental? Superficialmente, pode parecer que sim; mas oriental ou ocidental, comunista ou católico, cada um de nós é condicionado pelo meio cultural em que se criou. Vós viveis no Oriente, outro no Ocidente; mas o outro está condicionado pela sua sociedade, pelo c1irna, pelo regime alimentar, por inumeráveis impressões, pressões, influências existentes ao redor dele, tal como acontece convosco. No Ocidente, o povo se traja de uma certa maneira, aqui de outra maneira; mas o ente humano é o mesmo em todas as partes do mundo, não importa como se traje, não importa se sua pele é morena, branca, preta ou amarela. Todos somos ambiciosos, ávidos, invejosos, todos aspiramos ao sucesso - embora, lá o sucesso possa ter uma forma, e aqui outra forma. Somos entes humanos; não somos nem orientais nem ocidentais. Este mundo é de nós' todos; não é dos comunistas, dos católicos. nem de outro grupo qualquer, por mais que eles o desejem. Grandes massas de povo estão sendo condicionadas, deliberadamente, para pensar de uma

certa maneira. Mas não existe condicionamento melhor do que outro; só há pensamento condicionado. E enquanto a nossa mente continuar condicionada e continuar a agir de acordo com esse condicionamento, não podemos deixar de causar guerras. Enquanto uma pessoa pensar como indiana, em oposição ao americano, ao russo ou ao muçulmano, gerará antagonismo inevitavelmente; enquanto pensar como Gujarathi ou Maharastriano, haverá brutalidade', tremendas.

Assim, o que há é apenas a mente humana, apenas pensamento, seja aqui, seja no Ocidente. E o que compete fazer, em primeiro lugar, a todo indivíduo sério, é investigar profundamente o processo do pensar, visto que toda ação emana do pensamento. Sem pensamento, não há ação; e o pensamento, atualmente, está dividido em "europeu", "indiano", isto ou aquilo, o que significa que está condicionado, influenciado por uma dada cultura, ou civilização. Depois de produzir sua própria cultura, a mente fica aprisionada nessa cultura, nessa sociedade; e, compreender esse processo, penetrá-lo, quebrá-lo definitivamente, é função dê todo ente humano responsável. Só depois de libertarmos a mente de seu condicionamento, será possível conhecermos o amor, a compaixão; mas enquanto permanecermos indianos, maharastrianos, ou seja o que for, é puro disparate falar de Deus, de Verdade, de amor, de compaixão.

Só poderá surgir um mundo novo, quando cada um de nós sentir que esta Terra é nossa - vossa e minha - para nela vivermos em harmonia. Mas não poderemos viver em paz sobre a Terra, se eu penso que sou bramanista ou um grande santo e vos olho com desdém, como uma pessoa insignificante, um servidor a quem posso maltratar. Somos entes humanos, todos nós, e a transformação do coração é muito mais importante do que a mudança de legislação. As leis não podem modificar o coração; e o coração ou a mente ambiciosa pode servir-se das leis, ou burlá-las, para enriquecer-se. Eis porque é tão importante compreender tudo isso, para não dividirmos o mundo em Oriente e Ocidente.[sumário]

PERGUNTA:*Segundo vós, o conhecido jamais pode descobrir o desconhecido. Como será então possível reconhecer o desconhecido? Ele é assim tão completamente diferente?*

KRISHNAMURTI: Ora, por certo, a mente é resultado do conhecido. A mente só conhece como fato "o que foi"; não pode reconhecer como fato "o que será". Poderá conjeturar; mas há inúmeras influências a alterarem constantemente o futuro; de maneira que homem algum poderá dizer como será o futuro; e acho de suma importância compreender isso politicamente. Nenhum grupo de indivíduos, sejam comunistas, sejam católicos, socialistas ou de outra espécie, pode prever o futuro. Presumir que é possível conhecer o futuro, significa ter um padrão; e daí resulta o esforço para obrigar o homem a ajustar-se a esse padrão e, se não se deixar ajustar, exterminá-lo, destruí-lo em campos de concentração, submetê-lo a toda sorte de horrores. O que se pode conhecer, é o "processo" do nosso pensar. O "conhecido" é o passado; o reconhecimento é, inteiramente, uma operação do "conhecido".

O consultante está, com efeito, perguntando: "Pode-se reconhecer o "desconhecido"? Pode-se experimentar - e saber que se está experimentando - o desconhecido"? - Ora, que se entende por "reconhecimento"? Por certo, só se pode reconhecer algo que já se conhece. Porque já vos encontrei antes, vos reconheço; se não vos encontrei anteriormente, não posso reconhecer-vos - sendo que "reconhecimento" significa estar familiarizado com o nome, o tipo e forma do rosto, a maneira de falar, de gesticular, etc. O reconhecimento, pois, é sempre resultado do "conhecido". Reconheço, porque conheci antes, que aquilo é uma casa, aquilo uma árvore, aquilo um homem, uma mulher, uma criança;

conheço porque me disseram, e também por minha própria experiência. Conheço, em virtude da "experiência"; a mente, portanto, é resultado do conhecido. Do conhecido, ela pode "projetar" o desconhecido, chamá-lo Deus, a Verdade, ou o que quiserdes. Mas isso é ainda uma "projeção" do conhecido.

Assim, pois, pode o conhecido experimentar o desconhecido? Não pode, evidentemente. Esta pergunta encerra uma contradição; não tem validade nenhuma. A questão não é se a mente pode reconhecer ou experimentar o desconhecido, mas se a mente pode libertar-se do conhecido. Sendo, como é, resultado do conhecido, pode a mente libertar-se dele? Vereis que esta é uma pergunta muito importante, se a fizerdes a vós mesmo e a examinardes profundamente. A mente se tornou mecânica porque se move do conhecido para o conhecido. Como as máquinas eletrônicas que se têm inventado, ela só é capaz de funcionar por associação. Nosso pensar é resultado do conhecido; de outra maneira não há pensar. Ele é reação da memória, que é passado. É, pois, o passado que pergunta: "Posso conhecer ou experimentar algo "atemporal", imensurável, irreconhecível"? A resposta é bem óbvia.

Assim sendo, o mais que podemos fazer é compreender as operações do conhecido, perceber como a mente pensa, sente, indaga = e isso é meditação. Só então se acha a mente completamente tranqüila. A tranqüilidade ,, da mente pode ser provocada por meio de drogas, de disciplinas, de repressões, mas isso não é meditação; é apenas um artifício e essa mente não está tranqüila. Só pelo investigar do conhecido pode a mente serenar, tornar-se completamente tranqüila - a mente total, consciente e inconsciente, e não apenas a mente superficial que diz: - "Preciso serenar, para experimentar o desconhecido". A tonalidade da mente deve estar tranqüila, o que significa que todo o processo do pensar deve cessar; e ele não cessará se procurarmos decepá-lo ou atuar sobre ele; só poderá cessar pela compreensão. Uma vez compreendido totalmente o processo do pensar, manifesta-se, na mente, uma tranqüilidade em que não existe experimentador nem coisa experimentada, em que não existe movimento algum. E só então há possibilidade de surgir algo que transcende as medidas do tempo.

O que cumpre fazer, portanto, não é investigar o desconhecido mas, sim, investigar se a mente pode livrar-se do conhecido. Se vos fazeis esta pergunta, verdadeiramente, prática e não teoricamente, descobrireis se a mente pode ou não pode ser livre. Eu não vo-lo (posso dizer; vós é que deveis descobrir a verdade, nesta matéria. E não podeis deixar de fazer a vós mesmo esta pergunta, porque vossa mente, como atualmente constituída, e mecânica e sua função é só repetir indefinidamente o que lhe foi ensinado, o que ela aprendeu, o que leu - a eterna "tagarelice" relativa ao conhecido. Só quando compreende a si mesma, tem a mente a possibilidade de libertação do conhecido.[sumário]

5a. Conferência em Bombaim

18 de março de 1956

NAS últimas quatro vezes em que aqui nos reunimos, estive falando sobre quanto é importante para o indivíduo libertar-se das numerosas influências sociais, culturais e religiosas, porque é só então que se torna possível a criadora libertação da mente verdadeira. Parece-me importantíssimo compreender a qualidade da mente, para que possa surgir a mente verdadeira. Em geral não nos interessa dar existência à mente verdadeira, mas, tão só, o que se deve fazer; a ação se tornou muito mais importante do que a qualidade da mente. A ação, para mim, é coisa secundária. Se se me permite dizê-lo, a ação não tem importância nenhuma. Porque, quando existe a mente verdadeira, a mente criadoramente "explosiva" (sic), então, dessa "explosividade" criadora resulta a ação correta. A frase correta não é "agir é existir", porém "existir é agir".

Para a maioria de nós a ação parece de vital importância e é por isso que a ela nos entregamos inteiramente; mas o problema não é a ação, embora o pareça. Muito importa à maioria de nós o como viver, o que fazer em certas circunstâncias, que partido tomar na política, etc. Se observardes, vereis que, geralmente, a nossa busca visa à maneira correta de agir e, por essa razão, existe ansiedade, sede de saber, a busca do guru. Indagamos, porque desejamos saber o que se deve fazer; e quer-me parecer que uma tal maneira de considerar a vida deverá conduzir, inevitavelmente, a muitos sofrimentos e angústias, a contradições não só interiores mas também na esfera social, contradições que invariavelmente acarretam frustrações. Para mim, a ação é a conseqüência inevitável do existir. Isto é, o próprio estado de atenção representa um ato de humildade. Se a mente é capaz de prestar atenção, essa própria atenção dá existência à mente verdadeira, da qual pode nascer a ação. Mas se, ao contrário, não existe a mente verdadeira, não existe essa extraordinária, impetuosa qualidade criadora, a mera busca da ação leva à vulgaridade, à superficialidade do coração e da mente.

Não sei se já notastes quanto vivemos ocupados em relação ao que se deve fazer, e provavelmente nunca tivemos uma mente de qualidade tal que perceba de pronto a totalidade. A própria percepção da totalidade, em si, representa ação, e acho importante compreender isto, porque nossa civilização nos tornou muito superficiais. Somos imitadores, tradicionalmente limitados, incapazes de uma visão ampla e profunda, porque os nossos olhos foram cegados pela ação imediata e seus resultados. Observai vossa própria mente, para verdes quanto vos importa o que se deve fazer; e esta constante ocupação da mente em relação ao que fazer pode levar a um pensar muito superficial. Mas se, ao contrário, a mente se interessa pelo percebimento do todo - não em como perceber o todo, que método empregar, para tal, - o que, mais uma vez, significa enredar-se na ação imediata - vereis que dessa intenção resulta ação, e não por outro meio.

Em que é que está interessada a maioria de nós atualmente? Na violência e na não violência, no adquirir um pouco de virtude, na casta ou nação a que pertencemos, na existência ou inexistência de Deus, na espécie de meditação que se deve praticar, etc. - e tudo isso é de limitado valor, insignificante. A mente, pois, se perde no meio de pequenas coisas; mas isso não significa que não se deva investigar o que é meditação. Descobrir o que é meditação é coisa inteiramente diversa. Mas a mente se mostra muito interessada no sistema de meditação que deve usar para chegar a seus fins, e essa preocupação a respeito de um sistema torna a mente inferior, superficial, vazia - sendo isso o que está acontecendo à maioria de nós. Repetimos o que diz o Gita, a Bíblia, ou Alcorão ou certos livros budistas, ou citamos Lenine ou Marx, e pensamos ter resolvido todas as questões. Mas, parece-me, o mais importante é dar existência à mente verdadeira, àquela extraordinária qualidade mental que apreende instantaneamente a totalidade do sentir, a totalidade do ser; e penso que essa mente verdadeira não poderá existir enquanto houver esforço. Enquanto o indivíduo estiver a lutar numa dada direção, a esforçar-se para ser ou não ser isto ou aquilo, a mente verdadeira, a mente que é capaz de perceber o todo, não pode existir. Só a mente que se liberta do esforço, da luta, pode compreender a totalidade do ser.

Por que fazemos esforço? Peço-vos atenção, porque esta é uma grave questão; pensemos nela profundamente, juntos. O esforço é evidentemente necessário, num certo nível de nossa existência - o esforço para adquirir conhecimentos, na escola, o esforço para aprender uma técnica, etc. Mas, por que razão a mente faz esforço para ser algo, ser não violenta, ser pacífica? Não é porque, reconhecendo-se violenta, ávida, estúpida, a mente deseja transformar tal estado noutra coisa? O desejo de passar de o que é para o que deveria ser, provoca um processo de esforço, não é verdade? Sou ignorante, e preciso adquirir conhecimentos; sou invejoso, e devo tornar-me não-invejoso. E, assim, o desejo de ser não-invejoso gera o esforço, a luta para ser algo. Para mim, esse esforço, em que quase todas as pessoas se acham empenhadas é o fator deteriorador. Como disse, o próprio ato de escutar é humildade; mas nós não escutamos. Perguntamos para nós mesmos: "Que está ele dizendo? Que me sucederá, se nenhum esforço fizer para ser algo? Como viverei? Como obter emprego ou ser promovido? A vida toda, como a conhecemos, é só de luta, de esforço, de incitamento, de compulsão; estamos habituados a esse ritmo, esse modo de pensar, e por isso nunca escutamos. Escutamos o que se diz, opondo-lhe nossas próprias opiniões.

Mas, podemos afastar de nós tudo isso e ficar, tão somente, escutando? Quando estamos somente escutando, que acontece? Esse próprio ato de escutar é humildade. Nenhum esforço se fez, a mente nada fez para se tornar humilde; ela é humilde e, portanto, capaz de escutar. Entendeis? Porque desejo compreender o que outro diz, não lhe oponho minha opinião, minhas objeções, meus argumentos; tudo isso é posto de parte, para escutar o que se está dizendo. Esse próprio escutar é humildade; a mente é humilde, nesse próprio ato; por conseguinte, não há esforço para se ser humilde. A mente arrogante não pode escutar. A mente que está repleta de conhecimentos, de argumentos, a mente que adquiriu, que experimentou - essa mente é incapaz de escutar, porque está cheia de vaidade, de presunção. O problema, por conseguinte, não é de saber como libertar-nos da presunção mas, sim, se a mente é capaz de escutar. Quando é capaz de escutar, a mente se acha num estado de humildade e é, então, capaz de percepção total, do que resulta ação. Mas, que é que nos importa agora? A maioria de nós importa acumular um pouco de virtude, um pouco de saber e multiplicá-lo, torná-lo cada vez maior e mais amplo. Mas isso é ainda um processo aditivo. Temos conhecimento, sabemos o que diz o Gita, o que diz o nosso guru, mas a mente verdadeira não existe; por isso nossa mente é incapaz de perceber, de compreender o todo, libertada desta luta interminável.

Parece-me, portanto, que o principal fator da deterioração da mente, é esta luta para ser algo. Afinal de contas, quando o indivíduo deseja ser alguma coisa, quando tem um alvo, um fim em vista, luta para atingir esse fim e sua vida é toda moldada por ele; por conseguinte. à sua mente não interessa sua própria realidade e profundeza, mas tão só o resultado de seus esforços.

Refleti sobre isso, para verdes corno somos estéreis, não-criadores, por este mundo afora. Somos apenas imitadores, moldados pelo padrão da sociedade, pelos planos de uma determinada cultura; e pode a mente, em tais condições, ser criadoramente "explosiva"? Naturalmente, não pode. Entretanto, o que mais importa a todos nós é o que cumpre fazer. Há miséria no mundo, angústias, sofrimentos, tanto interior como exteriormente, e o que nos interessa é apenas saber como pôr fim a tudo isso. E, assim, a mente se deixa enredar no "como" - a solução, a explicação: como encontrar Deus, como meditar, se há ou não continuidade depois da morte, qual a ação correta, quem é o guru verdadeiro, qual o livro verdadeiro, etc.. É só isso que vos interessa, a todos, não é verdade? Não vos interessa a qualidade da mente mas, tão só, os muitos "comos", que evidentemente tornam a mente superficial. Podeis ter o melhor dos gurus, ler todos os livros sagrados, ser extremamente virtuoso; mas se não possuís essa

qualidade criadoramente impetuosa da mente verdadeira, vossa virtude se torna muito superficial, respeitável e, portanto, sem valia, porque a virtude não é um fim em si.

Parece-me, pois, que. o importante é que se investigue, deveras, a qualidade da mente verdadeira, que é uma mente não imitadora, não mera seguidora, mas, sim; verdadeiramente, "explosivamente" criadora; porque, sem essa qualidade, que valor tem vossa virtude, vosso saber, vossa busca da verdade? E pode a mente superficial, medíocre, a mente que foi educada apenas para se ajustar à sociedade, a mente derrotada, alquebrada, sofredora - pode essa mente encontrar aquela qualidade "explosivamente" criadora?

Senhores, em primeiro lugar devemos reconhecer que nossa mente é superficial, vazia; podemos enchê-la de palavras, do saber dos livros, porém ela continuará vazia. E pode uma mente inferior, superficial, pôr termo à sua inferioridade, sua superficialidade? Pode fazer-se vasta, profunda? Ora, ao fazerdes esta pergunta, com que intenção a fazeis? É com o fim de alcançar um resultado, encontrar um método? Ou o perguntais, simplesmente, assim como o jardineiro que planta uma semente, e a irriga, e a deixa medrar? Não sei se estou esclarecendo bem a questão. Para mim, o explicar porque a mente e inferior, nenhuma importância tem; o importante é que a mente descubra porque faz esta pergunta.

Ao reconhecer que está vazia, que faz a mente? Trata de adquirir mais conhecimentos, esforça-se para encher-se, enriquecer-se. Sentindo-se superficial, a mente quer ser profunda, e surge então o problema de como se tornar profunda; e, assim, começa a mente a praticar um método que lhe promete o que ela deseja, ficando, pois, aprisionada no método. Esse processo, para mim, é totalmente errôneo, extremamente destrutivo, porquanto leva a uma superficialidade, a um vazio, piores ainda. A mente que está aprisionada num método, continua a ser inferior, porquanto só está cuidando de seu próprio enriquecimento e não compreendeu a si mesma. Mas se, ao contrário, a mente reconhecer que é superficial, sem buscar nenhuma explicação ou resposta, põe-se então em movimento um "processo" completamente diferente. Como disse, esse processo é semelhante à ação do jardineiro que planta uma semente e á irriga. Se a água e o solo forem bons e a semente tiver vitalidade, ela brotará. De modo idêntico, se a mente perguntar a si mesma por que razão é superficial e não buscar nenhuma resposta nem procurar meios e modos de enriquecer-se, então, a própria pergunta provoca uma explosão. Vereis, então, surgir um estado todo diferente, em que a mente já não luta para realizar, acumular; e essa mente não conhece deterioração.

Atualmente, a nossa mente está a deteriorar-se e, por certo, o que mais importa é pôr fim a essa deterioração. Isso não pode ser feito pela mera investigação da causa da deterioração, e pela sua explicação. Mas se estivermos cônscios dessa deterioração interior e, sem procurarmos uma solução, perguntarmos a nós mesmos por que motivo ela existe, então essa própria pergunta é um ato de escutar. Para escutar, requer-se humildade, e a humildade purifica a mente do passado; a mente fica, então, nova, purificada, tornando-se, portanto, capaz de perceber a totalidade, o todo. Só essa mente pode implantar a ordem e criar uma nova sociedade com valores de todo diferentes dos atualmente existentes.

Debates

PERGUNTA:*Que dizeis a respeito de Tapas e de Sandhana, mencionados nos livros hinduístas, como necessários para se obter a cessação do pensamento?*

KRISHNAMURTI: Considero um grande erro interpretar o que os livros dizem. Prestai atenção a isso, pois não estou dizendo "nada de irrazoável. Os livros nos mandam fazer isto ou aquilo, e os livros podem estar errados; e, também, é possível que o pensamento não possa cessar jamais. Mas o que podeis fazer é descobrir diretamente, por vós mesmo, sem dependerdes de pessoa nenhuma nem de livro nenhum, se o pensamento pode ou não cessar. Isso é muito mais importante, mais significativo do que praticar qualquer método que prometa a cessação do pensamento.

Ora, porque desejais que o pensamento cesse? É por ser ele muito perturbador, contraditório, transitório? E como sabeis que o pensamento pode cessar? É porque os livros o disseram? Ou vossa mente está investigando o processo do pensar? Compreendeis, senhores? Nosso problema é compreender o processo do pensar, e não procurar saber como pôr fim ao pensamento. Pode-se pôr fim ao pensamento tomando uma droga ou aprendendo uns poucos artifícios, na chamada meditação; mas a mente continuará embotada, superficial. Mas se começardes a investigar o que é pensar, então descobrireis se o pensamento pode ou não cessar.

Sejamos bem claros a esse respeito. Um método, por mais nobre, por mais promissor que seja, só pode sufocar o pensar, ou mantê-lo num estado estático; mas isso não é cessação do pensamento. O que fizestes foi só sufocar o pensamento, arrolhá-lo. Mas, investigando o processo do pensar, descobrireis o que é esse "processo".

O pensar, sem dúvida, é reação da memória a algum desafio - sendo a memória continuidade do passado. Atrás do pensar há certas pressões, compulsões, que tornam o pensar tortuoso. Quando há qualquer espécie de pressão atrás do pensar - sendo pressão: "motivo", compulsão, impulso - o pensamento, invariavelmente, há de ser tortuoso. Mas se a mente puder libertar-se de todas as pressões, de todos os "motivos", vereis então que ela se tornará sobremodo tranqüila e que, nessa tranqüilidade, deixou de existir o que chamais pensar. Se apenas desejais a cessação do pensar, por esperardes que ela resolverá os vossos problemas, ou porque os livros prometem uma recompensa, podeis ter êxito no tornardes a vossa mente muito tranqüila; porém ela continua a ser uma mente inferior. O que nos importa, pois, não é pôr fim ao pensamento, mas, sim, pôr fim à inferioridade, a superficialidade; e para que a mente deixe de ser inferior, será necessário que se liberte de toda e qualquer autoridade ou guia, tornando-se capaz de pensar de maneira nova.

Senhores, para enunciar o problema de maneira diferente, toda crença coletiva é muito destrutiva. Muitos de vós vos denominais hinduístas, o que significa que ainda estais agrilhoados pelos dogmas, tradições e influências coletivas, que vos tornaram o que sois. Onde há crença coletiva, há deterioração, está em movimento um "processo' destrutivo, e isso é exatamente o que está acontecendo pelo mundo, na hora atual. Todos somos comunistas ou socialistas, hinduístas ou cristãos, isto ou aquilo, e sendo isso uma manifestação coletiva de crença, não há individualidade; e é por isso que muito importa perceber o mal da crença coletiva. Pelo próprio percebimento desse mal, surge o indivíduo. Só a mente que não é nem comunista, nem capitalista,, nem. cristã, nem hinduísta, a mente que não sofre coação, pressão ou que tem um motivo oculto, - só essa mente pode existir sem pensamento. Com o cessar do pensamento apresenta-se uma tranqüilidade como a das águas vivas, e há nessa tranqüilidade um vasto movimento

que não pode ser apreendido pela mente que é tangida pela pressão, pelo "motivo". Qualquer prática a que se entregar a mente inferior, só poderá torná-la mais inferior, porque ela não compreende a si mesma, não está cônscia de sua inferioridade; poderá aprender novos artifícios, novos métodos, mas continuará inferior. A única coisa que uma mente inferior pode fazer, é perceber sua inferioridade, e nada fazer para remediá-la. Quando a mente percebe que é inferior, fez tudo o que lhe era possível fazer.
[sumário]

PERGUNTA:*Dizeis que o passado deve deixar de existir, para que o desconhecido possa existir. Tudo tentei para libertar-me de meu passado, mas minhas lembranças perduram e me absorvem inteiramente. Significa isso que o passado tem existência independente de mim? Se não, tende a bondade de mostrar-me como viver livre dele?*

KRISHNAMURTI: Antes de mais nada, o passado é diferente do "eu"? O pensador, o observador, o experimentador é diferente do passado? O passado é memória, são todas as experiências do indivíduo, todas as suas ambições, o resíduo racial, a tradição, os valores culturais, as influências sociais - tudo isso constitui o passado, a memória. Quer estejamos conscientes de sua existência, quer não, ele existe. Ora, todo esse conjunto é diferente do "eu", que diz: "Desejo libertar-me do passado?"

Tende a bondade de acompanhar-me com paciência. Existe essa continuidade da memória, muito vasta e muito profunda, a qual, a todas as horas, está reagindo aos desafios. Essa memória é diferente do "eu" ou é "eu"? Entendeis? Se não existisse nome, relação com a família, o passado, a raça, etc., haveria "eu"? Haveria "eu", haveria pensador, se não houvesse pensamento? Ou achais que, acima do "eu", existe o Atman, uma entidade independente, sempre vigilante? Se existe essa entidade independente, nesse caso a mente, porque é dependente, é incapaz de conhecê-la. Estais seguindo? A mente, que ao mesmo tempo depende do passado e dele resulta, disse que existe o Atman, que observa do alto, que é livre, independente; mas, sem embargo, foi a mente dependente que disse tal coisa; portanto, isso a que ela chama Atman faz parte dela própria, está dentro da esfera da memória, da tradição. Isso é bastante claro, não? Pela tradição, pela repetição, pela leitura, etc., sois educados para crer que há uma coisa que é independente do "eu", uma coisa que transcende a memória; mas um homem que foi educado na Rússia, dirá que tal coisa não existe, que é puro disparte, que só há "eu". Assim, todos somos produtos de nossa educação, estamos condicionados por nosso passado, pelo meio cultural em que vivemos, pelas influências religiosas, políticas e sociais sob as quais fomos criados; e presumir, postular, supor que há algo superior a esse "eu" - embora tal coisa possa existir - é pensar de maneira muito infantil, imatura, e é isso que tem causado tanta confusão e tantos sofrimentos.

Não há, pois, nenhum "Eu" separado do passado. O "eu" é o passado, é a qualidade, a virtude, a experiência, o nome, as relações de família, as várias tendências, conscientes e inconscientes, a herança racial - tudo isso constitui o "eu", e a mente não está separada dele. A alma, o Atman faz parte da mente, porque foi a mente que inventou estas palavras.

O problema, portanto, é este: Como pode a mente, que é resultado do passado, libertar-se de sua própria sombra? Compreendeis? Como pode a mente, que é todo o conjunto de memória, libertar-se do passado? Está correta esta pergunta, senhores? Acho-a incorreta. O mais que a mente pode fazer é estar cônscia do passado, estar cônscia de como toda reação, toda "resposta" provém do passado - estar totalmente cônscia, sem o desejo de nada alterar, sem escolher, do passado, o que é bom e rejeitar o que é mau. Se a mente luta para destruir, esquecer ou alterar o passado, ela se separa do passado,

criando assim uma dualidade e, portanto, conflito; e justamente esse conflito é que produz a deterioração da mente. Mas se, ao contrário, a mente perceber a totalidade de sua memória, ficando simplesmente cônscia dessa totalidade, vereis acontecer algo extraordinário. Sem esforço nenhum, o passado findou.

Experimentai-o, não porque eu o estou dizendo mas porque, assim, o vereis por vós mesmo. Uma mente que é resultado do passado não pode libertar-se do passado por seu próprio esforço. O mais que pode fazer é tornar-se cônscia de suas reações, cônscia de como guarda ressentimentos, para depois perdoar; como acumula, para depois renunciar; como escolhe, para depois tornar-se confusa. A mente que escolhe é u'a mente confusa. Ficai cônscios de tudo isso, para verdes como a mente se tornará surpreendentemente tranqüila. Não há mais escolha, então, porque a mente percebe a falácia de fazer algo para se libertar do passado. Desse percebimento resulta, não uma libertação do passado, mas um sentimento de liberdade, que faz o passado deixar de existir.[sumário]

PERGUNTA:*O mandamento de mais força, o mandamento básico de todas as religiões é: Ama o teu próximo. Porque é tão difícil pôr em prática esta verdade tão simples?*

KRISHNAMURTI: Porque somos incapazes de amar? Que significa amar ao próximo? Isso é um mandamento? Ou o fato simples é que, se eu não vos amo e vós não me amais, só pode haver ódio, violência e destruição? Que é que nos impede de ver o fato de que este mundo é de todos nós, que esta Terra é vossa e minha, para nela vivermos, sem estarmos divididos por nacionalidades, por fronteiras; para nela vivermos felizes, frutuosamente, deleitàvelmente, com afeição e compaixão? Porque não enxergamos isso? Posso dar-vos dúzias de explicações e vós podeis dar-me outras dúzias mais, porém as meras explicações nunca extirparão o fato de não amarmos o nosso próximo. Pelo contrário, é porque estamos sempre dando explicações, sugerindo causas, que não encaramos com o fato. Vós sugeris uma causa, eu sugiro outra, e ficamos lutando a respeito dessas causas e explicações. Estamos divididos, como hinduístas, budistas, cristãos, isto ou aquilo. Dizemos que não amamos, em virtude das condições sociais, ou em virtude de nosso karma, ou porque alguém tem muito dinheiro e nós temos tão pouco. Sugerimos inúmeras explicações, amontoamos palavras e na rede das palavras ficamos apanhados. O fato é que não amamos o nosso próximo e temos medo de olhar de frente esse fato; por isso nos comprazemos com as explicações, as palavras, a descrição das causas, citamos o Gita, a Bíblia, o Alcorão - tudo fazemos para evitarmos o enfrentar o simples fato.

Compreendeis, senhoras e senhores? Que acontece quando, encarando o fato, percebeis, por vós mesmo, que não amais o vosso próximo? Vosso filho é vosso próximo; portanto não necessitais de ir procurar ao longe o vosso próximo. Se amásseis o vosso filho, teríeis o cuidado de educá-lo de uma maneira toda ;diferente; educá-lo-ieis, não para se ajustar a esta sociedade decrépita, mas para ser auto-suficiente, inteligente, cônscio de todas as influências que cercam, que prendem e sufocam o indivíduo e nunca lhe permitem ser livre. Se amásseis vosso filho, que é também vosso próximo, não haveria guerras entre o Paquistão e a índia, ou entre a Alemanha e a Rússia - porque então desejaríeis protegê-lo a ele, e não à vossa propriedade, vossa crença insignificante, vosso depósito no banco, vossa pátria cruel, vossa estreita ideologia. Por isso não amais; e o fato é este.

A Bíblia poderá mandar-vos amar ao próximo, e a mesma coisa pode mandar o Gita ou o Alcorão - o fato é que não amais. Ora, ao encarardes esse fato, que acontece? Entendeis? Que acontece, ao reconhecerdes que não sois amorável e, reconhecendo-o, não derdes explicações nem alegardes as causas por que não amais? É bem óbvio o que acontece. Ficais com o fato nu e cru de que não amais,

não sentis compaixão, não tendes nenhuma consideração por outro. A maneira desdenhosa como falais com vossos serviçais, o respeito que mostrais para com vosso patrão, a profunda reverência com que saudais o vosso guru, vossa busca de poder, vossa identificação com um país, vosso desejo de vos aproximardes dos grandes - tudo isso indica que não amais. Se começardes daí, podereis então fazer algo. Senhores, se estais cegos e realmente o sabeis, se não imaginardes que podeis ver, que acontece? Andais vagarosamente, apalpais, tateais; cria-se uma nova sensibilidade.

De maneira semelhante, quando sei que não tenho amor, e não finjo amar; quando estou consciente do fato de não ter compaixão, e não me ponho a perseguir o ideal, o que é puro contra-senso - então, com o encarar do fato, surge uma qualidade diferente; e é esta qualidade que pode salvar o mundo, e não uma certa religião organizada, ou uma ideologia inventada pelos mais sabidos. É quando o coração está vazio, que as coisas da mente o enchem; e as coisas da mente são as explicações desse vazio, as palavras que descrevem as suas causas.

Assim, se desejais realmente pôr fim às guerras, se desejais realmente pôr fim ao conflito existente na sociedade, deveis encarar com o fato de que não amais. Podeis ir a um templo e oferecer flores a uma imagem de pedra, mas isso nunca dará ao coração aquela extraordinária qualidade que é a compaixão, o amor, e que só vem quando a mente está tranqüila, e não é ávida, invejosa. Quando percebeis o fato de que não tendes amor, e não fugis dele por meio de uma explicação ou procurando-lhe a causa, então esse próprio percebimento. começa a atuar; ele traz delicadeza de sentimentos, compaixão. Há então a possibilidade de se criar um mundo todo diferente, sem esse existir brutal e caótico a que atualmente chamamos vida.[sumário]

6a. Conferência em Bombaim

21 de março de 1956

UMA das coisas mais difíceis de nossa vida - assim me parece - é a compreensão do significado do viver, de suas finalidades. Com seus prazeres e dores, suas variadas experiências, suas lutas e tensões, esse formidável "processo" que chamamos viver se torna extremamente complexo e talvez só mui poucos são capazes de compreendê-lo totalmente. Neste vasto processo, existem problemas numerosos, uns impessoais, fora de nós, outros intimamente ligados ao indivíduo - problemas a que quase nunca damos atenção. Porque executamos uma certa ação, e que significado, que alcance tem ela? Existe uma coisa tal como o absoluto, o imensurável, e há alguma relação entre essa imensidade e o nosso viver de cada dia?- Guardamos essas coisas todas em compartimentos estanques, e depois queremos achar uma relação entre elas. Infelizmente, somos educados não para compreendermos o significado integral da vida, mas apenas para termos um emprego, para executarmos uma certa ação imediata, para ganharmos a subsistência; e, em conseqüência, nossa mente é incapaz de refletir profundamente sobre qualquer questão.

Pois bem. Não creio que o problema da ação imediata, o problema relativo ao que convém fazer, neste ou naquele país, possa divorciar-se da investigação sobre se existe o absoluto, o imensurável, uma coisa existente além da esfera mental; porque, sem tal investigação, a mera ação, no meu sentir, por mais satisfatória e necessária que possa parecer, só irá aumentar as nossas aflições. Se desejamos compreender-nos uns aos outros, acho que este ponto deve ficar bem esclarecido. Nosso problema fundamental não se refere ao que convém fazer, mas sim a como despertar no indivíduo a ação criadora; isto é, como é possível não nos deixarmos envolver de tal maneira na ação imediata, que neguemos ou desprezemos o imenso significada dessa libertação criadora.

Afinal, por que razão estamos a escutar? Por certo, não é por desejarmos que nos digam o que convém fazer, mas, sim - se estamos interessados a sério e se somos ponderados - em descobrir juntos, não como discípulo e instrutor, porém juntos - como é que a mente se prende às várias influências a que está sujeita, tornando-se incapaz de profunda investigação. Sem investigação, sem busca profunda, podem-se obter resultados imediatos, que produzirão um alívio temporário; mas isso pode tornar-se a causa de novos sofrimentos e novas lutas.

Acho, pois, de suma importância que cada um de nós descubra, por si mesmo, o que verdadeiramente deseja, e se existe uma coisa tal como o imensurável, que devemos compreender, para que nossa atividade atual tenha significação completamente diferente. Para mim, positivamente, a atividade imediata só tem significado com a compreensão daquela imensidade, que se pode chamar Deus, a Verdade, a Realidade, ou como se quiser; e estar interessado em qualquer modificação ou reforma imediata, sem aquela compreensão, nenhuma significação tem.

Para a maioria de nós, a vida é principalmente um "processo" de ganhar o sustento, com suas constantes premências econômicas e sociais e as complexas exigências da vida de relação. Estamos completamente enredados nesse processo e tentando fazer algo dentro de seus limites - procurando tornar-nos nobres, não violentos, etc. Parecemos incapazes de investigar de maneira completa esta questão, de descobrir o seu significado, num nível mais profundo. Porque não somos capazes dessa investigação profunda? Acho que esta é uma pergunta legítima, que todos podemos fazer a nós mesmos. Por que razão parecemos incapazes de penetrar as questões mais profundas da vida? Porque não fazemos, sequer, perguntas fundamentais? E porque nos vemos entravados, pela chamada educação, pela sociedade, por nossas relações, aflições e conflitos? Que é que nos barra ou impede esta investigação? Estamos realmente bloqueados, ou somos simplesmente incapazes de verdadeira investigação?

Estamos aqui tentando descobrir se é possível uma libertação criadora do indivíduo, de modo que a mente se torne capaz de constante investigação, de descer a profundezas extraordinárias, não teórica, abstratamente, porém realmente. Essa capacidade de sondar, de penetrar profundamente está sendo entravada pelo nosso próprio pensar? Ou ela simplesmente não existe em nós?

Sabemos quando estamos sendo barrados, sabemos o que significa esta palavra. Quando desejo fazer algo. vejo-me barrado, impedido, entravado pela sociedade, por uma certa relação, ou por determinado ato; ou pode existir um obstáculo inconsciente. Esse bloqueio consciente ou inconsciente bem pode ser o fator que está impedindo a mente de penetrar grandes profundezas. Esse bloqueio existe, por ser a nossa educação tão superficial, que somos incapazes de investigar profundamente? A razão será porque o nosso chamado preparo intelectual é tão limitado ou especializado que nossa mente é incapaz de penetração profunda -ou de fazer perguntas verdadeira mente fundamentais?

Nossa educação, na atualidade, é mero cultivo da memória, é repetição de frases, de palavras, aquisição de técnicas; é coisa tão superficial como o acender uma lâmpada. Com uma mente que foi assim educada, queremos investigar; e nos vemos barrados, incapazes de fazer uma pergunta verdadeiramente séria e de profundá-la sozinhos. Ora, existe realmente algum empecilho ou o fato é que não somos capazes de investigar? Acho que há diferença entre essas duas coisas. Pode acontecer que eu próprio esteja dificultando a investigação, com meus temores, frustrações, etc.; ou pode ser simplesmente, que não tenha capacidade para investigar persistentemente, para penetrar muito profundamente e descobrir algo de extraordinária significação, que venha iluminar as minhas atividades diárias.

Que entendemos por "capacidade para investigar"? Pode a mente que foi preparada, educada para só pensar superficialmente, descer a grandes profundezas? É claro que não pode. Afinal de contas, o homem que leu o Gita, o Alcorão e sabe todas as respostas "já prontas", o homem que comparou uns com os outros os vários instrutores e aprendeu uma maneira astuciosa de considerar cada problema - esse homem adquiriu um saber muito superficial. Ele repete o que outros escreveram, e esta repetição, que é tradicional, faz a mente muito superficial. Se falamos com um homem erudito, que leu todos os Shastras, que está familiarizado com os ensinos de Buddha e Sankara, que possui vasto saber e o dom da palavra, e por conseguinte se tornou uma autoridade influente - se falamos com um tal homem, vemos quanto é superficial a sua mente. Esse homem nunca fez a si mesmo uma pergunta fundamental, para descobrir por suas próprias forças a verdade nela contida; está sempre a citar alguma autoridade. Também nós somos preparados para sermos assim; por isso nossa mente é muito superficial, limitada, inferior; e com essa mente queremos investigar. Mas eu vos declaro que uma mente superficial não pode penetrar muito fundo nem fazer perguntas de profunda significação. Nessas condições, que fazer? Acho que este problema vos concerne, como vereis, se realmente pensardes nele.

Expressemo-nos de maneira diferente. Vemos que há muita confusão em redor de nós, não entre os especialistas, as autoridades, mas também em nosso próprio meio e nosso próprio pensar. Há numerosas organizações políticas, sociológicas e supostamente religiosas, e em geral nos filiamos a uma ou a outra dessas organizações, atirando-nos às correspondentes atividades, porque pensamos que ela nos deu a resposta definitiva. Dessarte, começamos a depender das organizações e dos guias que nos oferecem uma garantia; eles sabem e, por conseguinte, os seguimos e imitamos, e pertencemos a esses vários grupos. Tudo isso indica, não é verdade? - uma mente que não está só, uma mente incapaz de, por si mesma, pensar num problema de maneira completa, por ser dependente. No momento em que a mente se torna dependente, torna-se incapaz de investigação; como a criança que depende da mãe, essa mente não é livre para investigar.

Assim, em virtude de nossa dependência das organizações e da autoridade, da chamada educação, cultura, de nossa própria ambição constante, nosso desejo de poder, posição " e prestígio, a mente se tornou incapaz de profunda penetração. Se observardes deveras a vossa mente - repito-o com o devido respeito - vereis quanto é incapaz de uma verdadeira investigação daquilo que se pode chamar a Verdade ou Deus. É provável que vossa mente nunca tenha perguntado que significação tem a vida; e quando o pergunta, já tem uma resposta segundo Buddha, - Cristo, Sankara, o Upanishads ou o que quer que seja, e esta resposta a satisfaz. Só a mente que está sozinha, que é verdadeiramente livre, é capaz de penetrar grandes profundezas, sem estar em busca de um certo resultado frívolo. Mas nossas mentes não são assim; e enquanto o não forem, nossa vida terá muito pouca significação e só produzirá mais guerras mais desespero - sendo isso o que se observa, no mundo, nos tempos atuais.

Existe, para nós - que somos incapazes disso - alguma possibilidade de penetrarmos profundamente? E já que nos falta essa capacidade, que significação pode ter para nós o investigarmos para descobrir algo que possa representar a solução definitiva para todos os nossos problemas? Já deveis ter feito esta pergunta a vós mesmos. Se não, eu vo-la faço agora. Afinal de contas, se não tendes capacidade para investigar, que utilidade tem seguir alguém? Esse próprio seguir vos torna mais dependentes e, portanto, menos capazes de investigar. Para serdes capaz de investigar profundamente, necessitais de uma mente que esteja completamente só - só., no sentido de não estar sendo impelida em nenhuma direção, de não estar sendo tangida pela ânsia de ação imediata, reforma imediata, exigência imediata. Que fazer, pois?

Vede bem: a dificuldade da maioria de nós é o desejarmos uma prova tangível de que atingimos nosso objetivo; queremos que nos assegurem de um resultado, que nos digam que nos modificamos, que somos bons, ou que somos eficientes entidades sociais. Para mim, todas essas coisas são sem importância, porque percebo que a capacidade de investigar, de descobrir o que é a verdade, não pode ser cultivada. O mais que a mente pode fazer é perceber sua incapacidade de investigação, e deixar de imitar, de copiar. Senhores, isso é como deixar a janela aberta; então o ar fresco entrará livremente - se houver ar fresco. De maneira semelhante, o mais que se pode fazer é deixar aberta a janela da mente - não perguntar como deixá-la aberta, mas deixá-la aberta, agora. Espero que percebais a diferença entre essas duas coisas. Perguntar: "Como deixar aberta a janela da mente, para que a realidade venha à existência?" - é um meio de vos tornardes incapaz de deixá-la aberta. Quando desejais saber o "como", o método, vos tornais um seguidor do método e a ele vos escravizais. Qualquer método só pode produzir seu resultado próprio, que não é o de abrir a mente; no momento em que se compreender isso, realmente, a mente estará aberta. Vereis então que vossa busca já não tem um objetivo determinado; e a mente, porque está aberta, livre de qualquer sistema, é capaz de receber algo imensurável. Esse imensurável não é coisa sobre a qual se possa falar; ele nada significa se apenas lemos a seu respeito e repetimos o que lemos. Ele tem de ser "experimentado"; e essa mesma "experiência" produz uma ação no mundo, ação sem a qual esta existência nada significa, a não ser como fonte de novos sofrimentos.

Afinal, que é que todos desejamos? A vida, com suas constantes variações, suas lutas, suas variadas experiências, é muito transitória; e a mente diz: "Ela é só isso?" Ao fazer esta pergunta, a mente, em geral, recorre a um livro, uma pessoa, deixando-se, assim, prender a uma autoridade, porque muito facilmente se satisfaz com palavras. Mas quando a mente não se satisfaz com palavras, com explicações, e começa a penetrar. a investigar livremente, desembaraçadamente, sem sofrer pressão alguma, surge, então, na existência, aquela coisa extraordinária, cujo nome não importa, que resolverá todas as complexidades de nossa vida.

Senhores, que é um problema? Não existe problema só quando a mente lhe dá solo propício a enraizar-se? Se o problema não encontra solo para enraizar-se, pode-se então dar atenção ao problema. A mente já tem tantos problemas enraizados, que se tornou uma verdadeira sementeira de problemas. A questão, pois, não é como resolver um dado problema, mas se é possível a mente deixar de oferecer solo propício aos problemas. No momento em que a mente proporciona . solo propício, o problema se enraíza e alastra. Agora, escutai e compreendei isto: não pergunteis como não oferecer solo aos problemas, mas vede que o problema só pode existir quando encontra na mente solo propício para enraizar-se. O simples perceber e compreender esse fato é suficiente para dissolver o problema.

Debates

PERGUNTA:*Do que dissestes domingo último, infere-se que achais que não amamos os nossos filhos. Não sabeis, senhor, que o amor aos filhos é um dos maiores e mais profundos afetos humanos? Estou certo de que percebeis que somos impotentes para fazer qualquer coisa, relativamente à guerra e à paz.*

KRISHNAMURTI: Se amássemos nossos filhos, não haveria guerras, porquanto nossa educação seria toda diferente e haveríamos de criar uma sociedade de espécie completamente diferente; mas, visto que há guerras e que nossa sociedade vive com um perpétuo conflito em seu próprio seio, cada homem contra cada homem, isso indica que não amamos os nossos filhos. Foi isso o que eu disse domingo último, e considero-o um fato. Dizeis profundo e grande o vosso amor por vossos filhos; mas o fato é que vos estais a enganar mutuamente. Existe ambição, e quando um homem é ambicioso, não existe amor em seu coração; quando ele estimula seu filho a galgar os degraus do sucesso e alcançar o cimo da escada, é bem evidente que o está estimulando a ser cruel. Sem dúvida, tudo isso indica que não existe amor, não achais?

Em verdade, como pais sois também mestre, porque vosso filho vive em vossa companhia; vós o amestrais, ele vos obedece e se forma segundo vossa imagem. A criança tem seu mestre na escola, mas em casa sois vós o mestre, que lhe ensina o que é permitido e o que não é permitido, impelindo-o a imitar-vos, a copiar-vos, a seguir nas vossas pegadas, para tornar-se alguém na sociedade. O que vos interessa é unicamente a segurança de vosso filho, que é vossa própria segurança; desejais que ele se torne respeitável, que aprenda a ganhar o seu sustento e a ajustar-se às exigências da presente ordem social. A isso chamais amor; mas é amor? Que significa amar a um filho? Por certo, não significa encorajá-lo a tornar-se uma miniatura de vossa própria imagem, moldada pela sociedade, pela chamada cultura; significa, ao contrário, ajudá-lo a crescer livre. Ele adquiriu certas tendências, herdou de vós certos valores e, portanto, não pode ser livre no começo; mas amá-lo é ajudá-lo desde o começo, a libertar-se constantemente, para que se torne um autêntico indivíduo e .não meramente uma máquina imitativa.

Se amais vosso filho, não o educareis para se ajustar à sociedade, porém, sim, para criar sua própria sociedade, a qual pode ser completamente diferente da atual; não o ajudareis a ter uma mente tradicionalista mas, sim, uma avente capaz de investigar a significação de todas as influências que a cercam, influências culturais, sociais, religiosas e nacionais, sem se deixar prender por nenhuma delas, de modo que sua mente esteja livre para descobrir o que é verdadeiro. Tal é, por certo, a educação correta. Porque, com ela, a criança se tornará um ente humano livre, independente e capaz de criar seu mundo próprio, uma sociedade de espécie toda diferente; dotado de, confiança e da capacidade de construir o seu próprio destino, ele não desejará vossa propriedade, vosso dinheiro, vossa posição, vosso nome. Mas atualmente é o inverso disso que se observa; esperais que vosso filho leve avante vossa propriedade, vosso dinheiro, vosso nome, e a isso é que chamais amor.

Que pode o indivíduo fazer a esse respeito? Ora, sem dúvida, só o indivíduo que sente com toda a força a necessidade de criar-se uma educação de nova espécie, uma nova maneira de viver, só esse indivíduo pode alterar o mundo. Isso começa com o indivíduo, com aqueles de vós que sentem realmente a importância dessas coisas. Provavelmente não podereis evitar uma guerra imediata mas podereis impedir

as guerras futuras, se perceberdes por vós mesmos - e ajudardes vosso filho a percebê-la - a estupidez das guerras, das divisões de classe, do conflito social. Mas, desgraçadamente, não estamos cônscios, os mais de nós, da significação de tudo isso - e isso significa que a geração vindoura será uma imitação de nós mesmos, com certas modificações, e que não haverá um mundo nova. Só quando amarmos os nossos filhos, no verdadeiro sentido da palavra, seremos capazes de instaurar a educação correta e pôr termo às guerras.[sumário]

PERGUNTA:*Que é a beleza?*

KRISHNAMURTI: No investigar desta questão, estamos em busca de uma explicação, do significado lexicológico da palavra? Ou estamos procurando sentir o significado pleno da beleza? Se apenas buscamos uma definição, não seremos sensíveis àquilo que chamamos beleza. Por certo, a mente tem de ser muito simples, para poder apreciar o belo. Prestai, por favor, um pouco de atenção a isto. Eu estou pensando em voz alta, caminhando e investigando. A mente deve de ser sensível não só para o que lhe parece belo mas também para o feio; sensível, ao mesmo tempo, para as aldeias sórdidas, os casebres miseráveis, os palácios, as árvores belas. Se só é sensível ao belo, não tem sensibilidade nenhuma. Para ser sensível, deve a mente estar aberta tanto para o feio como para o belo. Isto é uma verdade evidente. Buscar o belo e rejeitar o que não é belo, torna a mente insensível. Para se sentir o que é feio (que pode não ser feio) e o que é belo (que pode não ser belo) necessita-se de sensibilidade - sensibilidade para a pobreza, para o homem esquálido que se senta ao nosso lado no ônibus, para o mendigo, o céu, as estrelas, a lua que começa a nascer.

Ora, como pode tornar-se existente essa sensibilidade? Ela só pode tornar-se existente, quando há passividade - não a passividade calculada, mas a passividade que vem quando não existe autopreenchimento. Compreendei que não pode haver passividade sem austeridade - mas não a austeridade disciplinada do asceta, porque o asceta está em busca de poder, sendo, por conseguinte, incapaz de passividade. Só pode existir passividade, quando existe amor; e só pode nascer o amor, quando o "ego" deixou de dominar. A mente, por conseguinte, deve ser muito simples, "inocente"; não tornar-se inocente. A "inocência" da mente não é um estado que se produz pela disciplina, pelo controle, por compulsão ou repressão de qualquer espécie que seja. A mente só pode ser nova, "inocente", quando já ns, está repleta das memórias confusamente amontoadas através de muitos séculos; e isso, naturalmente, supõe extraordinária sensibilidade, não unicamente para uma parte da vida chamada o belo, mas também para as lágrimas, o sofrimento, os risos, os casebres dos pobres, e a amplidão dos céus - quer dizer, sensibilidade para o todo da vida.[sumário]

PERGUNTA:*Vós nos estais ajudando a compreender o funcionamento de nossa mente e a perceber como estamos vivendo ininteligentemente; mas numa sociedade industrializada, é possível pôr em prática o que pregais?*

KRISHNAMURTI: Senhor, o que eu diga não pode ser praticado, porque nada há que praticar. Assim que uma pessoa começa a praticar uma coisa, sua mente se prende a essa prática, tornando-se assim embotada, estúpida. A prática gera o hábito, e o hábito, quer seja bom, quer seja mau, é sempre -hábito. E a mente que é apenas o instrumento de um hábito, não é uma mente sensível; é uma mente incapaz de penetração, investigação, busca profunda. No entanto, vossa tradição e vossa educação consistem em praticar, praticar, praticar, e isso significa que o que vos interessa não é ajudar a mente a ser sensível, profunda, flexível, mas só fazê-la aprender alguns artifícios, para viverdes sem ser

perturbados. Se alguém vos oferece um método que vos tornará capaz de viver livre de perturbações, começais a praticar esse método e, praticando-o, estais pondo vossa mente a dormir. Mas, de certo, a mente que está sempre vigilante, sempre desperta e investigando, não necessita de prática alguma.

E, que dizemos nós? Dizemos que, a menos que compreendais a vós mesmo, qualquer sociedade, industrializada ou não, destruir-vos-á - e de fato estais sendo destruído, esmagado, convertido num ente sem capacidade criadora. A menos que compreendais todo o conteúdo de vosso ser - os "motivos", os impulsos, as tendências de vossos pensamentos; a menos que conheçais toda a substância e toda a profundeza de vossa mente, vos tornareis a pouco e pouco uma máquina como as outras - e isso, de fato, é o que está acontecendo. Lenta e irremissivelmente, estais sendo convertidos em máquinas - máquinas de fabricar problemas.

Assim, pois, o que importa é que compreendais a vós mesmo, as tendências da vossa mente - mas não pela introspecção ou pela análise, praticada por um analista ou por vós mesmo, nem pela leitura de livros que tratam da mente. As tendências da mente devem ser compreendidas nas nossas relações do dia a dia, e isso significa percebermos sem desfigurações o que realmente estamos fazendo, assim como vemos o nosso rosto num espelho. Mas destruímos a compreensão do que somos, no mesmo instante em que comparamos ou condenamos, rejeitamos ou aceitamos. É só pelo simples percebimento de o que é que a mente pode libertar-se; e é só quando existe liberdade que é possível manifestar-se o que se pode chamar Deus, a Verdade, ou como quiserdes.

Senhores, quando um indivíduo começa a compreender a si mesmo, esse mesmo começo e o momento da libertação; e é por isso que tanto importa não ter guru nenhum, e não atribuir autoridade a livro algum - porque vós mesmo é que criais a autoridade, o poder, a posição. O mais importante é que compreendais a vós mesmo. Podeis dizer: "Ora, isso já foi dito antes; muitos instrutores já o disseram"; mas o fato é que não conhecemos a nós mesmos. Ao começardes a descobrir a verdade a respeito de vós mesmo, apresenta-se algo que é totalmente novo, e esta qualidade de novo só pode tornar-se existente pelo autodescobrimento, momento por momento. No descobrir não há continuidade; tudo o que já se descobriu tem de ser abandonado, para se tornar a encontrar de novo. Se a mente fizer isso, deveras, vereis surgir uma qualidade extraordinária - a qualidade própria da mente que está completamente só, livre de influências, da mente que não tem "motivos"; e só essa mente pode receber algo nunca dantes conhecido. É preciso estar-se libertado do conhecido, para que possa existir o desconhecido; e esse processo, no seu todo, é meditação. Só a mente que medita, pode descobrir o que existe além de seus próprios limites.[sumário]

7a. Conferência em Bombaim

25 de março de 1956

PARECE-ME que, pelo mundo inteiro, há muito pouco respeito pelo indivíduo; e, sem esse respeito,

vê-se o indivíduo totalmente esmagado - como de fato está acontecendo na moderna sociedade. É bem evidente a necessidade de se criar um ambiente social diferente, mas parece que não percebemos quanto é importante que o indivíduo seja livre; isto é, não percebemos a importância da investigação, da busca, da libertação individual. Só o indivíduo encontrará, finalmente, a Realidade; só ele poderá tornar-se uma força criadora, nesta sociedade que se está a desintegrar; e não parecemos compreender quanto é urgente que, como indivíduos, descubramos por nós mesmos uma maneira de vida independente das influências culturais, sociais e religiosas que nos rodeiam. Se percebêssemos a importância do indivíduo, nunca teríamos guias e nunca seríamos seus seguidores. Só seguimos, quando temos perdido a nossa individualidade. Só existem guias quando nós, como indivíduos, estamos confusos e, portanto, incapacitados para pensar claramente nos nossos problemas e sobre eles atuar. Presentemente, não somos indivíduos; somos unicamente um resíduo de influências coletivas, impressões culturais e restrições sociais. Se observardes com muita atenção e cuidado o funcionamento de vossa própria mente, vereis que o vosso pensar obedece à tradição, aos livros, aos guias ou mestres religiosos, o que significa que o indivíduo se obliterou completamente; é bem certo que só o indivíduo pode criar alguma coisa nova.

Ora, por que razão perdemos o respeito ao indivíduo? Muito se fala sobre a importância do indivíduo; todos os políticos, inclusive os da tirânica sociedade coletiva, falam dela, tal qual como os líderes religiosos falam da importância da alma. Mas, porque é que acontece que, praticamente, na vida real, o indivíduo é esmagado e se perde completamente? Não sei se isso representa um problema para algum de vós; mas se agora, nesta tarde, prestarmos suficiente atenção, talvez possamos libertar-nos da massa das influências coletivas - libertar-nos, de fato, para descobrirmos por nos mesmos o que significa sermos indivíduos reais, entes humanos completamente integrados.

Parece-me que uma das razões fundamentais por que deixamos de ser -indivíduo se encontra no fato de querermos exercer um certo poder, ainda que seja apenas em nossa casa, ou no edifício de apartamentos, ou dentro de uma sala. Assim como as nações, -ao se tornarem poderosas, criam tensão entre si, assim também cada indivíduo humano está perenemente ansiando por ser alguma coisa, em relação com a sociedade; cada um quer ser reconhecido como homem importante, competente burocrata, artista festejado, pessoa espiritual, etc. Todos queremos ser algo, e o desejo de ser algo emana da ânsia de poder. Se examinardes a vós mesmos, vereis que o que desejais é sucesso, não só neste mundo, mas também no próximo mundo, - se existe esse "próximo mundo". Quereis ser aplaudido, e para terdes, esse aplauso, dependeis da sociedade. A sociedade só` aplaude os que têm poder, posição, prestígio; e é a -vaidade, a arrogância do poder, da posição, do prestígio, o que quase todos estamos buscando. Nosso "motivo" profundo, básico, é o orgulho de realizar, e esse orgulho se afirma de diferentes maneiras.

Ora, enquanto buscamos o poder, em qualquer sentido que seja, é esmagada a verdadeira individualidade - não apenas nossa própria individualidade, mas a de outros. Este me parece um fato psicológico básico, na vida. Quando ansiamos por ser alguém, isso significa que desejamos-r ser reconhecidos pela sociedade; por conseguinte, nos tornamos escravos da sociedade, meros dentes da máquina social, cessando assim de ser indivíduos. Penso ser esta uma questão fundamental, a que não devemos eximir-nos apressadamente. Enquanto a mente buscar qualquer forma de poder - poder mediante uma seita, poder pelo saber, poder pela riqueza, poder pela virtude - criará invariavelmente uma sociedade que destruirá o indivíduo, porque a mente humana é então enredada e educada num ambiente que estimula à dependência psicológica do sucesso. A dependência psicológica destrói a mente esclarecida, que é sozinha, não corrompida - a única mente capaz de pensar nos problemas de maneira completa, individualmente, independente da sociedade e de seus próprios desejos.

A mente, pois, está perenemente ansiando por ser algo e aumentando, assim, o seu senso de poder, posição, prestígio. Do impulso para ser alguma coisa resultam os guias e seus seguidores, a adoração do sucesso; e por essa razão não existe uma percepção individual profunda da realidade interior. Se se percebe realmente esse processo, na sua inteireza, será então possível cortar pela raiz a busca do poder? Compreendeis o significado desta palavra - "poder"? O desejo de dominar, possuir, explorar, depender de outro - tudo isso está implicado nessa busca de poder. Podem achar-se outras explicações, mais sutis, mas o fato é que a mente humana busca o poder; e, nessa busca do poder, perde-se a sua individualidade.

Ora, como eliminar esse desejo de poder, que gera arrogância, orgulho, vaidade? A mente busca constantemente a lisonja, sua preocupação é de encarecer a si própria, suas atividades são egocêntricas, e como poderá a mente cortar tudo isso pela raiz? Não sei se já pensastes no problema de como nos libertarmos totalmente da ânsia de poder, mas acho que valeria a pena examiná-lo nesta tarde.

Existe o desejo de ser pessoa importante, mundanamente ou espiritualmente. Ora bem. É possível atingirmos e desarraigarmos esta coisa, para nunca mais seguirmos um guia, não termos mais o sentido de nossa própria importância, não desejarmos mais ser alguém, no mundo político ou noutro qualquer? Podemos ser ninguém, mesmo quando a corrente de existência esteja toda a mover-se em sentido contrário e a impelir-nos, desde pequenos, a nos tornarmos alguém? Nossa educação é toda comparativa; estamos sempre a compararmos com alguém, sendo isso, também, ânsia de poder e posição. E é possível nos libertarmos desse espírito de competição, não pouco a pouco, gradualmente, através do tempo, mas completa e instantaneamente, como se destrói uma árvore, cortando-se-lhe a raiz? É possível isso, ou precisamos de tempo para anular o intervalo entre o que é e o que deveria ser?

Parece-me que todos compreendemos o significado desse desejo de ser algo, o qual produz a limitação e destrói a verdadeira individualidade, o percebimento claro; não preciso pois entrar em mais pormenores sobre este assunto, nesta tarde. Pois bem. Esse desejo pode ser destruído, apagado, instantaneamente, ou precisa-se de tempo, disso que chamamos "evolução"? Como somos educados atualmente, dizemos que precisamos de tempo, que precisamos aproximar-nos gradualmente do estado ideal, em que não existe o desejo de poder, e a mente se acha totalmente integrada. Isto é, estamos aqui e precisamos chegar lá - a uma certa parte muito distante daqui; existe pois um vão, um intervalo entre as duas situações e por isso temos de lutar, temos de sair daqui para chegarmos lá, e isso exige tempo. Para mim, essa idéia de que se pode destruir, com o tempo, a raiz do desejo, é totalmente falsa. Ou a destruímos imediatamente, ou nunca a destruiremos; se derdes toda a atenção a este assunto, vereis, por vós mesmos, que assim é de fato. Escutai, por favor, não apenas o que estou dizendo, mas também ao que se está passando em vossa mente, enquanto falo - à reação, ao "processo" psicológico em vós despertado pelas minhas palavras, pela minha descrição.

É bem evidente que cada um de nós deseja ser algo; e percebemos que o desejo de ser algo gera antagonismo, arrogância, crime. Percebemos, também, que cria uma estrutura social que incita esse próprio desejo e na qual o indivíduo se apaga, porque sua mente se aprisiona na organização do poder. Percebendo-se esse processo, em sua inteireza, pode o desejo de ser algo desaparecer de todo? É bem certo que a mente só pode encontrar o real quando é capaz de pensar de maneira completa e direta, sem estar influenciada por nenhuma atividade egocêntrica; mas, se a mente está aprisionada nesse desejo tão complexo de ser algo, é-lhe possível libertar-se totalmente? Se vos está bem claro o problema e

tudo o que ele implica, podemos continuar. Mas, se dizeis: "Precisa-se de tempo para nos libertarmos do desejo de ser algo" - nesse caso já estais considerando o problema com um preconceito, com uma mente supostamente educada. Vossa educação, ou o Gita, ou vosso instrutor religioso já vos ensinou que se precisa do tempo e, assim sendo, ao vos abeirardes do problema, já levais uma opinião preconcebida a seu respeito.

Ora, é possível a mente eliminar instantaneamente o desejo de ser algo e, em conseqüência, nunca mais criar um guia, fazendo-se seguidora de alguém? É o seguidor que cria o guia; do contrário, não existe guia nenhum. E, no momento em que vos tornais seguidor, vos tornais também uma entidade imitadora, perdendo, portanto, a individualidade criadora. Pode, pois, a mente eliminar de todo esse espírito de obediência, seu senso do tempo, seu desejo de ser algo? Tudo isso só poderá ser apagado, se se lhe der toda a atenção. Vede bem, por favor: quando prestais atenção completa à questão, observando, percebendo claramente o fato de estar a mente buscando o poder, posição, desejando ser algo - só então podeis ser livre. Vou explicar o que entendo por atenção completa.

A atenção não deve ser forçada, concentrada; a mente não deve ser impelida a prestar atenção a uma coisa. Vede isso, por favor: no momento em que tendes um "motivo" para prestar atenção, não há mais atenção, porque então é mais importante o motivo do que o prestar atenção. Para a total cessação do desejo de ser algo, é necessário prestar toda a atenção a esse desejo. Mas não se lhe pode dar atenção completa, se existe algum "motivo", alguma intenção de apagar o desejo, a fim de obter outra coisa. E nossa mente não foi educada para prestar atenção, porém, antes, para obter da atenção um certo resultado. Só prestais atenção, quando desejais ganhar alguma coisa; mas esse modo de prestar atenção é uma verdadeira obstrução; é importante compreender isso logo de início. Qualquer forma de atenção com um objetivo em vista, se torna desatenção; gera indolência; e a indolência é um dos fatores que impedem a imediata eliminação do desejo a que nos referimos. A mente só pode apagar um certo desejo dispensando-lhe atenção completa; mas não poderá dispensar-lhe atenção completa, se tiver em mira um certo resultado. Esse é um dos fatores da desatenção; outro fator é a "verbalização" ou-qualquer espécie de explicação. Isto é, não pode haver atenção, quando a mente está interessada em explicações sobre porque ambiciona poder, posição, prestígio. Quando se buscam explicações da causa de uma coisa, há desatenção; por conseguinte, mediante explicações nunca se encontrará liberdade.

Não haverá atenção enquanto estiverdes comparando os ditos de várias autoridades - Sankara, Buddha, Cristo, X,Y,Z. - a respeito desse problema. Quando vossa mente está repleta do saber de outros, quando está seguindo guias, sanções, nenhuma atenção pode haver. Tampouco pode haver atenção, se estais a julgar ou a condenar; isso é bem óbvio. Se condenais uma coisa, não podeis compreendê-la. E, também nenhuma atenção pode haver quando se tem um ideal, porque o ideal cria dualidade. Percebei isso. O ideal cria a dualidade e ficamos aprisionados - como acontece principalmente neste desgraçado país, onde todos temos ideais. Só se fala sobre o ideal do guru, (*) o ideal da não-violencia, o ideal do amor ao próximo, o ideal de "uma só vida"; e a todas as horas, pelo nosso viver, estamos negando precisamente tal ideal. Porque então não lançarmos fora todos os ideais? No momento em que temos um ideal, temos a dualidade, e no conflito gerado por essa dualidade fica aprisionada a nossa mente. O fato real é que existe o desejo de poder, o orgulho de ser algo, e isso só pode ser eliminado instantaneamente, e não no curso do tempo; isto é, só quando a mente está cônscia do fato e não se deixa distrair pelo ideal. Ideal é distração, causa de desatenção.

Espero estejais dando agora ao problema vossa atenção completa, não porque eu vos digo que o façais, mas porque percebestes por vós mesmos o exato significado do desejo de ser alguma coisa. Se a mente

dá toda a atenção ao problema, não cria o oposto; portanto há nela humildade. O fato é que vossa mente anda em busca de poder, posição, mundana ou espiritualmente, causando, assim, toda essa desordem, o caos, a confusão, o sofrimento, existentes no mundo. Quando a mente percebe realmente esse fato - e isso significa dar-lhe atenção completa - vereis então que desaparecerá completamente o orgulho e a arrogância; e essa cessação é um estado todo diferente daquele produzido pelo desejo de ser humilde. A humildade não pode ser cultivada; se cultivada, deixa de ser humildade, sendo, meramente, outra forma de arrogância. Mas se puderdes considerar o problema com toda a clareza e de maneira direta - e isso significa dar-lhe atenção completa - descobrireis que para se apagar o desejo de ser algo, com sua arrogância, vaidade, desconsideração, não se precisa do tempo, porque o . desejo se apaga, então, imediatamente. Sois, então, um ente humano diferente, capaz, quiçá, de criar uma sociedade diferente.

Debates

PERGUNTA:*Parece-me que a coisa mais notável, relativa a índia, é esse predominante senso de eternidade, de paz e intensidade religiosa. Achais possível manter esta atmosfera na moderna era industrial?*

KRISHNAMURTI: Quem achais que foi o criador desse senso de paz eterna e. fervor religioso? Fostes vós e eu? Ou essa coisa foi posta em movimento por um povo muito antigo, que vivia placidamente, anonimamente, sentindo intensamente essas coisas e expressando-as, quiçá, em poemas e livros religiosos? Porque aqueles homens sentiam intensamente esse espírito religioso, ele se conservou até hoje, mas não em nossa vida, porém exteriormente, vagamente situado, como tradição. Somos inclinados a ser o que chamamos "idealistas", e isso é uma desgraça; e, algo sub-repticiamente, temos mantido esse senso de eternidade - melhor dito, não o temos mantido, ele mesmo se tem mantido, malgrado nós.'-' Vemo-nos agora envolvidos na moderna sociedade industrial. Está certo que tenhamos máquinas, para produzir as coisas necessárias, num país onde há tanta pobreza; mas, porque durante tanto tempo nunca tivemos coisa alguma, agora, que as podemos ter, se não nos mantivermos muito vigilantes, individualmente clarividentes e bem cônscios do problema, em sua totalidade, poderemos tornar-nos mais materialistas ainda do que a América e as outras nações ocidentais - ao mesmo tempo que a América e a Europa poderão tornar-se mais espirituais, mais "atemporais", mais sensíveis, mais compassivas. Isso bem pode acontecer.

Qual é, pois, o problema? E como manter o senso de eternidade, o senso de paz e intensidade religiosa, apesar da moderna sociedade industrial? Esta sociedade industrial tem, de existir e a produção de utilidades deve de ser mais aumentada ainda; mas, infelizmente, na maior produção de utilidades, na mecanização das fazendas e das indústrias, existe o perigo de a mente se tornar também mecânica. Pensamos que a ciência resolverá todas as nossas dificuldades. Não as resolverá. A solução das nossas dificuldades não depende das máquinas nem das invenções de uns poucos cientistas notáveis, mas, sim, de corno considerarmos a vida. Em verdade, embora falemos de religião não somos religiosos; porque a pessoa religiosa é livre de dogmas, de crenças, de ritos, de superstições; não está presa à idéia de casta ou de classe, o que significa que está livre da sociedade. O homem que pertence à sociedade, é ambicioso, sequioso de poder, posição; é orgulhoso, ávido, invejoso. Esse homem não é religioso, embora cite Shastras a propósito de tudo. Só a pessoa religiosa pode criar esse senso de eternidade,

esse senso de paz, mesmo vivendo numa sociedade industrial, porque, interiormente, está intensamente empenhada no descobrimento, momento por momento, daquilo que é eterno. Mas isso exige extraordinário vigor e clareza mental. E não se pode estar esclarecido mentalmente, quando o espírito está abarrotado de conhecimentos derivados dos Shastras, do 'Gita, do Alcorão, da Bíblia, das Escrituras budistas, etc. etc. O conhecimento é o passado, são as coisas com que a mente está familiarizada; e enquanto levar essa carga de conhecimentos, a mente será sempre incapaz de descobrir o real. Só a mente religiosa é "atemporal" e criadora, uma vez que reflete a intensidade e a plenitude da vida.

PERGUNTA:*Há algo novo em vosso ensino?*

KRISHNAMURTI: É mais importante averiguardes isso por vós mesmo, do que ouvirdes minha resposta "sim" ou "não'. O problema vos concerne, e não a mim. Para mim, tudo isso é inteiramente novo, porque tem de ser descoberto momento por momento; não pode ser armazenado depois de descoberto, não é coisa para se experimentar e guardar na memória - o que seria o mesmo que pôr vinho novo em garrafas velhas. Tem de ser descoberto enquanto vamos vivendo, dia a dia e, para a pessoa que o descobre, é novo. Mas, vós estais sempre a comparar o que se diz com o que disse um certo santo, o que disse Shankara, Buda ou Cristo. Dizeis: "Todos estes disseram a mesma coisa, antes, e apenas lhe estais dando um novo sentido, uma feição moderna" - e, por essa razão, naturalmente, não é coisa nova para vós. Só quando já deixamos de comparar, já afastamos para o lado Shankara, Buda, Cristo, com toda a sua experiência e saber, estando, assim, a nossa mente sozinha, lúcida, não mais influenciada nem controlada, nem impelida, seja pela moderna psicologia, seja pelas tradicionais sanções e mandamentos - só então somos capazes de descobrir se há ou não há algo que é novo, eterno. Mas isso exige ação vigorosa e não indolência; exige uma drástica extirpação de tudo o que se leu, de tudo o que ouviu dizer a respeito da Verdade ou de Deus. O eterno, o novo, é uma coisa viva, e por isso não o podemos fazer permanente; e a mente, cujo desejo é torná-lo permanente, nunca o encontrará.[sumário]

PERGUNTA:*Quando vos ouvimos, percebemos que lestes muito e, também, que tendes um conhecimento direto da realidade. Se assim é, porque então condenais a aquisição de conhecimentos?*

KRISHNAMURTI: Já vos digo porquê. Esta jornada tem de ser feita pelo indivíduo sozinho, e não se pode viajar só, se se tem por companheiro o saber. Se lestes o Gita, o Upanishads e a moderna psicologia; se colhestes dos especialistas informações a respeito de vós mesmo e das coisas que deveis esforçar-vos para alcançar, esse saber é um verdadeiro empecilho. O tesouro não se encontra dentro dos livros; está enterrado em vossa própria mente, e só ela pode descobri-lo. Possuir autoconhecimento é conhecer o funcionamento da mente, estar cônscio de suas sutilezas e tudo que delas resulta; e, para isso, não tendes necessidade de ler um único livro. Em verdade vos digo que nunca li nada dessas coisas. Posso ter folheado, ocasionalmente, na adolescência ou juventude, alguns livros sagrados, mas nunca os estudei. E não desejo estudá-los, porque os considero entediantes e porque o tesouro se encontra noutra parte. O tesouro não está nos livros, não está no vosso guru; ele se acha em vós mesmo. E a chave com que o encontrareis, é a compreensão de vossa mente. Deveis compreender a vossa mente, não de acordo com Patanjali nem de acordo com este ou aquele notável psicólogo, com suas engenhosas explicações das coisas; deveis compreendê-la pela observação de vós mesmo, pela observação de seu funcionamento - não só da mente consciente, mas também das camadas profundas do inconsciente. Se observardes a vossa mente, se vos entretiverdes com ela, prestar-lhe atenção quando é espontânea, livre, ela vos revelará tesouros inauditos; e estareis então emancipados de todos

os livros. Mas isso também requer muita atenção e vigor, intensa pesquisa - e não o gosto das explicações cômodas. Por conseguinte, a mente deve ser livre de todo o saber; porque uma mente que está abarrotada de saber não pode descobrir o que é.

PERGUNTA:*Já experimentei muitos sistemas de meditação, mas parece que não me têm levado muito longe. Qual o sistema que advogais?*

KRISHNAMURTI: Não advogo sistema nenhum, porque todo sistema aprisiona a mente. Considero sumamente importante compreender isso. Não importa qual seja o sistema que praticais, as posturas que tomais, a maneira como controlais a vossa respiração, etc., a vossa mente se torna prisioneira de qualquer sistema que adoteis. Mas a meditação é necessária; porque a meditação é uma coisa inefável, que esclarece a mente, que produz a ordem, que revela o significado, a plenitude, a profundeza e beleza da vida. Sem meditação, a mente é superficial, vazia, embotada, dependente de estímulos. A meditação, pois, é necessária - mas não essa meditação que praticais agora, que nenhum valor tem e é uma espécie de auto-hipnotismo. O problema não é como meditar, nem que sistema seguir, mas, sim, descobrirdes por vós mesmo o que é meditação.

Vamos, agora, entrar nesta questão da natureza da meditação, mas não fecheis os olhos para dormir, pensando que isso é meditar. Estamos investigando, e uma investigação exige atenção, vigor - e -não que fechemos os olhos para cairmos em transe, como provavelmente costumais fazer, ao ouvirdes a palavra "meditação". Nós queremos averiguar o que é meditação; e para averiguar o que é meditação, requer-se meditação (risos). Senhores, por favor, não riais disso. Para descobrir o que é meditação, a mente precisa estar meditando e não, apenas, seguindo um certo sistema estúpido, baseado nos ensinos de um guru, de Shankara ou Buda. Todos os ensinos se tornam estúpidos, uma vez convertidos em sistemas. Vós e eu estamos tentando,. juntos, descobrir o que é a meditação e o que significa meditar; não nos interessa saber aonde a meditação nos irá levar. Se todo o vosso interesse está em descobrir aonde a meditação vos levará, nunca descobrireis o que é meditação, porque só vos interessa o resultado, e não o "processo" da meditação.

Estamos, pois, iniciando a nossa jornada, para o descobrimento, do que é meditação. E para averiguar, descobrir o que é a meditação, a mente precisa, em primeiro lugar, estar livre dos sistemas, não achais? Se estais amarrado a um sistema, seja ele de quem for, é bem óbvio que não podeis descobrir o que é meditação. Seguis um sistema, porque desejais um resultado; como o exercitar se a um piano, isso representa apenas o desenvolvimento de uma certa destreza. Seguindo um sistema, podeis adquirir certas habilidades, mas vossa mente está toda enredada no sistema e, por essa razão, estais impedido de descobrir o que é meditação; por conseguinte, para poder descobrir, a mente precisa estar livre dos sistemas. Mas isso não é questão de aprender "como" ser livre; porque, no momento em que disserdes: "Como libertar-me do sistema em que está aprisionada a minha mente?", o "como" se tornará mais um sistema. Mas, se perceberdes a verdade de que a mente deve ser livre de sistemas, ela será então livre e não precisareis de perguntar "como".

Assim, uma vez livre dos sistemas, deverá a mente investigar também o problema da concentração. Isto já é um pouco mais abstrato, mas tende a bondade de prestar-lhe atenção. Quando uma criança se entretém com um brinquedo, o brinquedo lhe absorve a mente, prende-lhe a atenção. Ela não dá atenção ao brinquedo, o brinquedo lhe atrai a atenção. Esta é uma das formas do que chamais concentração. De modo semelhante, vós tendes frases, imagens, símbolos, retratos, ideais que vos

atraem e absorvem - pelo menos desejais absorver-vos nessas coisas, como a criança se absorve no brinquedo. Mas, então, que acontece? Não ficais absorvido, como a criança; outros pensamentos começam a entrar e procurais fixar a mente na imagem ou símbolo escolhido; trava-se, assim, uma batalha. Há contradição, há luta, fazeis um esforço constante para vos concentrardes, mas nunca o conseguis inteiramente. Esse esforço é o que chamais meditação. Consumis tempo no esforço para vos concentrardes, coisa de que uma criança é capaz, no mesmo instante em que a coisa interessa. Mas vós não estais interessado e vossa concentração, por conseguinte, é uma atividade de exclusão.

Ora, há atenção, quando nada absorve a mente? Há atenção, sem concentração num dado objeto? Há atenção, sem alguma espécie de "motivo", influência, compulsão? A mente é capaz de plena atenção, sem nenhuma tendência para a exclusão? É, de certo; e este é o único verdadeiro estado de atenção; os outros nada mais são do que pura embriaguez ou tretas da mente. Se puderdes dar plena atenção sem vos deixardes absorver por coisa alguma e sem o espírito de exclusão, descobrireis o que é meditar; porque, nessa atenção nenhum esforço existe, nem divisão, nem luta, nem busca de resultado. A meditação, pois, é um processo de libertação da mente dos sistemas, de prestar atenção sem se deixar absorver, de nenhum esforço se fazer para se concentrar.

A meditação é também um "processo" de libertar a mente de suas próprias "projeções"; e essas "projeções" se manifestam quando a mente está ocupada com o passado. Isto é, quando a mente está repleta de experiências, que são os resultados do passado, ela "projeta" inevitavelmente as imagens e ideações do passado, deixando-se enredar por elas. "Projetar" uma imagem de Rama, Seeta, Cristo, Buda ou Matají, e pôr-se a adorar essa "projeção", isso é uma espécie de auto-hipnotismo, que ocasiona visões extraordinárias, um estado de transe, e outras coisas igualmente absurdas. Mas a meditação é o "processo" de libertar a mente do passado, para que não haja mais "projeções" de espécie alguma.

Vemos, pois, que' a adoração de uma "projeção", por mais nobre que seja esta, não é meditação. Também, a meditação não é oração - a oração que roga, que pede, que suplica um resultado. Tampouco é a meditação cultivo da virtude, pois assim se torna uma atividade egocêntrica. Quando a mente se tiver libertado da hipnose do passado, de suas próprias atividades, de suas próprias "projeções"; quando já não estiver a experimentar coisas que aprendeu - descobrireis o que é meditação. Então, nunca mais perguntareis como meditar, porque então, da manhã à noite, em todas as vossas ocupações, estará sempre a exalar-se, sutil, furtivo, o perfume da meditação. Mas isso de meramente fechar os olhos, repetir frases, manusear um rosário, é coisa totalmente fútil. Tais coisas, em absoluto, não libertam a mente; pelo contrário, a mente se torna escrava delas. O investigar, para descobrir o que é meditação, isso é que tem significação, isso é que tem profundidade, e não o indagar qual o sistema que se deve seguir. Só a mente estúpida, arrogante, deseja um sistema. A mente livre nunca pergunta "como?" pois está sempre descobrindo, sempre em movimento, sempre viva.[sumário]

(*) mestre religioso, na índia.

8a. Conferência em Bombaim

28 de março de 1956

ESTA é a última da presente série de conferências, e eu gostaria de saber o que todas estas palestras e discussões significaram para a maioria de nós. Que foi que entendemos, até que ponto penetramos os nossos problemas e os compreendemos? Estivemos a escutar com o propósito único de encontrarmos uma resposta, uma solução para os nossos problemas, uma maneira prática de proceder, em relação aos sofrimentos e provações da existência? Ou abrimos caminho para um conhecimento mais amplo e mais profundo de nós mesmos, a fim de podermos, independente e livremente, resolver os problemas que, inevitavelmente, surgem em nossa vida? Considero muito importante, depois de termos escutado estas palestras e discussões, descubramos por nós mesmos o que foi que compreendemos e de que maneira essa compreensão está operando em nossas atividades diárias. É bem de ver que o mero escutar, separado da ação, mui pouco significa; e parece-me que seria completamente inútil e vão assistir a essas conferências sem delas se extrair alguma coisa - não uma coisa artificial, uma conclusão lógica, ou um plano sistematicamente concebido para as atividades futuras, porém, antes, o rompimento das estreitas muralhas de condicionamento que estão tornando a mente incapaz de perceber a totalidade das coisas. Se, assistindo-se a estas palestras, foram demolidas essas muralhas, essa é que é a única coisa importante, e não o quanto se aprendeu, ouvindo-as. O que mais importa é descobrirmos por nós mesmos o nosso próprio condicionamento e o dissolvermos, espontaneamente, sem esforço, quase inconscientemente; porque não é o pensamento deliberado, com sua ação peculiar. porém, antes, a dissolução espontânea e quase inconsciente, do condicionamento, que irá libertar a mente.

Assim, considerando-se o presente estado da sociedade, a extrema confusão em que nos achamos - com guerras, desigualdades, degradações de toda ordem, e a constante batalha interior e exterior - parece-me sumamente importante, para os que levamos verdadeiramente a sério estas conferências, descobrirmos se efetuamos uma radical transformação de nos mesmos; porque, em última análise, só o indivíduo, e não as circunstâncias, é que é capaz de operar a transformação radical. Quando nos limitamos a resignar-nos às mudanças das circunstâncias, a mente resolve os seus problemas num nível muito superficial, tornando-se assim inferior e incapaz de perceber o todo. Penso que é a compreensão do todo, da totalidade, do ilimitado, ou mesmo um simples entreabrir da mente condicionada, que pode resolver os nossos problemas, e não o processo de dissecar e analisar os nossos problemas, um a um. Uma árvore é constituída não apenas do tronco, dos ramos, das flores, dos frutos, mas também das raízes profundamente ocultas no seio da terra; e, sem a compreensão disso, sem o sentimento da totalidade, ninguém é capaz de experimentar a plenitude, a beleza da árvore.

Agora, parece-me que o que em geral estamos fazendo é muito lamentável. Com o esforço para compreendermos as nossas lutas e angústias diárias, parceladamente, isto é, pela gradual acumulação de conhecimentos, pensamos que compreenderemos a totalidade da vida. A reunião de muitas partes não faz o todo. Se juntamos folhas, ramos, um tronco e algumas raízes, não teremos uma árvore; mas é isso o que estamos fazendo. Aplicamo-nos aos problemas da vida separadamente, e não considerando-a como um processo unitário; e o todo não pode ser compreendido pelo conhecimento analítico, cumulativo. O conhecimento tem o lugar que lhe compete; mas o conhecimento se torna um empecilho, uma verdadeira barreira ao descobrimento da verdade, em sua totalidade, sua beleza - descobrimento que requer uma mente extraordinariamente simples.

Como a quase todos nós só interessa o que se deve fazer, desejareis saber quais foram os resultados práticos obtidos do escutar estas palestras. Estou certo de que muitos de vós fizestes a vós mesmos estas perguntas, e outros a fizeram a mim. Espero sinceramente que nada de prático tenhais ganho; porque a mente só busca o prático, o útil, o exeqüível, quando interessada nas insignificantes atividades geradas pelo seu próprio impulso. "Como pôr em prática o que escutei? De que maneira utilizá-lo?" - tais perguntas parecem-me muito superficiais, e só a mente limitada as faz, não aquela que percebe a totalidade, a imensidão da vida, com seus múltiplos problemas. Ao perceber-se realmente a imensidade, a extraordinária profundeza e vastidão da vida, esse próprio percebimento produz ação que não vem da mente limitada. O que a mente limitada, condicionada, faz é produzir uma atividade adequada às suas próprias dimensões, e por este motivo existe confusão e cada vez mais confusão.

Porque é que pensamos parceladamente, isto é, considerando só determinado setor da sociedade? Já vos fizestes esta pergunta? Não é porque nossa mente está condicionada pela literatura que lemos, pela educação que recebemos, pelas influências culturais e religiosas a que estamos expostos, desde,a' infância? Todos esses fatores condicionam a mente, e e esse condicionamento que nos faz pensar parceladamente. Pensamos em nós mesmos como hinduístas ou cristãos, americanos ou russos, como pertencentes ao mundo asiático ou ao mundo ocidental. Aqui. na Índia, dividimo-nos mais ainda: somos malabaris, madrasis ou gujarathis, pertencemos a esta ou àquela casta, lemos este ou aquele Livro.

Senhor, posso pedir-vos não tirardes fotografias agora? Não sei se sabeis qual é a finalidade destas reunires. É deplorável ser necessário lembrar-vos que espécie de reunião é esta. Tirando fotografias, observando as pessoas que entram, procurando entre os assistentes os vossos amigos, conversando uns com os outros - com isso denotais desrespeito, não à minha pessoa, mas ao vosso próximo e a vós mesmo. Quando uma pessoa é incapaz de, diligente e resolutamente, levar até ao fim um pensamento, isso denuncia a que extrema superficialidade ela reduziu a si própria. Se simplesmente escutardes, tenho fortes razões para afirmar-vos que nesse escutar quebrareis o vosso condicionamento; o ato de escutar é tudo o que é preciso. A reflexão posterior, as idéias que acumulais e guardais para serem meditadas ulteriormente, isso não vos dará liberdade. O que demolirá a muralha é dar-lhe agora toda a atenção; e não podeis dar-lhe toda a atenção, se vossa mente está a divagar, se estais distraído. Ao ouvirdes uma canção que amais ou vossa música predileta, nenhum esforço fazeis; escutais, simplesmente, deixando a música exercer sua peculiar ação sobre vós. De modo semelhante, se escutardes agora com essa qualidade de atenção, com essa ausência de esforço, vereis que o próprio ato de escutar produz efeito de muito maior significação do que qualquer esforço deliberado, de vossa parte, para escutar, racionalizar, e pôr em prática o que ouvis.

Já perguntei porque estamos, todos nós, a pensar parceladamente, em pequenos segmentos, quando no mundo inteiro os entes humanos estão lutando com mais ou menos os mesmos problemas, experimentando as mesmas ânsias, os mesmos temores, as mesmas alegrias transitórias. Porque não tomamos como um todo esta coisa estupenda que é nossa vida sobre a Terra, considerando-a como algo que temos de compreender, não como indianos ou ingleses, chineses ou alemães, comunistas ou capitalistas, porém como entes humanos? Não é porque estamos pensando dentro desses pequenos segmentos que vivemos perpetuamente a disputar, a guerrear, a destruir-nos mutuamente? E esse pensar parcial, essa compreensão fracionária se tornou possível porque, pela nossa educação, pelas influências sociais, pela chamada instrução religiosa, pelos livros e suas interpretações, nossa mente se tornou condicionada. Só a mente não condicionada pode ser livre; e não se pode "descondicionar" a mente quando, deliberadamente, nos pomos a atuar nesse sentido. É preciso compreender o processo integral do condicionamento e porque a mente está condicionada. Todo ato, todo pensamento, todo movimento

da mente, é limitado; e é com essa mente limitada que estamos tentando compreender algo que tem a profundeza e a amplidão da existência inteira.

A questão, pois, não é o que se deve fazer, nem se se aprendeu algo de prático, assistindo-se a estas reuniões. Não é pelo mero esforço para encontrar uma resposta, uma solução para o problema, porém, antes, pelo escutar, pelo discutir, pelo profundo investigar, pelo fazer perguntas sérias e fundamentais, que se quebra o condicionamento da mente. Mas o condicionamento da mente deve quebrar-se por si, a mente nada pode fazer nesse sentido. Estando condicionada, não pode atuar sobre seu próprio condicionamento. Uma mente estreita que tenta tornar-se ampla, continuará estreita. A mente limitada pode conceber Deus, a Verdade, mas suas concepções só podem ser uma "projeção?' de -sua própria limitação. Uma vez percebendo isso, a mente já não formula o que é Deus nem luta para ser livre. Deixa tudo isso de parte, porque agora só lhe interessa o investigar do "processo" integral do condicionamento; e se uma pessoa sente verdadeiro interesse, verá que esse próprio investigar lhe abrirá a porta, de modo que seu condicionamento é revelado e destruído. Vós não podeis destruir o vosso condicionamento; mas o próprio percebimento do fato de estardes condicionado, produz uma vitalidade que destrói o condicionamento. Parece que não percebemos isso. O próprio fato de ser eu ávido e de saber que o sou, tem sua vitalidade própria, capaz de destruir a avidez.

Nessas condições, se pudermos verdadeiramente investigar e compreender porque a mente pensa fracionáriamente, tenho certeza de que descobriremos um fato muito importante acerca de nós mesmos; e é desse investigar que nasce a individualidade. No presente, não somos indivíduos livres, condicionados que estamos pela sociedade e sendo meros brinquedos do ambiente; mas se a mente puder investigar esse condicionamento, e, assim, livrar-se dele, surgirá então o verdadeiro indivíduo, que não segue ninguém, que não reconhece nenhuma autoridade ou líder; e com esse estado mental livre de influências, nasce aquela ação criadora que não pertence ao tempo.

Assim, pois, permiti-me sugerir que não investigueis para verdes o que podeis aprender. Se escutais unicamente com o fim de aprender, criais um instrutor, que seguis. O importante, decerto, é percebermos muito claro que nossa mente é limitada, condicionada - o que é um fato tão óbvio - e que qualquer solução que seja encontrada pela mente limitada, será também limitada. O próprio percebimento desse fato - de que estais condicionado. de que vossos valores, vossas opiniões, vossos conhecimentos, vossos juízos, são sempre limitados, sem brilho, vazios - é o começo da humildade. Não é a mente que cultivou a humildade, porém aquela que é simples, humilde, que se acha sempre num estado de "não saber" - que pode descobrir o desconhecido. A mente que busca a virtude, a respeitabilidade, que está à cata de um sistema, de uma' filosofia prática, para viver neste mundo, nunca encontrará o incognoscível. Mas a mente que, compreendendo seu próprio condicionamento, se torna simples, humilde; a mente que não acumula, que se acha incerta e sempre num estado de "não saber", sendo por essa razão uma coisa viva, ativa, dinâmica - só essa mente pode experimentar o incognoscível ou permitir a sua manifestação.

Debates

PERGUNTA:*Parece-me, muitas vezes, que apresentais o lado sombrio da vida, em vez de nos apresentardes o seu lado luminosa. Procedeis assim deliberadamente?*

KRISHNAMURTI: Senhor, nossa vida é ao mesmo tempo triste e alegre, sombria e luminosa. Seria uma coisa terrível e destrutiva se a vida fosse unicamente de luz, alegria, felicidade, ou unicamente de trevas; mas a vida não e assim, não é verdade? A vida apresenta uma extraordinária variedade. Mas, infelizmente, só quereis apegar-vos à luz, ao aprazível, ao belo, rejeitando tudo o mais e chamais sombrio ao homem que diga: "Vede, existe também a outra face da vida e se souberdes compreendê-la verdadeiramente, acho que virá à existência um estado todo diferente". Vede: separamos a vida em felicidade e infelicidade, e por isso estamos perpetuamente a batalhar entre essas duas coisas. Sabemos que a vida, às vezes, oferece deleites, mas, para a maioria de nós, a vida é tristeza. Para os que têm dinheiro, posição, autoridade, respeitabilidade, a vida poderá ser alegre; mas isso torna a mente muito superficial, como o mostra a moderna civilização. Mas se, ao contrário, cada um de nós compreender o inteiro significado da tristeza e da alegria, como um "processo" total, e não como opostos em conflito entre si, então, quiçá, descobriremos que a vida não é tristeza nem alegria, mas coisa inteiramente diferente, sem essa qualidade dualista. E se nunca provamos ou experimentamos tal estado, isso se deve unicamente a nos acharmos envolvidos nessa luta incessante entre os opostos.

Aquele estado existente fora dos opostos não é uma fórmula, uma simples concepção, e tem de ser experimentado diretamente; mas, vede bem, ele não pode ser experimentado diretamente enquanto a mente estiver em busca da felicidade. A felicidade é um produto secundário; como a virtude, é de importância secundária. O homem que está à caça da felicidade nunca será feliz, porque a felicidade chega-nos de súbito, às escuras, inesperadamente. Nunca notastes que, no momento em que sabeis que sois feliz, perdestes a felicidade? Quando dizeis: "Estou contente", acabou-se o contentamento. A felicidade, como o amor, é coisa de que a mente nunca pode estar cônscia. No momento em que a mente se torna cônscia de amar, não existe mais amor. É muito estranho e muito interessante verificar que, quando a mente se esforça deliberadamente para experimentar algo, perde todo o perfume da vida. Isso não é uma frase poética, que se pode varrer para o lado, porém, antes, um fato que cumpre perceber. A mente não deve estar em busca de coisa alguma, porque o que ela .buscar, experimentará; mas, o que ela então experimentar não será a verdade, uma vez que na busca ela "projetou" o seu desejo. Essa "projeção" vem do passado, já foi provada antes; por conseguinte, a "projeção" e o atingimento da mesma, não é a felicidade, porém uma falácia, um "processo" de auto-hipnose. Percebendo isso, se sentirdes verdadeiro empenho, vereis que vossa mente estará sempre vazia, sempre "experimentando" e nunca acumulando.

Mas nossas mentes estão repletas, não é verdade? Repletas de virtude adquirida; constantemente ocupadas na perseguição do ideal, na busca de Deus, da Verdade, disso ou daquilo; portanto existe sempre uma reação condicionada. Por conseguinte, o que importa é compreender que, na sua busca, a própria mente cria um obstáculo; porque o que encontrar, será "projeção" de seu próprio desejo. Percebido esse fato pela mente, está finda a busca; a mente se tornou muito tranqüila, vigilante, sendo então que surge um estado completamente diferente. Quando começardes a compreender a tristeza, o observar como surge ela;' quando a penetrardes, a amardes, e não cuidardes apenas de resistir-lhe, vereis que a mente não estará mais a debater-se nas redes do sofrimento, ou de seu oposto, porque estará vazia, no sentido profundo desta palavra. A mente, em geral, é vazia no sentido superficial, isto é, porque está perpetuamente ocupada com problemas. Não é a esta qualidade de vazio que me refiro. Refiro-me a um vazio de profundeza e amplidão extraordinárias; e a mente que está sempre ocupada com problemas e soluções imediatas, não pode tornar-se vazia, naquele sentido profundo da palavra.
[sumário]

PERGUNTA:*Que é doença psicossomática? Podeis sugerir meios de curá-la?*

KRISHNAMURTI: Penso não ser possível acharem-se meios de curar as doenças psicossomáticas; e bem pode ser que a própria busca de um meio de curar a mente, seja a própria causa da doença. Procurar um meio ou praticar um método implica inibição, controle, repressão do pensamento, e isso não é compreensão da mente. É bastante evidente que a mente cria doenças, no organismo físico. Se comeis quando sentis raiva, vosso estômago se desarranja; se odiais violentamente a alguém, sofreis uma desordem física; se restringis vossa mente a uma determinada crença, vos tornais mental ou psiquicamente neurótico e isso tem sua reação no corpo. Tudo isso faz parte do processo psicossomático. Naturalmente, nem todas as doenças são psicossomáticas; mas o medo, a ansiedade e outros distúrbios da psique, produzem males físicos. Assim, é possível tornar a mente sã? Muitos de nós cuidamos de conservar são o corpo, pela alimentação adequada, etc., sendo isso-`essencial; mas são muito poucos os que cuidam de conservar a mente sã, jovem, desperta, cheia de vitalidade, a fim de que não se deteriore.

Ora, se se quer que a mente não se deteriore, é claro que ela não deve seguir, que deve ser independente, livre. Mas nossa educação não nos ajuda a ser livres; ao contrário, ajuda-nos a ajustar-nos a essa sociedade produtiva de deterioração, razão por que a mente também se deteriora. De pequenos, somos impelidos a ser medrosos, competidores, a pensarmos só em nós mesmos e nossa própria segurança. Naturalmente, em tais condições, a mente se vê em perene conflito, e esse conflito produz efeitos físicos. O importante, pois, é descobrirmos por nós mesmos, mediante vigilante observação, o inteiro "processo" do conflito, sem dependermos de nenhum psicólogo ou guru. Seguir um guru é destruir a mente. Se o seguis, é porque desejais algo que pensais que ele tem; desse modo pusestes em movimento o "processo" da deterioração. O esforço para ser alguém, mundana ou espiritualmente, é outra forma de deterioração, porque tal esforço produz sempre ansiedade; ele produz o medo, a frustração, tornando a mente enferma, o que por sua vez produz seus efeitos no corpo. Isso parece bastante simples. Mas querer depender de outro, para a cura da mente, já faz parte do "processo" da deterioração.

PERGUNTA:*Aventastes que a transformação só é possível pela vigilância. Que entendeis por vigilância?*

KRISHNAMURTI: Senhor, esta questão é muito complexa; mas tentarei descrever o que significa estar vigilante, se tiverdes a bondade de escutar e seguir-me com paciência, passo a passo, até o fim. Escutar, não consiste apenas em seguir o que estou descrevendo, mas em experimentar realmente o que se está descrevendo, e isso significa observar o funcionamento da mente, enquanto o descrevo. Se meramente seguis a descrição, não estais então vigilante. não estais observando vossa própria mente. Seguir a descrição, apenas, é a mesma coisa que ler um guia de turistas sem prestar nenhuma atenção aos cenários; mas, se observardes vossa mente enquanto escutais a descrição, esta terá então muito valor, e por vós mesmo descobrireis o que significa estar vigilante.

Que entendemos por vigilância? Comecemos no nível mais simples de todos. Estais cônscio do bulício das coisas, cônscio dos carros, dos pássaros, das árvores, das luzes elétricas, das pessoas sentadas ao redor de vós, do céu sereno, do ar imóvel. De tudo isso estais cônscio, não? Agora, ao ouvirdes um

rumor ou uma cantiga, ao verdes um carro a ser empurrado, etc., o que ouvis ou observais é traduzido, julgado pela mente; é isso o que fazeis, não é verdade? Segui, com calma, o que estou dizendo. Cada experiência, cada reação, é interpretada de acordo com vosso fundo, de acordo com vossa memória. Se se produzisse um barulho que estivésseis ouvindo pela primeira vez, não saberíeis o que seria ele; mas se ouvis um rumor já ouvido dúzias de vezes, a vossa mente o traduz imediatamente, sendo isso o "processo" que chamamos "pensar". Vossa reação a determinado rumor é a imagem de um carro a ser empurrado - sendo isso uma forma de percebimento. Vós percebeis as cores, percebeis rostos diferentes, diferentes atitudes, expressões, preconceitos, etc. E se estais verdadeiramente vigilante, estais também cônscio de como reagis a essas coisas, não só a superfície, mas também profundamente. Tendes certos valores, idéias, "motivos", impulsos, em diferentes níveis do vosso ser; e estar cônscio de tudo isso, faz parte do estar vigilante. Julgais o que é bom e o que é mau, o que é correto e o que é errado; condenais, avaliais, em conformidade com vosso fundo, isto é, conforme a educação que recebestes e o meio cultural em que crescestes. Perceber tudo isso faz parte do estar vigilante, não?

Passemos, agora, um pouco mais adiante. Que acontece, ao perceberdes que sois ávido, violento ou invejoso? Tomemos a inveja e consideremos só essa coisa. Estais cônscio de ser invejoso? Tende a bondade de acompanhar-me, passo a passo, tendo sempre em mente que não estais seguindo uma fórmula. Se fazeis disso uma fórmula, perdereis todo o significado da coisa. Estou desdobrando diante de vós o processo da vigilância; mas se vos limitardes a aprender de cor o que se descreve, ficareis exatamente no mesmo lugar em que vos achais agora. Mas se, ao contrário, começardes a perceber o vosso condicionamento - e isso é estar cônscio do funcionamento de vossa mente enquanto o estou explicando - chegareis ao ponto em que se tornará possível a transformação.

Estais cônscio, pois, não apenas das coisas externas e de vossa interpretação das mesmas, mas começastes também a estar cônscio de vossa inveja. Agora, que acontece quando estais cônscio da inveja existente em vós mesmo? Vós a condenais, não é verdade? Dizeis que é uma coisa errada, que não deveis ser invejoso, que deveis ser amorável - sendo isso o ideal. O fato é que sois invejoso, ao passo que o ideal é o que deveríeis ser. Na perseguição do ideal, criastes a dualidade; e por isso existe um conflito constante, no qual vos vedes enredado.

Estais cônscio, enquanto descrevo este "processo", de que só existe uma única coisa e essa coisa é o fato de que sois invejoso? A outra coisa, o ideal, é um'disparate, porquanto irreal. E à mente é muito difícil libertar-se do ideal, libertar-se do oposto; porque, tradicionalmente, em virtude de uma cultura secular, fomos educados para aceitar o herói, o exemplo, o ideal do homem perfeito, e para lutar por alcançá-lo. Foi para isso que fomos educados. Queremos transformar a inveja em não inveja, mas nunca descobrimos o meio de o fazermos; e, por isso, nos vemos apanhados num conflito interminável.

Agora, quando a mente se torna cônscia de ser invejosa, a própria palavra "invejosa" é condenatória. Estais entendendo, senhores? O dar nome ao sentimento, isso, justamente, é condenatório; mas a mente é incapaz de pensar sem ser com palavras. Isto é, surge um sentimento, com o qual está identificada uma certa palavra, e por isso o sentimento nunca é independente da palavra. No momento em que existe um sentimento, como a inveja, por exemplo, dá-se-lhe nome e, assim, nos abeiramos de todo sentimento com uma idéia velha, uma tradição acumulada. O sentimento é sempre novo e sempre o traduzimos nos termos do "velho".

Ora, pode a mente deixar de dar nome a um sentimento, como a inveja, e acolhê-lo de maneira nova,

original? O próprio ato de dar nome ao sentimento significa torná-lo velho, apropriar-se dele e encaixá-lo na velha estrutura. E pode a mente deixar de dar nome a um sentimento - isto é, deixar de traduzi-lo por um nome e, conseqüentemente, condená-lo ou aceitá-lo - e passar a observar o sentimento simplesmente, como um fato?

Senhor, experimentai-o vós mesmo, para verdes como é difícil a mente deixar de verbalizar, deixar de dar nome a um fato. Isto é, quando temos um certo sentimento podemos deixá-lo sem nome e considerá-lo puramente como um fato? Se puderdes ter um sentimento e prestar-lhe realmente atenção, do princípio ao fim, sem lhe dardes nome algum, vereis que algo extraordinário vos acontecerá. Na atualidade, a mente se abeira de um fato com uma opinião, com avaliação, julgamento, rejeição ou aceitação. É isso o que estamos fazendo. Apresenta-se um sentimento, que é um fato, e a mente se abeira desse fato com um termo, uma opinião, um juízo, uma atitude condenatória - e tudo isso são coisas mortas. Compreendeis? Tudo isso são coisas mortas, sem valor nenhum; é unicamente a memória a atuar sobre o fato. A mente se abeira do fato com sua memória morta e, por isso, o fato não pode atuar na mente. Mas se a mente se limitar a observar os fato, sem avaliação, sem, julgamento, condenação, aceitação ou identificação, vereis que o próprio fato assumirá extraordinária vitalidade, porque é uma coisa nova. O que é novo pode destruir o velho; por conseguinte, não haverá conflito para não se ser invejoso: a inveja deixará completamente de existir. O fato é que tem vigor, vitalidade, e não nossos juízos e opiniões a seu respeito; e o pensar a coisa de maneira completa, do princípio ao fim, nisso é que consiste o "processo" da vigilância.

PERGUNTA:*Porque existe tanto medo da morte?*

KRISHNAMURTI: Mais uma vez, se me permitis sugeri-lo, pensemos no problema do princípio ao fim, sem nos determos a meio caminho nem nos desviarmos dele por uma tangente. Sabemos que o corpo se deteriora e perece; o coração bate apenas um certo número de vezes, durante um certo número de anos, e todo o organismo físico, visto que está em uso constante, tem de inevitavelmente gastar-se e chegar ao seu fim. Isso não nos faz medo, sendo um fato comum, cotidiano, o vermos o transporte de defuntos para o crematório. Mas, então, dizemos: "Isso é tudo? Acabando-se meu corpo, se acabarão também as coisas que acumulei - minha tradição, meu amor, minha virtude? E se tudo isso tem realmente de acabar-se, para que serve viver?" Por conseguinte, começamos a indagar, queremos saber se há aniquilamento ou continuidade após a morte.

Este problema não concerne apenas aos supersticiosos, aos chamados "educados"; concerne a cada um de nós e cabe-nos descobrir por nós mesmos a verdade respectiva, nunca aceitando nem rejeitando, sem crença e sem ceticismo. O homem que teme a morte e por essa razão se agarra à crença na reencarnação, a isto ou àquilo, nunca descobrirá a verdade relativa a esta questão; mas a mente que de fato deseja saber e procura descobrir o que é verdadeiro, essa se acha num estado muito diferente. E isso o que estamos fazendo aqui.

Ora, que é que continua a existir? Entendeis, senhores? Como sabeis que continuastes a existir de ontem para hoje e que, se tudo correr bem e nenhum acidente sobrevier, continuarei a existir de hoje para amanhã? Só o sabeis graças à memória, não é verdade Conservemo-nos num nível muito simples, abstendo-nos de filosofar ou de amontoar palavras. Assim, só sei que existo em virtude da memória. A mera asserção de que existo nada significa; mas sei que existo porque hoje me lembro de ter existido ontem e, portanto, espero existir amanhã. Por conseguinte, o fio da continuidade é a memória - a

memória que se vem acumulando há séculos, que já passou por tantas experiências, desfigurações, frustrações, tristezas, alegrias, a luta incessante da ambição. Desejamos que tudo isso continue; e como não sabemos o que será de tudo isso depois, quando o corpo morrer, nasce o medo. Este é um dos fatos. E porque separamos a morte do viver? Pode ser completamente errôneo separá-los. Bem pode ser que viver é morrer - e talvez aí esteja a beleza do viver. Mas o viver é uma coisa que em geral ainda não compreendemos inteiramente, e tampouco já compreendemos o que é a morte; por isso temos medo do viver e temos medo do morrer.

Ora, que se entende por viver? Viver não é apenas freqüentar assiduamente o escritório, passar em exames, ter filhos, lutar incessantemente pelo pão de cada dia; isso é apenas uma parte do viver. Viver é também contemplar as árvores, os reflexos do sol no rio, uma ave a voar, a lua entre as nuvens; é notar os sorrisos e as lágrimas, as agitações e ansiedades; é conhecer o amor, ser delicado, compassivo e perceber a extraordinária profundeza e amplidão da existência. Conhecemos tudo isso? Ou conhecemos-lhe apenas uma parte, a parte representada por minha luta, meu emprego, minha família, minha virtude, minha religião, minha casta, minha pátria? O que conhecemos é unicamente o "eu", com suas atividades egocêntricas, e é isso que, chamamos "a vida".
Não sabemos, pois, o que é viver. Separamos o viver do morrer, demonstrando assim que não compreendemos, em toda a sua profundidade e vastidão, a vida, que bem pode incluir também a morte.

Eu penso que a morte não é uma coisa separada da vida. É só quando morremos todos os dias para as coisas que temos acumulado - para nosso saber, nossas experiências e todas as nossas virtudes - é só então que podemos viver. Não vivemos, porque somos uma continuação de ontem, através de hoje, para amanhã. Ora, por certo, só o que tem fim pode ter começo; mas nós nunca chegamos a um fim. Mais uma vez, isto não é uma frase poética e, portanto, não o afasteis para o lado. Não temos começo, porque não estamos morrendo; nunca conhecemos um momento livre do tempo e por isso a morte nos preocupa. Para os mais de nós, o viver é um processo de lutas e lágrimas; e o que nos aterra não é o desconhecido, que chamamos a "morte", mas, sim, o perigo de perdermos tudo o que conhecemos. E que conhecemos nós? Não muita coisa. Não o digo por escárnio mas como a expressão de um fato. Que sabemos realmente? Quase nada. Nossos nomes, nossos insignificantes depósitos em bancos, nossos empregos, nossas famílias, o que outros disseram, no Gita, na Bíblia, no Upanishads, as preocupações diversas de uma vida superficial - essas coisas nós conhecemos; mas não conhecemos as profundezas de nosso ser. Estamos, pois, a encobrir o desconhecido com o conhecido, e temos medo de largar de mão o conhecido, a êle renunciar. Mas o renunciar com o propósito de encontrar Deus não é a verdadeira renúncia; é apenas uma outra maneira de buscar uma recompensa. O homem que renuncia ao mundo, a fim de achar Deus, nunca achará Deus, porque está ainda interessado em ganhar alguma coisa. Só há renúncia total quando nada se pede, nada se, acumula para amanhã - e isso significa morrer para tudo o que veio de ontem. Vereis então que a morte não é uma coisa que nos deve aterrar e pôr em fuga, e tampouco ela exige a crença no além. É o conhecido que se apodera de nós e nos prende, e não o desconhecido. Só quando a mente está livre do conhecido, pode despontar o desconhecido. A morte e a vida são uma só coisa; e a morte deve ser "experimentada", não no último momento - quando .ela sobrevém por doença e degenerescência orgânica ou por acidente - mas enquanto estamos vivos e nossa mente vigorosa.
Vede, senhores, a "atemporalidade" é um estado mental; e enquanto pensarmos em termos relativos ao tempo haverá morte e o medo da morte. O estado atemporal não pode ser assunto de parlendas, devendo ser "experimentado" diretamente; e não há possibilidade de o experimentarmos, enquanto perdurarem as coisas que acumulamos. É necessário, pois, que a mente esteja livre de todas as suas acumulações, pois só então há possibilidade de se tornar existente o desconhecido. O que tememos é renunciar ao conhecido; mas a mente que não está morta para o conhecido, livre do conhecido, nunca experimentará esse estado extraordinário que é a atemporalidade.